IX 9Marcas

9Marcas de uma IGREJA SAUDÁVEL

MARK DEVER

9Marcas de uma IGREJA SAUDÁVEL



FIEL
Editora

MARK DEVER

"Seguindo a tradição de Lloyd-Jones e John Sott, Mark Dever convoca a igreja a redescobrir seu legado bíblico. Talvez em nenhuma outra época da história, a igreja tentou arduamente ser relevante a uma cultura e se tornou menos relevante, ao fazer isso! Enquanto muitos gurus da igreja moderna nos encorajam a estar 'no mundo'. Mark Dever nos recorda que somos chamados a fazer isso sem nos tornarmos 'do mundo'. Este volume se concentra mais no 'ser' do que no 'fazer' da igreja. Afinal de contas, o ser vem antes do fazer, pois o que 'fazemos' sempre é determinado pelo que 'somos'. Deixemos a igreja *ser* a igreja. Leia este livro e se beneficie dele.

O. S. Hawkins,
presidente, Annuity Board of the Southern Baptist Convention

"Para um jovem pastor que luta com questões a respeito de sucesso e fidelidade em sua igreja, este livro de Mark Dever é uma resposta do céu. Ajuda-o a deixar para trás o entusiasmo e a ostentação de números, estatísticas e últimas metodologias. Em vez disso, ele o conduz de volta aos antigos caminhos e a beleza singular do plano de Deus para a igreja local, o plano de Deus que transforma o mundo."

Joshua Harris,
pastor, Covenant Life Church, Gaithersburg, Md.

"Livros que afirmam a prioridade da igreja são raros. Livros que definem a prática da igreja local, com base nas Escrituras, e não com base nas tendências culturais, são ainda mais raros. Mark Dever nos oferece esse tipo de livro. Escrito por um pastor e teólogo que edificou uma igreja forte em Washington, D. C., este é o melhor livro que já li sobre este assunto de importância crucial."

C. J. Mahaney,
Sovereign Grace Ministries

"É admirável que o apóstolo Paulo tenha descrito a congregação local de cristãos como 'a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue' (At 20.28). Isso coloca a vida da igreja num nível tão alto quanto possível. Estamos lidando com um corpo de pessoas compradas por sangue. Não quero idéias humanas. Quero uma direção de Deus para a Igreja. Volto-me com esperança e confiança para este livro de Mark Dever, que expressa um compromisso radicalmente bíblico.

Hoje poucas pessoas têm pensado melhor do que ele a respeito do que constitui uma igreja bíblica e saudável."

John Piper,
pastor e pregador, Bethlehem Baptist Church, Minneapolis

"*Nove Marcas de uma Igreja Saudável* é leitura obrigatória para meus alunos de eclesiologia. Ainda que eu não chegue às mesmas conclusões do seu autor, este livro é um dos poucos que expressa um envolvimento sério com questões eclesiásticas sobremodo importantes. É também um livro importante para os pastores compartilharem com suas igrejas."

Paige Patterson,
reitor, Southwestern Baptist Theological Seminary

"Uma chamada veemente e poderosa para que as igrejas assumam com seriedade suas responsabilidades, para a glória de Deus e a salvação das almas perdidas."

Timothy George,
editor executivo, Christianity Today

NOVE MARCAS DE UMA
IGREJA SAUDÁVEL

Copyright© por Mark Dever
Publicado em Inglês por Crossway Books,
Um ministério de "Good News Publishers".
Wheaton, Illinois 60187, EUA.

●

A presente edição é publicada com a autorização de Good News Publishers

Copyright © 2007 Editora Fiel
eBook – 2ª Edição em Português: 2015

●

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

Proibida a reprodução deste livro por quaisquer meios, sem a permissão escrita dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Presidente: James Richard Denham III
Presidente emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Tiago Santos e Franklin Ferreira
Diagramação: Spress / Edvânio Silva
Capa: Rubner Durais
Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-123-3

FIEL Editora
Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

Sumário

Apresentação à edição em português
Prefácio
Introdução

Marca 1:
Pregação Expositiva

Marca 2:
Teologia Bíblica

Marca 3:
O Evangelho

Marca 4:
Um Entendimento Bíblico da Conversão

Marca 5:
Um Entendimento Bíblico da Evangelização

Marca 6:
Um Entendimento Bíblico da Membresia na Igreja

Marca 7:
Disciplina Bíblica na Igreja

Marca 8:
Interesse pelo Discipulado e Crescimento

Marca 9:

Liderança Bíblica na Igreja

Apêndice 1:
Conselhos para Liderar a Igreja em uma Direção Saudável

Apêndice 2:
Obras dos Anos 1990 e mais além (2004)

Apêndice 3:
Remédios do Armário

Notas

Apresentação à edição em português

Nestas últimas décadas, uma característica marcante da história da igreja no Brasil é a impressionante proliferação de manuais de crescimento de igreja. Muitos e diferentes modelos possíveis são sugeridos (o leitor poderá ver um apanhado geral desses livros no apêndice 2 desta obra), com um tipo de promessa de que, uma vez adquirido o material e posto em prática, a igreja crescerá. Parodiando um dito já famoso, se os pastores se dedicassem integralmente à leitura desses materiais, pouco tempo lhes restaria para edificar a igreja!

O que tem acontecido é, em alguma medida, uma aplicação da velha heresia pelagiana à doutrina da igreja. Absorvendo acriticamente a perspectiva antropológica fundamentada na suposição da bondade intrínseca do homem, age-se na confiança de que certo método de crescimento, uma vez posto em prática, pode fazer a igreja crescer e se tornar relevante. Ainda que se suplique pela vinda do Espírito, Este, aparentemente, não desempenha um papel central. Isso parece não somente a capitulação a uma heresia mortal, mas também uma rendição à modernidade, à presunção de que devoção e igreja podem crescer ou ganhar forma por meio de processos mecânicos de aplicação supostamente universal.

É desnecessário dizer que, no processo de implementação desses modelos, não raro as igrejas deixam de ser igreja, e os pastores deixam de ser pastores. É difícil resistir à conclusão de que, enquanto os pastores começam a se portar como "burocratas eclesiásticos" —citando a perceptiva afirmação de Peter Berger — os membros são vistos apenas como peças de uma engrenagem, parte de uma máquina maior. Esses deixam de ser vistos como pessoas (com nome, história e dilemas) que se reúnem para adorar e serem cuidadas e passam a ser vistos como indivíduos que só têm utilidade à medida que cooperam para o crescimento da igreja.

Devemos também destacar que a história recente da igreja evangélica no Brasil parece ensinar, tristemente, que a relevância cultural, social e política dos cristãos é inversa ao tamanho de algumas grandes igrejas que estão presentes neste país. Assim, em vez de termos igrejas marcadas por santidade ou pregação da pura

Palavra de Deus — lembrando algumas das antigas marcas da igreja — o que temos são ajuntamentos, sem a relevância cultural, social e política que se espera dessas igrejas, como já ocorreu em outros tempos e lugares.

Nesse processo, o resultado tem sido pastores desiludidos, à medida que os métodos se frustram, sem muita direção para o futuro, e igrejas desgastadas, cujos membros se sentem usados justamente por aqueles que deveriam cuidar deles — os pastores. Ou, nas igrejas que supostamente alcançam sucesso, pastores que se portam como executivos e administradores e membros de igreja que não são pastoreados, que se tornam apenas rostos na multidão ou, pior, meras estatísticas.

O livro que você tem em mãos, agora, está na direção oposta da esmagadora maioria desses manuais. Aliás, "manual" é o que você não tem aqui. Você encontra aqui um autor genuinamente preocupado com o crescimento da igreja. Mas o verdadeiro interesse de Mark Dever está justamente na vitalidade e saúde da igreja. Como o leitor descobrirá logo, Dever não cai na armadilha de contrapor crescimento numérico ao crescimento qualitativo. Mark Dever pastoreia uma igreja batista em crescimento, em Washington, a capital dos Estados Unidos. Como você notará, ele não se opõe a igrejas grandes, até porque uma ênfase neste livro é a paixão pela evangelização. Ainda assim, ele não foi seduzido por crescimento ou tamanho. O que ele almeja é que a igreja apresente o evangelho com fidelidade, ao invés de ser um mero espelho da cultura. O que o autor mostrará, a partir do estudo das Escrituras e da história da igreja, é que a igreja contemporânea necessita, não de descobrir outro método novo, e sim de redescobrir as marcas que caracterizam uma igreja saudável, que cresça para a glória de Deus.

Já que esse livro não é um manual, não espere encontrar nele uma resposta à recorrente pergunta: "Como posso praticar isso em minha igreja"? É isso que os manuais pretendem responder, como se houvesse uma resposta universal que envolvesse todas as igrejas, em todos os lugares — o que é mais uma capitulação à pressuposição da modernidade de que tudo funciona mecanicamente. O que você tem aqui não é um receituário metodológico, característico das engrenagens tecnicistas, e sim uma exposição histórica, bíblica e prática das marcas que caracterizam uma igreja genuinamente saudável.

O autor desenvolve nove marcas bíblicas que exigem compromisso. Por isso, leia este livro com atenção, gaste tempo meditando nessas marcas, torne-as parte de sua confissão de fé, pregue-as à igreja, inculque-as nos membros do conselho, de tal modo que elas sirvam como balizas para o ministério e vida da igreja. Assim, tenha

essas nove marcas como fundamentos. Seja criativo, reforme sua igreja, de tal modo que, em meio ao processo diligente e na medida da graça divina, sua igreja experimente mais saúde e crescimento e que em tudo o Senhor nosso Deus seja glorificado.

Pr. Franklin Ferreira
Diretor do Seminário Martin Bucer

Prefácio



Dez anos depois

Ao escrever o prefácio desta nova edição de *Nove Marcas de uma Igreja Saudável*, estou quase celebrando dez anos de pastorado na mesma igreja. Alguns que lêem esta afirmação podem considerar estes dez anos uma eternidade; outros talvez achem que estou apenas começando. Sendo honesto, este tempo me parece um pouco de ambos.

Confesso que, às vezes, pastorear uma igreja parece uma obra árdua. Há ocasiões em que as minhas lágrimas não foram de alegria, e sim de frustração, de tristeza ou de algo pior. As pessoas que são menos felizes e que deixaram a igreja são freqüentemente aquelas que exigiram mais tempo, e são as que mais falam com os outros, depois que abandonaram a igreja. E a conversa delas não tem sido nem edificante, nem estimulante. Eles nem imaginam como suas ações afetam os outros — o pastor, a família do pastor, aqueles que os amam e trabalham com eles, os novos crentes que estão confusos e os outros, com quem eles conversam de maneira incorreta. Há coisas pela quais eu trabalho que não produzem resultado e coisas com as quais somente eu me preocupo. Algumas esperanças nunca se cumprem, e eventualmente ocorrem tragédias. Desviar-se faz parte da natureza das ovelhas, e devorar, da natureza dos lobos. Creio que, se eu não pudesse lidar com isso, já teria deixado de pastorear.

No entanto, sendo honesto, a maior parte do meu trabalho é exultante! Agradeço a Deus por aquelas muitas vezes em que experimentei lágrimas de alegria. Pela graça de Deus, o número de pessoas insatisfeitas que deixaram nossa igreja é insignificante em comparação com os que a tem deixado com lágrimas de gratidão e com aqueles que têm chegado. Em nossa igreja não temos experimentado um crescimento expressivo, levando em conta apenas um ano, mas que me deixa extasiado, quando paro e considero o passado. Tenho visto jovens se converterem e, no devido tempo, serem chamados ao ministério. Enquanto escrevo estas

palavras, dois dos homens que agora constituem a equipe administrativa de nossa igreja eram amigos meus, antes de se converterem a Cristo. Estudei com eles o evangelho de Marcos. Pela graça de Deus, vi ambos conhecerem o Senhor. Agora, me assento e os vejo pregando o evangelho eterno para outras pessoas. Fico comovido quando escrevo estas palavras.

A igreja como um todo tem prosperado. Parece bastante saudável. Tensões nos relacionamentos são resolvidas de maneira piedosa. Uma cultura de discipulado parece ter fincado raízes na igreja. As pessoas vão daqui ao seminário, ou ao seu trabalho como arquitetos ou como homens de negócios, com mais determinação tanto para cumprir sua carreira profissional como para evangelizar. Nós vimos muitos casamentos, e novas famílias surgirem. Nós vimos muitos políticos serem instruídos a respeito de como entender o mundo. Cristãos em todos os estágios são ajudados a compreender o evangelho. E a disciplina tem sido realizada para corrigir aqueles que podem estar iludidos. A tristeza tem sido excedida pela alegria. A graça de Deus para conosco parece tão-somente aumentar, à medida que a vida é enfrentada.

Visto que a Palavra de Deus tem sido ensinada, a fome da igreja pelo bom ensino tem aumentado. Um senso palpável de expectativa se desenvolveu na igreja. Há entusiasmo quando a congregação se reúne. Os idosos recebem cuidado em dias difíceis. O aniversário de noventa e seis anos de um querido irmão foi celebrado por um grupo de jovens da igreja, os quais levaram esse irmão ao McDonalds (sua lanchonete preferida)! Casamentos problemáticos têm recebido ajuda. Pessoas magoadas acharam cura da parte de Deus. Os jovens começaram a apreciar os hinos, e as pessoas idosas, os cânticos. Horas incalculáveis têm sido dedicadas à obra silenciosa de edificar uns aos outros. Decisões corajosas são tomadas todo dia. Jovens que passaram tempo conosco estão, agora, pastoreando congregações em Kentucky, Michigan, Georgia, Connecticut e Illinois. Estão pregando no Havaí e no Iowa. As ofertas missionárias se elevaram de alguns milhares de dólares para algumas centenas de milhares de dólares por ano. Nossa compaixão pelos perdidos cresceu. Poderia continuar citando situações de nossa igreja. Deus tem sido realmente bom para conosco. Agora somos uma igreja saudável.

Minha mudança surpreendente

Não tencionava que tudo isso ocorresse quando cheguei à igreja. Não tinha um plano ou um programa para fazer isso acontecer. Tinha um compromisso com a Palavra de Deus, para dedicar-me a conhecê-la, crer nela e ensiná-la. Vi a praga de membros não-convertidos na igreja e me preocupei especialmente com isso. Eu não tinha uma estratégia elaborada para lidar com esse problema.

Na providência de Deus, eu havia feito um doutorado que focalizava um puritano (Richard Sibbes) cujos escritos eu apreciava muito, mas cujas concessões na igreja me pareceram bastante imprudentes. Igrejas enfermas causam poucos problemas aos cristãos mais saudáveis, mas causam um prejuízo cruel no crescimento dos cristãos mais novos e mais fracos. Capturam aqueles que não entendem bem as Escrituras. Enganam aqueles que são crianças em sua vida espiritual. Mudam e até parecem negar a esperança dos não-cristãos de que possa haver outra maneira de viver. Igrejas doentes são forças anti-missionárias terrivelmente eficazes. Lamento profundamente o pecado em minha própria vida e o aumento do pecado corporativo na vida de muitas igrejas. Elas parecem fazer de Jesus um mentiroso, quando prometeu vida em abundância (Jo 10.10).

Tudo isto se tornou importante para mim quando, em 1994, me tornei o pastor da igreja à qual agora sirvo. A responsabilidade pesou sobre minha alma. Passagens bíblicas como Tiago 3.1 ("receberemos um juízo mais severo") e Hebreus 13.17 ("têm de dar contas") surgiram em minha mente. As circunstâncias conspiraram para ressaltar a importância que Deus atribui à igreja local. Pensei em uma declaração de John Brown, que, em uma carta de conselhos paternais dirigida a um de seus alunos recém-ordenado em uma pequena igreja, escreveu:

> Eu conheço a vaidade do seu coração e uma das coisas que vai atingi-lo profundamente é que a congregação que lhe foi confiada é muito pequena, principalmente quando você a compara às congregações de seus irmãos ao seu redor. Mas sinta-se seguro em uma palavra vinda de um homem já idoso e experimentado. Quando estiver perante Cristo, prestando conta dessa congregação que recebeu, lá no trono de julgamento, você saberá que recebeu o suficiente.[1]

Ao considerar a igreja da qual era responsável, senti a seriedade dessa prestação de contas a Deus.

Contudo, em última análise, foi por meio da pregação de sermões expositivos, considerando em série cada um dos livros da Bíblia, que todo o ensino da Bíblia concernente à igreja se tornou mais central para mim. O fato de que nos declaramos cristãos, mas não nos amamos uns aos outros começou a parecer uma farsa. Sermões sobre João e 1 João, estudos bíblicos na quarta-feira à noite abordando a Epístola de Tiago durante três anos, conversas com os membros e compromissos feitos na igreja juntamente contribuíram para isso.

As exortações bíblicas de reciprocidade começaram a se tornar dinâmicas e a dar consistência às verdades teológicas que eu sabia a respeito do cuidado de Deus por sua igreja. Quando Paulo falou aos presbíteros de Éfeso, ele se referiu à igreja como algo que Deus "adquiriu com seu próprio sangue" (At 20.28). É claro que, antes, na estrada para Damasco, quando Paulo foi interrompido em sua perseguição aos cristãos, o Cristo ressurreto não lhe perguntou por que perseguia os cristãos ou a igreja. Pelo contrário, Cristo se identificou com a igreja de tal modo que a pergunta acusadora que Ele apresentou a Paulo foi: "Por que me persegues?" (At 9.4.) A igreja era central no plano eterno de Deus, em seu sacrifício e em seu interesse permanente.

Cheguei a perceber que o amor é amplamente local. E a igreja local é o lugar que tem de refletir esse amor para que todo o mundo o veja. Jesus ensinou os seus discípulos em João 13.34-35: "Um novo mandamento vos dou, que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros". Tenho visto amigos e famílias se alienarem de Cristo, porque viram que esta ou aquela igreja é um lugar terrível. E, por outro lado, tenho visto amigos e famílias virem a Cristo, porque perceberam este amor que Cristo ensinou e viveu — amor uns pelos outros, o tipo de amor altruísta que Ele demonstrou. E sentiram a atração humana natural por esse amor. Assim, a congregação — o povo de Deus reunido como aqueles que ecoam a Palavra — se tornou mais central ao meu entendimento evangelístico e de como devemos orar e fazer planos para evangelizar. A igreja local é o plano de evangelização de Deus. É o programa evangelístico de Deus.

Nos últimos dez anos, a congregação também se tornou mais central ao meu entendimento de como devemos discernir a verdadeira conversão nos outros e de como podemos ter certeza de que nós mesmos somos convertidos. Lembro-me de haver sido impactado pelas palavras de 1 João 4.20-21, quando me preparava para pregar sobre esta passagem: "Se alguém disser: Amo a Deus, e aborrecer a seu

irmão, é mentiroso; porque aquele que não ama a seu irmão a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê... aquele que ama a Deus, ame também a seu irmão". Tiago 1 e 2 têm a mesma mensagem. Este amor não parece ser opcional.

Mais recentemente, esta consideração da centralidade da congregação produziu em minha maneira de pensar um novo respeito pela disciplina na igreja local — a disciplina formativa e a corretiva. Tivemos alguns casos dolorosos e algumas restaurações maravilhosas; e todos nós ainda estamos em progresso. Mas, se tornou bastante evidente que, se temos de depender uns dos outros em nossas congregações, a disciplina tem de fazer parte de nosso discipulado. E, se tem de haver o tipo de disciplina que encontramos no Novo Testamento, precisamos conhecer e ser conhecidos uns pelos outros; e temos de ser comprometidos uns com os outros. Também precisamos ter alguma atribuição de autoridade. Todas as praticidades da atribuição de autoridade no casamento, no lar e na igreja são discutidas e solucionadas no nível local. Entender erroneamente estes assuntos, detestar autoridade e ressentir-se dela parece bem próximo do que constituiu a essência da queda. Por outro lado, entender estes assuntos assemelha-se muito com o âmago da obra graciosa de Deus em restabelecer seu relacionamento conosco — um relacionamento de autoridade e amor. Cheguei à percepção de que o relacionamento com a igreja local é essencial ao discipulado. A igreja não é um acessório; é a forma de seguir a Jesus. Tenho compreendido isso de um modo como nunca o fiz antes. E creio que estou vendo algo da saúde que Deus tenciona que experimentemos em uma igreja.

O que este livro não é

Devo afirmar o que este livro não é. Permita-me confrontar seu desapontamento. Este livro não aborda muitos assuntos. Vários dos meus temas prediletos não são considerados aqui. Depois de ler este livro diversas vezes, estou ciente de que muito não foi dito. Amigos me disseram: "e a oração?" ou "e a adoração?" John Piper me perguntou: "Mark, por que você não falou sobre missões?" Eu não gosto realmente de desapontar os amigos que gastaram tempo lendo este livro; e, com certeza, não gosto de desapontar John Piper! No entanto, este livro não é uma obra exaustiva sobre eclesiologia. Recebemos muitas idéias a respeito de "novas marcas" que poderiam ser acrescentadas.

Contudo, decidimos não fazer isso. Continuo a pensar que muitos dos problemas relacionados a estas nove marcas são responsáveis por muito do que está errado nas igrejas. Parece-me econômico, estratégico, fiel e correto continuar focalizando a atenção dos cristãos nestes assuntos específicos. Mais serviço missionário, oração perseverante e adoração maravilhosa — tudo isso será mais encorajado, creio eu, na medida em que atentarmos melhor para estes temas básicos. Ninguém acreditará nas necessidades pressupostas pela obra missionária, se esta necessidade não lhes for ensinada com base na Palavra de Deus. Ninguém irá ao campo se não tiver um entendimento do grande plano de Deus para redimir um povo para Si mesmo. E não desejarão se envolver na obra missionária, se não entendem o evangelho.

Se as pessoas começarem a pensar mais cuidadosamente a respeito da conversão, isso afetará suas orações. Se nos mostramos mais bíblicos em nossa evangelização, dedicaremos mais de nosso tempo de oração em favor dos não-cristãos e compreenderemos melhor por que temos de orar para que pessoas sejam convertidas. Se entendermos mais a respeito da membresia na igreja local, consideraremos nosso tempo de cultos de oração, quando temos o privilégio da oração coletiva, mais importante, e este será mais freqüentado e mais revigorante à nossa fé, bem como desafiante e reorganizador de nossas prioridades.

Se começarmos a apreciar novamente o significado da disciplina na igreja, nosso tempo de adoração coletiva será infundido por um senso maior de admiração da graça de Deus. Se estivermos em igrejas cujos membros são caracterizados por discipulado e espiritualidade florescente, o entusiasmo e a expectativa de cantar louvores e confessar pecados aumentarão juntos. Se nos empenharmos para ser

guiados por homens que preencham os requisitos bíblicos, veremos que a alegria e a confiança em nossos momentos juntos crescerão; seremos mais espontâneos e mais animados em nossa comunhão, e nossa obediência se tornará mais consistente.

Este livro não é um inventário completo de todos os sinais de saúde da igreja. Sua intenção é constituir-se uma lista das marcas que levarão a essa experiência abundante.

Uma igreja que olha para fora de si mesma

Se eu tivesse de escrever sobre mais uma marca, não seria sobre missões, nem oração, nem adoração; mas abrangeria todas estas coisas. Eu acrescentaria que desejo que nossas igrejas olhem para fora de si mesmas. Temos de nos focalizar nas coisas do alto — centralizadas em Deus. Creio também que devemos refletir o amor de Deus, à medida que vemos as outras pessoas e as outras igrejas.

Isto se revela de muitas maneiras. Anelo que nossa igreja incorpore melhor nossa visão de missões mundiais e nossos esforços na evangelização local. Se temos um compromisso de ajudar na evangelização de grupos não-alcançados, por que não temos feito um trabalho melhor em achar membros destes grupos em nossa própria cidade? Por que nossa obra missionária e nosso esforço evangelístico não são mais bem integrados?

Todo domingo pela manhã, oramos em favor da prosperidade do evangelho em outras terras e em outra igrejas locais. Estamos acrescentando ao nosso corpo pastoral mais um cooperador para nos ajudar na implantação de uma nova igreja. Como igreja, ajudamos a manter o Ministério 9 Marcas e, por meio deste, trabalhamos em benefício de muitas outras igrejas. Temos "ministérios de fins de semana" em que recebemos pastores e presbíteros convidados, bem como seminaristas e outros líderes eclesiásticos. Temos internato para aqueles que se preparam para o pastorado. Preparamos aulas e ministramos palestras. Fazemos tudo isso para a edificação de outras igrejas. Como pastor, estou certo de que preciso compreender que a igreja local é responsável, diante de Deus, pela formação da próxima geração de líderes. Nenhuma escola bíblica, curso ou seminário pode fazer isso. A formação de novos líderes — para nossa própria igreja e para outras — deve ser um dos alvos da igreja.

Olhando para trás, sinto-me encorajado pela maneira como tenho visto Deus agir tanto em nossa igreja como em muitas outras. Nesta vida congregacional, tenho visto saúde crescente, evidente e cheia de gozo.

Alguns não acham que esta figura de "saúde" seja uma boa figura. Talvez pensem que é muito centralizada no homem ou bastante terapêutica. Todavia, enquanto considero isto, penso cada vez mais que "saúde" é uma excelente figura daquilo que é saudável, inteiro, reto e puro.

Jesus falou sobre a saúde de nosso corpo como uma figura de nosso estado espiritual (Mt 6.22-23; Lc 11.33-34; cf. 7.17-18). Ele disse: "Os sãos não precisam de médico, mas sim os enfermos" (Mt 9.12; Mc 2.17; Lc 5.31). Jesus trouxe saúde ao corpo das pessoas para salientar a saúde que Ele oferecia para a alma (ver Mt 12.13; 14.35-36; 15.31; Mc 5.34; Lc 7.9-10; 15.27; Jo 7.23). Em Atos dos Apóstolos, os discípulos continuam o mesmo ministério de outorgar saúde e exaltar a Cristo (At 3.16; 4.10).

Paulo usou a figura da igreja como corpo de Cristo, descrevendo a sua prosperidade em imagens orgânicas de crescimento e saúde. Por exemplo, ele escreveu: "Seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor" (Ef 4.15-16). Paulo descreveu a doutrina correta, em Tito 2.1, como "sã doutrina". João saudou seu colega dizendo-lhe: "Faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma" (3 João 2).

Nenhuma destas passagens tem o propósito de nos dizer que a vontade de Deus para seus filhos é que todos experimentem saúde física nesta vida; elas visam apenas ensinar-nos que a saúde é uma figura natural daquilo que é próprio e correto, uma figura sancionada pelo próprio Deus. Como já disse, alguns cristãos, motivados pela preocupação com uma cultura erroneamente terapêutica, evitam o uso de figuras como essa. Mas o abuso da linguagem não deve nos impedir de usá-la de modo apropriado. E, com esse entendimento de saúde — sua conexão com vida e prosperidade; as normas objetivas do que é bom e correto pressupostos nela; a alegria nela envolvida; e o cuidado que deve receber — podemos facilmente perceber sabedoria em nosso desejo de buscar a saúde de nossa alma e trabalhar em favor da saúde das igrejas. Esse é o objetivo porque este livro foi escrito. Para atingir esse objetivo, peço a Deus que o use agora em sua vida e na vida de sua igreja.

Mark Dever
Washington, D.C.
Junho, 2004

Introdução



David Wells, autor e teólogo, reportou algumas descobertas interessantes de uma pesquisa feita em sete seminários, em 1993. Uma dessas descobertas me deixou chocado: "Estes estudantes estão insatisfeitos com a situação atual da igreja. Eles crêem que a igreja perdeu sua visão e esperam mais do que a igreja lhes tem dado". O próprio Wells concordou: "Nem o desejo nem o discernimento deles neste aspecto é incorreto. De fato, enquanto não experimentamos uma insatisfação santa com o estado atual das coisas, não podemos plantar as sementes da reforma. Na verdade, a insatisfação sozinha não é o suficiente".[1]

De fato, a insatisfação não é o suficiente. Por todos os lados, há insatisfação com a igreja. As prateleiras das livrarias evangélicas estão abarrotadas de livros que contêm prescrições para o que a aflige. Os palestrantes de conferências subsistem das enfermidades das igrejas que parecem sobreviver aos remédios que lhes são ministrados.[2] Pastores exultam erroneamente e se esgotam de modo trágico, tornando-se confusos e inseguros. Os crentes são deixados a vaguear como ovelhas que não têm pastor. Mas a insatisfação não é o suficiente. Precisamos de algo mais. O que é a igreja em sua natureza e essência? O que distingue e caracteriza a igreja?

Para nossos historiadores

Os crentes sempre falam em "marcas da igreja". John Stott, em *Homens com uma Mensagem*, seu primeiro livro publicado, resumiu assim o ensino de Cristo dado às igrejas no livro de Apocalipse: "Estas são as marcas de uma igreja ideal — amor, sofrimento, santidade, sã doutrina, autenticidade, evangelização e humildade. Estas marcas são o que Cristo deseja achar em suas igrejas, enquanto anda entre elas".[3]

Mas esta linguagem contém uma história mais formal, que tem de ser reconhecida, antes de nos engajarmos na tarefa de considerar um livro sobre as "Nove Marcas de uma Igreja Saudável".

Há muito tempo os cristãos têm falado sobre "as marcas da igreja". Neste livro, assim como em grande parte do pensamento eclesiástico — desde as primeiras definições concernentes a Cristo e à Trindade até às reflexões de Jonathan Edwards sobre a obra do Espírito — a pergunta a respeito de como distinguir o falso do verdadeiro tem levado a definições mais claras do verdadeiro. O tema da igreja não se tornou um centro de debate amplo, formal e teológico até à Reforma. Antes do século XVI, a igreja era mais aceita do que discutida. Era considerada um meio da graça, uma realidade que existia como a pressuposição do restante da teologia. Na teologia da Igreja Católica Romana, a expressão "o mistério da igreja" é a expressão mais típica que se refere à profundidade da realidade da igreja, que jamais pode ser totalmente explorada. No aspecto prático, a Igreja de Roma vinculou sua reivindicação de ser a verdadeira igreja à sucessão de Pedro como o bispo de Roma.

Com o advento da crítica radical de Martinho Lutero e outros no século XVI, a discussão sobre a natureza da igreja se tornou inevitável. Como explica um erudito: "A Reforma fez do evangelho, em vez da organização eclesiástica, o teste da verdadeira Igreja".[4] Calvino questionou as reivindicações da Igreja de Roma pelas quais ela se declarava a verdadeira igreja, tomando por base a sucessão apostólica. "Especialmente, porém, no regime da Igreja, nada é mais leviano do que, posta de lado a doutrina, colocar a sucessão nas próprias pessoas."[5] Portanto, desde aquele tempo, as "*notae*", "*signa*", "*symbola*", "*criteria*" ou "marcas" da igreja têm sido um foco imperativo de discussão.

Em 1530, Melanchthon elaborou a Confissão de Augsburgo que, no Artigo VII, afirmou que: "Ensina-se também que sempre haverá e permanecerá uma única santa igreja cristã, que é a congregação de todos os crentes, entre os quais o

evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho".[6] Em sua obra *Loci Comunes* (1543), Melanchthon repetiu a idéia: "As marcas que distinguem a igreja são o puro evangelho e o uso correto dos sacramentos".[7] Desde a Reforma, os protestantes têm visto estas duas marcas — a pregação do evangelho e a administração correta dos sacramentos — como delineadoras da verdadeira igreja, em contraste com os impostores.

Em 1553, Thomas Cranmer produziu os quarenta e dois artigos da Igreja Anglicana. Embora não tenham sido promulgados oficialmente até bem depois, naquele século, como parte do regime elisabetano, esses artigos mostram o que o grande reformador inglês pensava a respeito da igreja. O Artigo 19 (que permaneceu nos Trinta e Nove Artigos) diz: "A Igreja visível de Cristo é uma congregação de fiéis, na qual é pregada a pura Palavra de Deus, e são devidamente administrados os Sacramentos conforme a Instituição de Cristo em todas as coisas que necessariamente se requerem neles.".[8]

Nas *Institutas da Religião Cristã*, de João Calvino, o assunto da distinção entre a falsa e a verdadeira igreja foi abordado no Livro IV. No Capítulo 1, Seção 9, Calvino escreveu: "Onde quer que vejamos a palavra de Deus ser sinceramente pregada e ouvida, onde vemos os sacramentos serem administrados segundo a instituição de Cristo, aí de modo nenhum se há de contestar estar presente uma igreja de Deus".[9]

Uma terceira marca da igreja, a disciplina correta, foi acrescentada já naquela época, embora seja amplamente reconhecido que isto está implícito na segunda marca — os sacramentos ministrados corretamente.[10] A Confissão Belga (1561), Artigo 29, disse:

> As marcas para conhecer a verdadeira igreja são estas: ela mantém a pura pregação do Evangelho, a pura administração dos sacramentos como Cristo os instituiu, e o exercício da disciplina eclesiástica para castigar os pecados. Em resumo: ela se orienta segundo a pura Palavra de Deus, rejeitando todo o contrário a esta Palavra e reconhecendo Jesus Cristo como o único Cabeça.[11]

Edmund Clowney resumiu estas marcas como "a pregação da Palavra, a observação adequada dos sacramentos e o fiel exercício da disciplina eclesiástica".[12]

Podemos ver nestas duas marcas — a proclamação do evangelho e a observância dos sacramentos — tanto a criação como a preservação da igreja — a fonte da verdade de Deus e o vaso gracioso que contém e revela a verdade. A igreja é gerada pela pregação correta da Palavra; a igreja é contida e distinguida pela correta

administração do batismo e da Ceia do Senhor. (Pressuposto nesta última marca está o fato de que a disciplina eclesiástica está sendo praticada.)

A igreja contemporânea reflete o mundo

Este livro não é apenas uma consideração destas marcas da igreja. Aceito o entendimento protestante tradicional de que a verdadeira igreja se distingue da falsa sendo caracterizada pela correta pregação da Palavra e administração apropriada dos sacramentos. O que pretendo neste livro é abordar algumas marcas que distinguem as igrejas saudáveis de igrejas verdadeiras, porém enfermas. Portanto, este livro não é uma tentativa de dizer algo que deveria ser dito sobre a igreja. Usando linguagem teológica, este livro não é uma eclesiologia completa. Usando uma figura, este livro é mais uma prescrição do que um curso de anatomia geral do corpo de Cristo.

A igreja não é perfeita. Mas, graças a Deus, muitas igrejas imperfeitas são saudáveis. Entretanto, receio que uma quantidade ainda maior de igrejas não o sejam — mesmo entre aquelas que afirmam a divindade de Cristo e a plena autoridade das Escrituras.

O que nos trouxe a esta situação problemática? Muitas causas são sugeridas.

Várias condições culturais que infestam a igreja têm sido observadas. Carl Braaten ecoou seu alerta a respeito da entrada nas igrejas de um neopaganismo subjetivo e não-histórico.[13] Os Guiness, em seu livro provocativo *Dining with the Devil* (Jantando com o Diabo), sugeriu que o problema é a secularização. Guiness diz que até igrejas teologicamente conservadoras, que se opunham conscientemente ao secularismo, são suportes involuntários de uma versão secularizada do cristianismo. Ele diz também que "as duas marcas mais facilmente reconhecíveis da secularização na América são a exaltação dos números e a dos métodos".[14]

Um dos bodes expiatórios mais comuns têm sido as instituições que preparam as pessoas para o ministério. Richard Muller descreveu algo a respeito do que ele tem visto a respeito do fracasso dos seminários em cumprir sua mordomia:

> Os seminários são culpados de criar várias gerações de ministros e professores que são fundamentalmente ignorantes dos materiais da tarefa teológica, e prontos para usar como argumento (em defesa de si mesmos) a irrelevância do estudo clássico na preparação prática para o ministério. O triste resultado tem sido a perda, em muitos lugares, da função cultural central da igreja no ocidente, e a substituição de ministros cultural e intelectualmente ricos por um grupo de práticos diretores de operações que podem fazer qualquer coisa, exceto tornar a mensagem teológica da igreja relevante no contexto contemporâneo.[15]

Este livro é um plano que visa recuperar a pregação bíblica e a liderança da igreja num tempo em que muitas igrejas estão definhando num cristianismo meramente nominal e nocional, com todo o pragmatismo e insignificância resultantes. O propósito de muitas igrejas evangélicas mudou do glorificar a Deus para simplesmente crescimento, admitindo que esse objetivo, quando atingido, deve glorificar a Deus.

No aspecto teológico e prático, um dos problemas desse encurtamento de nossa visão é o pragmatismo sobrepujante que resulta disso:

> Se o alvo da igreja é crescer, a maneira de obter isso é fazer as pessoas sentirem-se bem. E, quando as pessoas descobrem que há duas maneiras de sentirem-se bem, elas abandonam a igreja da qual não precisam mais. A igreja relevante está plantando as sementes de sua própria irrelevância e perdendo sua identidade. A grande questão hoje é como conquistar a geração pós-guerra, que técnicas, que métodos realizarão essa mágica. Fazem-se pesquisas a respeito do que deseja a geração do pós-guerra, e as igrejas estão competindo para assegurarem-se de que elas terão o que desejam.[16]

O neopaganismo e a secularização, o pragmatismo e a ignorância são problemas sérios da igreja contemporânea. Mas estou convencido de que o problema mais fundamental é a maneira como os cristãos concebem suas igrejas. Muitas igrejas entendem erroneamente a prioridade que têm de dar à revelação de Deus e à natureza da regeneração que Ele oferece. Reavaliar isso tem de ser parte de qualquer solução para os problemas das igrejas de nossos dias.

Modelos populares de igreja

Três modelos de igrejas são vistos hoje em minha própria associação (Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos), bem como em muitas outras associações. Podemos resumir estes modelos em liberal, sensível aos interessados e tradicional.

Falando com clareza, podemos conceber as igrejas do modelo liberal como aquelas que têm F. D. E. Schleiermacher como seu patrono. Numa tentativa de ser bem-sucedido na evangelização, Schleiermacher tentou repensar o evangelho em termos contemporâneos.

Podemos encontrar um pouco deste mesmo objetivo no modelo de igrejas sensíveis aos interessados. Vemos isso nos escritos e ministério de Bill Hybels e seus colegas em Willow Creek e nas muitas igrejas a eles associadas. O impulso tem se concentrado, novamente, na evangelização. Eles têm tentado repensar a igreja, tendo sempre em mente o alvo evangelístico — esta é, outra vez, uma tentativa de tornar a relevância do evangelho evidente a todos.

O patrono das igrejas tradicionais poderia ser Billy Graham (ou, talvez, algum dos grandes evangelistas desta ou da geração anterior). Uma vez mais, o motivo é ser bem-sucedido na evangelização, visto que a igreja é considerada fundamentalmente uma congregação evangelística permanente. De fato, a igreja evangélica tradicional, nos Estados Unidos, se parece mais com o modelo de igreja sensível aos interessados, diferenciando-se apenas no fato de que serve a uma cultura mais antiga — a cultura de cinqüenta ou cem anos atrás. Assim, em vez dos esquetes de Willow Creek, o trio feminino da Primeira Igreja Batista é considerado aquilo que atrairá incrédulos à igreja.

Enquanto há distinções doutrinárias importantíssimas nestes vários tipos de igreja, consideradas com mais atenção, todos os três possuem algumas características em comum. Todas essas igrejas são, em grande parte, influenciadas pela suposição de que a reação do povo e a evidente relevância são os principais indicadores de sucesso. Os ministros sociais da igreja liberal, os músicos da igreja sensível aos interessados, os programas da igreja evangélica tradicional podem todos ser encarados como elementos que trabalham bem, *agora*, para que as igrejas sejam consideradas relevantes e bem-sucedidas. Dependendo do tipo de igreja, o sucesso pode significar muitas pessoas alimentadas, muitas pessoas envolvidas,

muitas pessoas salvas. Mas esses três tipos de igreja compartilham da suposição de que o fruto de uma igreja bem-sucedida é prontamente aparente.

Segundo o ponto de vista bíblico e histórico, esta suposição parece incalculavelmente perigosa. Percebemos que a Palavra de Deus está repleta de figuras de bênçãos que demoram a ser concedidas. Deus, para cumprir seus inescrutáveis propósitos, prova e testa seus filhos, como fez com Jó, José, Jeremias e com o próprio Senhor Jesus. As aflições de Jó, o espancamento e venda de José, a prisão e zombaria de Jeremias, a rejeição e a crucificação de Jesus, tudo isso nos lembra que Deus age de maneiras misteriosas. Ele nos chama mais fundamentalmente a um relacionamento de confiança nEle, mais do que a um pleno entendimento dEle mesmo e de seus caminhos. As parábolas de Jesus estão repletas de histórias a respeito do reino de Deus que começou de um modo surpreendentemente pequeno, para, por fim, crescer até atingir uma proeminência gloriosa. Do ponto de vista bíblico, temos de compreender que o tamanho daquilo que nossos olhos vêem raramente é uma boa maneira de avaliar a grandeza de algo aos olhos de Deus.

Do ponto de vista histórico, este é também o momento de redescobrirmos a verdade de que a aparência pode ser enganosa. Em uma cultura saturada de cristianismo e repleta de conhecimento bíblico, na qual a graça comum de Deus e sua graça especial são propagadas amplamente, pode haver muitas bênçãos óbvias. A moralidade bíblica pode ser afirmada por todos. A igreja pode ser amplamente estimada. A Bíblia pode ser aprendida até nas escolas "seculares". Em um tempo como este, talvez seja difícil distinguir entre o aparente e o real.

Entretanto, numa sociedade em que o cristianismo está sendo rápida e amplamente repudiado, em que a evangelização é muitas vezes considerada inerentemente intolerante e classificada, no âmbito das autoridades, como um crime detestável, achamos que nosso mundo mudou. A cultura com a qual temos de nos adaptar, para sermos relevantes, se tornou intrinsecamente tão entremeada com antagonismo para com o evangelho, que se adaptar a esta cultura significa a perda do próprio evangelho. Em um tempo como este, temos de ouvir novamente a Bíblia e reconsiderar o conceito de ministério bem-sucedido, não entendendo-o como necessária e imediatamente frutífero, mas sim como um ministério que se demonstra fiel a Deus.

Os grandes missionários que foram a culturas não-cristãs tinham de saber isso. Quando eles foram a lugares onde não havia campos "que branquejam para a

ceifa", mas somente anos e mesmo décadas de rejeição, precisaram ter outra motivação que os preservaria no seu ministério. Se William Carey foi fiel na Índia, e Adoniram Judson, na Birmânia, isso não ocorreu porque seu sucesso imediato lhes mostrou que estavam sendo relevantes. Isso aconteceu tão-somente porque o Espírito de Deus os encorajou à obediência e à confiança em Deus. Pastores em zonas rurais labutam em igrejas de populações em constante diminuição; e fazem isso por causa da chamada de Deus. Hoje, no ocidente secular, temos de recuperar o senso de satisfação com a fidelidade bíblica. E temos de recuperá-lo, particularmente, em nossa vida em conjunto como cristãos, em nossas igrejas.

A necessidade de um modelo diferente

Precisamos de um novo modelo para a igreja. Mas, na verdade, o modelo que precisamos é o antigo. Embora esteja escrevendo um livro sobre este assunto, não tenho certeza de como designá-lo. "Simples"? "Histórico"? "Bíblico"?

Colocando de forma simples, precisamos de igrejas que são conscientemente distintas de nossa cultura. Precisamos de igrejas cujo principal indicador de sucesso não seja resultados evidentes, e sim fidelidade bíblica perseverante. Precisamos de igrejas que nos ajudem a recuperar aqueles aspectos do cristianismo que são distintos do mundo e que nos unem.

O que apresentamos a seguir não é tanto um retrato deste novo (antigo) modelo de igreja, e sim uma prescrição oportuna. Focaliza-se em duas necessidades básicas das igrejas: a pregação da mensagem e a liderança dos discípulos.

Pregando a mensagem

As primeiras cinco "marcas de uma igreja saudável" que consideraremos refletem a preocupação com a pregação correta da Palavra de Deus. A MARCA 1 refere-se à própria pregação. É uma defesa da primazia da pregação expositiva como um reflexo da centralidade da Palavra de Deus.

Por que a Palavra de Deus é central? Por que ela é o instrumento que produz a fé? A resposta é que ela é tão central e instrumental porque a Palavra do Senhor nos expõe o objeto de nossa fé. Ela nos apresenta as promessas de Deus — desde as promessas individuais, em toda a Bíblia, até à grande promessa, a grande esperança, o grande objeto de nossa fé, o próprio Senhor Jesus. A Palavra nos apresenta aquilo em que devemos crer.

Em seguida, a MARCA 2 considera a estrutura desta mensagem: a teologia bíblica. Temos de entender a verdade de Deus como um todo coerente, que vem até nós, primeira e primordialmente, como uma revelação dEle mesmo. Questões a respeito de quem e como Deus é nunca podem ser consideradas irrelevantes aos assuntos práticos da vida. Entendimentos diferentes a respeito de Deus nos levarão a adorá-Lo de maneiras diferentes; e, se alguns desses entendimentos estiverem errados, algumas das maneiras como nos achegamos a Ele também serão erradas. Afinal de contas, este é o maior tema da Bíblia, ainda que seja tão negligenciado nestes dias.

Na MARCA 3, consideramos o âmago da mensagem do cristianismo, enquanto procuramos um entendimento bíblico do evangelho. Quantas outras mensagens as igrejas estão pregando como sendo as boas novas salvadoras de Jesus Cristo? Apesar disso, quanto discernimento temos exercido na maneira como entendemos o evangelho, como o ensinamos e como preparamos outros para conhecê-lo? A nossa mensagem, embora entremeada com piedade cristã, é basicamente uma mensagem de auto-salvação ou ela contém algo mais? O nosso evangelho consiste tão-somente de verdades éticas universais oportunas aos nossos dias ou tem como seu fundamento os atos salvadores realizados, de modo definitivo, por Deus em Cristo?

Isso nos leva à recepção da mensagem — a MARCA 4: um entendimento bíblico da conversão. Uma das tarefas mais dolorosas com que os pregadores se deparam é reparar os danos causados nos falsos convertidos, os quais têm sido imediata e imprudentemente assegurados de que são verdadeiros crentes. Esta atividade de aparência caridosa pode conduzir a explosões de entusiasmo, envolvimento e

interesse. Mas, se uma conversão aparente não resulta em vida transformada, então, começamos a nos admirar da crueldade inconsciente de convencer tais pessoas de que, por haverem feito uma oração, elas já experimentaram toda a esperança que Deus tem para elas nesta vida. "Se isso falhou", podemos levá-las a pensar, "então, o cristianismo não tem mais nada a oferecer-me". Precisamos de igrejas que entendam e ensinem o que a Bíblia diz a respeito da conversão.

Isso nos traz à tarefa específica de propagar a mensagem do evangelho. A MARCA 5 apresenta o entendimento bíblico da evangelização. Se em nossa evangelização expressamos de modo implícito a idéia de que tornar-se um cristão é algo que nós mesmos podemos fazer, acabamos por transmitir um entendimento desastrosamente errôneo a respeito do evangelho e da conversão. John Broadus, famoso erudito e pregador do século XIX, escreveu um catecismo de ensino bíblico e neste propôs esta pergunta: "A fé surge antes do novo nascimento?" E respondeu: "Não, é o novo coração que se arrepende e crê verdadeiramente".[17] Broadus entendeu que, em nossa evangelização, temos de ser cooperadores com o Espírito Santo, apresentando o evangelho e dependendo do Espírito de Deus para realizar a verdadeira persuasão, o verdadeiro convencimento e a verdadeira conversão. As nossas igrejas e a nossa própria evangelização estão em harmonia com esta grande verdade?

Liderando os discípulos

O outro grupo de problemas nas igrejas contemporâneas está relacionado à administração correta dos limites e das características que identificam os cristãos. Generalizando, são problemas vinculados à liderança dos discípulos.

Na MARCA 6, abordamos a questão de toda a estrutura propícia ao discipulado: o entendimento bíblico da membresia na igreja. Neste último século, todos os cristãos ignoraram o ensino referente à natureza corporativa do seguir a Cristo. Nossas igrejas estão mergulhadas em narcisismo egoísta, hiper-individualismo camuflado superficialmente em todas as coisas, desde os "inventários dos dons espirituais" até às "igrejas que têm como alvo certo grupo de pessoas" e que "não são para todos". Quando lemos 1 João ou mesmo o evangelho de João, começamos a perceber que Jesus nunca tencionou que fôssemos cristãos sozinhos e que nosso amor pelos outros, não somente pelos que são semelhantes a nós, é um indicativo de que amamos verdadeiramente a Deus.

Em nossas igrejas, existem também problemas relacionados até com a definição básica do que significa ser um discípulo de Cristo. Portanto, na MARCA 7 exploramos um entendimento bíblico a respeito da disciplina na igreja. Há comportamentos que a igreja não deve tolerar? Em nossas igrejas, há ensinos inaceitáveis? As nossas igrejas revelam uma preocupação por outras coisas que não sejam apenas sua própria sobrevivência e expansão? Evidenciamos um entendimento de que portamos o nome de Deus e vivemos para sua honra ou para sua vergonha? Precisamos de igrejas que recuperem a prática regular, amável e sábia da disciplina eclesiástica.

Na MARCA 8, examinamos o discipulado e o crescimento cristão. A evangelização que não resulta em discipulado é não somente evangelização incompleta, mas também é completamente inconcebível. A nossa necessidade não é evangelizar mais, e sim fazê-lo de um modo diferente. Não precisamos apenas dizer às pessoas que continuem vindo à igreja, depois que oramos com elas; precisamos dizer-lhes que calculem o preço, antes de fazerem aquela oração!

Por fim, na MARCA 9 vemos que precisamos redescobrir, em nossas igrejas, o entendimento bíblico referente à liderança eclesiástica. A liderança eclesiástica não deve ser assumida como uma resposta aos dons ou posição seculares, aos relacionamentos familiares ou como um reconhecimento da amplitude do serviço

na igreja. A liderança da igreja deve ser confiada àqueles que parecem evidenciar, em sua própria vida, e são capazes de promover, na vida da igreja como um todo, a obra santificadora e edificante do Espírito Santo.

O objetivo e propósito de tudo isto é a glória de Deus, à medida que O tornamos conhecido. Durante toda a história, Deus tem desejado tornar-se conhecido. Esta foi a razão por que Ele libertou a Israel do Egito, no êxodo, e por que os libertou novamente do exílio na Babilônia. Ele fez isso tendo em vista sua própria glória, para tornar-se conhecido. Inúmeras passagens das Escrituras revelam o desejo de Deus em fazer-se conhecido (por exemplo, Êx 7.5; Dt 4.34-35; Jó 37.6-7; Sl 22.21-22; 106.8; Is 49.22-23; 64.4; Ez 20.34-38; 28.25-26; 36.11; 37.6; 17.26). Ele criou o mundo e realizou todas as suas obras para o louvor da sua glória. É correto e bom que Ele tenha agido assim.

João Calvino costumava chamar este mundo de teatro da majestade de Deus. Outros se referiram à história como um grande desfile que culmina na glória de Deus. Mark Ross o afirmou desta maneira:

> Somos uma das principais peças da evidência de Deus... A grande preocupação de Paulo [em Efésios 4.1-6] quanto à igreja era que esta manifestasse e demonstrasse a glória de Deus, vindicando, assim, o caráter de Deus contra toda a zombaria das esferas demoníacas, a zombaria de que Deus não é digno de vivermos para Ele... Deus confiou à sua igreja a glória de seu próprio nome.[18]

Todos os que lêem estas palavras — aqueles que são líderes eclesiásticos e aqueles que não o são — são feitos à imagem de Deus. Devemos ser retratos vivos da natureza moral e do caráter justo de Deus, refletindo-O ao redor do universo, para que todos o vejam — especialmente em nossa união com Ele, por intermédio de Cristo. Este é o alvo e o motivo por que Deus nos chama. Ele nos chama para isto. Deus nos chama a vivermos juntos dEle e juntos em nossa congregação, não para a nossa própria glória, mas para a glória dEle.

Este livro

Este livro resulta de uma série de sermões. De acordo com George Barna, sermões devem ser fáceis de entendermos, menos abstratos, mais espontâneos, curtos e cheios de histórias da experiência pessoal do pregador; devem até permitir a participação dos ouvintes.[19] Barna não está sozinho em sugerir que temos de fazer algo para diminuir o monólogo e o apelo à razão que caracterizam tantas pregações, especialmente a expositiva. David Hilborn, em sua obra *Picking Up the Pieces* (Juntando as Peças), disse a mesma coisa.[20]

Permita-me sugerir que o monólogo na pregação é não somente justificável, mas também importante. Se, em nossa pregação, assumimos o lugar de Deus, entregando ao seu povo sua Palavra, por meio de seu Espírito, certamente é apropriado que a pregação tenha uma só pessoa a falar. A pregação deve ser um monólogo não no sentido de que nunca deva ser questionada; mas, na pregação, propriamente dita, a Palavra de Deus nos alcança em seu caráter de monólogo, não esperando despertar interesse ou participação, mas sim exigindo que respondamos. Algo deste caráter tem de ser mantido. Tudo isto não significa que o sermão tem de ser deliberadamente enfadonho, obscuro ou abstrato. Eu espero que, nestes sermões disfarçados de capítulos, se manifeste um engajamento sério com as grandes verdades da Bíblia e com o contexto de nossos dias. Este é o modelo que temos de seguir, onde quer que estejamos.

A SEGUIR...

MARCA 1

Pregação Expositiva

Pregação Expositiva

O Papel Central da Palavra de Deus
- O papel da Palavra de Deus em dar vida
- O papel da Palavra de Deus em santificar
- O papel do pregador da Palavra de Deus

UM

Pregação Expositiva



Foi assim que comecei meu sermão na manhã de um domingo em janeiro, não muito tempo atrás:

> Como estão as coisas? Você dormiu bem ontem à noite? Teve muita dificuldade para encontrar uma vaga de estacionamento nesta manhã? As portas estavam bem identificadas? Alguém lhe deu boas-vindas? As instalações da igreja pareceram atraentes e asseadas? Pergunto: o nome da igreja tornou difícil para você a decisão de entrar? Ou talvez seja uma das razões por que você decidiu entrar.
>
> E, quando você entrou, as pessoas se mostraram amáveis e dispostas a cumprimentá-lo? Algum problema fez o número de crianças diminuir? E o que você achou do vitral? Sei que tenho a melhor visão dele, mas eles são realmente lindos, não é? Ou, de novo, talvez o vitral seja muito tradicional para você.
>
> Os bancos são confortáveis? De onde você está assentado, tem uma boa visão de todas as atividades? Pode ver com clareza? Pode ouvir bem? A temperatura ambiente agrada a todos? Você está se sentindo bastante confortável?
>
> E o que acha do boletim? Atraente, sem erros, bem feito, objetivo, você diria? Não tão complicado. Talvez um pouco sóbrio. Observou todos os avisos ali divulgados? Viu a lista de programações da igreja? Há muita coisa ali, não há? Talvez mais do que você já leu. É claro que é fácil ler, mas penso que o tamanho da letra é pequeno, não é? E não há fotos no boletim. Quero dizer que ele parece enfadonho. Isso talvez lhe diga muito sobre a igreja, não diz? Provavelmente você acha que este é o tipo de igreja que prefere ter palavras, em lugar de fotos, certo?
>
> E o que você acha das pessoas que estão ao seu redor? São pessoas com as quais você gosta de ir à igreja? Sim, sei que você está nervoso, para olhar ao redor agora, mas sabe quem são elas. O que você acha? Elas são pessoas da idade certa? Da raça certa? Da classe social certa? São como você?
>
> E o que acha do culto? Quero dizer: foi muito difícil usar dois hinários? Você sabe, muitas igrejas usam apenas um hinário, e em nossa igreja você usou dois: às vezes, o verde; às vezes, o bege. O dirigente pareceu culto, mas não alguém que sabe tudo? Competente, mas não autoritário? Não houve muitos avisos no culto, houve? Acho que nesta manhã não houve muitos avisos. As orações foram envolventes? Envolveram o coração e a mente?
>
> Nestes dias, é muito incomum ler grandes trechos das Escrituras nos cultos, não é? Você não vê isso com freqüência.
>
> É claro, também há a música. Você sabe, ainda estamos tentando fazer algumas coisas funcionais, e você pode testemunhar — música contemporânea e tradicional, clássica e mais moderna, litúrgica e mais informal. Assim como ocorre em muitas outras igrejas dos Estados Unidos, há provavelmente algumas pessoas que vinham a esta igreja no passado, mas que estão em outras igrejas nesta manhã, porque desejavam uma experiência musical diferente. E, você sabe, talvez algumas pessoas estejam aqui porque gostam desta experiência musical.
>
> E o que você achou do momento de ofertas? Pode confiar nisso? A oferta foi recolhida em público, com os visitantes e tudo! Esse é o tipo de coisa que, nos seminários, nos dizem que nunca devemos fazer. Que

sentimento lhe causou o momento de ofertas? Fê-lo sentir que a igreja está cheia de pessoas interessadas em acumular dinheiro e que desejam tirá-lo de você, quando vem aos cultos?

O que você está fazendo aqui? Se já vêm a esta igreja há cinqüenta anos ou se esta é a primeira vez — por que vieram?

Agora você sabe qual é o próximo assunto. Talvez ele já tenha começado: o sermão! Para alguns, esta é a razão por que têm de ficar até ao final, para chegar à boa parte — talvez um pouco mais de cânticos ou fazer amigos e conversar com pessoas depois do culto.

O pregador tem realmente um trabalho árduo, não tem? Ele precisa ser alguém com quem você possa se relacionar, conversar, ser informal e em quem possa confiar, em alguma medida. Mas ele também precisa parecer santo, porém não muito santo. Você sabe, o pregador precisa ser conhecido, mas não muito. Precisa ser confiante, mas não em excesso. Precisa ser compassivo, mas não exageradamente. E o sermão? Bem, o sermão precisa ser muito bom, relevante, divertido, envolvente e, com certeza, bem curto.

Há tanta coisa a considerar, quando avaliamos uma igreja, não há? Já pararam para pensar nisso? Há tantas coisas sobre as quais temos de pensar; e, com tantas mudanças de um lugar para outro, nestes dias, temos de avaliar as igrejas. Essas mudanças acontecem o tempo todo. Temos de perguntar a nós mesmos o que constitui uma boa igreja.

Em meu escritório, tenho diversas prateleiras e pilhas de livros que abordam exatamente esta pergunta: o que realmente constitui uma boa igreja? E você ficaria admirado ao saber quão amplamente as respostas variam. As respostas incluem: conforto, planejamento financeiro, banheiros limpos, boa localização, música vibrante, ser sensível aos visitantes, estacionamento com vagas abundantes, programas que estimulam as crianças, opções bem elaboradas de Escola Dominical, programas de computador adequados, placas indicativas bem nítidas, congregações homogêneas. Você achará livros escritos e à venda, que advogam todas essas coisas como o elemento fundamental de uma boa igreja.

Então, o que você acha? O que produz uma igreja saudável? Se você fosse um visitante hoje, à procura de uma igreja que você pudesse freqüentar regularmente e com a qual poderia se comprometer, você precisaria considerar esta pergunta. Talvez você venha a mudar de casa. E, ainda que nunca venha a se mudar, precisa saber o que constitui uma igreja saudável. Se você se integrará à igreja, contribuirá para sua edificação e transformação, você não precisa saber o que, de fato, tentará edificar? O que você deseja que a igreja se torne? Qual é o seu alvo? O que é fundamental?

Seja bem cuidadoso em como você responderá a estas perguntas. Como já disse, você achará homens experientes os quais lhe dirão que a resposta é tudo — desde quão isento de linguagem religiosa você seja até quão ocultas são as exigências para que alguém seja membro da igreja.

O que você acha? Berçários seguros, banheiros cintilantes, música estimulante e coisas desse tipo são realmente o caminho para o crescimento e a saúde da igreja? É isso que constitui uma boa igreja?

Foi assim que comecei a série de sermões que resultou neste livro — *Nove Marcas de uma Igreja Saudável*. O propósito deste livro é perguntar e responder esta questão: o que marca de maneira distintiva uma igreja realmente boa?

Nesta série de estudos proponho nove marcas distintivas de uma igreja saudável. Você pode achá-la no sumário. Estas nove marcas não são, de modo algum, as únicas características de uma igreja saudável. Não estou sugerindo isso, nem por um momento. Tampouco são, necessariamente, as coisas mais importantes que poderiam ser ditas a respeito de uma igreja. Por exemplo, referi-me apenas de passagem aos assuntos do batismo e da Ceia do Senhor, embora estes sejam

aspectos essenciais de uma igreja bíblica, ordenados pelo próprio Senhor Jesus. Este livro não é uma eclesiologia completa. Estou apenas tentando focalizar certos aspectos cruciais da vida de uma igreja saudável que se tornaram raros nas igrejas contemporâneas. Embora sejam freqüentemente mal compreendidos, o batismo e a Ceia do Senhor não desapareceram da maioria das igrejas. No entanto, várias das características que consideraremos nestas páginas sumiram de muitas igrejas.

De fato, não existe uma igreja perfeita, e, com certeza, não pretendo sugerir que toda igreja que eu pastorear será perfeita. Mas isso não significa que não possam ser mais saudáveis. Meu objetivo é encorajar isso.

Pregação expositiva

A primeira marca de uma igreja saudável é a pregação expositiva. Não é somente a primeira marca; é a mais importante de todas as marcas, porque, se você desenvolvê-la corretamente, todas as outras a seguirão. Esta é a marca essencial. Se você quer ler apenas um capítulo deste livro, escolheu o capítulo certo. Este é o capítulo que você deve ler primeiro, antes de todos os demais. Isto o ajudará a entender aquilo ao que os pastores devem se dedicar e o que as igrejas devem exigir deles. Minha principal tarefa, e a principal tarefa de todo pastor, é a pregação expositiva.

Isto é tão importante que, se você falhasse nisto e entendesse bem todas as outras oito marcas, estas outras seriam, de certo modo, acidentais. Elas podem ser descartadas ou distorcidas, porque não fluirão da Palavra e não estarão sendo continuamente modeladas e renovadas pela Palavra. Mas, se você estabelecer a prioridade da Palavra, terá no seu devido lugar o aspecto mais importante e singular da vida da igreja, e com certeza haverá crescimento, porque Deus determinou agir mediante seu Espírito, por meio de sua Palavra.

Então, o que é esta coisa tão importante chamada de pregação expositiva? Ela é geralmente descrita em contraste com a pregação tópica. Um sermão tópico é semelhante a este capítulo — toma um assunto e o considera, em vez de usar um texto específico das Escrituras como o seu assunto. O sermão tópico começa com um assunto particular sobre o qual o pregador deseja falar. O assunto poderia ser a oração, a justiça, a paternidade, a santificação ou até a pregação expositiva. Depois de estabelecer o tópico, o pregador reúne vários textos, de diferentes partes da Bíblia, e os combina com histórias ilustrativas e piadas. O material é reunido e entrelaçado ao redor de um único assunto. O sermão tópico não é elaborado em torno de uma passagem da Escritura, e sim em torno de uma única idéia que eu escolho.

Um sermão tópico pode ser expositivo. Eu poderia resolver pregar sobre um assunto e tomar apenas uma passagem que aborda exatamente aquele assunto. Ou poderia pregar usando várias passagens que tratam deste mesmo tema. Mas ainda seria um sermão tópico, porque o pregador sabe o que deseja dizer e examina a Bíblia, a fim de encontrar o que poderá dizer sobre aquele tema. Por exemplo, quando preguei uma versão deste material na forma de um sermão, eu sabia

exatamente quando limitar o que eu queria dizer. Isso não acontece quando prego de modo expositivo. Quando preparo um sermão expositivo, freqüentemente me surpreendo com as coisas que acho numa passagem, à medida que a estudo. De modo geral, não escolho as séries de sermões expositivos por causa dos assuntos específicos sobre os quais penso que a igreja deve ouvir. Pelo contrário, admito que toda a Bíblia é relevante para nós em todo o tempo. Creio que Deus pode nos guiar a alguns livros, mas, quando estou labutando em um texto bíblico, lendo-o em meu tempo devocional, na semana anterior à pregação, e preparando-o com seriedade na sexta-feira, encontro nele coisas que não esperava encontrar. Sou surpreendido pela verdade primordial da passagem bíblica e, conseqüentemente, pelo que tem de se tornar o principal alvo de meu sermão.

A pregação expositiva não é apenas um comentário falado sobre determinada passagem da Bíblia. Antes, a pregação expositiva é aquela pregação que tem como alvo primordial do sermão aquela verdade bíblica salientada em uma passagem específica da Bíblia. É isso. O pregador abre a Palavra e a expõe para o povo de Deus. Isso não é o que estou fazendo neste capítulo, mas é o que normalmente tenciono fazer, quando me dirijo ao púlpito no domingo.

A pregação expositiva é pregar estando a serviço da Palavra. Pressupõe a crença na autoridade das Escrituras — a crença no fato de que a Bíblia é realmente a Palavra de Deus. Contudo, é muito mais do que isso. Um compromisso com a pregação expositiva é um compromisso em *ouvir* a Palavra de Deus — é não somente uma afirmação de que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas também uma submissão de si mesmo à Palavra. Os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento receberam não uma comissão pessoal de ir e falar, mas uma mensagem particular que deveriam proclamar. De modo semelhante, os pregadores cristãos de nossos dias têm autoridade para falar da parte Deus somente quando falam a mensagem dEle e expõem sua Palavra. Embora alguns pregadores sejam bastante eloqüentes, eles não foram comissionados apenas para ir e pregar. Eles foram comissionados especificamente para ir e pregar a Palavra. Essa é a comissão dos pregadores.

Felizmente, muitos pastores aceitam a autoridade da Palavra de Deus e professam crer na inerrância das Escrituras. Mas, se não praticam com regularidade a pregação expositiva, estou convencido de que nunca pregarão mais do que sabiam quando começaram todo o seu aprendizado. Um pastor pode tomar uma parte das Escrituras e exortar a igreja quanto a um assunto importante, mas este assunto não

é o ensino principal daquela passagem bíblica. Você pode pegar a Bíblia agora mesmo, fechar seus olhos, abri-la em certo livro, por o seu dedo sobre um versículo, abrir seus olhos, ler o versículo e obter grande bênção para sua alma, mas não aprendeu necessariamente o que Deus tencionava dizer por meio daquela passagem. O que se diz a respeito de imóveis também é verdadeiro no que se refere ao entendimento da Bíblia: os três fatores mais importantes são a localização, a localização e a localização. Você entende um texto bíblico onde ele está, no contexto em que ele foi inspirado.

O pregador deve ter sua mente moldada incessantemente pelas Escrituras. Ele não deve apenas usá-las como uma desculpa para o que ele já sabe e deseja dizer. Quando isso acontece, quando alguém prega regularmente de um modo que não é expositivo, os sermões tendem a ser apenas os tópicos que interessam ao pregador. O resultado é que o pregador e a congregação ouvem na Bíblia somente o que já pensavam quando chegaram àquele texto. Não há nada novo a ser acrescentado ao entendimento deles. Não estão sendo constantemente desafiados pelas Escrituras.

Se estamos comprometidos em pregar uma passagem bíblica em seu contexto, expositivamente — isto é, tomando a principal verdade da passagem como o principal ensino da mensagem — devemos ouvir de Deus aquelas coisas que não tencionávamos ouvir, quando começamos a estudar a passagem. Às vezes, Deus nos surpreende. E, desde o nosso arrependimento e conversão até às ultimas coisas que o Espírito Santo nos tem ensinado, não é isso o que significa ser um cristão? Repetidas vezes, você não percebe que, ao começar a revelar a verdade de seu coração e a verdade de sua Palavra, Deus o desafia e lhe diz coisas que você nem imaginava um ano atrás? Encarregar alguém da supervisão espiritual de uma igreja, alguém que não mostra, na prática, um compromisso de ouvir e ensinar a Palavra de Deus significa dificultar o crescimento da igreja, permitindo, em essência, que ela cresça somente ao nível do pastor. A igreja se conformará, lentamente, à mente do pastor, e não à de Deus. E o que desejamos, o que anelamos, como cristãos, são as palavras de Deus. Queremos ouvir e saber, em nossa alma, o que Ele tem dito.

O papel central da Palavra de Deus

A pregação deve sempre (ou quase sempre) ser expositiva, porque a Palavra de Deus deve estar no seu centro, norteando-a. De fato, as igrejas devem ter a Palavra como o seu centro, dirigindo-as. Deus resolveu usar sua Palavra para criar vida. Esse é o padrão que vemos nas Escrituras e na história. A Palavra de Deus é o seu instrumento escolhido para criar vida.

Em uma recepção, a conversa mudou para um livro recém-publicado. Eu o li, porque estava para pregar uma mensagem sobre o assunto daquele livro. Meu anfitrião, um católico romano, também lera o livro, para escrever uma resenha. Perguntei-lhe o que pensava.

"Oh! é muito bom", ele respondeu, "exceto pelo fato de que o autor o estragou por repetir o velho erro protestante de que a Bíblia criou a igreja, quando todos sabemos que a igreja criou a Bíblia".

Bem, eu estava um pouco embaraçado. Era uma recepção dele, e eu era apenas convidado. O que você diria? Vi toda a Reforma Protestante descortinar-se diante de mim!

Decidi que, se ele podia, de um modo gentil, ser tão publicamente desdenhoso, eu poderia ser tão direto e honesto quando desejava. Portanto, disse: "Isso é ridículo!" Tentando ser tão agradável quando podia, continuei: "O povo de Deus nunca criou a Palavra de Deus. Desde o começo, a Palavra de Deus tem criado seu povo! De Gênesis 1, onde lemos que Deus criou literalmente tudo que existe, incluindo seu povo, por meio de sua Palavra, até Gênesis 12, onde Ele chamou a Abraão, de Ur dos caldeus, mediante a Palavra de sua promessa; até Ezequiel, onde Deus lhe dá uma visão que deveria ser compartilhada com os israelitas no exílio da Babilônia, a respeito da grande ressurreição para a vida que se realizará pela Palavra de Deus; até o envio supremo da Palavra de Deus, em Jesus Cristo, a Palavra que se tornou carne; até Romanos 10, onde lemos que recebemos vida espiritual por meio da Palavra de Deus. Nunca foi o contrário. O povo de Deus nunca criou a Palavra de Deus".

Não posso lembrar com exatidão o que aconteceu no restante daquela conversa, mas lembro essa parte bem evidente, porque me ajudou a cristalizar a absoluta centralidade da Palavra de Deus.

Sigamos esta vereda das Escrituras e vejamos o que elas nos dizem sobre a centralidade da Palavra de Deus em nossa vida, enquanto consideramos o que isso significa para a natureza e a importância da pregação em nossas igrejas. Quero chamar sua atenção para três pontos: o papel das Escrituras em nos dar vida; o papel das Escrituras em nos santificar e que papel o pregador da Palavra de Deus deve ter na igreja.

O papel da Palavra de Deus em dar vida

Comecemos no início, onde a Bíblia começa. Consideremos Gênesis 1. Ali, vemos que foi por sua Palavra que Deus criou o mundo e toda a vida que há nele. Deus falou, e assim aconteceu. Se continuarmos a leitura, veremos a triste história do que aconteceu em seguida. Em Gênesis 3, lemos a respeito da queda. Ali, vemos que nossos primeiros pais pecaram e que, quando pecaram, foram lançados para longe da presença de Deus. Eles perderam, literalmente, sua visão de Deus. Mas por Deus, em sua grande graça, eles não perderam toda a esperança. Ainda que Deus estivesse desvanecendo-se diante dos olhos deles, Ele lhes enviou misericordiosamente sua voz, de modo que ouvissem a Palavra da promessa. Em Gênesis 3.16 Deus amaldiçoou a serpente. Deus lhe advertiu que o descendente da mulher a esmagaria. Essa pequena palavra é a primeira palavra de esperança que Adão e Eva receberam após seu pecado.

Continuando na leitura, chegamos a Gênesis 12, onde lemos que foi por meio da Palavra de Deus que Abraão foi chamado de Ur dos caldeus. A mensagem da promessa de Deus, registrada nos primeiros versículos de Gênesis 12, foi usada por Deus como a força atrativa, a promessa cativante, chamando Abraão, literalmente, de Ur para seguir a Deus. Assim, como podemos perceber, o povo de Deus foi criado — eles se tornaram visíveis — ao ouvirem aquela palavra de promessa e por responderem a ela — agindo de acordo com ela. O povo de Deus foi criado pela Palavra de Deus.

Abraão nunca estabeleceu uma comissão para formular a Palavra de Deus. Não, ele foi tornado o pai do povo de Deus, porque a Palavra de Deus veio de um modo especial até Abraão, que creu nela. E sabemos a história de como os filhos de Abraão cresceram na terra da promessa, desceram ao Egito, eventualmente caindo em servidão, por alguns séculos. Quando aquela servidão parecia permanente, o que Deus fez? Ele enviou sua Palavra. Vemos em Êxodo 3.4 que Deus começou

com Moisés, chamando-o. Uma sarça ardente era uma coisa maravilhosa de ser vista, mas a própria sarça não diria nada a Moisés. Até os eruditos discordam sobre o simbolismo da sarça ardente. O ensino fundamental é que Deus falou da sarça. Ele deu suas palavras a Moisés. Deus o chamou por meio de sua Palavra. A Palavra de Deus não veio somente a Moisés e aos seus descendentes; veio também a toda a nação de Israel, chamando-a para ser seu povo.

Chegando a Êxodo 20, vemos que Deus outorgou a lei a seu povo. E, por aceitarem a lei de Deus, eles se tornaram seu povo. Foi por meio da Palavra de Deus que o povo de Israel foi constituído povo especial de Deus.

À medida que prosseguimos pelo Antigo Testamento, vemos que a Palavra de Deus cumpre um papel seminal e separador, visto que algumas pessoas a receberam e outras se recusaram a aceitá-la. Considere, por exemplo, a história de Elias, em 1 Reis 18: "Muito tempo depois, veio a palavra do SENHOR a Elias... dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra". A expressão "a palavra do SENHOR" ou seus equivalentes ocorrem mais de 3.800 vezes no Antigo Testamento. A Palavra do Senhor veio quando Ele criou e dirigiu seu povo. O povo de Deus era composto daqueles que ouviam a Palavra e respondiam a ela com fé. No Antigo Testamento, a Palavra de Deus sempre vem como um meio de fé. Em certo sentido, a Palavra de Deus é o objeto secundário de fé. Na verdade, Deus sempre é o objeto primário de nossa fé — nós cremos em Deus — mas isso não significa muito, se não for definido. E como definimos quem é Deus e o que Ele nos chama a fazer? Temos basicamente duas opções: podemos defini-lo por nós mesmos ou Deus pode nos dizer. Cremos que Deus nos tem dito. Cremos que Deus mesmo falou. Temos de crer em sua Palavra e depender dela com toda a fé que colocaríamos em Deus mesmo.

No Antigo Testamento, vemos que Deus guiou o seu povo por meio de sua Palavra.

Você percebe por que a Palavra de Deus é o instrumento central em gerar fé? Isso ocorre porque ela nos apresenta Deus e suas promessas — desde as promessas individuais do Antigo e do Novo Testamento até à grande promessa, o grande objeto de nossa fé, Cristo mesmo. A Palavra nos mostra em que devemos crer.

Para o cristão, a velocidade do som (a Palavra que ouvimos) é, em certo sentido, maior que a velocidade da luz (as coisas que podemos ver). É como se, neste mundo corrompido, víssemos o futuro primeiramente por meio dos ouvidos, e não por meio dos olhos.

Na grande visão de Ezequiel 37, vemos de maneira notável que a vida surge por meio da Palavra de Deus:

> Veio sobre mim a mão do SENHOR; ele me levou pelo Espírito do SENHOR e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; eram mui numerosos na superfície do vale e estavam sequíssimos. Então, me perguntou: Filho do homem, acaso, poderão reviver estes ossos? Respondi: SENHOR Deus, tu o sabes. Disse-me ele: Profetiza a estes ossos e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do SENHOR. Assim diz o SENHOR Deus a estes ossos: Eis que farei entrar o espírito em vós, e vivereis. Porei tendões sobre vós, farei crescer carne sobre vós, sobre vós estenderei pele e porei em vós o espírito, e vivereis. E sabereis que eu sou o SENHOR (vv. 1-6).

Esta é uma visão encorajadora! Se você já foi chamado a pastorear uma igreja que parece estar morrendo, ou se você pode recordar seus próprios sentimentos de infelicidade espiritual, antes de achar a salvação, pode reconhecer por que esta passagem é tão cheia de esperança.

Nos versículos 7 a 10, vemos o que acontece quando Ezequiel responde em obediência à visão:

> Então, profetizei segundo me fora ordenado; enquanto eu profetizava, houve um ruído, um barulho de ossos que batiam contra ossos e se ajuntavam, cada osso ao seu osso. Olhei, e eis que havia tendões sobre eles, e cresceram as carnes, e se estendeu a pele sobre eles; mas não havia neles o espírito. Então, ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize-lhe: Assim diz o SENHOR Deus: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. Profetizei como ele me ordenara, e o espírito entrou neles, e viveram e se puseram em pé, um exército sobremodo numeroso.

Deus interpretou esta visão para Ezequiel. Disse que os ossos representam toda a casa de Israel, que dizia: "Pereceu a nossa esperança" (v.11). A resposta de Deus a Israel, tal como a resposta aos ossos secos, foi: "Porei em vós o meu Espírito, e vivereis" (v. 14). E como Ele faz isso? Como Ele infunde o seu Espírito em Israel, para que eles vivam? Deus o faz *por meio de sua Palavra*. Para deixar isso bem claro, Deus chama Ezequiel para começar a pregar a esse vale de ossos secos, e, por meio dessa pregação da Palavra, Deus traz vida aos ossos. Deus usa Ezequiel para pregar sua Palavra aos ossos mortos; e, quando Ezequiel faz isso, os ossos recebem vida!

A visão dos ossos secos reflete a maneira como Deus chamou Ezequiel para falar a uma nação que não o ouviria. Também reflete a maneira como Deus mesmo falou ao nada e criou seu mundo — pelo poder de sua Palavra. Somos, ainda, lembrados do que aconteceu quando a Palavra de Deus veio ao mundo na pessoa

de Cristo: “O mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu” (Jo 1.10). E por meio desta Palavra, por meio do Senhor Jesus, Deus começou a criar sua nova sociedade na terra.

Deus ordenou a Ezequiel que falasse aos ossos secos. Vida surgiu por meio do sopro; o Espírito veio por meio do falar; e essa Palavra de Deus, seu sopro, deu vida. Você pode perceber a conexão íntima entre a vida, o sopro, o espírito, o falar e a palavra? Isso nos faz lembrar inúmeras ocasiões no ministério do Senhor Jesus. Por exemplo, pense naquela ocasião em que “lhe trouxeram um surdo e gago... depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá!, que quer dizer: Abre-te! Abriram-se-lhe os ouvidos” (Mc 7.32,34-35). Jesus falou a um homem surdo, e os ouvidos deste foram abertos. A vida retornou àqueles ouvidos! Jesus chamou para Si mesmo seu povo do modo como Ezequiel profetizou: “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne” (Ez 36.26).

Esta é a realidade gloriosa que nós, cristãos, temos experimentado. Alguns meses atrás, disse a um obreiro das Testemunhas de Jeová que nós, cristãos, sabemos que por nós mesmos estamos espiritualmente mortos e necessitamos que Deus comece sua vida em nós. Precisamos que Ele venha e arranque nosso velho coração de pedra, e ponha em nós um novo coração de carne, de amor para com Ele — um coração que seja sensível e adaptável à sua Palavra. Precisamos disso, e é isso mesmo que Jesus faz por nós. Ele cria um povo diferente, pessoas que mostram em si mesmas a vida de Deus, à medida que ouvem sua Palavra e, por sua graça, respondem a ela.

Isto nos traz à suprema figura da Palavra de Deus outorgando vida:

> No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens (Jo 1.1, 3-4).

Foi em Cristo que a Palavra de Deus veio a nós de um modo completo e final.

Jesus viveu essa grande realidade em seu próprio ministério. Logo no início de seu ministério, quando seus discípulos contaram que muitas pessoas O procuravam, porque queriam que Ele fizesse mais milagres e as curasse, Jesus respondeu: “Vamos a outros lugares... a fim de que eu *pregue* também ali, pois *para isso* é que eu vim” (Mc 1.38 — ênfase acrescentada). Se continuássemos lendo o Evangelho de Marcos, perceberíamos que Jesus sabia que viera fundamentalmente para

entregar sua vida em favor de nossos pecados (ver Mc 10.45). Mas, para que esse evento fosse entendido, primeiramente Ele teve de ensinar.

Não quero dar a impressão de que o cristianismo é apenas um amontoado de palavras — mas palavras são importantes. Se você lê toda a Bíblia, vê que Deus age. Vê também que, depois de agir, Deus fala. Ele interpreta o que fez, para que o entendamos. Deus não permite que seus atos falem por si mesmos. Ele nos faz entender os seus grandes atos salvadores.

A natureza "verbal" de Deus se encaixa, de fato, na maneira como Ele nos criou, não se encaixa? Podemos chegar a conhecer uns aos outros apenas pela observação. Esposos e esposas podem aprender uns sobre os outros por meio da intimidade física. Mas existe um aspecto íntimo de nosso conhecimento mútuo que só pode ser realizado por meio de algum tipo de comunicação cognitiva. As palavras são importantes para nosso relacionamento.

Você pode dizer que tem um amplo relacionamento com seu cachorro (afinal, ele é o melhor amigo do homem!) e que o ama, embora ele nunca tenha lhe dito uma palavra ou tenha comunicação cognitiva com você. Chegando ao lar, você fala, e seu cachorro logo abana o rabo. Corre até você. Ele quer lambê-lo. Você fita os olhos dele e vê que são tão simpáticos. Seu cachorro entende tudo e não o abandonará jamais. Você acha que isto é amor. Então, quem precisa de palavras?

Bem, as palavras são importantes. Se você for para casa hoje, e seu cachorro olhar para você e disser: "Então, como foi o culto hoje?" Garanto que isso mudará seu relacionamento com o cachorro! Isso serve para mostrar como as palavras são importantes nos relacionamentos.

Devido ao fato de termos nos separado de Deus por causa de nosso pecado, Deus tem de falar, para que O conheçamos. Esta é a razão porque a obra de um dos membros de nossa igreja, Carl F. H. Henry, tem sido tão importante. Em sua obra-prima, *God, Revelation and Authority* [Deus, Revelação e Autoridade], em seis volumes, ele argumenta exatamente sobre este ponto — Deus não será conhecido, se Ele não falar; e não podemos conhecer a Deus, se Ele não falar uma palavra em que podemos confiar. Esta é a verdade bíblica. Por causa de nossos pecados, jamais podemos conhecer a Deus de outra maneira. Se Deus não falasse, ficaríamos perdidos para sempre nas trevas de nossa especulação.

Vemos isso claramente em todo o Novo Testamento. Considere Romanos 10.17: "E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo". Esta "palavra de Cristo" é a grande mensagem do evangelho. O evangelho nos diz que

Deus nos fez para conhecê-Lo, mas pecamos e nos separamos dEle e que, em seu grande amor, Deus veio ao mundo na pessoa de Jesus Cristo, que viveu de modo perfeito, assumindo nossa carne e limitações, e morreu na cruz especificamente como substituto de todos aqueles que se converteriam a Ele e creriam nEle. A mensagem do evangelho também nos diz que Jesus ressuscitou dentre os mortos como testemunho de que Deus aceitou este sacrifício; e que Ele nos chama agora para nos arrependermos e crermos nEle, assim como Abraão creu na Palavra de Deus que veio a ele, enquanto estava em Ur dos caldeus, muitos séculos atrás.

Antes deste versículo, Paulo havia escrito: "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rm 10.9).

Crer e descansar na verdade de que Deus ressuscitou a Jesus Cristo é o caminho da salvação, a maneira de ser incluído no povo de Deus. Como podemos ver, novamente, Deus sempre criou seu povo ao falar sua Palavra. E sua palavra mais sublime é Cristo. Como o autor da Epístola aos Hebreus iniciou sua carta:

> Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo (Hb 1.1-2).

Vivendo do modo como o fazemos agora, depois da queda e antes da Cidade Celestial, estamos em uma época em que a fé é crucial. Assim, a Palavra de Deus tem de ser crucial — porque Deus, o Espírito Santo, cria seu povo por meio de sua Palavra! Podemos tentar criar um povo usando outros meios, e esta é a grande tentação das igrejas. Podemos tentar criar um povo centrado em determinado grupo social ou cultural. Podemos tentar criar um povo em torno de um programa de coral totalmente harmonioso. Encontramos pessoas que se sentirão estimuladas com projetos de construção ou com a identidade denominacional. Podemos tentar criar um povo centralizado em uma série de grupos de assistência social, onde cada pessoa se sente amada e cuidada. Podemos tentar criar um povo ao redor de um projeto de serviço comunitário. Podemos tentar criar um povo em torno de oportunidades sociais para as jovens mães ou ao redor de encontros para solteiros. Podemos até tentar criar um povo centralizado na personalidade de um pregador. E Deus pode certamente usar todas estas coisas. Mas, em última análise, o povo de Deus, a igreja de Deus, pode ser criado tão-somente em torno da Palavra de Deus.

Indagado sobre as suas realizações como reformador, Martinho Lutero disse: "Simplesmente ensinei, preguei, escrevi a Palavra de Deus; não fiz mais nada... A Palavra fez tudo."[1] A Palavra de Deus dá vida.

O papel da Palavra de Deus em santificar

Temos de considerar, também, o papel da Palavra de Deus em nossa santificação. Ela tem de ser central à nossa vida, como indivíduos e igrejas, porque o Espírito de Deus a usa para criar fé em nós (como já vimos) e porque Ele também usa a Palavra para nos fazer crescer. Não exploraremos este ponto em toda sua extensão, mas não há dúvida de que ele é bastante evidente nas Escrituras. Como Jesus repreendeu Satanás, citando Deuteronômio: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4, citando Dt 8.3). Todos conhecemos aquelas palavras famosas do salmista: "Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos" (Sl 119.105).

Quando consideramos a história de Israel e de Judá, no Antigo Testamento, encontramos essa verdade muitas vezes. Durante o reinado de Josias, nos dias de decadência de Judá (2 Cr 34), a Lei — a Palavra escrita de Deus — foi redescoberta e lida para aquele rei. A resposta de Josias foi rasgar suas vestes, em arrependimento, e ler a Palavra ao povo. Uma restauração nacional ocorreu quando a Palavra de Deus foi anunciada. Deus usa sua Palavra para santificar seu povo e torná-lo mais semelhante a Ele mesmo.

O Senhor Jesus também ensinou isto. Em sua oração sacerdotal, ele rogou: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17). E Paulo escreveu: "Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra" (Ef 5.25-26).

Precisamos da Palavra de Deus para sermos salvos, mas também para que ela nos desafie e molde continuamente. Sua Palavra não somente nos dá vida, mas também direção, à medida que nos molda e nos transforma à imagem de Deus, que fala conosco.

Na época da Reforma, a Igreja Católica Romana tinha uma frase em latim que se tornou uma espécie de lema: *semper idem*. Significa "sempre o mesmo". Ora, as igrejas reformadas também possuíam seu lema: *ecclesia reformata, semper reformanda secundo verbum Dei* — "a igreja reformada, sendo sempre reformada de acordo com a Palavra de Deus". Uma igreja saudável é uma igreja que ouve a

Palavra de Deus e continua a ouvi-la. E essa igreja é constituída de cristãos individuais que ouvem a Palavra de Deus e continuam a ouvi-la, sendo sempre transformados e moldados por ela, constantemente lavados na Palavra e santificados pela verdade de Deus.

Para nossa saúde, individualmente como cristãos e corporativamente como igreja, temos de ser moldados de novas e profundas maneiras, por meio do plano de Deus para nossa vida, e não por meio de nosso própria plano. Deus nos torna mais e mais semelhante a Ele mesmo mediante sua Palavra, purificando-nos, revigorando-nos e remodelando-nos.

Isto nos traz ao terceiro ponto importante.

O papel do pregador da Palavra de Deus

O que pensamos a respeito do papel do pregador da Palavra de Deus? Se você está procurando uma boa igreja, esta é a coisa mais importante que deve ser levada em conta. Não me importo se você acha que os membros devem ser bastante agradáveis. Não me importo se a música é boa ou não. Estas coisas podem mudar. Mas o compromisso da igreja com a centralidade da Palavra que vem do púlpito, do pregador, daquele a quem Deus dotou de modo especial e chamou ao ministério — este é o fator mais importante que você deve procurar em uma igreja.

Em *Dining with the Devil* (Jantando com o Diabo), Os Guinness citou um artigo da revista *The New Yorker* que lamentava a natureza "motivada pela audiência" de muitas pregações de nossa época:

> O pregador, em vez de olhar para a situação do mundo, considera a opinião pública e tenta descobrir o que o público gostaria de ouvir. Em seguida, ele emprega seu melhor para duplicar esse interesse e trazer seu produto final ao mercado em que outros tentam fazer o mesmo. O público, vindo às nossas igrejas para achar algo sobre o mundo, descobre que ali não existe nada, exceto um reflexo do próprio mundo.[2]

Isso não deveria estar acontecendo. Os pregadores não são chamados para pregar o que é popular, de acordo com as pesquisas de opinião. Isso é bom? As pessoas já sabem de tudo disso. Que vida isso produz? Não somos chamados para pregar apenas exortações morais, ou lições históricas, ou comentários sociais (embora quaisquer dessas coisas possam fazer parte da boa pregação). Somos chamados para pregar a Palavra de Deus para a igreja de Deus e a todos em sua criação. Essa é a maneira como Deus produz vida. Cada pessoa que lê este livro — e aquele que o

escreveu — é imperfeita, possui erros e tem pecado contra Deus. E o fato terrível a respeito das criaturas caídas é que somos ávidos por maneiras de justificar nossos pecados contra Deus. Cada um de nós quer saber como podemos defender a nós mesmos das acusações diante do tribunal de Deus. Portanto, temos uma necessidade desesperada de ouvir a Palavra de Deus apresentada com honestidade. Portanto, não precisamos ouvir apenas o que desejamos ouvir; pelo contrário, temos de ouvir o que Deus realmente tem dito.

Tudo isto é importante, porque o Espírito Santo de Deus cria seu povo por meio de sua Palavra.

Essa foi a razão porque Paulo disse a Timóteo que "formasse uma comissão". Certo? É claro que não. Paulo nunca disse isso. No Novo Testamento, você nunca achará um pregador sendo instruído a formar uma comissão. "Faça uma pesquisa"? Não! Paulo também nunca disse que alguém fizesse uma pesquisa. "Gaste seu tempo fazendo visitas"? Não! Paulo também nunca disse que um pregador fizesse isso. "Leia um livro"? Não! Paulo jamais disse ao jovem Timóteo que fizesse qualquer dessas coisas.

Paulo disse a Timóteo, de modo direto e claro: "Prega a palavra" (2 Tm 4.2). Este é o grande imperativo. Esta é a razão por que os apóstolos já haviam determinado que, embora houvesse problemas de distribuição igualitária da ajuda financeira na igreja de Jerusalém, a igreja teria de encontrar outros para resolver seus problemas, porque "nós... nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra" (At 6.4). Por que esta prioridade? Porque esta Palavra é "a palavra da vida" (Fp 2.16). Esta é a grande tarefa do pregador: preservar "a palavra da vida" para as pessoas que necessitam dela para as suas vidas.

Existem hoje certas críticas dirigidas contra a pregação expositiva. Alguns sugerem que precisamos hoje de uma maneira menos racional, mais artística, menos autoritária e elitista, mais comunal e participativa de comunicar a Palavra de Deus, e não deste método antigo de uma única pessoa falando no púlpito e apresentando um monólogo às demais. Precisamos de videoclipes, eles dizem, e diálogos, e danças de adoração. Apesar disso, há algo bom e correto neste método antigo, algo que o torna apropriado, talvez até especialmente apropriado à nossa cultura. Em nossa cultura subjetivista, na qual cada um segue seus próprios interesses; nesta cultura contrária à autoridade, na qual todos estão confusos e estão confundindo, existe algo apropriado em nos reunirmos e ouvirmos uma pessoa que serve como porta-voz de Deus, dando-nos sua Palavra, enquanto nada

fazemos nesse processo, exceto assentar-nos e ouvir à pregação. Existe um simbolismo importante neste processo.

É claro que virá o dia em que a fé dará lugar à realidade, e os sermões não mais existirão. E permita-me dizer-lhe que ninguém mais do que eu mesmo e muitos de meus colegas de ministério anelamos tanto por aquele dia. O dia em que você não precisará mais de fé, porque verá o próprio Senhor, é o clímax das Escrituras. "Contemplarão a sua face" (Ap 22.4). E naquele dia esta velha muleta da fé poderá ser abandonada, quando veremos o Senhor face a face.

Mas ainda não estamos lá. Ainda lutamos com os resultados do pecado de nossos primeiros pais. Naquele dia, a fé dará lugar à vista. Mas, por enquanto, estamos em um tempo diferente. Contudo, pela graça de Deus, este não é um tempo de desespero total. Ele nos dá sua Palavra e a fé. Estamos no dia da fé. Portanto, como nossos pais antes de nós, Noé e Abraão, os israelitas e os apóstolos, confiemos na Palavra de Deus.

O que tudo isto significa para nossas igrejas? Significa apenas que a pregação da Palavra tem de ser absolutamente central. Não deve causar surpresa ouvir que pregação correta e expositiva da Palavra é a fonte de crescimento da igreja. Estabeleça um bom ministério de pregação expositiva e veja o que acontece. Esqueça o que dizem os profissionais de crescimento de igreja. Observe pessoas famintas terem suas vidas transformadas, à medida que o Deus vivo fala com elas, por meio do poder de sua Palavra. Como ocorreu na experiência do próprio Martinho Lutero, essa atenção cuidadosa à Palavra de Deus é o caminho da salvação e, freqüentemente, o começo da reforma. Como Paulo disse: "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação" (1 Co 1.21).

A Palavra de Deus é a palavra que precisamos ouvir hoje. Vivemos em uma época estranha, quando os próprios cristãos que afirmam ser nascidos de novo e igrejas que se declaram evangélicas ignoram a Palavra de Deus.

Você trabalha em um serviço em que recebe muitas chamadas telefônicas? Você sabe que algumas daquelas chamadas nunca terão retorno. Sabe que de algumas delas pode obter retorno na semana ou no mês seguinte. Mas algumas daquelas chamadas possuem tal caráter, que você pensa na mensagem recebida e tem certeza de que precisa dar uma resposta imediata. E se o Senhor telefonasse para você? Penso que você atenderia sem demora. Creio que você ligaria em retorno.

Afirmamos que cremos na Bíblia como a Palavra de Deus, que Deus nos fala na Bíblia, mas a ignoramos com freqüência e a deixamos de lado, recusando-nos a gastar tempo pensando sobre ela. Em vez disso, nossas vidas estão absortas em coisas tais como ir jantar com um amigo, assistir à televisão, ler outros livros, exceto a Bíblia. Nenhuma destas coisas é má em si mesma. O que significa dizer que a Bíblia é a Palavra de Deus? Significa ouvi-la e dar-lhe atenção.

Tantas pessoas nestes dias estranhos, incluindo aqueles que dizem que a Bíblia é a Palavra de Deus, não têm a intenção de segui-la. Então, não deve ser surpreendente ouvir que 35% dos cristãos que professam ser nascidos de novo ainda estão procurando o significado da vida — este é o mesmo percentual dos não-cristãos. Que benefício traz pensar que você tem a Palavra de Deus, se não dá atenção a ela, se não a lê, não ora sobre ela e não vive sob a autoridade dela?

A pregação deve ter certo conteúdo, certa transparência na forma. As pessoas que ouvem a pregação devem saber que estão ouvindo a Palavra de Deus, e os membros da igreja devem encorajar os pregadores a fazer isso, devem orar por eles, procurar esse tipo de pregação e agradecer a Deus quando a encontra. É bom pregar a verdade, e pregá-la de tal modo que as pessoas vejam de onde procede a verdade. Isso, mais do que qualquer outra coisa, é o que necessitamos como cristãos.

O que torna uma igreja realmente boa?

É a mensagem pregada — a Palavra de Deus; ela faz isso muito mais do que estacionamento, bancos, programas, berçários, músicas e todas as outras coisas sobre as quais lhes perguntei no início, e mais até do que o próprio pregador. Porque "não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4).

A SEGUIR...

MARCA 2

Teologia Bíblica

O Deus da Bíblia é um Deus criador

O Deus da Bíblia é um Deus santo

O Deus da Bíblia é um Deus fiel

O Deus da Bíblia é um Deus amoroso

O Deus da Bíblia é um Deus soberano

DOIS

Teologia Bíblica



Fiz uma declaração a respeito de Deus em um seminário de doutorado. Bill respondeu com educação, mas com firmeza, que gostaria de pensar em Deus de maneira diferente. Por alguns minutos, ele nos fez um quadro de uma divindade agradável. Ele gostava de pensar que Deus é sábio, mas não intrometido; compassivo, mas não dominador; cheio de recursos, mas não frustrador de planos. Em conclusão, Bill disse: "Esta é a maneira como eu gosto de pensar sobre Deus".

Minha resposta foi, de algum modo, mais severa do que deveria ter sido. "Obrigado, Bill, por falar-nos tanto a respeito de si mesmo, mas estamos interessados em saber como Deus realmente é, e não em quais são os nossos desejos".

A classe ficou em silêncio, por um momento, enquanto considerava esse arroubo de indelicadeza de minha parte, mas também pensava no assunto. Fiz algumas apreciações em relação a Bill e retornamos à discussão sobre a natureza e caráter de Deus como revelados na Bíblia.

Como você acha que é Deus? Não estou perguntando como você *gostaria* que Deus fosse, e sim como você reconcilia o Deus do Natal como o Deus do grande julgamento do último dia? Qual é o seu entendimento a respeito de Deus e como Ele é? Para alguns de vocês, toda esta discussão parece desnecessária. Por que gastar tempo e energia considerando o que diferentes pessoas pensam a respeito de um Ser invisível?

Posso entender esse tipo de ceticismo que se sobrepõe à importância deste assunto. Apesar de nossa confissão religiosa nestes dias, quem pode contestar que, de muitas maneiras, as crenças religiosas parecem irrelevantes ao nosso mundo? Na televisão, vemos os católicos romanos bajulando o papa, enquanto ignoram seus ensinos a respeito de contraceptivos e aborto. Os Batistas do Sul, que costumavam ser conhecidos por reprovarem o sexo ilícito, as drogas e o rock — para que não levassem às danças, a bebedeira e aos jogos de azar — são agora retratados em uma

importante revista americana como os cristãos antinomianos que fizeram as pazes com a moralidade do tudo é permitido.

Esta falta de atenção à crença se encaixa, nos mínimos detalhes, na impaciência de nossa cultura. Na sociedade contemporânea, as crenças foram domesticadas. Não brigamos mais por causa delas. Não argumentamos a seu respeito. Nem mesmo nos preocupamos com elas. Parece-nos, afinal de contas, que essas muitas crenças são apenas modas passageiras ou expressões momentâneas de interesses e desejos pessoais. Os americanos criam religiões e uma miscelânea de credos — "Ah, já sei! Usarei um pouco de hinduísmo, um pouco de cristianismo, um pouco da religião de minha avó (não sei a que religião ela pertencia)" — e colocam tudo junto como sua religião única e individual. Hoje as pessoas crêem ser verdadeiro aquilo que elas *desejam* que seja verdadeiro.

As crenças seculares do cristianismo, crenças a respeito de tudo — desde a natureza de Deus até à moralidade — têm sido remodeladas e se tornaram insignificantes para inúmeras pessoas. Têm sido descartadas para tornar o cristianismo mais relevante, mais agradável, mais aceitável aos ouvintes de nossos dias.

Quão relevantes são as suas crenças para o seu viver diário? Quando se assentou pela última vez no banco da igreja, quão atento se mostrou às palavras das orações que você ouviu? Pensou nas letras dos cânticos que você entoou? E as palavras que ouviu das Escrituras? Você se importa com o ter sido verdadeiro ou não o que você disse e cantou na igreja?

O que realmente importa para você? Se eu freqüento uma igreja, sou amável, sinto-me encorajado, separo tempo para estar lá e até contribuo com dinheiro, o que importa se no fundo do coração eu não creio realmente em todas estas doutrinas que as pessoas comentam ao meu redor e que, talvez, até eu mesmo comente? Quão importantes são as crenças religiosas?

Até onde sei, meu único parente famoso é Samuel F. B. Morse, que inventou o código telegráfico que tem o seu nome. Sei que ele era o sobrinho da bisavó de meu pai. (E não me digam que os pais dele não tinham irmãos ou irmãs!) Em fevereiro de 1999, depois de ser usado por mais de noventa anos, o Código Morse foi abolido dos meios oficiais de comunicação para navios, dando lugar ao sistema de satélites. É necessário ter algum tipo de estrutura pelos quais os navios sejam guiados, quer seja a estrela Polar ou os satélites.

Essas estruturas são importantes, não apenas para os navios, mas também para nós como indivíduos e como igrejas. Precisamos ter o que os literatos chamam de "metanarrativa" — um significado. Não tem havido somente negligência, mas também hostilidade, em relação a esses significados abrangentes. Esta hostilidade não é uma coisa nova que surgiu com o pós-modernismo; ela tem existido por muito tempo. Há mais de cinqüenta anos, Karl Popper escreveu sua grande obra *The Open Society and Its Enemies* (A Sociedade Aberta e Seus Inimigos).[1] Ele dedicou o último capítulo exclusivamente a negar a idéia de que a história tem qualquer significado. Popper queria estimular as pessoas a não dizerem que a história tem um significado, porque ele estava convencido de que era perigoso alguém dizer isso. Popper sabia disso porque ele mesmo era um judeu austríaco que fugira da ocupação nazista em Viena. Os nazistas, assim como os marxistas, justificavam suas ações em termos do propósito que viam na história.

Quando eu pensava no livro de Popper e neste assunto da teologia bíblica — a teologia de toda a Bíblia — vi uma ironia demoníaca na reivindicação pós-moderna de que esses significados abrangentes nos oprimem. O vocábulo dos pós-modernistas para expressar isso é "totalizante", como na expressão "metanarrativas totalizantes". Com esses termos eles querem dizer que as metanarrativas nos oprimem por nos fazer ver tudo a partir do seu ponto de vista. Todavia, a história que Deus nos conta na Bíblia é uma história de libertação. Não é admirável o fato de que justamente a intenção de Deus de nos libertar — da nossa cultura — é chamada hoje de "metanarrativa" opressora? A metanarrativa de Deus não oprime — ela liberta!

No capítulo anterior consideramos a importância da pregação expositiva. Contudo, o nosso interesse não deve ser apenas a maneira como aprendemos, mas também — e isto é muito mais importante — aquilo que aprendemos. Devemos anelar por pastores que preguem com base na Palavra de Deus, mas devemos ouvir com muita atenção aquilo que ele diz e determinar se o que ele diz está ou não em harmonia com a Palavra de Deus. Precisamos não somente de alguém que reivindique pregar a Palavra, mas, sobretudo, de alguém que faça isso de modo substancial — cujos sermões estão em harmonia com o que a Palavra de Deus realmente ensina. Isto é especialmente importante no que diz respeito ao que aprendemos sobre a natureza e o caráter de Deus. Uma das principais características de uma igreja saudável é um entendimento bíblico de Deus, em seu caráter e sua maneira de lidar conosco.

Por conseguinte, neste capítulo procuraremos descobrir as principais linhas da grande história da Bíblia. Se pudermos ver e ouvir distintamente essas linhas, entenderemos com maior nitidez o Deus da Bíblia. Podemos resumir a grande linha histórica da Bíblia em apenas cinco palavras: isto é o que a Bíblia nos ensina a respeito de Deus: Ele é *criador*, é *santo*, é *fiel*, é *amoroso*, é *soberano*.

Ouça cada uma destas cinco verdades, enquanto consideramos a sua apresentação nas Escrituras. Veja se você pode imaginar a diferença que haveria, se qualquer delas não fosse verdadeira.

O Deus da Bíblia é um Deus criador

Primeiramente, começando onde a Bíblia começa, vemos que Deus é um Deus criador — Ele criou o mundo e um povo especial no mundo.

Às vezes, a Bíblia é apresentada como uma coletânea de sentimentos éticos elevados. Mas, quando as pessoas a descrevem dessa maneira, posso apenas supor que elas nunca a leram. Se você já leu a Bíblia, sabe que ela está cheia de história. A maior parte da Bíblia é uma longa história a respeito do que se passa com Deus e com o mundo que Ele criou. Sei que muitas pessoas se aborrecem com a história bíblica no momento em que a mencionamos, mas esta história é admirável. Começa com o nada, e este nada se torna alguma coisa. Isto é mais admirável do que podemos imaginar. Depois que o nada se torna alguma coisa, Deus faz a primeira criação inanimada. Em seguida, Ele cria a vida animal. E, finalmente, faz o homem e a mulher à sua própria imagem.

Encontramos a história do Jardim do Éden; depois, a história da queda. E, a partir desta, vemos as coisas entrarem em declínio. De Caim a Noé, tudo é desintegração. Em seguida, temos o dilúvio. E, depois de Noé, há desintegração novamente, até ao tempo da Torre de Babel.

Continuando, vemos Deus chamar Abraão. Aqui começa a história especial de Deus, criando um povo particular para Si mesmo. Depois de um breve tempo de prosperidade, Israel cai em séculos de escravidão. Então, há o êxodo, quando o povo recebe a lei e entra na terra prometida.

Há um tempo de confusão na época dos juízes; depois, o reino estabelecido sob o governo de Saul e Davi. Salomão, o filho de Davi, assume o trono depois da morte de seu pai; e, após Salomão, seu filho Roboão ocupa o trono. Em seguida, encontramos a nação divida em dois reinos, o do Norte e o do Sul. A idolatria se torna mais e mais comum. Por meio dos assírios, Deus acaba com o reino do Norte, em 722 a.C. E, depois de um pouco mais de cem anos, o reino do Sul, Judá, é destruído pelos babilônios. Assim, os hebreus foram exilados para a Babilônia, durante várias décadas, até que retornaram para Judá e reconstruíram Jerusalém e o templo.

É neste ponto que acaba o Antigo Testamento, relatando a história dos remanescentes dos israelitas, necessitados, dignos de compaixão, reduzidos à completa dependência.

Portanto, você percebe que o Antigo Testamento nos provê não de uma teologia desincorporada a respeito de Deus, não de uma lista de idéias filosóficas, mas sim de uma revelação específica e realista de como e quem Deus é.

Muitos de nós sabemos o que significa receber um resumo de um empregado em perspectiva. Uma coisa é considerar essa análise; outra coisa é trabalhar realmente com a pessoa. Esta é a razão por que os patrões exigem referências — saber como é interagir pessoalmente com esta pessoa. No Antigo Testamento Deus não nos deu apenas um resumo de algumas verdades abstratas a respeito de Si mesmo. Não. Temos um relato de como é viver realmente com Deus, o que significa conhecê-Lo e interagir com Ele. Nesta história, vemos muito do que significa ser o povo de Deus e como Ele é.

Precisamos entender a verdade do que a Bíblia nos apresenta a respeito de Deus e de nós mesmos. O ensino correto em nossas igrejas tem de incluir um compromisso claro com as doutrinas da Bíblia, ainda que essas doutrinas sejam freqüentemente negligenciadas. Se temos de aprender a sã doutrina, temos de concordar até com aquelas doutrinas que parecem difíceis ou que causam divisões, mas que são fundamentais para nosso entendimento de Deus. Você percebe que a teologia não é apenas uma atividade obscura, abstrata, acadêmica. A teologia bíblica é a marca de uma igreja saudável.

Em nossa breve consideração sobre Deus como criador, logo se torna evidente que Ele criou e escolheu uma nação específica como seu povo. Alguns podem argumentar que, ao fazer essa escolha, Deus foi, de certo modo, injusto. Existem vários problemas nesta argumentação. Primeiro, "injusto" não é uma qualidade que devemos aplicar a Deus. Segundo, ainda que esta fosse uma qualidade que admitíssemos quanto a Deus, espero que não sejamos aqueles que a aplicarão. Somos tão cheios de interesse próprio, que não podemos ser arrogantes a ponto de decidir quando Deus, o Criador, está sendo justo ou injusto.

A história relatada na Bíblia nos mostra com clareza que Deus é um Deus que cria e um Deus que elege. Ainda que não possamos entender plenamente tudo o que está envolvido nisto, é inegável que este é o ensino da Bíblia. Pode ter implicações que não entendemos por completo. Mas, se resolvermos que nossa salvação vem de Deus, e não de nós mesmos, isto terá grandes conseqüências.

Isto afeta a maneira como entendemos a Deus e a maneira como entendemos a nós mesmos.

Temos de reconhecer que Deus é o grande iniciador, o grande doador, o criador de seu povo, o autor de nossa fé. É assim que Deus é.

O Deus da Bíblia é um Deus santo

A Bíblia também nos apresenta com clareza a paixão de Deus pela santidade. O Deus da Bíblia é um Deus santo.

Se devemos entender toda a história da Bíblia, temos de entender não somente que Deus é um Deus criador, mas também que Ele não é um Deus moralmente indiferente, como algumas pessoas imaginam que Ele seja — como se houvesse criado o relógio e dado corda; depois, houvesse se retirado e deixado o relógio trabalhando sozinho. As coisas não ocorrem dessa maneira. Deus não está desinteressado de sua criação. Não. Quando lemos as passagens da Bíblia, percebemos que existe um Deus que tem paixão por santidade.

Quando nossa igreja celebra a Ceia do Senhor, ouvimos as palavras que Jesus disse: "Este é o cálice da nova aliança no meu sangue" (Lc 22.20). Esta linguagem da aliança procede do Antigo Testamento. Às vezes, os teólogos dizem que esta linguagem parece fria ou estéril, mas a idéia de uma aliança não é nada disso. Não é apenas um relacionamento legal. Quando lemos o Antigo Testamento, descobrimos que a linguagem de aliança é uma linguagem de relacionamento pessoal. Considere sua própria vida. Os compromissos de aliança que você fez são os mais importantes, profundos e amáveis de sua vida. O relacionamento conjugal, em especial, é um relacionamento de aliança no qual você se compromete diante de Deus a amar, cuidar e dar. E, quando a Bíblia nos fala sobre a paixão de Deus por santidade, ela o faz no contexto da aliança de Deus para conosco — no contexto de seu compromisso de ter um relacionamento conosco.

A paixão de Deus por santidade causa um problema, à medida que Ele procura um relacionamento conosco. Ao invés de sermos santos, nós, seres humanos, somos pecadores — mas, apesar disso, somos chamados a nos relacionar com um Deus santo. Todavia, para haver esse relacionamento, a expiação era necessária, porque precisávamos ser reconciliados com este Deus santo. Como pecadores, tínhamos nos separado de Deus; portanto, precisávamos ser reconciliados com Ele. De acordo com a Bíblia, cada pessoa é um pecador. Por isso, cada pessoa tem este problema: como eu posso relacionar-me com Deus?

Precisamos de reconciliação, porque o pecado nos separa de Deus (Pv 15.29: Is 59.2; Hc 1.13; Cl 1.21; Hb 10.27). De acordo com a Bíblia, todas as pessoas são pecadores (1 Rs 8.46; Sl 14.3; Pv 20.9; Ec 7.20; Mc 10.18; Rm 3.23) e, por si

mesmas, são incapazes de tratar de seu próprio pecado (Rm 3.20; Gl 2.16). E, visto que o pecado é uma quebra dos mandamentos divinos, precisa de reparação.

No Antigo Testamento, esta idéia de expiação está ligada aos sacrifícios, como o modo de Deus prover a reparação e restaurar nosso relacionamento com Ele. Isso não significa tentar propiciar um vulcão, semelhante ao que você já viu em algum filme ou leu em algum livro. Não é nada disso. A idéia do Antigo Testamento referente aos sacrifícios não envolve esforços humanos para conquistar o favor de Deus. Pelo contrário, o Antigo Testamento é a própria revelação de Deus ao seu povo, a revelação de como podemos conhecê-Lo, como podemos nos aproximar dEle, apesar de nosso pecado. O Deus vivo falou, provendo um meio de reconciliação.

A idéia de sacrifício parece inerente à Bíblia. Caim e Abel ofereceram sacrifícios. O cordeiro pascal (Ex 12) tinha de ser oferecido como um sacrifício. Não podia ter defeitos e devia ser imolado. O seu sangue marcaria as casas que Deus pouparia. A vida do primogênito (que representava toda a família) seria requerida. Deus havia dito: "Quando eu vir o sangue..." (Êx 12.13). O objetivo deste sacrifício era, sem dúvida alguma, a satisfação de Deus.

Encontramos a idéia de sacrifício repetidas vezes no livro de Levítico, ensinando ao povo que o pecado contamina; o pecado custa a vida, o pecado nos separa de Deus. Você pode ver isso até na construção do templo. Um Deus santo tem de ser separado de um povo pecador. Estes sacrifícios nos mostram que a santidade era necessária e que, devido ao fato de não termos santidade, precisávamos de algum tipo de expiação, algum tipo de reconciliação com Deus. Estes sacrifícios indicavam a restauração do relacionamento do povo com Deus. Todas as ofertas tinham de ser voluntárias, envolviam um custo do próprio ofertante, e eram acompanhadas de confissão de pecados, conforme a prescrição de Deus.

Existe uma distinção importante entre os sacrifícios bíblicos e os outros sacrifícios da antiguidade. Do ponto de vista bíblico, os sacrifícios não deviam ser oferecidos por aqueles que estavam agradecidos, e sim por aqueles que eram culpados. Não deviam ser oferecidos pelos ignorantes, mas por aqueles que estavam cientes dos sacrifícios. A vida da vítima, o animal, simbolizada no sangue, era exigida em lugar da vida do adorador humano, que era culpado. Os sacrifícios mostravam que o pecado é sério e custa a vida. Todas as ofertas tinham de ser voluntárias e envolver um custo — a propriedade do ofertante. Talvez Deus estivesse implantando, de modo simbólico, na mente de seu povo, a idéia de um ser inocente dado no lugar

do culpado. Essa foi a razão porque o templo foi projetado com a restrição de acesso ao Santo dos Santos, mostrando que o pecado obstrui o acesso ao Deus santo. Estes sacrifícios revelavam que a purificação era necessária e que o pecado é tão sério que a morte era necessária para expiá-lo — que a salvação e o perdão têm um custo.

Vemos que no dia da expiação Deus prescrevia um dia de jejum para todo o Israel. O dia da expiação centralizava-se numa oferta especial por toda nação. A oferta servia como lembre de que todas as outras ofertas regulares pelo pecado não expiavam completamente o pecado (ver Lv 16). O sumo sacerdote, como representante do povo, entrava no Santo dos Santos, um dia do ano, para achegar-se a Deus; e a expiação tinha de ser feita na própria presença de Deus. O sumo sacerdote levava o sangue do bode, a oferta pelo pecado (cf. Hb 9.7). Primeiramente, ele fazia expiação por si mesmo — porque ele mesmo tinha de estar purificado — e, depois, pelos pecados do povo. E, quando ele trazia o sangue ao Santo dos Santos, quem o podia ver? Somente Deus. O grande ensino deste sacrifício, da expiação, era como Deus se reconcilia conosco.

É particularmente interessante observar que o sacrifício da expiação era repetido todo ano. Outros povos entravam em frenesis sacrificais, sempre que imaginavam que as coisas não iam bem com eles. Mas Israel aprendeu, desde o inicio, que, não importando quão má ou quão boa era sua situação, eles tinham de fazer este sacrifício todos os anos — para lembrar que estavam continuamente em um estado de pecado, que o pecado separa o homem de Deus, que nunca poderiam oferecer um sacrifício perfeito e que Deus mesmo é quem provê o acesso a Ele, quando perdoa nossos pecados.

O que tudo isto significa para nós? Acho que isto suscita uma pergunta: que tipo de povo nós somos? Somos tão maus como este povo do Antigo Testamento que teve este sistema de sacrifícios estabelecido para si? O que você acha? As pessoas são basicamente más ou boas? Isso determinará sua maneira de pensar sobre o que a igreja precisa fazer. Se você pensa que as pessoas são intrinsecamente boas, então a igreja é apenas um lugar em que procuramos encorajamento e, talvez, o aprimoramento de nossa auto-estima. Precisamos apenas usar o bem que está em nós e desenvolvê-lo. Mas, se você pensa que algo está radicalmente errado com o ser humano, se pensa que estamos espiritualmente mortos, culpados diante de Deus e separados dEle, há algo diferente que as igrejas têm de fazer. Nesse caso, as igrejas precisam apresentar o evangelho com clareza. Precisam dizer às pessoas como achar o perdão de seus pecados e como achar vida nova.

"Faremos a igreja" de modo diferente, dependendo de como entendemos a Deus e a nós mesmos. Para sermos bíblicos, temos de saber que Deus é um Deus santo e que nós, por natureza, estamos mortos em delitos e pecados; permanecemos, com justiça, debaixo da condenação divina.

O Deus da Bíblia é um Deus fiel

Deus é o Deus criador, o Deus santo. Mas Ele também é o Deus fiel. Isto nos traz à pergunta que parece realmente ser o enigma do Antigo Testamento. Em Êxodo 34.6-7 lemos que o Senhor, ao falar com Moisés, disse algo sobremodo admirável, especialmente diante do que acabamos de considerar — que Deus é o grande criador que fez o mundo e que nosso pecado causou uma ruptura em sua criação. Levando em conta a paixão de Deus pela santidade, como tudo isto se harmoniza com o que Ele disse a Moisés, em Êxodo 34.6-7? O Senhor está revelando-se a Si mesmo e ao seu caráter, dizendo:

> Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniqüidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado...

Se você parar e considerar por um momento, as últimas duas afirmações parecem não se encaixar bem. Como pode ser isto? "Grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniqüidade, a transgressão e o pecado", mas "que não inocenta o culpado".

Se quisermos entender o Deus da Bíblia, temos de compreender esta passagem. Esta é a promessa de esperança para a redenção do povo de Deus. O retrato bíblico não é de um Deus impassível, de terrível condenação. Deus é santo e justo em compromisso inabalável de punir e se opor ao pecado, mas também fiel às suas promessas. Durante a história, Ele planejou e prometeu revelar sua glória ao seu povo. E o fez. Mas, como o Senhor poderia perdoar a iniqüidade e, como Ele afirma nesta passagem, não inocentar o culpado? Qual é a resposta desse mistério?

A resposta desse mistério não estava nestes israelitas, mas em Deus e em sua promessa — particularmente, em sua pessoa prometida. No Antigo Testamento, vemos que a esperança exigia um sacrifício expiatório, uma propiciação para satisfazer a ira justa de Deus. Vemos que era exigida uma substituição de sofrimento e morte do inocente que receberia a punição merecida do culpado. E parecia exigir algum tipo de relacionamento entre o ofertante e a vítima.

No tempo de Cristo, as pessoas não ficavam se perguntando se o Messias viria ou não. Elas estavam certas disso. Usando os primeiros capítulos de cada evangelho, podemos dizer que as pessoas aguardavam um Messias, pois o Ungido que o

Senhor prometera viria. O Senhor havia dito por meio de Moisés que suscitaria "um profeta" (ver Dt 18.15-19). Mas, quando este profeta veio, pegou todos de surpresa, porque Ele — Jesus — se apresentou não apenas como cumprimento das profecias reais sobre o Messias (com as quais todos se sentiam felizes), mas também como um Sofredor, alguém que viera para ser rejeitado e sofrer em lugar de seu povo. Ele uniu as profecias do Messias como Rei com as outras profecias do Messias como aquele que sofreria em lugar de seu povo. Ele uniu esses dois padrões de profecia.

De fato, tanto o Antigo como o Novo Testamento nos ensinam que este Messias real, sofredor é nossa única esperança. Jesus resolve o enigma de Êxodo 34. Ele revela como Deus pode perdoar nossa impiedade e, ao mesmo tempo, punir o culpado.

No âmago de nossa compreensão de Jesus Cristo, está nosso entendimento do que Ele veio fazer. Ele veio como Aquele por meio de quem você e eu podemos ter um novo relacionamento com Deus. Aquele que o povo de Deus havia esperado veio ao mundo. Enquanto Adão e Israel falharam e se mostraram infiéis, Jesus venceu as tentações, sem pecar. Ele é o profeta prometido por Moisés, o rei prefigurado por Davi e o "Filho do Homem", de Daniel 7. Tudo isto veio em Jesus de Nazaré. Ele era a Palavra de Deus "em carne". Era o nosso substituto prefigurado. Era o Cordeiro de Deus, imolado em favor de seu povo.

Jesus era o cumprimento fiel das promessas de Deus. O nosso Deus criador e nosso Deus santo é também um Deus admiravelmente fiel.

O Deus da Bíblia é um Deus amoroso

Intimamente ligado à idéia da fidelidade de Deus, está o fato de que Ele é um Deus de amor, que tem um amor especial pelo povo da aliança. Deus nos fez para refletir sua imagem. Deus nos fez para viver em aliança com Ele. Então, como pode o Senhor perdoar a iniqüidade e não inocentar o culpado? É claro que a resposta se acha em Jesus. Ele é aquele que, embora não fosse culpado em Si mesmo, assumiu a nossa culpa e foi punido por causa dessa culpa. Isto é o que Jesus ensina aos seus discípulos em Lucas 24:

> E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras... Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém (vv. 27, 45-47).

"Assim está escrito" — isto é o que o Senhor profetizou — que Ele mostraria seu amor ao seu povo desta maneira especial. Lembre a famosa profecia de Isaías 53:

> Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos (vv. 4-6).

Isso foi o que Cristo fez em seu amor! Conforme Ele ensinou aos seus discípulos, "o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10.45).

Paulo também descreveu a Cristo como Aquele que

> subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz (Fp 2.6-8).

No terceiro dia, Ele ressuscitou dentre os mortos. E seus discípulos, cheios do Espírito Santo, começaram a pregar. No primeiro sermão cristão, Pedro disse:

> Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela (At 2.22-24).

No Novo Testamento, vemos que Deus cumpre todas as suas promessas, por causa de seu amor pactual por seu povo. E, se somos cristãos hoje, isto acontece porque Deus continua agindo assim. Ele continua a manter e cumprir suas promessas.

O que significa se tornar parte do povo da aliança de Deus para ser um cristão? O que acontece quando alguém se torna um cristão? É apenas uma questão de fazer uma decisão? É somente uma questão de proferir certa oração? E o arrependimento? Precisamos nos arrepender? Precisamos crer? Se nos arrependemos e cremos, como podemos ter feito isso, se, de fato, somos tão maus quanto as Escrituras dizem que somos? Se estamos mortos em nossos pecados e ofensas, como pudemos arrepender-nos e crer repentinamente?

Em última análise, tudo isso se deve a Deus e não a nós mesmos. A realidade de nossa salvação tem de nos mostrar algo bem importante a respeito de Deus. Como o apóstolo João escreveu: "Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1 Jo 4.10, 19).

O Deus da Bíblia é um Deus de amor maravilhoso!

O Deus da Bíblia é um Deus soberano

Finalmente, vemos que Deus é um Deus soberano e que, em sua soberania, toda a criação será envolvida em seu amor renovador.

Os cristãos costumam fazer a oração do Pai Nosso: "Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6.10). Você já se perguntou o que isto significa?

Algumas pessoas limitam suas esperanças ao presente, às coisas que podem prometer e cumprir com suas próprias forças e poder — coisas das quais eles sabem que podem assegurar-se. Não querem colocar seu coração em nenhuma outra coisa. Querem ser bastante cuidadosos e prudentes com seu próprio coração. Já se queimaram muitas vezes. Não permitirão novamente que sua confiança corra atrás de alguma promessa cujo cumprimento não se pode assegurar.

Mas o cristianismo não é isso. Nós, cristãos, sempre tivemos uma esperança que vai além de nós mesmos e excede o que podemos fazer por nossas próprias forças. Pedro escreveu: "Nós... segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2 Pe 3.13). Isto aponta para o cumprimento final daquela primeira esperança da Bíblia — a esperança de que todo o mundo será colocado em ordem, visto que o plano soberano de Deus se estende de Cristo ao povo da aliança, bem como à própria criação.

Achamos esta esperança até no final da Bíblia. O livro de Apocalipse repete algumas profecias do Antigo Testamento, mas com algumas mudanças. O Apocalipse é apresentado como a consumação do plano de Deus para ter um povo em relacionamento correto com Ele. Quando a igreja militante se torna a igreja triunfante, os céus e a terra são criados de novo (Ap 21.1-4; 21.22-22.5). Vemos o clímax do cumprimento de todas as promessas de Deus a seu povo. A santidade do povo de Deus é consumada. Finalmente, o povo de Deus é verdadeiramente santo e está com Ele. O Jardim do Éden é restaurado. A presença de Deus está outra vez com seu povo. A santa cidade (Ap 21.2) tem a forma de um cubo, à semelhança do Santo dos Santos, no Antigo Testamento, onde estava a presença de Deus — mas agora inclui todo o seu povo, de todos os tempos e lugares. Todo o mundo se torna o Santo dos Santos.

Estas são as grandes novas que, como cristãos, temos de oferecer. Esta é a nossa visão do futuro — não porque raciocinamos e chegamos a esta conclusão; não

porque um comitê, em algum lugar, a definiu; não porque é a nossa resposta ao que desejaríamos que fosse, como no caso de meu amigo Bill — mas porque isto é o que Deus revelou.

Em nosso tempo de espera, é apropriado que o Novo Testamento termine com este livro. O livro de Apocalipse não foi escrito por alguém que estava no topo do mundo, que podia ver a chegada do reino de Deus, porque se tornara rico e estava certo de que a felicidade de todos estava a caminho. Não, o livro de Apocalipse foi escrito por um ancião cuja vida estava quase acabando. Ele estava no exílio, completamente desamparado e dependente, mas cheio de esperança em um Deus soberano, porque sabia que, não importando quem se assentasse no trono, em Roma, tal pessoa não decidiria os acontecimentos do mundo. Ele sabia que havia um Deus assentado no céu que cumpriria todas as suas promessas. João podia ficar na ilha de Patmos cheio de esperança, pois sabia como Deus é.

Este tipo de teologia bíblica é prática. Ela faz a diferença. As promessas de Deus a respeito de toda a terra se enchendo do conhecimento do seu criador serão cumpridas em sua nova criação. O Deus da Bíblia faz promessas e as cumpre de modo soberano.

Você percebe a importância disto? Deus completa seus propósitos. Ele cumpre suas promessas. Precisamos saber que Deus continuará a cuidar de nós, seus filhos, e que seu cuidado permanente se fundamenta não em nossa fidelidade, e sim na fidelidade dEle. Talvez seja mais estimulante sair por aí e imaginar que o mundo é um grande conflito entre as forças das trevas e as forças da luz. E, certamente, há realmente forças do mal contra as quais nós, cristãos, nos levantamos no mundo e em nossos corações. Mas o resultado não depende de nosso empenho. Nosso Deus é um Deus soberano. João, o autor de Apocalipse, tinha esperança, não porque sabia o que *ele mesmo* faria, e sim porque sabia o que *Deus* faria.

Estes assuntos não são apenas para teólogos eruditos ou jovens estudantes de seminário. São importantes para cada um de nós, cristãos. O que você pensa sobre Deus causa impacto em seu viver e no que você deseja que sua igreja seja. Você precisa ter um entendimento bíblico a respeito de Deus.

Aqueles que dentre nós são pastores precisam saber, de modo especial, estas coisas. Se mudássemos nossos pensamentos concernentes a qualquer destes atributos de Deus, mudaríamos a maneira de realizar nosso trabalho; pastorearíamos de modo diferente. A fidelidade às Escrituras exige que falemos sobre estes assuntos com clareza e autoridade. Nada entenderíamos sobre a Bíblia,

se não entendêssemos o Deus a respeito do qual ela fala. O próprio Deus é a mensagem da Bíblia. O que Ele revela sobre Si mesmo nos proporciona o meio de entendermos todas as outras coisas.

Nosso entendimento do que a Bíblia ensina a respeito de Deus é crucial. Temos visto que o Deus apresentado na Bíblia é criador, santo, fiel, amável e soberano. Esta última qualidade, a soberania de Deus, tem sido, por alguma razão, negada freqüentemente, mesmo na igreja. Mas temos de ser bastante cuidadosos neste ponto. Para os que declaram ser cristãos, resistir à idéia da soberania de Deus na criação ou na salvação significa realmente flertar com o paganismo religioso. Muitos cristãos têm perguntas honestas concernentes à soberania de Deus. Mas uma negação constante e ousada da soberania de Deus deve nos preocupar. Batizar uma pessoa que se opõe à soberania de Deus pode significar o batismo de alguém que, em seu coração, ainda não está disposto a confiar em Deus. Essa é realmente a questão central no que diz respeito à soberania de Deus. Estamos dispostos a confiar em Deus? Estamos prontos a reconhecer, finalmente, que não somos Deus? Que não somos o Juiz? Que não somos capazes de dizer o que é justo ou injusto? Estamos dispostos a colocar toda a nossa vida nas mãos de Deus e confiar verdadeiramente nEle? Isto é o que está em discussão neste assunto da soberania de Deus.

Essa resistência é muito perigosa para a vida espiritual de qualquer cristão; porém, ela é ainda mais perigosa para aquele que lidera uma igreja. Designar como líder uma pessoa que duvida da soberania de Deus ou que não entende corretamente o ensino da Bíblia sobre este assunto — isto significa colocar como exemplo uma pessoa que, em seu próprio coração, pode estar profundamente indisposta a confiar em Deus. Isso prejudicará a igreja, quando seus membros tentarem confiar juntos no Senhor.

Temos de compreender a Deus por meio de sua própria revelação, não por meio de nossas intuições, ou de nossos desejos, ou por meio do que gostamos de pensar sobre Ele. Hoje falamos freqüentemente da obra do Espírito Santo em termos de marketing e da evangelização como se fosse propaganda. Alguns falam do próprio Deus como se Ele fosse feito à imagem do homem, e não o contrário.

Se haveremos de ser uma igreja saudável, temos de ser especialmente cuidadosos em orar pelos líderes das igrejas, para que tenham uma compreensão bíblica e uma confiança experimental na soberania de Deus. A sã doutrina, em sua glória completa e bíblica, é uma marca de uma igreja saudável.

Os desapontamentos têm seu propósito. A frustração de nossos planos tão estimados geralmente são passos que nos levam a encontrar o verdadeiro Deus e o bem que Ele tem para nós. A Bíblia está cheia de histórias assim. As esperanças de Israel quanto ao Messias o trouxeram repetidas vezes à necessidade de confiar plenamente em Deus. O "espinho na carne" de Paulo o levou a ser usado por Deus, a confiar nEle, a descansar nEle e a perceber, assim, que Deus era digno de confiança, de um modo que ele nunca teria percebido, se não tivesse o espinho.

E isso também se aplica a nós. Espiritualmente, estamos em grande perigo quando pensamos que tudo está bem. Precisamos saber que Deus é totalmente justo em nos condenar e que, em Cristo, Ele nos ofereceu outro destino, se confiarmos não em nossa justiça, não em nossa bondade, não em nossos méritos, mas em Cristo, tão-somente em Cristo. É dessa maneira que encontramos a paz com Deus.

Se somos sinceros, sabemos que essa confiança não é nossa tendência natural. Apegamo-nos, com toda a nossa força, ao que temos neste mundo, como se isso fosse durar para sempre. Mas nada do que possuímos em nossa vida permanecerá para sempre no estado em que se encontra agora.

No parágrafo final do último livro da série *As Crônicas de Nárnia*, C. S. Lewis escreveu:

> E, à medida que Ele [Aslam] falava, já não lhes parecia mais um leão. E as coisas que começaram a acontecer a partir daquele momento eram tão lindas e grandiosas que não consigo descrevê-las. Para nós, este é o fim de todas as histórias, e podemos dizer, com absoluta certeza, que todos viveram felizes para sempre. Para eles, porém, este foi apenas o começo da verdadeira história. Toda a vida deles neste mundo e todas as suas aventuras em Nárnia haviam sido apenas a capa e a primeira página do livro. Agora, finalmente, estavam começando o Capítulo Um da Grande História que ninguém na terra jamais leu: a história que continua eternamente e na qual cada capítulo é muito melhor do que o anterior.[2]

Se você é um filho de Deus, a conclusão que Ele tem como desígnio para você é extraordinariamente boa. Como disse o apóstolo João: "Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" (1 Jo 3.2). O apóstolo Paulo, pensando sobre estas mesmas coisas, irrompeu em doxologia: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!" (Rm 11.33.)

Este é o Deus da Bíblia — o Deus criador, santo, fiel, amoroso e soberano. De fato, toda a mensagem da Bíblia diz respeito a este Deus. Ela nos fala sobre as promessas feitas e cumpridas por este Deus. Na Bíblia, Deus nos chama a responder-Lhe confiando nEle e em sua Palavra.

Na Bíblia, vemos Deus nos dando sua Palavra — suas promessas — e Lhe respondemos confiando nEle — assim como Adão e Eva *não o fizeram* no Jardim do Éden; assim como Jesus *o fez* em toda a sua vida, especialmente no Jardim do Getsêmani. E, à medida que ouvimos e cremos na Palavra de Deus, começamos a desfrutar, novamente, daquele relacionamento para o qual Deus nos criou. Este é o Deus em quem podemos e devemos confiar, porque sua Palavra não nos desapontará. Ele é todo o assunto da Bíblia.

Você confiará nEle? Você crerá nEle?

MARCA 3

O Evangelho

As boas novas não são apenas que tudo está bem conosco

As boas novas não são apenas que Deus é amor

As boas novas não são apenas que Jesus quer ser nosso amigo

As boas novas não são apenas que devemos viver corretamente

Arrependimento

Fé

TRÊS

O Evangelho



Notícias são um bom negócio nesses dias. Os sociólogos têm apelidado a poderosa elite emergente dos Estados Unidos de "a classe da informação", porque a informação é, aparentemente, uma mercadoria muito valiosa. E esta mercadoria é mais difundida agora do que jamais o foi. As notícias são apresentadas pelas redes de televisão (por radiodifusão ou cabo), durante vinte e quatro horas; pelos periódicos dedicados a notícias e pelos quase 12.000 jornais, isso sem falar na internet, que nestes dias permite que milhões de pessoas saibam de um fato antes que os principais jornais ou redes de televisão o noticiem em primeira mão.

As notícias parecem vitais, não somente para aqueles que obtêm delas o seu salário, mas também para aqueles que passam sua vida consumindo-as. Nas notícias, aprendemos a respeito de tudo, desde eleições presidenciais a fechamento de indústrias; desde catástrofes recentes a tendências importantes. Algumas pessoas são tão dependentes de notícias que nos perguntamos se elas sobreviveriam sem notícias. Quantas pessoas que condenaram os escândalos políticos recentes em Washington teriam deixado seus televisores ligados o dia inteiro, se pudessem ter feito isso?

Freqüentemente, temos este senso de necessidade de nos mantermos atualizados com as últimas notícias. Em dias recentes, estando em um avião, assentei-me atrás de um passageiro que está muitas vezes nos noticiários. Ele devorava o jornal, lendo uma história a respeito de si mesmo! Tinha de saber o que estava acontecendo; isso é compreensível. Profissões estão em alta ou em baixa à medida que a informação é aprendida e disseminada. Para algumas pessoas, o manterem-se atualizadas com as notícias parece tão essencial quanto o alimentarem-se. Por isso, devoram os jornais regionais, nacionais e quaisquer outros nos quais elas se interessem. Para elas, o ser envolve o saber. Conforme observou Os Guinness, "a busca por relevância se torna a principal fonte de superficialidade, ansiedade e esgotamento". (Alguém já disse: "O inferno estará cheio de jornais com novas edições a cada trinta segundos, de modo que ninguém jamais se sentirá superado".)[1]

Mas, o que podemos fazer quando "todas as notícias que convém publicar" (um expressão obsoleta) continuam a chegar até você num volume e freqüência incessante?

É claro que a exatidão é o único atributo dos jornais que é mais importante do que a velocidade. Portanto, deve ter sido com horror sincero que o editor de um jornal inglês, de mais de cem anos atrás, ao abrir seu jornal, publicado e distribuído, encontrou nele a mais involuntária e embaraçosa mistura tipográfica de duas histórias: uma referia-se à morte de um porco e uma máquina de fazer lingüiça, a outra, ao clérigo local, o Rev. Dr. Mudge, que estava sendo presenteado com uma bengala de castão de ouro. Uma parte da famosa história mesclada dizia o seguinte:

> Vários dos amigos do Rev. Dr. Mudge o chamaram ontem, e, depois de uma conversa, o porco inocente foi apanhado pelas pernas traseiras e descido por uma corda, até que chegou ao tanque de água quente... Então, ele veio para frente e disse que havia épocas em que os sentimentos dominavam uma pessoa e, por essa razão, ele não tentaria fazer nada além de agradecer aos que estavam ao seu redor pela maneira como o grande animal foi cortado em pedaços, o que foi simplesmente admirável. O doutor concluiu suas observações, quando a máquina o apanhou, e, em menos tempo do que o necessário para escrever isso, o porco foi cortado em fragmentos e transformado em uma deliciosa lingüiça. A ocasião será lembrada por muito tempo pelos amigos do doutor, como uma das mais prazerosas de suas vidas. Os melhores pedaços do porco podem ser comprados ao preço de dez centavos a onça, e estamos certos de que aqueles que, durante muito tempo, têm sido abençoados pelo ministério do doutor se regozijarão com o fato de que ele tenha sido tratado de maneira tão amável.

Talvez você pense que, ao dirigir-se à igreja, no domingo pela manhã, em vez de ficar em casa, assistindo à televisão, decidiu lidar com sua alma, e não com o noticiário. Mas o cristianismo tem a ver com notícia. Na verdade, o cristianismo é boa nova — as melhores boas novas que o mundo já ouviu. Embora essas notícias sejam mais importantes do que a história do Dr. Mudge e a máquina de matar porcos, elas também podem se tornar desorganizadas e confusas. Com muita freqüência, essas boas novas se tornam um revestimento finíssimo colado superficialmente sobre os valores de nossa cultura, sendo moldados e conformados aos contornos de nossa cultura, e à verdade de Deus.

Esta idéia de boas novas, por favor, entenda, não era uma invenção posterior do cristianismo. Jesus mesmo falou sobre as boas novas. E, ao falar nestes termos, Jesus retornou à linguagem de Isaías, usada centenas de anos antes (Is 52.7; 61.1). O que quer que seja que Jesus tenha dito em aramaico, os cristãos e os próprios apóstolos

gravaram a afirmação dEle usando a palavra grega *euangelion* — literalmente, boas novas.

O que são exatamente estas boas novas? Neste estudo, queremos contar corretamente a história; queremos obter as notícias certas. Se você tiver de concordar com apenas um capítulo deste livro, este é provavelmente o capítulo com o qual você tem de concordar — as boas novas da Bíblia. Se você der uma olhada no Sumário, perceberá que os próximos três capítulos se relacionam à salvação, vistos de um ângulo um pouco diferente. No capítulo 5 (Marca 5), veremos como devemos contar aos outros esta grande mensagem que nos mudou. Neste capítulo, queremos considerar a própria mensagem. Qual é a mensagem de Cristo, as boas novas que nós, cristãos, temos de proclamar?

O que são as boas novas? Elas são que "eu estou bem"? Ou, que Deus é amor? Ou, que Jesus é meu amigo? Ou, que devo me endireitar e começar a viver corretamente?

O que são as boas novas de Jesus Cristo?

As boas novas não são apenas que tudo está bem conosco

Você deve conhecer o título daquele livro que é muito conhecido, de trinta anos atrás, *I'm O.K., You're O.K.* (Eu Estou Bem, Você Está Bem.) Algumas pessoas parecem imaginar que o cristianismo é uma sessão de terapia religiosa, na qual nos assentamos e procuramos ajudar uns aos outros a nos sentirmos melhor a respeito de nós mesmos. Os bancos são divãs, o pregador faz perguntas, e o texto a ser exposto é o próprio ego do ouvinte. Mas, depois de havermos sondado as profundezas de nossa alma, por que ainda continuamos a nos sentir vazios? Ou sujos? Existe algo a respeito de nós e de nossa vida que está incompleto ou mesmo errado?

Lembro que ouvi Loretta Lynn dizer, chorando, em uma entrevista na CNN (em abril de 1998), logo depois que faleceu sua amiga íntima Tammy Wynette: "Por que morrem as pessoas que eu amo?"

Sim, por quê? Essa é uma ótima pergunta. A Bíblia rejeita completamente a idéia de que estamos bem, que a condição do homem é excelente, que todas as pessoas têm apenas necessidade de aceitar sua condição presente, sua finitude, sua limitação, suas imperfeições, ou que precisamos somente ver o lado brilhante das coisas.

A Bíblia nos ensina que em nossos primeiros pais, Adão e Eva, todos nós fomos seduzidos a desobedecer a Deus. Portanto, não somos justos nem estamos em um bom relacionamento com Deus. Na verdade, de acordo com Jesus, nosso pecado é tão sério que precisamos de uma vida nova (Jo 3); e, de acordo com Paulo, precisamos ser criados de novo (1 Co 15), porque estamos mortos em nossos delitos e pecados (Ef 2). "Delitos" é outra palavra que significa "pecado", descrevendo-o no sentido de transpor um limite. Em nossa época, Michael Foucault viveu, assim como Marquês de Sade antes dele, para transpor os limites. Alguns afirmaram que Foucalt, havendo contraído o vírus da Aids, procurava contaminar outros. Os banheiros públicos de São Francisco se tornaram os lugares onde Foucault transpunha os limites não somente no que se refere à sexualidade, mas também no que diz respeito à própria vida.[2]

Nossas transgressões pessoais talvez não pareçam tão ousadas ou ofensivas, mas são letais para nosso relacionamento com Deus. Tiago nos lembra:

> Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos. Porquanto, aquele que disse: Não adulterarás também ordenou: Não matarás. Ora, se não adulteras, porém matas, vens a ser transgressor da lei (Tg 2.10-11).

Paulo diz que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). E, em Tiago 2, podemos obter melhor compreensão desta verdade. Podemos ver algo da seriedade de cada pecado. A ênfase de Tiago é que as leis de Deus não são apenas estatutos externos, aprovados e publicados por um congresso no céu; pelo contrário, as leis de Deus refletem seu caráter. Elas são uma expressão do próprio Deus. Portanto, transgredir qualquer das leis de Deus significa viver contra Deus — viver em oposição a Deus.

Quero explicar isso usando um exemplo do casamento. Suponhamos que minha esposa peça-me que vá à loja e compre algumas coisas, mas, em vez disso, eu compro deliberadamente várias outras coisas. Não é um engano de minha parte; eu deixei de trazer voluntariamente o que eu deveria e trouxe coisas que eu não deveria trazer, omitindo outras coisas de minha lista. O que aconteceria neste caso? Creio que o que acontecerá tem pouco a ver com qualquer item individual que eu não comprei. Minhas atitudes diriam algo a respeito do assunto mais abrangente e profundo do relacionamento com minha esposa?

Isto também se aplica ao nosso relacionamento com Deus. Não podemos apenas dizer: "Bem, quebrei apenas dezessete dos mandamentos de Deus nesta semana. Isso não é tão mau". Não, a questão é: o que isso demonstra a respeito de nosso relacionamento com Deus, se conscientemente desconsideramos sua lei? O que está acontecendo entre nós e Deus?

A Bíblia apresenta Deus não somente como nosso criador passivo, mas também como Aquele que nos ama intensamente. Ele quer *tudo* de nós. Pensar que, às vezes, podemos desconsiderá-Lo, deixar de lado a Ele e aos seus caminhos, quando isso nos convém, significa mostrar que não entendemos toda a natureza de nosso relacionamento com Deus. Não podemos dizer que somos cristãos e, ao mesmo tempo, quebrar de modo consciente, alegre e repetitivo a lei de Deus.

Mas este é, de fato, o estado em que nos encontramos. Temos cruzado os limites que Deus estabeleceu com retidão para as nossas vidas. Temos contrariado tanto a letra como o espírito de sua lei. Não somente nos sentimos culpados, *somos* realmente culpados diante dEle. Não temos apenas conflito em nosso íntimo, *estamos* em conflito com Deus. Quebramos freqüentemente as leis de Deus, porque, como Paulo nos recorda, somos mortos em delitos e pecados (Ef 2). A

epístola aos Romanos, no Novo Testamento, começa com uma argumentação a respeito deste dilema. No capítulo 1, Paulo demonstra, com clareza, como os gentios têm pecado. As pessoas de todas as nações têm pecado e transgredido as leis de Deus, diz Paulo. Mas, em seguida, para que os leitores judeus não começassem a se sentir justos, Paulo deixa evidente no capítulo 2 o fato de que os judeus também têm pecado. De fato, no meio do capítulo 2, Paulo deixa claro que, na realidade, todos aqueles que afirmam saber distinguir o certo e o errado devem conhecer-se a si mesmos de modo suficiente para reconhecer que têm pecado. Por isso, no capítulo 3, Paulo traça a conclusão óbvia:

> Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado; como está escrito:
>
> Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos, há destruição e miséria; desconheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos.
>
> Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado (Rm 3.9-20).

Tudo isso parece bastante cruel para estar, de algum modo, relacionado àquilo que chamamos de "boas novas". Mas, não há dúvida de que uma compreensão exata da situação em que estamos é fundamental para que cheguemos onde precisamos estar. Um dos primeiros estágios de tornar-se um cristão envolve a compreensão de que nossos problemas fundamentais não são que bagunçamos a nossa própria vida ou que não compreendemos nosso próprio potencial, e sim que temos pecado — não primariamente contra nós mesmos, e sim contra Deus. Por causa disso, agora começamos a perceber que somos, com justiça, o objeto da ira de Deus, do seu juízo — que merecemos a morte, a separação de Deus, espiritualmente alienados dEle, agora e para sempre.

Isso é o que os teólogos têm chamado de depravação. É o estado de morte que merece a morte. Mas, você percebe que todas estas coisas erradas são bastante trágicas? São pecados cometidos contra o Deus perfeito, santo e amável. São pecados cometidos por criaturas feitas à imagem dEle.

O verdadeiro cristianismo é realista quanto ao lado obscuro de nosso mundo, nossa vida, nosso coração. No entanto, o verdadeiro cristianismo não é pessimista por completo ou moralmente apático, encorajando-nos apenas a assentar-nos e aceitar a verdade a respeito de nosso estado decaído. Não, as boas notícias que nós, cristãos, temos de anunciar, não é somente que nossa depravação é sobremodo abrangente, mas também que os planos de Deus para nós são maravilhosos — porque Ele sabe para o que nos criou.

Quando começamos a compreender isso, nos tornamos agradecidos pelo fato de que o cristianismo não é uma mensagem que anestesia as dores de nossa vida, uma mensagem que nos desperta para esta vida e que nos ensina a viver bem. A mensagem de Jesus Cristo nos ensina a viver com um anseio por transformação, uma fé crescente, uma esperança firme e segura quanto ao que há de vir. O evangelho não é uma mensagem que nos diz que estamos bem.

As boas novas não são apenas que Deus é amor

Outras vezes, podemos apenas ouvir o evangelho apresentado como a mensagem de que "Deus é amor". Isto se parece com o título de uma notícia do *News-Press*, de Stillwater, no estado de Oklahoma: "O clima frio faz a temperatura cair". Bem, isso pode ser notícia em Oklahoma, mas, ao ler essa afirmação, alguém pode indagar se alguma coisa não foi omitida. A Bíblia afirma realmente que "Deus é amor" (1 Jo 4.8), mas, essa é toda a história?

Se você é um pai, talvez já teve a experiência de ordenar a seus filhos que não fizessem algo, apenas para que eles lhe respondessem: "Se você me ama, me deixará fazer isso". Como adultos, sabemos que o amor nem sempre deixa os filhos fazerem o que querem. De fato, às vezes o amor previne e, às vezes, pune. Portanto, quando dizemos: "Deus é amor", o que pensamos sobre o amor divino?

Além disso, amor é tudo o que a Bíblia diz que Deus é? A Bíblia não diz que Deus é Espírito? Como um Espírito ama? A Bíblia não diz que Deus é santo? Como um Espírito Santo ama? A Bíblia não diz que Deus é único e que não há ninguém semelhante a Ele? Como sabemos as respostas a estas perguntas, se Deus mesmo não as disser para nós?

No último capítulo, vimos como Deus se apresenta na Bíblia como um Deus amoroso, bem como Deus criador, santo, fiel e soberano. Considere esta passagem da Confissão de Westminster, que reúne o ensino bíblico sobre Deus:

> Há um só Deus vivo e verdadeiro, o qual é infinito em seu ser e perfeições. Ele é um espírito puríssimo, invisível, sem corpo, membros ou paixões; é imutável, imenso, eterno, incompreensível, - onipotente, onisciente, santíssimo, completamente livre e absoluto, fazendo tudo para a sua própria glória e segundo o conselho da sua própria vontade, que é reta e imutável. É cheio de amor, é gracioso, misericordioso, longânimo, muito bondoso e verdadeiro remunerador dos que o buscam e, contudo, justíssimo e terrível em seus juízos, pois odeia todo o pecado; de modo algum terá por inocente o culpado.
>
> Deus tem em si mesmo, e de si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança. Ele é todo suficiente em si e para si, pois não precisa das criaturas que trouxe à existência, não deriva delas glória alguma, mas somente manifesta a sua glória nelas, por elas, para elas e sobre elas. Ele é a única origem de todo o ser; dele, por ele e para ele são todas as coisas e sobre elas tem ele soberano domínio para fazer com elas, para elas e sobre elas tudo quanto quiser. Todas as coisas estão patentes e manifestas diante dele; o seu saber é infinito, infalível e independente da criatura, de sorte que para ele nada é contingente ou incerto. Ele é santíssimo em todos os seus conselhos, em todas as suas obras e em todos os seus preceitos. Da parte dos anjos e dos homens e de qualquer outra criatura lhe são devidos todo o culto, todo o serviço e obediência, que ele há por bem requerer deles.

> Na unidade da Divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade - Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo, O Pai não é de ninguém - não é nem gerado, nem procedente; o Filho é eternamente gerado do Pai; o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho.[3]

Este é o Deus que se revela a si mesmo na Bíblia. Estas afirmações da Confissão de Westminster falam de várias outras qualidades, além do amor. Elas nos dizem, por exemplo, que Deus exige santidade de todos os que desejam ter um relacionamento de amor com Ele. Conforme a Bíblia diz: "Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14).

É somente no contexto desse entendimento sobre o caráter de Deus, de sua justiça e perfeição que começamos a entender a profundidade do significado de uma afirmação como "Deus é amor". Quando contemplamos a grandeza de Deus, começamos a entender que seu amor possui uma consistência, uma plenitude e uma beleza tal que, em nosso estado atual, podemos apenas admirar.

O evangelho não é apenas a mensagem de que Deus é amor.

As boas novas não são apenas que Jesus quer ser nosso amigo

Outras vezes, o evangelho é apresentado apenas como a mensagem de que "Jesus quer ser nosso amigo" ou de que Ele quer ser nosso exemplo.

No entanto, o evangelho cristão não é apenas uma questão de cultivar um relacionamento ou de seguir um exemplo. Você e eu temos um passado concreto que temos de acertar — pecados que cometemos e culpas nas quais incorremos. O que deve ser feito? O que o nosso Deus santo fará? Se Ele deseja que O conheçamos, como Ele pode resolver esta situação, sem comprometer a sua própria santidade?

Apenas nos fará saber que nosso pecado contra Ele não é muito importante? Que Ele é tão grande, que perdoará e esquecerá o pecado? É interessante descobrir, à medida que estudamos os evangelhos, que Jesus ensinava, acima de tudo, que viera especificamente para morrer. Quão incomum isto parece, porém foi o que Jesus apresentou como o âmago de seu ministério — não o ensinar, não o ser um exemplo, mas "o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mc 10.45). Jesus ensinou que sua escolha de glorificar o Pai, por meio de sua morte na cruz, era central ao seu ministério. Não é surpreendente que a cruz seja o foco e o âmago de todos os quatro evangelhos.

Mas o que isto significa? Por que algo tão terrível seria o centro de algo chamado de "boas novas"? A resposta é bem simples, porque a cruz é o caminho de Deus para nos trazer de volta a Ele mesmo.

Jesus começou a explicar este acontecimento antes mesmo que ele acontecesse. Em Marcos 8.27-38, Ele entreteceu duas linhas de profecia do Antigo Testamento que, conforme sei, não haviam sido colocadas juntas até àquele momento — quando Ele se apresentou como o Filho do Homem, referido em Daniel 7, e o Servo Sofredor mencionado em Isaías 53:

> Então, Jesus e os seus discípulos partiram para as aldeias de Cesaréia de Filipe; e, no caminho, perguntou-lhes: Quem dizem os homens que sou eu?
>
> E responderam: João Batista; outros: Elias; mas outros: Algum dos profetas.
>
> Então, lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou?
>
> Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo.
>
> Advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito.

> Então, começou ele a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse. E isto ele expunha claramente. Mas Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo.
>
> Jesus, porém, voltou-se e, fitando os seus discípulos, repreendeu a Pedro e disse: Arreda, Satanás! Porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens.
>
> Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma? Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos (Mc 8.27-38).

A morte de Jesus é apresentada freqüentemente como um sacrifício que envolvia sangue. Lemos, por exemplo: "Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo" (Ef 2.13; cf. Rm 5.9; Cl 1.19-20). Jesus escolheu morrer na Páscoa para deixar claro que Ele morreu como o sacrifício expiatório.

Como tudo isto se relaciona com nossa escravidão ao pecado? Encontramos a resposta na linguagem "comercial" usada a respeito da morte de Cristo. Quando a Bíblia diz que somos redimidos, está afirmando que fomos comprados da escravidão. Assim como Deus comprou e resgatou a Israel da escravidão, nós, cristãos, fomos comprados e libertos da escravidão ao pecado. A morte de Cristo foi o preço pago por nossa libertação do pecado. A morte de Cristo foi o meio de Deus redimir-nos de nossa servidão ao pecado. Este é o principal assunto da epístola de Paulo aos crentes da Galácia.

Além desta linguagem *comercial*, a Bíblia usa a linguagem *relacional* para descrever a morte de Cristo. Por meio da morte de Cristo, Deus nos reconciliou consigo mesmo — suas criaturas rebeldes haviam sido feitas à imagem dEle, mas caíram no pecado e, assim, destruíram o relacionamento com Ele. Por meio da morte de Cristo, a comunhão com Deus é restaurada, visto que o pecado — a causa da hostilidade que existe entre Deus e os pecadores — é perdoado e cancelado.

O Novo Testamento também usa uma linguagem *jurídica* em relação à morte de Cristo, mostrando como a morte dEle trata da realidade de nossa culpa diante de Deus e da punição que merecemos. Ela usa termos como justificação — uma declaração de "não somos culpados" — descrevendo os acontecimentos da morte de Cristo em termos de nossa penalidade ser transferida para Ele.

Há também a linguagem *militar*, na qual vemos o mundo retratado como um campo de batalha espiritual. A respeito da morte de Cristo na cruz, a Bíblia nos diz

que Ele despojou "os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz" (Cl 2.15; cf. Mc 3.22-27; Jo 16.33; 19.30; Rm 8.39; 1 Co 15.54-57; Ap 5.5; ver também todas as histórias de libertação de possessão demoníaca nos evangelhos).

Portanto, a obra de Cristo é descrita como redenção — uma compra por meio da qual é garantida a liberdade de certas pessoas oprimidas. A obra de Cristo é descrita como reconciliação — na qual a inimizade entre duas pessoas é solucionada. A obra de Cristo é descrita como uma propiciação — uma satisfação da ira justa de Deus contra as pessoas por causa dos seus pecados. A ira de Deus é satisfeita de tal modo que Ele pode lidar corretamente com pecadores, em termos de amor e não em termos de ira.

No Novo Testamento, nenhuma destas linguagens refere-se a algo que seja meramente potencial, que seja uma possibilidade ou uma opção. Pelo contrário, o Novo Testamento se refere a Deus como Aquele que cumpriu o seu objetivo e propósito mediante a morte de Cristo. O principal ensino de todas estas figuras é que o benefício não somente se tornou possível, mas também garantido por intermédio da morte de Cristo na cruz e de sua ressurreição para a vida.

Não podemos evitar o fato de que o âmago do ministério de Cristo foi sua morte na cruz e de que no âmago dessa morte se encontrava a certeza de que Deus estava lidando de modo eficaz com as reivindicações de seu amor e de sua justiça. Perceba, Cristo não é apenas nosso amigo. Usar este título como seu título supremo é o mesmo que oferecer-Lhe "louvor débil". Cristo é nosso amigo, mas Ele é muito mais do que isso. Por meio de sua morte na cruz, Cristo se tornou o Cordeiro imolado em nosso lugar, nosso redentor, Aquele que fez a paz entre nós e Deus, Aquele que tomou sobre Si mesmo nossa culpa, Aquele que conquistou nossos inimigos mortais e que apaziguou a ira merecida de Deus.

Muito dessa figura aparece reunida na magnificência da visão final do apóstolo João, na ilha de Patmos:

> Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos.
>
> Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto... Veio, pois, e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono; e, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos, e entoavam novo cântico, dizendo:

> Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5.5-9).

O evangelho não é apenas uma mensagem de que Jesus é o nosso amigo.

As boas novas não são apenas que devemos viver corretamente

Um erro muito comum é a idéia de que as "boas novas" da Bíblia nos dizem apenas que devemos começar a viver corretamente. Às vezes, o cristianismo é apresentado como uma mensagem somente de virtudes pessoais e públicas. Pensa-se que os cristãos ocupam-se em fazer coisas religiosas e boas obras: Batismo, Ceia do Senhor, ir à igreja, obedecer aos Dez Mandamentos e à Regra Áurea (Mt 7.12), ler a Bíblia e orar; ou boas obras como fomentar a comunhão, ajudar os outros, oferecer refeições a pessoas carentes e não demolir os prédios históricos, para dar lugar a estacionamentos.

No entanto, embora esta maneira de pensar pareça bastante admirável, o evangelho bíblico não é fundamentalmente a respeito destas coisas. Ser um cristão não é apenas viver em amor, seguir a Regra Áurea ou praticar "pensamento positivo" — ou qualquer outra coisa que podemos fazer por nós mesmos.

O evangelho exige uma resposta mais radical do que qualquer destas coisas conseguiria. O evangelho não é apenas um aditivo que pode tornar melhor nossas vidas que já são boas. Não. O evangelho é uma mensagem de maravilhosas boas novas para aqueles que sabem e reconhecem seu desespero diante de Deus.

O que o evangelho exige? O que você deve fazer quanto a seu próprio senso de necessidade, seu entendimento a respeito de quem Deus é, a respeito de quem Jesus é e do que Ele fez... quando todas estas coisas surgem juntas, qual é sua resposta? De acordo com a Bíblia, sua resposta deve ser arrepender-se e crer. Deus nos chama a arrepender-nos de nossos pecados e crer somente em Cristo. Consideremos brevemente estas duas coisas.

Arrependimento

Com freqüência, encontramos o arrependimento e a fé mencionados juntos no Novo Testamento. Quando Paulo se reuniu com os líderes da igreja de Éfeso, ele resumiu deste modo a mensagem que havia pregado: "Testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus" (At 20.21). Esta é a mensagem que você vê com clareza em todo o Novo Testamento. Uma vez que você tenha ouvido a verdade a respeito do seu pecado, da santidade

de Deus, do seu amor ao enviar a Cristo, da morte e ressurreição de Jesus em favor de nossa justificação, você é chamado a uma resposta.

E qual é a resposta prescrita? É vir à frente? É preencher um cartão de decisão ou levantar a mão? É ter uma conversa com o pregador ou decidir ser batizado e unir-se à igreja? Embora algumas dessas coisas possam estar envolvidas, nenhuma delas é necessariamente a resposta prescrita. A resposta às boas novas — a mensagem que Paulo e outros cristãos pregaram, em todo o Novo Testamento — é arrepender-se e crer. Uma vez que tenhamos ouvido a verdade a respeito do nosso pecado e da santidade de Deus, do seu amor enviando Cristo, da morte e ressurreição de Cristo em favor de nossa justificação, conforme Jesus nos instrui nas primeiras palavras do Evangelho de Marcos, nossa resposta é "Arrependei-vos e crede no evangelho" (Mc 1.15).

Fé

Com o arrependimento, vem a fé. Primeiramente, temos de pensar com honestidade que as afirmações do evangelho são verdadeiras. Temos de crer no evangelho desta maneira. Contudo, há mais do que isso. Por exemplo, você pode crer que o Salto Angel, na Venezuela, é vinte vezes mais alto do que as cataratas do Niágara ou pode crer que uma teia de aranha ajudará a coagular o seu sangue, se você tiver um ferimento grave. Você pode crer nestas coisas, que podem ser verdadeiras. Você sabia que os habitantes da Islândia lêem anualmente mais livros por pessoa do que os de outros países? Ou sabia que Sir Chistopher Wren tinha apenas seis meses de treinamento como arquiteto? Mas nenhum desses tipos de crer é o crer sobre o qual Jesus falou neste versículo de Marcos.

O crer que Jesus recomenda não é um mero assentimento intelectual; é crer e descansar plenamente nas boas novas de salvação. Temos de concordar com o fato de que somos incapazes de satisfazer as exigências de Deus para nós, não importando quão boa seja nossa vida moral. Devemos parar de confiar um pouco em nós e um pouco em Deus; devemos chegar a compreender que temos de confiar plenamente em Deus; temos de confiar somente em Cristo para a nossa salvação.

Esse verdadeiro crer e confiar faz a diferença. Portanto, este crer exige não somente fé, mas também arrependimento. Exige que nossas vidas mudem realmente. O arrependimento e a fé são as duas faces da mesma moeda. Você não pode ter a base (a fé) e depois, se quiser tornar-se santo, começar a acrescentar

algum arrependimento a esta base. Não, não é isto que estou dizendo neste livro, de maneira alguma. "Arrepender-se" é aquilo que você faz quando começa a pensar corretamente sobre Deus e si mesmo — fé sem este tipo de mudança é ilusão. J. C. Ryle o expressou bem, quando disse: "Nestes dias, há um tipo mundano de cristianismo bastante comum que muitos têm, e pensam que o têm em abundância — um cristianismo barato que não ofende ninguém e não exige qualquer sacrifício — que não custa nem vale nada".[4]

O arrependimento que Jesus exige está conectado com o crer nestas noticias, porque, se elas são uma nova mensagem, não é surpreendente que você mude sua mente, quando a ouve. A palavra traduzida por "arrependimento" é *metanoia*, que significa, literalmente, "mudar sua mente". E, visto que sua mente muda, a vida também muda.

Como você pode ver, o verdadeiro cristianismo nunca é um simples acréscimo, não é um mero cultivo de algo que já é bom. Pelo contrário, o verdadeiro cristianismo é, em certo sentido, uma reversão, uma mudança de rumo no sentido contrário. É uma mudança de rumo que todos os cristãos fazem, quando chegam a confiar na obra consumada de Cristo, na cruz. Dizer que crer, sem viver como deveria, não é crer em conformidade com o sentido bíblico desta palavra. Mudamos da maneira como agimos, mas somente porque mudamos aquilo em que cremos. Essa mudança é obra do Espírito de Deus. Consideraremos isso no próximo capítulo.

Espero que tudo isto o ajude a compreender que as boas novas do cristianismo têm conteúdo específico e cognitivo. Não é um entusiasmo religioso. Não é uma profunda intuição pessoal. São novas, novas que dizem algo a respeito de nós mesmos, de Deus e de Jesus — quer consideremos certas ou erradas; quer sejamos pecaminosos (como a Bíblia o diz), quer não o sejamos; quer Deus exista, quer não; quer Ele seja o que a Bíblia diz que Ele é, quer não; quer Jesus tenha morrido na cruz e ressuscitado dentre os mortos, quer não.

Em nossa igreja local, sempre peço que os candidatos a membros da igreja contem-me o evangelho em um minuto ou menos (diferentemente do que fiz neste capítulo). Faço isso porque desejo ser claro. Quero pessoas que conhecem o evangelho e entendam o que estão dizendo. Você parou e pensou, recentemente, a respeito do que você afirma crer, se já é um cristão? B. B. Warfiel fez a seguinte descrição sobre esse assunto:

> Uma dúzia de ignorantes camponeses iletrados proclamando um judeu crucificado como o fundador de uma nova fé; portando como símbolo de sua adoração um instrumento que era sinal de ignomínia, escravidão e crime; pregando o que parecia uma doutrina absurda de humildade, sofrimento paciente e amor pelos inimigos — virtudes jamais sonhadas antes; exigindo o que parecia uma adoração absurda de Alguém que morrera como um malfeitor, um escravo, e fazendo uma promessa que parecia absurda, de vida eterna por meio de Alguém que havia morrido, e isso entre dois ladrões.[5]

Esta mensagem é extraordinária. Tudo aconteceu realmente desta maneira. Isso foi o que Deus fez. As outras mensagens — "eu estou bem; você está bem", "Deus é tudo que você possa imaginar sobre o amor", "Jesus é seu amigo", "você deve viver corretamente" — são mensagens diferentes das boas novas do cristianismo. São meio verdadeiras, no melhor, e perigosamente inverídicas, quando as pessoas confiam nelas como a mensagem do evangelho de Cristo. Todavia, estas boas novas da morte de Cristo na cruz, como um sacrifício expiatório pelos pecados de todos os que se converterão e confiarão nEle — não são pretensões. São verdadeiras!

Então, o que você diz a respeito de tudo isto? No decorrer dos anos, tenho citado muitas respostas céticas às reivindicações do cristianismo ou, de fato, às reivindicações da verdade.

"Não creio na verdade; creio no estilo", disse o ator inglês Hugh Grant.

"O quer que seja, é certo", afirmava o Marquês de Sade.

Não devemos imaginar que essas respostas são evasivas. Como disse Dostoyevsky: "Se Deus não existisse, tudo seria possível".[7]

Temo por nossa nação. Existe uma suspeita popular de que o evangelho cristão, como expresso pelos evangélicos, é uma ameaça à nossa liberdade. Leia a história da Alemanha e observe que tipo de cristianismo reinou ali por um século, antes do nazismo. Não foi um cristianismo de verdades absolutas de um Deus absoluto. Foi um tipo de cristianismo comprometido, moralizante, relativizante, que oferecia um evangelho que podia ser moldado pela habilidade e inteligência humana. O que devemos realmente temer, como nação, e, acima de tudo, como indivíduos, são as conseqüências de ignorar o evangelho. Chegará para cada um de nós o dia em que cessará o tempo de resposta e o tempo de avaliarmos as reivindicações de Deus; e chegará o tempo *de Deus* avaliar-*nos*.

John Wesley certa vez meditou sobre as grandezas terrenas:

> Eu estava na sala das vestes, contígua à Casa dos Lordes, quando o Rei colocou suas vestes. Sua face estava enrugada pela idade e transparecia muita preocupação. Isso é tudo que o mundo pode proporcionar a um rei? É esta toda a grandeza que o mundo lhe pode oferecer? Tinha um manto de pele de arminho sobre os seus ombros, bastante pesado e incômodo, sob o qual o rei andava com dificuldade! Usava uma elevada

> cabeleira de fios trançados, com algumas lâminas de ouro e pedras resplandecentes sobre a sua cabeça! Oh!, que coisa sem valor é a grandeza humana! E isto não permanecerá![8]

Como diz uma camiseta: "Aquele que morre com a maioria dos brinquedos, também morre".

Quem morre? O rapaz que tinha os brinquedos, e o rapaz que usava a camiseta. O rei e John Wesley. Dostoyevsky e o Marquês de Sade. O arquiteto e o ator. Você e eu. Neste ponto, a taxa de mortalidade não mostra nenhum sinal de diminuição: um após outro, todos morrem.

Já ouvimos o evangelho? Cremos nele de todo o coração ou estamos brincando de cristianismo? Freqüentamos a igreja ocasionalmente, quando nossa curiosidade está desperta ou nosso senso de culpa elevado, enquanto servimos com regularidade e grande satisfação a nós mesmos em primeiro lugar?

Ouvir realmente o evangelho significa ser completamente abalado. Significa mudar. Você já ouviu o evangelho — não uma mensagem agradável a respeito de sua bondade, ou da aceitação por parte de Deus, ou da inofensiva disposição de Jesus em ser amigo de todos, coletiva e individualmente, ou mesmo uma mensagem convincente sobre o livrar-se de algum pecado de sua vida. Mas, você já ouviu a grande mensagem da Bíblia a respeito de Deus e de nós? Ela parece a melhor notícia que você já ouviu? Velhos pecados perdoados! Vida nova começada! Um relacionamento pessoal com seu Deus, seu Criador, agora e para sempre!

Que melhores notícias você pode ouvir?

A SEGUIR...

MARCA 4

Um Entendimento Bíblico da Conversão

A mudança é necessária?

A mudança é realmente possível?

De que mudança necessitamos?

O que esta mudança envolve?
- Assentimento mental?
- Resolução Moral?
- Confiar apenas em Cristo

Como acontece esta grande mudança?
- Não fazemos nada?
- Fazemos tudo?
- Deus opera esta fé salvadora em nós

QUATRO

Um Entendimento Bíblico da Conversão



"Não sou mais o homem que eu costumava ser. Você pode me perdoar?"

Isso foi o que um homem disse a uma mulher, treze anos depois de ser acusado de estuprá-la. Você já ouviu casos como este; acreditaria em suas afirmações de que havia mudado? Suspeito que algumas pessoas se mostrariam incrédulas, em certa medida, não apenas em relação ao homem arrependido, mas também em relação a qualquer pessoa que afirma haver mudado de maneira profunda e duradoura. Em nossos dias, as pessoas não acreditam que os outros possam mudar de verdade. Políticos, advogados, pregadores, professores, repórteres, lobistas — todos têm suas fraquezas predeterminadas, não têm?

Qualquer sugestão de que você pode mudar *profundamente* é considerada com grande suspeita. Esse tipo de sugestão é encarada como um instrumento potencialmente sinistro nas mãos daqueles que desejam coagir você a conformar-se com os padrões deles, por cultivar em você um ódio de si mesmo, uma repugnância de suas próprias características, quer sejam seus desejos sexuais, suas ambições vocacionais, seus padrões éticos ou suas crenças religiosas. Somos o que somos, eles dizem, e devemos nos orgulhar disso!

Contudo, apesar de toda esta incerteza e suspeita em relação à possibilidade de mudança, as pessoas têm um profundo desejo de mudança. Há uma inquietação relacionada aos dardos e às armadilhas da riqueza injuriosa; e, se a verdade fosse conhecida, haveria uma insatisfação conosco mesmos, ampla e profunda. Não estamos contentes, por isso trocamos a mobília, pintamos o corredor ou compramos roupas novas. Se as coisas pioram, questionamo-nos sobre uma mudança de lugar. Buscamos horas flexíveis no trabalho e até mudança de trabalho. Às vezes, talvez até anelemos ter outro cônjuge. Hoje, até aqueles limites fixos de moralidade tradicional e da própria vida são transgredidos numa tentativa inútil de encontrar satisfação. Porém, quando as condições de serviço e trabalho, casamento e família, de sexo e até da morte se tornam sujeitas às nossas escolhas, nos veremos derrotados, logrados e desesperados.

Então, os cínicos estão certos? Alguma mudança autêntica é possível?

O que a Bíblia diz a respeito de mudança pessoal, profunda, autêntica? No contexto deste livro, é evidente que estamos falando sobre a mudança — você pode chamá-la de "a grande mudança" — que ocorre na conversão. Um entendimento bíblico da conversão é uma das características de uma igreja saudável. E, à medida que consideramos o que é a conversão — enquanto buscamos um entendimento bíblico da conversão — faremos isso usando cinco perguntas.

A mudança é necessária?

Primeiramente, temos de perguntar: a mudança é necessária?

Muitos responderão negativamente esta pergunta. Muitos irão preferir a complacência em relação à nossa condição humana. Quando confrontados com a idéia de que precisam de uma grande mudança em sua vida, muitos dirão apenas: "Por que mudar? Você não pode impor suas idéias aos outros. Além disso, você não está sugerindo que a *sua* maneira de viver, a *sua* maneira de encarar o mundo é melhor do que a minha? Se está sugerindo isso, deve ser um hipócrita cheio de justiça própria! Sugiro gentilmente que você cuide de suas próprias neuroses e me deixe em paz!"

Apesar disso, a Bíblia ensina claramente que uma mudança é necessária, para não sermos "apenas melhores". De fato, a Bíblia ensina que estamos em problemas.

Há alguns anos, um repórter perguntou a Sam Perkins (que na época jogava no Seattle Supersonics): "Como vocês se recuperarão dessa derrota de trinta pontos?"

Perkins respondeu: "Temos apenas de manter nossa consistência".

É claro que a consistência na derrota não funciona.

Em nosso último estudo, consideramos algo a respeito da profundidade de nossa corrupção moral diante de Deus. Jesus disse: "A luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüidas as suas obras" (Jo 3.19-20).

Paulo lembrou aos cristãos de Éfeso que, antes de serem convertidos, eles estavam mortos em delitos e pecados (Ef 2.1). E ensinou com clareza que esta morte espiritual era compartilhada por toda a humanidade. Você recordará, do capítulo passado, como Paulo cita o Antigo Testamento em uma abrangente reprovação de qualquer reivindicação de sermos justos em e por nós mesmos.

> Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado; como está escrito:
>
> Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos, há destruição e miséria; desconheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos.

> Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" (Rm 3.9-20).

Ora, considere estas duas verdades idênticas: necessitamos desesperadamente da graça de Deus; e Ele não deve sua graça a ninguém. O que Deus nos deve é justiça para com nossos pecados.

E, quando o Espírito de Deus começa a chamar-nos a converter-nos de nossos pecados, há um grande senso de convicção. Começamos a sentir algo a respeito da seriedade do pecado.

Não nos tornamos paranóicos espirituais, começando a imaginar que temos cometido mais pecados do que percebíamos anteriormente (embora, em certo sentido, comecemos a fazer isso). O que acontece, quando o Espírito de Deus começa a nos convencer desta maneira, é que, à medida que Ele focaliza nossa atenção a determinado pecado, esse pecado parece mais sério do que parecia antes. Começamos a perceber a seriedade do pecado, especialmente a seriedade de seu caráter mortal como um ato de revolta contra o próprio Deus. Começamos a sentir como o salmista que orou: "Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar" (Sl 51.4).

Quando lemos a Bíblia e observamos as figuras que Deus usa para falar do estado de nossa natureza humana, estas figuras são bem radicais — figuras de estar em dívida, em escravidão, na miséria e mortos. Isto é o que a Bíblia apresenta como nossa situação e condição natural. Estamos numa situação desastrosa e temos de sair dela. É evidente que uma mudança é necessária.

A mudança é realmente possível?

Então, chegamos a esta segunda pergunta: concordamos que uma mudança é necessária, mas ela é realmente possível?

Como temos visto, muitos são incrédulos quanto a este aspecto. Pensam: somos como somos, e a maturidade chega quando simplesmente aceitamos esta idéia. Talvez precisamos apenas de um pouco de trabalho para reintegrar nossas personalidades; mas é evidentemente inútil nutrir esperanças de que algum tipo de mudança fundamental ocorrerá. Qualquer idéia no sentido de que você pode mudar profundamente é uma ilusão. Nossa mentalidade secular não permite essa esperança de mudança. Nossos recursos são limitados ao escopo restrito deste mundo, e, com este mundo em nosso poder, não encontramos qualquer evidência de que a autotransformação seja possível. E, se você disser que está esperando por ajuda de fora deste mundo, bem, as pessoas talvez pensarão que você está falando sobre discos voadores. Haverá o tipo de aceitação confusa que você encontraria na apresentação de seu amigo invisível, "Beto", em um jantar.

A mudança fundamental é apenas uma fantasia? Não, de acordo com a Bíblia. A Bíblia diz não somente que precisamos mudar, mas também que a mudança é possível. Deus criou todos nós e a cada um de nós com a capacidade de conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo. E a Bíblia ensina que devemos admitir que seguimos um caminho distante de Deus e que devemos sair desse caminho, para voltarmos a Ele. E isto, a Bíblia nos diz, pode acontecer realmente.

Quantos de nós ficamos maravilhados ante o fato de que o evangelho é a possibilidade de termos realmente um novo começo? Ficamos admirados com o fato de que Deus pode nos dar uma nova vida, depois de havermos deixado esta vida. Mas é exatamente isso que achamos no Novo Testamento. Essas são as boas novas. Embora pareçam tão admiráveis, desde João 3 a Atos 9, Efésios 2, 1 Pedro 1 e daí por diante, achamos esta mensagem admirável.

De acordo com a Bíblia, esta é a parte crucial das boas novas: a mudança é possível.

De que mudança necessitamos?

Uma terceira pergunta, mais específica, é: que mudança é necessária?

Muitos daqueles que admitem a verdade de que precisam mudar dizem que precisam apenas ser mais desinibidos em servir a si mesmos — talvez aprender melhor como dispor os seus recursos para atingir seus objetivos. Ghandi, quando falou sobre a conversão, disse que a necessidade mais gritante de nossa época era a conversão por meio da autopurificação e da autorealização. Muitos diriam que nossos problemas surgem apenas disto: nossa inabilidade confusa de fazer o que queremos — e qualquer mudança, qualquer conversão tem de ser apenas uma mudança que nos ajude a atingir nosso próprio potencial. Qualquer mudança tem de fortalecer a nós mesmos; nunca deve alterar fundamentalmente a nós mesmos ou convencer-nos do erro.

Robert Jenson fez a seguinte observação sobre a estranha intolerância em relação à conversão cristã por parte de nossa sociedade tolerante.

> Imagine-se num juntar, em Manhattan, ou numa faculdade, em Minessotta, e relate duas conversões: uma para o cristianismo, outra para um caminho bem distante do cristianismo. Veja o que acontecerá. Uma será recebida como uma história de abominável estreiteza de mente, e a outra, como um exemplo de maravilhosas possibilidades sociais.[1]

Mas a Bíblia diz que a mudança que necessitamos não é "descobrir a nós mesmos", e sim a de *mudar de direção.* A palavra "arrependimento", no Antigo e Novo Testamento, significa literalmente *mudar de direção.* Significa mudar *de* nossos pecados *para* o único Deus verdadeiro. Precisamos abandonar a reivindicação de que somos o juiz e o governador de nossa própria vida e reconhecer que estes papéis pertencem somente a Deus. Nossos pecados passados precisam ser perdoados. Nossa vida presente precisa ser reorientada. Nosso destino futuro precisa ser mudado do inferno do justo juízo de Deus para o céu do gracioso perdão de Deus em Cristo.

Esta é grande mudança de que necessitamos. Não significa ajustar nossa vida à nós mesmos e aos nossos desejos. Significa ajustar nossa vida a Deus e aos seus caminhos. Significa reconhecer suas reivindicações sobre nós. Como alguém disse: "O primeiro passo em direção ao Deus verdadeiro é reconhecer que não somos esse Deus".

É nesta grande mudança que somos salvos. Entendemos que nosso estado, sem esta mudança, é terrível e, por isso, chamamos esta mudança de conversão ou salvação. Nós a chamamos de ser nascido de novo.

A verdadeira mudança de que necessitamos é esta conversão de adorarmos a nós mesmos para a adoração a Deus, de sermos culpados em nós mesmos, diante de Deus, para sermos perdoados em Cristo. Esta é a mudança de que necessitamos.

O que esta mudança envolve?

Isto nos traz à quarta pergunta que devemos considerar a respeito da conversão: o que esta mudança envolve?

Assentimento mental?

Muitos dizem que a conversão é apenas um assentimento mental. Precisamos somente fazer uma decisão, ir à frente após o apelo, preencher um cartão, fazer uma oração. A mudança, conforme muitos imaginam, pode ser bem superficial. Pode envolver começar a nutrir alguns sentimentos morais, unir-se a uma igreja, participar de programas e atividades, oferecer-se como voluntário para ajudar os necessitados. Isto é um tipo de versão ampliada das resoluções de Ano Novo.

Entretanto, a Bíblia diz que o tipo de mudança de que necessitamos envolve mais do que isso. Inclui deixar nossos pecados e voltarmos para Deus. Inclui o arrepender-nos de nossos pecados e seguir a Deus. A conversão envolve tanto a mudança do coração para com Deus como o crer e o confiar em Cristo e em sua Palavra. Como pastor, é neste aspecto que penso que muitos estão errados em nossos dias. Estão errados em uma de duas maneiras.

Primeiro, há o problema das pessoas que não acham que são convertidas, quando elas realmente o são. Sim, existe esse tipo de pessoa. Sabem que as Escrituras ensinam que os cristãos não se entregam ao pecado. E, quando elas pecam, sentem a acusação do diabo e tendem a concordar com ele, quando lhes diz que talvez não sejam verdadeiros cristãos. Oh!, meu amigo hesitante e inseguro, se este é o seu caso, se você está disposto a concordar com o diabo, sempre que você peca, permita-me exortá-lo a não desistir de reconhecer a bondade de Deus para com você, a boa obra que Ele fez em seu coração, a obra que talvez até os seus amigos têm visto Deus fazer em você. Podemos nos unir a Joana D'Arc em sua oração, proferida quando alguns juízes lhe dirigiram uma pergunta astuta e enganosa: "Perguntada sobre se ela sabia que permanecia na graça de Deus, ela respondeu: 'Se não estou, que Ele me coloque em sua graça; se estou, que Ele se agrade em me preservar ali'". Esta seria uma boa oração para todos nós. O coração verdadeiramente convertido, verdadeiramente mudado e verdadeiramente cristão pode dizer, juntamente com John Newton: "Não sou o que eu devo ser. Não sou o

que desejo ser. Não sou o que espero ser. Mas posso dizer com verdade: não sou o que eu era. Pela graça de Deus, sou o que sou".

O outro problema, tenho de confessar, me inquieta ainda mais: o problema de pessoas que se acham convertidas, quando realmente não o são. Todos os pastores conhecem este problema. Talvez você já ouviu falar de Spurgeon, o grande pregador de Londres, no século XIX. Certa vez, ele andava por uma rua, quando um bêbado que se encostava a um poste lhe perguntou em voz alta: "Hei, Sr. Spurgeon, se lembra de mim?" Spurgeon lhe respondeu: "Não, e por que deveria lembrar-me?" O homem lhe disse: "Por que eu sou um de seus convertidos". A isso Spurgeon replicou: "Bem, você deve ser um de meus convertidos, mas certamente não é um dos convertidos do Senhor".

Como pastor, Spurgeon estava bem familiarizado com este problema, especialmente entre pessoas que iam à igreja com freqüência para aprender a falar de modo diferente — falar sobre a Bíblia e sobre o cristianismo — mas cujos corações não haviam sido mudados, para que vivessem de modo diferente. Em um sermão, ele descreveu estas pessoas que estavam certas de que haviam sido convertidas e se mostravam felizes em falar sobre isso, embora suas vidas não parecessem refleti-la:

> Eles dizem que são salvos e se apegam a isso; e consideram uma impiedade alguém duvidar disso. Mas não têm qualquer motivo para garantir sua confiança. Há aqueles que estão prontos a se sentirem completamente seguros. Há outros para os quais falar sobre isso será mortal.
>
> Há uma grande diferença entre a presunção e a plena segurança. A plena segurança é algo racional; está fundamentada em um alicerce firme. A presunção admite algo como certo e com ousadia afirma possuir aquilo a que não tem qualquer direito.
>
> Acautelem-se, eu lhe rogo, de presumir que você é salvo. Se você confia, de todo o coração, em Jesus, então, é salvo. Mas, se você diz, meramente, "creio em Jesus", isso não o salva. Se o seu coração foi renovado; se você odeia as coisas que antes amava; se você se arrependeu verdadeiramente; se há uma completa mudança de mente em você; se você é nascido de novo, tem motivo para se regozijar. Mas, se não há uma mudança vital, nenhuma devoção interior; se não há amor a Deus, nenhuma oração, nenhuma obra do Espírito, a confissão "eu sou salvo" é apenas uma afirmação ousada de seu próprio coração; ela pode iludi-lo, mas não o livrará.
>
> Nossa oração deve ser: "Ó Senhor, abençoa-me, de fato, com uma fé autêntica, com a verdadeira salvação, com a confiança em Jesus que é a essência da fé; e não com a presunção que produz incredulidade. Ó Deus, guarda-nos de bênçãos imaginárias!"[2]

Temos de compreender que é possível alguém ser um membro ativo de uma igreja local e, apesar disso, não ser um verdadeiro membro do povo de Deus.

Resolução moral?

Outros crêem que a conversão consiste apenas em viver uma vida boa. É um esforço para ser uma pessoa que possui mais moralidade — uma coleção e codificação de resoluções morais próprias. Crêem que a conversão é assumir a responsabilidade de desenvolver habilmente a própria moralidade, bondade —a própria retidão. Significa ter de começar a resolver os dilemas morais, purificar seus atos, tornar-se mais aceitável aos olhos de Deus. Significa que não haverá mais frivolidade e vagabundagem.

Confiar apenas em Cristo

No entanto, de acordo com a Bíblia, a verdadeira mudança da conversão cristã envolve confiar somente em Cristo. Não estamos apenas tentando justificar a nós mesmos diante de Deus e melhorar nossa vida um pouco mais neste ou naquele aspecto, achando que, de algum modo, essas mudanças encobrirão de Deus os nossos pecados ou farão nosso coração parecer justo diante dEle. Esta mudança envolve a plena compreensão de que nunca iremos suficientemente à igreja, nunca ensinaremos o bastante na Escola Dominical, nunca ofertaremos tanto o nosso dinheiro, nunca seremos tão felizes, gentis e contentes em nossa religião, a ponto de merecermos a boa vontade de Deus para conosco.

Temos de compreender que, por causa do pecado, estamos em uma condição verdadeiramente desesperadora diante de Deus. Não importa quão próspera seja nossa situação exterior, estamos realmente sem esperança diante de Deus. Nossa única esperança provém de entendermos que Deus assumiu nossa humanidade , em Cristo, que viveu de modo perfeito e morreu na cruz, no lugar de todos aqueles que se converteriam e creriam nEle, e de que Ele ressuscitou em vitória sobre nosso pecado e agora oferece derramar seu Espírito em nosso coração. Começar a ter esta confiança exclusiva, esta crença em Deus é a natureza da grande mudança que ocorre na conversão.

Temos de arrepender-nos de nossos pecados e confiar em Cristo.

Como acontece esta grande mudança?

Tudo isto nos traz à pergunta final: como acontece esta grande mudança da conversão?

Não fazemos nada?

Alguns dizem que, para sermos convertidos, precisamos fazer algumas coisas. Se não salvamos a nós mesmos, raciocinam alguns, então Deus já nos salvou. Conta-se a história de que, no encontro do famoso teólogo Karl Barth com Billy Graham, durante uma série de reuniões evangelísticas na Suíça, Barth disse a Graham que gostava de sua mensagem, exceto em um aspecto. Barth exortou Graham a que dissesse às pessoas não que estas precisavam ser salvas, e sim que já eram salvas em Cristo!

Entretanto, a Bíblia diz que, como vimos, no processo de conversão temos de fazer alguma coisa. Jesus não exortou seus seguidores a pararem de se esforçar e a compreenderem que, por sua graça, estavam em um relacionamento correto com Deus. Ele não disse aos seus seguidores que começassem um curso de auto-exame, para verificarem se podiam discernir alguns sinais da graça de Deus em suas vidas. Não, Jesus disse a todos que tinham de abandonar seu pecado e voltar-se para Deus.

Portanto, a conversão é apenas uma questão de exercer a nossa vontade?

Fazemos tudo?

Precisamos apenas fazer uma decisão? E, se esse é o caso, temos de ser *capazes* de fazer esta decisão? De acordo com a Bíblia, é claro que devemos fazer por nós mesmos esta decisão e devemos encorajar todos a tomarem esta decisão por si mesmos. Não devemos persuadi-los e exortá-los a fazer esta decisão? Não devemos pressioná-los? Falando sinceramente, não devemos manipulá-los? Se podemos realmente conseguir que pessoas tomem uma decisão que mudará a eternidade delas, não devemos fazer isso? Se pudermos manipulá-las e levá-las a abandonar seus pecados e aceitarem a Deus e a confiarem nEle, não devemos fazê-lo?

Ironicamente, até os evangélicos imaginam com freqüência que a grande mudança da conversão é um tipo de auto-ajuda religiosa. Mas, se lermos a Bíblia, saberemos que o cristianismo não prega a auto-salvação.

Deus opera esta fé salvadora em nós

Talvez todas as outras religiões do mundo preguem a auto-salvação, mas o cristianismo não o faz. Esta é a grande perplexidade de muitas pessoas: a Bíblia diz que esta mudança é uma questão de nosso caráter, de nossa mudança de coração. Esta é a mudança de que necessitamos. É a mudança que tem de ser realizada. Mas a Bíblia também ensina que não começaremos a fazer as escolhas certas, se primeiramente Deus não mudar nosso coração. Temos a capacidade de amar e obedecer a Deus. Fomos criados com isso, possuindo-o como parte de termos sido feitos à imagem de Deus. Contudo, o problema está em nosso coração. Não decidimos fazer o que somos formalmente capazes de fazer. Portanto, precisamos que Deus nos dê um novo coração.

E a Bíblia nos mostra que foi exatamente isso que Deus prometeu fazer: "Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne" (Ez 11.19). Encontramos esta idéia em toda a Bíblia. Esse tipo de transplante de coração é uma obra de Deus. Ele tem de realizar esta mudança em nós, para que aceitemos as verdades espirituais da Bíblia (1 Co 2.14). Jesus disse: "Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6.44).

Os cristãos falam, às vezes, sobre "nascer de novo". Você já pensou nessa linguagem? Obtivemos do próprio Senhor Jesus essa linguagem. Não é uma estratégia de marketing da Convenção Batista do Sul, dos anos 1970. Não, ela procede do próprio Jesus, citada em João 3. É Ele quem surge com esta figura. Em João 3, lemos sobre um líder religioso chamado Nicodemos, que conversou com Jesus. Este líder queria saber o que tinha de fazer para ver o reino de Deus; e Jesus não lhe disse que deveria apenas preservar suas boas obras, seu viver correto, sua vida religiosa ou continuar ensinando a lei. Não, Jesus disse que este líder precisava de uma vida totalmente nova. Nicodemos perguntou a Jesus como alguém poderia obter essa vida, e Jesus lhe disse que somente Deus pode outorgá-la. Portanto, Nicodemos tinha apenas de crer em Jesus e viver pela verdade.

Jesus ensinou, com clareza, que temos de agir, mas também ensinou que agimos somente se as ações de Deus estão por trás de nossas próprias ações. Ao ensinar deste modo, Jesus refletiu o ensino do Antigo Testamento. Por exemplo, veja o livro de Joel, que foi um profeta por meio de quem o Senhor predisse grande juízo. Mas Joel também ofereceu palavras de esperança. "E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo" (Jl 2.32). Paulo cita este versículo em Romanos 10; e, se você já compartilhou o evangelho com alguém, talvez já citou este versículo: "E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo". Ora, Joel escrevera, em dois capítulos, a respeito do juízo que viria sobre os israelitas por causa de sua incredulidade. Mas, por que esses incrédulos invocariam o nome do Senhor? Encontramos a resposta no restante do versículo 32: "Todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo; porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o SENHOR prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar". Quem invoca o nome do Senhor? Aqueles que o Senhor chama!

Em 1 Coríntios 1.18-24, vemos novamente que é a chamada de Deus que faz a diferença. Muitos judeus e muitos gentios, disse Paulo, acham que o evangelho é tolice. Mas aqueles que Deus chama, "tanto judeus como gregos", consideram o evangelho como a "sabedoria de Deus".

Mais de cem anos atrás, um grupo de homens que moravam em Capitol Hill, em Washington D.C., começaram a se reunir e a orar juntos. Eles se comprometeram a começar a igreja da qual hoje sou pastor. Naquela reunião, eles definiram com clareza o que a Bíblia ensina, incluindo o que eles criam e ensinavam a respeito desta grande mudança que haviam experimentado em sua vida pessoal e que desejavam ver realizar-se na vida das pessoas ao seu redor. Expressaram sua convicção a respeito da conversão nas palavras do Artigo VIII, da Confissão de Fé de New Hampshire:

> Cremos que o arrependimento e a fé são deveres sagrados, e também graças inseparáveis, operadas em nossas almas pelo Espírito regenerador de Deus; pelo que sendo profundamente convencidos de nossa culpa, perigo e incapacidade, e do caminho da salvação por Cristo, nós *retornamos* para Deus com contrição, confissão e súplica por misericórdia não fingidas; ao mesmo tempo recebendo genuinamente o Senhor Jesus Cristo como nosso profeta, sacerdote e Rei, e *confiando* nele somente como único e todo-suficiente salvador..[3]

Observe o que esta confissão diz a respeito da conversão. Convertemo-nos porque somos "profundamente convencidos de nossa culpa, perigo e incapacidade, e do caminho da salvação por Cristo". E como ocorre esta conversão? Ela é realizada "em nossas almas pelo Espírito regenerador de Deus". Em seguida, a confissão cita dois versículos para apoiar esta idéia. Cita Atos 11.18, onde os apóstolos refletem a conversão de Cornélio, o gentio: "E, ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida". Em seguida, Efésios 2.8: "Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus".

Efésios 2 é uma passagem especialmente importante sobre a conversão. De acordo com a Bíblia, o arrependimento e a fé são dons de Deus, outorgados não por causa de nossos méritos, e sim por causa dos méritos de Cristo. Se você tiver os dons do arrependimento e da fé, abandonará os seus pecados e se converterá a Deus, em Cristo.

Uma das principais coisas que a Bíblia diz a respeito desta grande mudança, esta conversão, é que ela ocorre por meio do estudo da Palavra de Deus. Lembramos as palavras do salmista no Salmo 19.7:

> Render-te-ei graças com integridade de coração, quando tiver aprendido os teus retos juízos.

Repetidas vezes encontramos na Bíblia o ensino de que a conversão resulta da pregação e do ouvir atentamente a Palavra de Deus. Ele prometeu que seria assim:

> Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei (Is 55.10-11).

Considere com atenção: Deus não prometeria isto, se não fosse o responsável por produzir o fruto, pela nossa conversão, pela nossa resposta a Ele. Essa é a razão por que lemos, em Atos dos Apóstolos, que como resultado da pregação do evangelho em Antioquia, "creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna" (At 13.48). Nem nós que somos convertidos, nem aqueles que nos trouxeram o evangelho recebem o crédito. Se alguém chegou a conhecer a Deus por meio de minha pregação da Palavra, não posso colocar uma marca em meu cinto, porque sei que Aquele que converte não é o pregador. Aquele que converte é o próprio Deus.

Somos chamados a dizer às pessoas que elas tem de se converter a Deus. Mas precisamos entender que, ao fazer isto, Deus nos chama a pregar para cadáveres! Esta é a maneira como a Bíblia descreve o nosso estado: somos espiritualmente mortos, como vimos em Efésios 2. Então, como podem aqueles que são espiritualmente mortos voltar-se para Deus, com fé? Somente se Deus lhes der vida. E como Deus lhes dá vida? Tanto o Antigo como o Novo Testamento nos mostram que Deus resolveu dar vida aos espiritualmente mortos por meio da proclamação de sua Palavra a eles. Vimos isto em Ezequiel 37, na visão do vale de ossos secos. Ali, Deus dá a Ezequiel uma visão de ir e pregar a um vale repleto de cadáveres. Mas, por meio da própria pregação de sua Palavra, o Espírito age e traz vida.

Um dos exemplos mais admiráveis desta doutrina, no Novo Testamento, está em Atos 10, onde vemos cumprir-se o desejo de Deus em trazer para Si mesmo o centurião Cornélio, um gentio. Você imaginaria que seria uma coisa imediata para o Deus soberano do universo. Ele poderia dizer apenas "zap", e Cornélio seria convertido. Mas Deus não fez isso, por alguma razão. Ele decidiu agir como já o fizera em toda a história bíblica. Deus não converteria Cornélio sem que alguém que O conhecia fosse e lhe contasse as boas novas. Por isso, Deus outorgou uma visão a Cornélio. Este mandou alguns de seus empregados a outra cidade, a fim de encontrar Pedro. Deus enviou outra visão a Pedro, para convencê-lo de que era certo falar de Jesus para um gentio. Então, Deus ordenou que Pedro acompanhasse os enviados de Cornélio.

Ora, foi assim que as coisas aconteceram! Eu não sei por que Deus age desta maneira. Mas acharemos em nossa Bíblia, repetidas vezes, que Deus faz as coisas assim. Quando Deus quer trazer vida, Ele o faz por meio de sua Palavra. Ele o faz por meio das boas novas de Jesus Cristo, por meio de você falando às pessoas ao seu redor a verdade a respeito da grande mudança que podem ter em Cristo. Esta é a maneira como Deus o faz. Deus poderia ter salvo Cornélio de modo direto; mas Ele resolveu salvá-lo como sempre o faz, por meio de sua Palavra e de agentes humanos. Ele teve realmente algum trabalho para fazer isso, envolvendo anjos, visões e pessoas que viajaram grandes distâncias a fim de proclamarem a Palavra de Deus. Como Pedro observou posteriormente, "fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente" (1 Pe 1.23).

Deus sempre tem agido desta maneira, desde Noé a Abraão, a Moisés, à nação de Israel, a Jesus chamando os seus discípulos. Como Jesus explicou aos seus discípulos, "não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi... para que vades e deis fruto" (Jo 15.16). Esta é a maneira como Deus sempre tem agido.

Também recordamos as palavras de Pedro no Dia de Pentecostes: "Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar" (At 2.39).

Posteriormente na história de Atos dos Apóstolos, Paulo falou a um grupo de mulheres reunidas em Filipos, dentre as quais se achava Lídia, a comerciante. Lídia ouviu o evangelho, mas, para que encontrasse a salvação, ela precisava responder à mensagem. Ela realmente o fez. Mas, como isso aconteceu? O texto bíblico nos diz: "O Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia" (At 16.14).

E, falando sobre o apóstolo Paulo, ele mesmo não conhecia algo da iniciativa de Deus que conduz à salvação? Ele não foi derrubado de seu cavado, quando estava em sua jornada de perseguição aos cristãos? Deus, em seu amor, tomou a iniciativa de revelar-se a Paulo.

Poderíamos continuar achando exemplos disto na Bíblia, mas o ensino é claro. Repetidas vezes Deus tem mostrado a verdade sobre a qual João escreveu: "Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1 Jo 4.10).

Mostramos que conhecemos a iniciativa de Deus na salvação, sempre que Lhe rogamos que salve determinada pessoa e a traga para Si mesmo. Sabemos que é Deus quem salva, por isso, Lhe suplicamos que, em seu grande amor, derrame seu Espírito, para que seu evangelho seja pregado com fidelidade e pessoas sejam salvas.

Você percebe por que isso é tão importante para a sua própria vida espiritual e para a vida espiritual de qualquer igreja com a qual você esteja envolvido? Se nossa conversão, nossa mudança, é entendida basicamente como algo que fazemos por nós mesmos, e não algo que Deus faz em nós, não a entendemos de modo algum. A conversão inclui nossas próprias ações. Temos de fazer um compromisso sincero, uma decisão consciente. Mas a conversão — a verdadeira conversão — é mais do que isso. As Escrituras são claras em ensinar que não estamos, todos, caminhando em direção a Deus. Em vez disso, as Escrituras nos apresentam como pessoas que necessitam ter o coração substituído, a mente transformada, o espírito vivificado.

Não podemos fazer nada disso por nós mesmos. A mudança que cada ser humano necessita, não importando como pareçamos exteriormente, é tão radical, tão profunda, que somente Deus pode realizá-la. Precisamos que Deus nos converta.

Receio que um dos resultados de não se entender corretamente o ensino bíblico sobre a conversão bem pode ser o fato que as igrejas evangélicas estão cheias de pessoas que fizeram um compromisso sincero em algum momento de sua vida, mas não experimentaram a mudança radical que a Bíblia chama de conversão. De acordo com um estudo recente, promovido pela Diretoria de Escola Dominical da Convenção Batista do Sul, os batistas do sul possuem uma taxa de divórcio equivalente ou um pouco menor do que a média nacional nos Estados Unidos. Outro estudo nacional recente sugere que os estados do "cinturão da Bíblia" estão entre os que possuem as taxas de divórcio mais elevadas do país. Por que esta é a situação? De onde procede este "testemunho reverso"? Será que resulta, em parte, do fato de que pastores, em nossas igrejas, não têm pregado a verdade a respeito da conversão — talvez motivados pelo interesse de terem igrejas enormes? Ou talvez não tenham entendido que tipo de mudança autêntica e radical é exigido, o que é a verdadeira conversão. Assim, nossas igrejas se parecem mais com clubes e instituições sociais do que com assembléias de pessoas verdadeiramente regeneradas. A causa desses exemplos negativos entre aqueles que são reputados seguidores de Cristo tem de ser, pelo menos em parte, a pregação antibíblica sobre a conversão por parte de muitos pastores — e a culpa é compartilhada pelas igrejas que permitem que isso ocorra.

De acordo com a Bíblia, o arrependimento e a fé são dons de Deus para nós; nossa conversão, nossa grande mudança, ocorre tão-somente pela graça de Deus.

Vemos que essa mudança é necessária e possível. E a mudança de que necessitamos é uma mudança de uma vida de pecado, que incorre em culpas, para uma vida perdoada, de confiança em Cristo. Para fazermos isso, temos de arrepender-nos de nosso pecado e crer em Cristo. E isto só pode acontecer pela graça de Deus, mediante a pregação do evangelho.

Uma vez que já citei vários exemplos bíblicos de como acontece a conversão cristã, talvez você comece a indagar se essa mudança tem ocorrido fora da história bíblica. As boas novas para você é que ela tem ocorrido. Desde os primeiros séculos da igreja, homens e mulheres têm continuado a experimentar esta grande mudança. Para um africano chamado Agostinho, esta mudança aconteceu quando ele ouviu a voz de um menino que dizia: "Pega e lê, pega e lê". Agostinho, que

vivera uma vida dissoluta, tinha às mãos uma cópia do Novo Testamento quando ouviu aquelas palavras. Portanto, ele a abriu e seu olhar caiu sobre um versículo na Epístola aos Romanos, que dizia:

> E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz. Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências (Rm 13.11-14).

Ao ler estas palavras, Agostinho se levantou um novo homem.

Martinho Lutero era um monge que, em seu estudo dos Salmos e das epístolas de Paulo aos Gálatas e aos Romanos, começou a perceber que a justiça exigida por Deus não é nossa própria justiça, e sim a de Deus e que essa justiça é dom de Deus para todos os que crêem em Cristo. Quando Lutero chegou a esta compreensão, ele disse: "Foi como se os portões do Paraíso se escancarassem".

William Perkins, um jovem estudante de Cambridge, caminhava pelas ruas quando ouviu uma mãe aflita dizer ao seu filho jovem e desobediente: "Cuide de sua vida ou você se tornará como o bêbado Perkins!" Deus usou o comentário daquela mãe para tocar o coração de Perkins e convencê-lo da maneira dissoluta e ébria em que vivia como universitário em Cambridge, a ponto de seu nome se tornar um ditado. Deus o convenceu de seu pecado e o levou a converter-se a Cristo.

Não muito distante dali, um jovem latoeiro (consertador de panelas) chamado John Bunyan ouviu duas lavadeiras conversarem a respeito de Deus como se O conhecessem realmente. Ele não podia tirar de sua mente aquela conversa, e Deus a usou para tocar o coração de Bunyan. Ele pensou consigo mesmo se havia entendido bem. Começou a se perguntar: "Podemos realmente conhecer a Deus"? E Deus usou isto para trazer Bunyan, que posteriormente escreveria *O Peregrino*, à fé em Cristo.

Para John Newton, um traficante de escravo de coração endurecido, foi a perspectiva de um naufrágio, em uma tempestade violenta, que Deus usou para mudar seu coração.

Para o jovem C. H. Spurgeon, foi uma tempestade de neve que o levou a uma antiga igreja metodista que tinha um velho diácono cumprindo a função de pastor. Conforme Spurgeon descreveu posteriormente, a igreja estava quase vazia. Ele se

assentou bem no fundo, quase sozinho. O velho diácono se levantou, fitou Spurgeon e, em sentenças quebradas, repetiu a mesma frase repetidas vezes: "Olhe para Cristo. Isso é tudo que você tem de fazer. Olhe para Cristo!" E continuou dizendo: "Olhe para Cristo! Olhe para Cristo!" E Deus usou isso para abrir os olhos de Spurgeon para a verdade.

Para C. S. Lewis, foi a recorrente idéia do deus-redentor da mitologia que começou a sugerir-lhe que algo devia estar acontecendo.

Para um de meus amigos, foi o ouvir uma pregação ao ar livre na Universidade de Maryland; foi ouvir aquele pregador, que vinha ano após ano e transmitia o evangelho.

Para mim, foi o chegar a crer que Jesus havia ressuscitado corporalmente dentre os mortos.

Para muitas pessoas de minha igreja, foi o ensino fiel de seus pais ou professores de Escola Dominical.

Deus usa muitos meios de comunicar sua Palavra. Mas, não importando o meio usado, Ele o faz com este propósito — dar os dons de arrependimento e fé. Ele faz isso para abandonarmos nosso pecado e nos convertermos a Ele, e, assim, experimentarmos esta grande conversão, esta grande mudança de que todos necessitamos desesperadamente.

Há muito em favor da idéia de que somos imutáveis. Mas, através dos séculos, Deus tem mudado pessoas. Não sei se a pessoa mencionada no início deste capítulo se tornou um homem mudado. Contudo, eu sei que, pela graça de Deus, muitas, muitas pessoas têm sido mudadas. De fato, em vez de esta mudança ser impossível (como alguns cínicos pensam), parece que, ao contrário disso, ela está, de várias maneiras, na ordem do dia. Na busca por mantermos nossas opiniões abertas, parece que o ídolo popular é um ego multiforme, indefinido e sempre mutável. Tudo o que fazemos é mudar.

Refletindo nisso como cristão, tenho de concordar que a vida presente é marcada por grande fluxo e mudança. Como o disse Tozer: "A natureza humana, como a conhecemos, encontra-se em um estado formativo. Está sendo mudada à imagem das coisas que ela ama".[4] E o proverbial rio de Heráclito pareceria estável, se comparado com algumas pessoas hoje! O único problema é que muitas das mudanças não ocorrem para o bem.

Você percebe que sua vida é como aquelas antigas fotos tiradas com câmeras Polaroid. É lenta, mas se desenvolve com certeza em um retrato do Deus que você

adora. Ante os seus próprios olhos, você vê, em si mesmo, a imagem de seu deus, o retrato da pessoa ou da coisa que você adora ocupando todo o foco, à medida que o seu caráter é reproduzido em você.

Alguns de nós ouvimos esta chamada, esta necessidade desesperada que temos de uma mudança, que a Bíblia chama de conversão.

E, pela graça de Deus, alguns de nós já experimentamos essa mudança.

Se você ainda não a experimentou, você precisa abandonar seu pecado e converter-se a Deus.

Mudar da maneira como você necessita talvez lhe pareça impossível. Mas as boas novas são: essa mudança não está além do poder de Deus. Você precisa somente atentar às palavras de Jesus: "Arrependei-vos e crede no evangelho".

MARCA 5

Um Entendimento Bíblico da Evangelização

Quem deve evangelizar?

Como devemos evangelizar?

1. Diga às pessoas com honestidade que, se elas se arrependerem e crerem, serão salvas — mas haverá um preço.
2. Diga às pessoas, com urgência, que, se elas se arrependerem e crerem, serão salvas — mas elas têm de decidir-se agora.
3. Diga às pessoas, com alegria, que, se elas se arrependerem e crerem nas boas novas serão salvas. Embora haja dificuldades, vale a pena!
4. Use a Bíblia.
5. Compreenda que a vida de cada cristão e da igreja como um todo são partes centrais da evangelização.
6. Ore.

O que é evangelização?

1. Não é imposição.
2. Não é testemunho pessoal.
3. Não é ação social ou envolvimento político.
4. Não é apologética.
5. Não é o resultado da evangelização.

Por que devemos evangelizar?

Um desejo de ser obediente à Grande Comissão

Um amor pelos perdidos
Um amor a Deus

CINCO

Um Entendimento Bíblico da Evangelização



O que você pensa quando ouve a palavra *evangelista*? Pensa em Billy Graham? Ou no personagem chamado *Evangelista*, do livro *O Peregrino*? Talvez pense em algum pregador da televisão, de reputação questionável? Num saco de ofertas sendo passado pelos corredores do templo? Numa carta de levantamento de fundos, contendo um envelope de resposta?

Quando você ouve a palavra *evangelista*, o que vem de imediato à sua mente — um charlatão ou um santo?

A evangelização é, sem dúvida, um tema embaraçoso em nossos dias. O escandaloso evangelista fictício Elmer Granty, de Sinclair Lewis, empalidece quando comparado com a realidade chocante dos escândalos recentes envolvendo evangelistas famosos.

E, quando deixamos de lado a personalidade dos evangelistas e pensamos no próprio processo de evangelizar, a evangelização cristã praticada hoje é diferente de qualquer dos excessos das Cruzadas, nos séculos XII e XIII?

Quando tratamos do assunto da evangelização, mesmo entre os cristãos, muitas questões surgem, e os sentimentos podem variar da culpa à perplexidade autêntica.

"A evangelização não deveria ser deixada à cargo de profissionais?", alguns poderiam indagar. "Não deveria ser feita por aqueles que realmente sabem como fazê-la? Quero dizer que, com freqüência, a evangelização é tão mal feita. Eu não quero fazer parte disso. Não sei o bastante".

Outros talvez digam: "Não tenho certeza do que evangelização significa. Espera-se que convençamos as outras pessoas de que elas estão erradas e nós, certos? É isso que significa evangelização?"

Os céticos podem argumentar: "Não é gratificante ao ego ficar tão cheio de auto-estima, que você tenta levar outros a aceitarem seu evangelho? Não é realmente lícito, nestes tempos pluralistas, tentar levar outras pessoas a mudarem suas crenças e aceitarem as suas, ou é? Quero dizer que a fé religiosa é algo tão pessoal".

Motivados por um senso de incompetência, apatia, ignorância, temor ou apenas sentindo que a evangelização lhes é inapropriada, os cristãos relegam-na freqüentemente aos "profissionais". Talvez eles não tenham certeza do que a evangelização envolve e como deve ser feita. Esta situação é trágica. Estou convencido de que uma das marcas distintivas de uma igreja saudável é a prática aliada a um entendimento bíblico da evangelização. Esse é o nosso assunto neste capítulo. Esta é a quinta marca de uma igreja saudável.

Você recorda minha afirmação de que os capítulos 3, 4 e 5 deste livro estão bem relacionados ao assunto da salvação; e cada um destes capítulos aborda este assunto de um ângulo levemente diferente. No capítulo 4, consideramos o próprio momento da salvação — a conversão, a grande mudança — e o que a Bíblia ensina a respeito desta mudança. No capítulo 3, tratamos do conteúdo da própria mensagem do evangelho. Neste capítulo, queremos considerar como devemos transmitir aos outros a grande mensagem que nos mudou. Como devemos evangelizar? O que é a evangelização e por que devemos fazê-la?

Para nos ajudar a entender e praticar a evangelização, quero abordar quatro perguntas simples:

1. Quem deve evangelizar?
2. Como devemos evangelizar?
3. O que é evangelização?
4. Por que devemos evangelizar?

Na verdade, estas não são quatro perguntas diferentes. Nossas respostas entretecerão e influenciarão uma à outra. Mas cada uma destas perguntas proverá um ponto de vista diferente com o qual poderemos discernir e entender este assunto da evangelização. É claro que não podemos responder todas as perguntas sobre evangelização, mas, depois de considerar estas quatro perguntas, espero que, pelo menos, descubramos que nós mesmos podemos ser mais compreensíveis e mais obedientes e cultivar uma igreja saudável, no que diz respeito à nossa grande chamada para evangelizar.

Antes de prosseguir, permita-me recomendar à sua leitura quatro outros livros sobre este importante assunto:

O livro de Will Metzger, *Tell the Truth* (Fale a Verdade),[1] é provavelmente o melhor que conheço sobre evangelização. Ele oferece muitos exemplos práticos e

apresenta um excelente entendimento teológico do evangelho e do processo da evangelização.

Speaking of Jesus (Falando de Jesus),[2] escrito por Mack Stile, é uma leitura agradável e está cheio de boas histórias a respeito de como você pode falar de Jesus aos seus amigos, de modo autêntico e prático. Ele dá exemplos agradáveis e instrutivos de conversas que culminaram com a apresentação do evangelho e alguns relatos encorajadores de conversões verdadeiras.

Revival and Revivalism (Avivamento e Avivalismo),[3] escrito por Iain Murray, é uma leitura difícil, mas digna. Nesta obra histórica, Iain Murray observa como a prática da evangelização na América mudou de 1750 a 1850 e como essas mudanças continuam a afetar-nos hoje. Se você é uma pessoa mais exigente e gosta de história ou de histórias edificantes, esta obra seria uma excelente leitura para você.

Gostaria de recomendar mais um livro: *Evangelização e a Soberania de Deus*.[4] Este livro é tão bom quanto é sucinto! Contém apenas quatro capítulos. Pessoas o têm achado proveitoso para responder perguntas básicas a respeito do que é a evangelização bíblica.

Bem, chega de resenhas de livros! Prossigamos com o capítulo.

Quem deve evangelizar?

Embora nos sintamos incomodados quanto a este tema da evangelização, é difícil evitá-lo quando lemos a Bíblia. Achamos evangelização em todo o Novo Testamento. Passagens que falam sobre a propagação do evangelho são encontradas do começo ao fim do Novo Testamento. Por exemplo, Paulo escreveu aos cristãos de Roma: "Sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma" (Rm 1.14-15). Isto é apenas uma descrição da chamada particular de Paulo como evangelista? Estas palavras se aplicam somente a ele e aos outros apóstolos? Ou se aplicam também a nós?

Lendo o Novo Testamento, percebemos que a chamada para evangelizar não se limita a Paulo ou mesmo aos apóstolos. No final de seu ministério terreno, Jesus disse:

> Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mt 28.18-20).

Esta afirmação, geralmente chamada de Grande Comissão, parece ser uma comissão para *todos* os discípulos de Jesus.

À medida que lemos o Novo Testamento, fica claro que estes primeiros discípulos encararam com seriedade esta Grande Comissão de seu Senhor. Leia as epístolas que eles escreveram e Atos dos Apóstolos e você perceberá, diversas vezes, que eles evangelizavam. E o faziam constantemente (por exemplo, At 5.42; 8.25;13.32; 14.7, 15, 21; 15.35; 16.10, 17-18). Alguns perguntam em nossos dias: "Quem deve evangelizar?" Somente os pregadores? É somente uma vez por semana que a maioria das igrejas evangeliza, quando o homem pago para realizar um ministério de tempo integral se levanta, lê a Bíblia e prega o evangelho? A Grande Comissão é apenas para homens profissionais e piedosos? Ou ela se aplica a você, se você é um cristão?

A Bíblia parece indicar que todos os crentes receberam esta comissão. Olhando com mais atenção o livro de Atos dos Apóstolos, temos um vislumbre desta

obediência universal à chamada para evangelizar. Não lemos que apenas os apóstolos pregaram o evangelho. Veja esta passagem de Atos 8:

> E Saulo consentia na sua morte. Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria. Alguns homens piedosos sepultaram Estêvão e fizeram grande pranto sobre ele. Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere. Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra (Atos 8.1-4).

Não somente os apóstolos foram descritos, nestes versículos, como aqueles que evangelizavam. De fato, os versículos focalizam as atividades evangelísticas daqueles que "foram dispersos", que incluía "todos, exceto os apóstolos". Ora, talvez você diga que eram apenas os presbíteros, porque eles foram dotados para ensinar. Mas o resto de Atos 8 narra a história de Filipe, que nem mesmo era presbítero. Ele era "apenas" um diácono e evangelizava (At 5.1-12, 26-40).

Em Atos 11.19-21, você lê a continuação desta história de "evangelização leiga":

> Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus. A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor.

Aqui, novamente, temos cristãos "comuns" saindo e divulgando as boas novas.

Devemos recordar também a admoestação de Pedro: "antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós" (1 Pe 3.15). Pedro escreveu estas palavras para toda a igreja, não somente para os seus líderes.

Todos os cristãos, não somente o ministério profissional, devem propagar as boas novas. Parte de nossa atividade evangelística está vinculada à maneira como nos relacionamos com os outros crentes. Jesus disse: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13.34-35). Se você não está expressando corretamente o amor cristão a todos os membros de sua igreja, está em desobediência a Deus e está obstruindo a obra evangelística de sua igreja.

Às vezes, se somos honestos, a principal razão porque queremos transferir para outros a responsabilidade da evangelização é por não estarmos certos de como fazê-lo.

Como devemos evangelizar?

Como devemos evangelizar? A resposta mais óbvia para esta pergunta é: por meio da pregação da Palavra, pela propagação da mensagem, pela comunicação das boas novas. Do ponto de vista bíblico, essa é a maneira como você evangeliza.

Mas, de maneira exata, como isso deve ser feito? Esta pergunta é mais importante do que alguns admitem. Mais de trinta anos atrás, Joseph Bayly repreendeu, de modo engraçado, os cristãos, quando publicou seu livro *The Gospel Blimp* (O Dirigível Evangélico). Conforme ele mesmo conta a história:

> A idéia surgiu naquela noite, há alguns anos, em que estávamos todos assentados em círculo, no quintal da casa de George e Ethel Griscom.
>
> Tínhamos acabado de saborear um jantar ao ar livre (um verdadeiro banquete). E não havia muito que fazer, exceto repelir mosquitos e assistir aos fogos de artifício. Com certa freqüência, um avião passava no alto do céu. Você podia ver as luzes vermelhas e brancas que piscavam continuamente.
>
> Acho que foi isso que deu origem ao Dirigível Evangélico. Ou talvez fossem os vizinhos de George e Ethel, que jogavam baralho e bebiam cerveja na varanda.
>
> Seja como for, começamos a conversar a respeito de como alcançar as pessoas com o evangelho. Herm é ativo em seu grupo local de homens de negócio (ele e Marge estavam ali naquela noite, sua primeira vez depois que nosso bebê nascera). Portanto, quando começamos a falar sobre alcançar as pessoas, Herm disse: "Vamos evangelizar estes seus vizinhos, George. Você pode dizer-lhes que não são cristãos. Ora, se queremos transmitir-lhes o evangelho, como...?"
>
> "Herm, pelo amor de Deus, abaixe a sua voz", Merge interrompeu. "Você quer que eles o ouçam?"
>
> "Herm está certo, eles não são cristãos", George concordou. "Vão à igreja — uma igreja liberal — por ocasião do Natal e da Páscoa. Mas bebem e jogam baralho na maioria dos domingos. Exceto no verão. Em poucas semanas, eles começarão a ir à praia todo final de semana, até ao Dia do Trabalho."
>
> "Muito bem. Alguma sugestão?" Herm é um bom líder de discussão.
>
> "Hei! Veja aquele avião; está realmente baixo. Você pode quase ver as luzes nas janelas."
>
> "Portinholas. Alguém quer mais batatas fritas?"
>
> "Como eu estava dizendo, eis um teste. Como podemos sair e falar do evangelho para as pessoas ao nosso redor?" E Herm fez menção de encaminhar-se para a casa do vizinho.

> "Infelizmente aquele avião não levava nenhum anúncio. Eles tiraram os olhos das cartas e olharam para o avião por tempo suficiente para lerem um anúncio, se o avião o levasse."
>
> "Hei! Você sabia que você pode usar algo no céu. Algum de vocês já viu aqueles dirigíveis que puxam anúncios em sua traseira? Anúncios como Beba Pepsi Cola ou Chevrolet é a melhor...?"
>
> "O que eu quero dizer é o seguinte: por que não termos um dirigível puxando um versículo bíblico — algo como: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo..."
>
> "Parece uma idéia excepcional... realmente excepcional! Todos poderiam ouvir o evangelho ao mesmo tempo."[5]

À medida que a história prossegue, estes amigos cristãos compram um dirigível, prendem nele uma mensagem evangélica e, do alto, jogam folhetos para assegurarem-se de que todos receberiam a mensagem do evangelho. E o que acontece? Você mesmo tem de obter o livro!

Mas, o que eles faziam com o Dirigível Evangélico estava disseminando o evangelho, não estava? Como você acha que todos podem receber a Palavra? Poderíamos dizer que todos devem vir à igreja. Todavia, nem todos farão isso. Então, o que fazemos? Como propagamos a Palavra? Como levamos a mensagem às pessoas? A resposta é um dirigível?

Bem, certamente podemos transmitir a Palavra pelos meios de comunicação e pelas reuniões públicas; mas também podemos transmiti-la em particular, por meio da conversa pessoal. Independente do contexto, quer seja por meio de impressos ou da pregação pública, por meio de conversas ou de estudos bíblicos, como devemos fazer isso? Em seguida, oferecemos seis orientações bíblicas a respeito de como evangelizar.

1. *Diga às pessoas com honestidade que, se elas se arrependerem e crerem, serão salvas — mas haverá um preço.*

Temos de ser precisos no que dizemos, não escondendo qualquer parte importante da mensagem, por medo de que essas partes sejam muito embaraçosas ou difíceis de ser explicadas. Muitas pessoas não gostam de ter qualquer coisa negativa em uma apresentação das boas novas. Falar sobre pecado, culpa, arrependimento, sacrifício é considerado bastante negativo para nossa época de auto-estima. Não queremos que o evangelho seja apresentado desta maneira. Veja o que disse, há pouco tempo, um pregador de televisão bem popular:

> Não penso que qualquer coisa tenha sido feita em nome de Cristo ou sob a bandeira do cristianismo que tenha sido mais destrutiva à personalidade humana (e, por isso, mais contraproducente à obra de evangelização) do que tentar fazer com que as pessoas se tornem conscientes de seu estado de perdição e pecaminosidade.[6]

Em caso de dúvida, esse pregador era Robert Schüller. Ele não é o único que pensa dessa maneira. No entanto, de acordo com a Bíblia, tornar as pessoas conscientes de seu estado de perdição e pecaminosidade faz parte do compartilhar as boas novas de Jesus Cristo. Se você ler os resumos dos sermões de Pedro, nos primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos, perceberá repetidas vezes que ele foi admiravelmente honesto a respeito da pecaminosidade daqueles que o ouviam.

Não podemos fingir que todos estão em uma busca sincera pela verdade. A Bíblia ensina que as pessoas estão, por natureza, alienadas de Deus, em inimizade com Ele. Temos de ser honestos sobre isso. Talvez não seja cortês dizer isso, mas é a verdade e, por isso, uma atitude fiel.

Reter partes importantes e desagradáveis da verdade é algo manipulador. Significa defraudar alguém.

2. Diga às pessoas, com urgência, que, se elas se arrependerem e crerem, serão salvas — mas elas têm de decidir-se agora.

Temos de deixar claro a urgência da mensagem e dizer aos nossos ouvintes que não devem esperar até que uma "oportunidade melhor" lhes apareça.

Você é o tipo de pessoa que, para fazer a assinatura de uma revista, espera até depois de receber pelo correio duas ou três ofertas diferentes? Você sabe que pode economizar; então, assenta-se, compara-as e escolhe a melhor opção? Como você age em relação aos serviços de chamadas de longa distância? Você gastaria uma boa parte de sua vida tentando achar a melhor opção para esse tipo de serviço!

Mas, quando falamos do evangelho, não há qualquer vantagem em esperar a melhor oportunidade. De acordo com o Novo Testamento, Jesus é o único caminho para Deus (veja Jo 14.6; At 4.12; Rm 10). Você pode sugerir algum outro meio pelo qual pecadores podem reconciliar-se com o Deus santo? Não há outro meio, além de Cristo. E, se Ele é o único meio, então o que estamos esperando? A Bíblia adverte: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração" (Hb 4.7, citando Sl 95.7-8).

Jesus evidenciou urgência em seu ensino. Considere, por exemplo, esta parábola registrada em Lucas:

> Então, Jesus proferiu a seguinte parábola: Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha e, vindo procurar fruto nela, não achou. Pelo que disse ao viticultor: Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho; podes cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra? Ele, porém, respondeu: Senhor, deixa-a ainda este ano, até que eu escave ao redor dela e lhe ponha estrume. Se vier a dar fruto, bem está; se não, mandarás cortá-la (Lc 13.6-9).

Não é manipulador e insensível apresentar advertências urgentes como esta. É apenas a verdade. Nenhum de nós possui uma quantidade ilimitada de tempo no qual podemos decidir se seguiremos ou não a Cristo.

Como cristãos, temos chegado à compreensão de que a história não é cíclica, repetindo-se sempre em uma rotação interminável de acontecimentos, mas que Deus trará a história a uma consumação em julgamento. Sabemos que Ele nos deu esta vida e que exigirá prestação de contas por ela. O tempo que possuímos é limitado, a sua quantidade é incerta, e a maneira de usá-lo depende de nós. Por isso, Paulo disse aos cristãos de Éfeso que aproveitassem ao máximo o seu tempo (Ef 5.16).

À semelhança de um colecionador que compra toda espécie conhecida de um item apreciado, devemos ter o desejo de agarrar toda hora fugaz e transformá-la num troféu para Deus, usando-a para Ele. Não devemos nos contentar com o pensamento de que "viverei mais alguns anos em egoísmo e, depois, quando tiver cuidado de todos os meus interesses, me converterei e seguirei a Cristo". Não, não devemos nos contentar com isso! Devemos saber, como Paulo sabia, que "o tempo se abrevia; o que resta é que... os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem; porque a aparência deste mundo passa" (1 Co 7.29, 31).

Em que situações você está agora? Você sempre se encontrará nelas? Como você as usa em obediência a Deus? Confie no Senhor para usá-lo naquelas situações, em vez de sempre procurar novas situações. Confie no Senhor para usá-lo neste momento, em vez de esperar até à próxima oportunidade, visto que você nem sabe se terá outra oportunidade. Não permita que a passageira permanência dos grandes edifícios e instituições estabelecidas ou que o tédio tranqüilizante de longas horas e minutos faça de você um tolo! "Os dias são maus", disse Paulo em Efésios 5.16, significando que os dias são perigosos, são oportunidades que passam rapidamente; por isso, temos de remir o tempo, aproveitando o máximo de cada oportunidade.

Então, podemos dizer, juntamente com Paulo, em vista do juízo vindouro, que o amor de Cristo nos constrange a proclamar as boas novas (cf. 2 co 5.10-14).

3. Diga às pessoas, com alegria, que, se elas se arrependerem e crerem nas boas novas, serão salvas. Embora haja dificuldades, vale a pena!

Hebreus 11 conta a história daqueles que sofreram por causa da fé e, apesar disso, permaneceram firmes. Em Hebreus 12, lemos que o próprio Jesus suportou a cruz por causa da alegria que Lhe estava proposta.

Talvez você já leu esta afirmação de Jim Elliot: "Não é tolo aquele dá o que não pode reter, para ganhar o que não pode perder".

O que ganhamos em vir a Cristo? Ganhamos um relacionamento com o próprio Deus. Ganhamos perdão, significado, propósito, liberdade, comunhão, certeza e esperança. Ser honesto a respeito das dificuldades, quando transmitimos o evangelho, não significa que temos de mascarar as bênçãos. É claro que também não significa que temos de fingir que a vida cristã é difícil apenas para que as pessoas pensem que estamos sendo honestos e confiáveis. Não! Precisamos ser completamente honestos; isso significa falar às pessoas que temos grandes boas novas em Jesus Cristo. Apesar de todas as dificuldades que existem, é infinitamente mais digno tomar a decisão de morrer para o "eu" e seguir a Cristo.

4. Use a Bíblia.

Não é somente na pregação pública que a Bíblia deve ser usada. Aprenda a Bíblia para você mesmo e compartilhe-a com os outros. Fazendo isso, você mostra aos que o ouvem que a sua mensagem não se constitui de seus próprios pensamentos e de suas próprias idéias. Em Atos 8, vemos Filipe compartilhando a mensagem com um oficial etíope. Filipe começou com o Antigo Testamento e o usou para falar ao etíope a respeito de Jesus.

Quando usamos a Bíblia para compartilhar o evangelho, ajudamos as pessoas a compreender que não estamos falando sobre nossas próprias idéias, mas sobre as palavras do próprio Deus.

5. Compreenda que a vida de cada cristão e da igreja como um todo são partes centrais da evangelização.

Nossa vida, individual e congregacional, precisa dar credibilidade ao evangelho que proclamamos. Esta é uma das razões por que a membresia da igreja é tão importante. Como igreja, assumimos uma responsabilidade corporativa de apresentar ao mundo o que significa ser um verdadeiro cristão. Devemos entender com clareza o que significa ser membro da igreja e ajudar nossos irmãos cristãos a entenderem isso. Deus é glorificado não somente por comunicarmos a mensagem, mas também por vivermos de modo coerente com ela — isto não significa que possamos viver de modo perfeito, e sim que tentamos, pelo menos, viver de um modo que prova o evangelho. Lembre as palavras de Jesus no Sermão do Monte: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.16; cf. 1 Pe 2.12). Isto se refere à sua vida. A sua vida pode ser vivida de tal modo que traga glória a Deus, à medida que os outros a vêem e começam a crer no evangelho.

E lembre-se: isto envolve mais do que sua vida individual; envolve também a maneira como os cristãos vivem juntos. Mais uma vez, recorde as palavras de Jesus: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13.34-35).

Tenha uma vida de amor comprometido com os outros membros de sua igreja local, considerando isso uma parte fundamental de sua santificação e de seu ministério de evangelização. Nossa vida individual não é um testemunho suficiente. Nossa vida na comunhão da igreja é um eco que confirma nosso testemunho.

6. Ore.

Não esqueça a importância da oração em tudo isto — porque a salvação é, evidentemente, uma obra de Deus.

O que é evangelização?

Às vezes, compartilhamos erroneamente o evangelho, porque não entendemos o que é a evangelização. Isso nos traz à nossa terceira pergunta: o que é evangelização? Há diversas coisas que as pessoas consideram evangelização, mas que, de fato, não o são. Quero mencionar cinco dessas coisas:

1. Talvez a objeção mais comum à evangelização, nestes dias, é esta: "Não é errado impor nossas crenças aos outros?" Algumas pessoas acham que a evangelização é uma *imposição.* E, pela maneira como normalmente a evangelização é feita, posso entender a confusão. E, quando entendemos o que a Bíblia apresenta como evangelização, compreendemos que esta não é uma questão de impor suas crenças.

Em primeiro lugar, temos de entender que as coisas em que cremos são fatos. Não são apenas crenças ou opiniões; são fatos.

Em segundo, estes fatos não são *nossos* no sentido de que pertencem somente a nós, à nossa perspectiva ou à nossa experiência; ou no sentido de que os formulamos por nós mesmos. Quando evangelizamos, pregamos os fatos do evangelho de Cristo.

E, na evangelização bíblica, não *impomos* nada. De fato, não podemos fazer isso. De acordo com a Bíblia, a evangelização é apenas o contar a alguém as boas novas; isso não inclui a garantia de que a outra pessoa responderá corretamente ao evangelho. Gostaria de podermos fazer as pessoas responderem ao evangelho, mas não o podemos. Conforme as Escrituras, o fruto da evangelização vem de Deus, não de nossas técnicas astutas ou de nossa paixão pessoal pelo que estamos fazendo. Como Paulo escreveu aos cristãos de Corinto:

> Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento (1 Co 3.5-7; cf. 2 co 3.5-6).

Este é um argumento importante que temos de abraçar, especialmente em um mundo tão hostil ao evangelho. Em certa ocasião, quando estive em Cambridge, conversei com um amigo libanês, que era muçulmano, a respeito de outro de nossos amigos que era um muçulmano bastante secular. Meu amigo libanês queria

que este homem abraçasse um estilo de vida muçulmano mais fiel; eu desejava que ele se tornasse um cristão. Assim, de um modo estranho, eu e o amigo libanês tínhamos algo em comum. Ambos estávamos preocupados com aquele outro amigo, embora tivéssemos soluções diferentes para o problema dele. Ambos lamentávamos a dificuldade de alguém viver na cultura britânica secular. Então, meu amigo libanês fez observações sobre a corrupção deste país cristão. Respondi-lhe que a Grã-bretanha não era um país cristão e que, de fato, não existe tal coisa como um país cristão. Esse é o problema, disse meu amigo, aproveitando imediatamente a oportunidade, do cristianismo comparado ao islamismo. O cristianismo não oferece respostas e diretrizes para todas as complexidades da vida real, ele afirmou. O cristianismo não tem um padrão sóciopolítico abrangente para oferecer às pessoas, para solucionar as questões com as quais as pessoas se deparam.

Respondi que isso ocorria por causa do retrato realista que o cristianismo apresenta sobre a condição do homem. Ele me perguntou o que isso significava. Disse-lhe que, falando com franqueza, o islamismo era superficial ao pensar que o problema do homem é apenas uma questão de comportamento. De acordo com o islamismo, é apenas uma questão de vontade. Mas o cristianismo, eu lhe disse, ensina que existe um problema mais profundo, e este é um entendimento mais exato da situação do homem. O cristianismo inclui uma admissão franca da pecaminosidade humana não como um agregado, uma coleção de ações más, e sim como a expressão de um coração mau, um coração que está em rebelião contra Deus. O cristianismo reconhece nosso problema como uma questão do caráter, da natureza humana. O cristianismo não possui nada que poderia ser reconhecido como um programa político abrangente, porque não pensamos que o verdadeiro problema do homem possa ser resolvido pelo poder político.

Para deixar isso claro, disse ao meu amigo: "Veja, eu poderia colocar uma espada sobre a garganta de uma pessoa e torná-la um muçulmano suficientemente bom".

Ele concordou que isso era verdade.

"Mas", eu continuei, "não posso colocar uma espada sobre a garganta de uma pessoa e torná-la um cristão. Ser um cristão não é apenas uma questão de fazer ou não fazer isso, ou de seguir essa lei, ou de não fazer aquilo. Ser um cristão significa ter sua vida transformada por Deus. A Bíblia apresenta o problema do homem como algo que nunca pode ser resolvido pela força humana coerciva ou por imposição. Tudo que podemos fazer é apresentar a você, com exatidão, as boas novas, viver uma vida de amor em sua presença e rogar que Deus o convença de

seus pecados. Posso orar, pedindo a Deus que lhe mostre a sua necessidade de um Salvador e lhe dê os dons do arrependimento e da fé. Mas não posso torná-lo um cristão".

A evangelização cristã, por sua própria natureza, não envolve coerção; envolve somente amor e proclamação. Temos de apresentar o evangelho com espontaneidade a todos. Não podemos manipular ninguém a aceitá-lo verdadeiramente. A evangelização bíblica autêntica jamais é uma imposição.

2. Alguns pensam na evangelização como um *testemunho pessoal*. Certamente, um testemunho pessoal do que Deus tem feito em nossa vida inclui as boas novas, mas não pode contê-las. Depois de haver contado aos outros o quanto Jesus significa para você, talvez não lhes tenha falado realmente sobre o evangelho. Você explicou o que Jesus fez, ao morrer na cruz? É bom compartilhar seu próprio testemunho do que Deus tem feito em sua vida, mas, em seu testemunho, talvez você não deixe claro quais as reivindicações de Cristo para as outras pessoas.

O testemunho é algo bem popular em nossa era pós-moderna, a era do "isso é bom para você". Quem se oporia à sua idéia de que obteve algo bom de Cristo? Mas espere e veja o que acontece, quando você tenta mudar a conversa do que Jesus fez por você para os fatos da vida, morte e ressurreição de Cristo e de como tudo isso se aplica ao seu amigo incrédulo. É nesse momento que você descobre que o testemunho não é necessariamente evangelização.

3. Alguns confundem a evangelização com *ação social ou envolvimento político*. Quando nossos olhos voltam-se de Deus para os homens, não é surpreendente que, em nossas preocupações, os males sociais tomem o lugar do pecado. Hoje, os problemas horizontais — problemas entre as pessoas — obscurecem freqüentemente o problema fundamental, o problema vertical do relacionamento entre nós e Deus. Recorrentemente, aquilo que é realizado como evangelização talvez sejam cruzadas em favor de virtudes públicas, de programas de compaixão ou outras mudanças sociais. Mas, como disse Donald McGavran, famoso missionário que serviu na Índia, nos meados do século XX:

> Evangelização não é proclamar o quão agradável é este mundo desagradável nem persuadir as pessoas a votarem a favor de proibições. Evangelização não é proclamar o quão desejável é o compartilhar riquezas nem persuadir as pessoas a tomarem uma atitude política para alcançar isso.[7]

Evangelização não é proclamar o plano político de Deus para as nações. Não é recrutar pessoas para a igreja. Evangelização é uma declaração do evangelho a pessoas individuais. As sociedades são desafiadas e mudam quando, por meio deste evangelho, o Senhor toma homens e mulheres e os une nas igrejas, para revelar Seus atributos nos inter-relacionamentos daqueles que Ele salvou.

4. Outras pessoas confundem evangelização com *apologética*. O termo *apologética* se refere ao processo de responder questões e objeções que as pessoas fazem a respeito das doutrinas do cristianismo. Assim como no caso do testemunho pessoal, esse responder e defender questões pode ser parte de nossa conversa com outros a respeito de Cristo e pode incluir a evangelização. Mas não é o mesmo que evangelização. Defender o nascimento virginal de Cristo ou a historicidade da ressurreição é muito importante, mas não é evangelização. A apologética é a defesa da fé, é responder as perguntas que os outros têm a respeito do cristianismo. É atender a agenda que outros estabeleceram. No entanto, a evangelização é o ato positivo de contar aos outros as boas novas a respeito de Jesus Cristo e do caminho de salvação por meio dEle.

5. Finalmente, um dos erros mais comuns e perigosos é confundir *os resultados da evangelização* com a própria evangelização. Este talvez seja o mais sutil de todos os entendimentos errôneos acerca da evangelização. Se você combinar este entendimento errôneo — pensar que a evangelização é o seu próprio fruto — com um entendimento diferente daquele que expusemos nos capítulos anteriores que tratam do evangelho e da conversão, então, é bem possível que você acabará pensando não somente que evangelização é apenas ver os outros convertidos, mas também que está em seu próprio poder o converter os outros. Esta maneira de pensar pode levá-lo a se tornar manipulador.

Conforme ensinam as Escrituras, a evangelização não pode ser definida em termos de resultados ou métodos, mas somente em termos de fidelidade à mensagem pregada. Em Atos dos Apóstolos, você encontrará ocasiões em que Paulo pregou o evangelho e poucos se converteram. No grande congresso de evangelização em Lausanne, em 1974, John Stott disse que "evangelizar... não significa ganhar convertidos... significa apenas anunciar as boas novas, independentemente dos resultados".[8] Naquele congresso, evangelização foi definida nestes termos:

> Evangelizar é propagar as boas novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e foi ressuscitado dentre os mortos, segundo as Escrituras; e, como o Senhor que reina, Ele oferece agora o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos que se arrependem e crêem.[9]

Veja comigo o texto de 2 Coríntios 2.15-16. Uma passagem muito interessante para meditarmos: "Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida".

Paulo não está dizendo que expôs duas mensagens diferentes ou que poderia olhar para uma multidão e dizer: "Muito bem, eu sei quem são os eleitos. Para vocês, pregarei uma mensagem. Mas pregarei outra mensagem para todos aqueles que ainda não são cristãos". Não, Paulo pregava o mesmo evangelho para todos. E, ao evangelizar todos com a mesma mensagem, ele era aroma de vida para alguns; para outros, cheiro de morte. O mesmo ministério tinha dois efeitos diferentes.

Jesus ensinou isto em sua parábola do semeador (Mt 13.1-23). Nesta parábola, o semeador saiu e semeou a mesma semente em diferentes tipos de solos. A parábola não diz nada a respeito dos métodos do semeador. Presumimos que ele usou o mesmo método em cada ocasião. A mensagem da parábola é que algumas pessoas responderão favoravelmente ao evangelho e outras não, embora todas ouçam a mesma mensagem. Não podemos julgar se o que fazemos na evangelização é correto ou não pela resposta imediata que observamos. É importante entender esta verdade, porque o erro em entender isso pode levar igrejas bem intencionadas a esforços pragmáticos, norteados por resultados, e pode transformar pastores em neuróticos manipuladores de pessoas. Cometemos um erro terrível quando entendemos tão erroneamente a evangelização, que pensamos poder afirmar, com base nos resultados imediatos, que estamos evangelizando de modo correto. Devemos saber, como cristãos, que se formos fiéis em anunciar o evangelho, as pessoas podem não aceitá-lo. O fato de que elas não aceitam o evangelho não significa necessariamente que erramos na maneira como o apresentamos.

Não compreender esta verdade pode prejudicar cristãos individuais com um senso de fracasso pessoal e causar uma aversão à própria evangelização. Imagine a culpa que alguns cristãos sentem, porque compartilharam o evangelho durante trinta anos com determinada pessoa que nunca chegou a conhecer a Cristo. Esses cristãos podem sentir que, de algum modo, são culpados disso. Mas o ensino bíblico é que conversões não acontecem como resultado de nossa eficiência evangelística,

assim como a resistência ao evangelho não é um reflexo de nosso fracasso evangelístico. A evangelização não é um assunto que depende fundamentalmente de nossos métodos, mas sim de nossa fidelidade na proclamação.

Alguns de nós que somos cristãos hoje nos tornamos cristãos por meio de apresentações do evangelho que podem ter sido terríveis. Aquele que nos apresentou o evangelho talvez fosse temeroso, gaguejante, esquecido, insistente e desagradável. Mas, de algum modo, a verdade estava ali, em meio a todos os seus erros, e o Espírito Santo de Deus usou-a para trazer-nos ao arrependimento e à fé.

É claro que, de nossa parte, como evangelistas, temos de trabalhar para tentar apresentar o evangelho tão bem quanto pudermos. Essa é a nossa responsabilidade. Mas, por outro lado, exultamos no fato de que Deus é um grande Deus. Ele pode usar nossos erros. Em sua graça, Ele supera todas as nossas faltas e faz tudo para a sua glória.

Um escritor apresentou isso nestes termos:

> A evangelização não é fazer prosélitos. Não é persuadir as pessoas a tomarem uma decisão. Não é provar que Deus existe nem fazer uma boa argumentação em favor da verdade do cristianismo. Não é convidar alguém para vir a uma reunião. Não é expor o dilema contemporâneo ou despertar interesse pelo cristianismo. Não é vestir uma camiseta com a frase "Jesus Salva". Algumas dessas coisas são corretas e boas em seu devido lugar, mas nenhuma delas deve ser confundida com a evangelização. Evangelizar é declarar, com autoridade de Deus, o que Ele fez para salvar pecadores; é advertir os homens quanto a sua condição de perdidos e direcioná-los a arrependerem-se e a crerem no Senhor Jesus.[10]

Quem pode negar que muito da evangelização moderna se tornou emocionalmente manipuladora, buscando obter apenas uma decisão imediata da vontade do pecador, negligenciando a idéia bíblica de que a conversão é o resultado da graça de Deus para com o pecador?

A chamada cristã para evangelizar é uma chamada. Não é somente persuadir as pessoas a fazerem uma decisão; pelo contrário, é uma chamada para anunciar-lhes as boas novas da salvação em Cristo Jesus, para chamá-las ao arrependimento e dar a Deus a glória pela regeneração e pela conversão. Não falhamos em nossa evangelização se apresentamos com fidelidade o evangelho e, apesar disso, a pessoa não se converter. Falhamos somente se não apresentarmos o evangelho com fidelidade.

Quando entendemos que a evangelização não é converter as pessoas, e sim falar-lhes sobre a maravilhosa verdade a respeito de Deus e das boas novas sobre Jesus Cristo, então, a obediência à chamada para evangelizar pode tornar-se certa e

produzir alegria. Entender isto fomenta a evangelização, à medida que esta deixa de ser motivada pelo forte senso de culpa e se torna um privilégio e alegria.

Por que devemos evangelizar?

Uma pergunta final — e talvez pareça estranho fazer esta pergunta: qual é a motivação para nossa evangelização?

Esse tipo de pergunta talvez pareça tão trivial como esta: "Qual é a minha motivação para amar minha esposa?" Ou: "Qual é minha motivação para cuidar de meus filhos?" Isto é realmente importante? Se é um coisa boa para se fazer, por que preocupar-me com o motivo?

Há algum problema em ter a motivação errada para a evangelização? Penso que pode haver um problema. Pode haver um motivo egoísta para evangelizarmos. Algumas igrejas talvez não tenham qualquer interesse pela salvação de seus vizinhos, mas, ao mesmo tempo, são bastante preocupadas com o não terem de fechar suas portas. E aquilo que é verdade quanto algumas igrejas também pode ser verdade quanto a nós. Embora isso pareça grotesco, você pode evangelizar motivado pelo desejo de ser correto, ou pelo desejo de ganhar uma argumentação com um amigo, ou por necessitar de algum tipo de reafirmação psicológica de suas próprias crenças, ou pelo desejo de parecer espiritual aos seus amigos cristãos ou diante de Deus mesmo, ou para ter uma reputação de evangelista bem-sucedido. Eu poderia continuar, mas você assimilou a idéia.

Qual é o motivo *correto* para anunciarmos as boas novas? De acordo com a Bíblia, bons motivos para a evangelização são:

1. Um desejo de ser obediente à Grande Comissão (veja Mt 28.18-20; 1 Co 9.16-17);
2. Amor pelos perdidos (por exemplo, Mt 9.36; Jo 3.16; Rm 10.1);
3. Amor a Deus.

Em última análise, o amor a Deus tem de ser nosso motivo, se temos de evangelizar como Ele deseja que o façamos.

> O amor a Deus é o único motivo suficiente para a evangelização. O amor próprio leva ao egocentrismo; o amor pelos perdidos falhará no caso daqueles a quem não conseguimos amar e quando as dificuldades parecerem insuperáveis. Somente um profundo amor a Deus nos manterá seguindo seu caminho, declarando seu evangelho, quando os recursos humanos falharem. Somente nosso amor a Deus — e, o mais importante, seu amor por nós — nos guardará dos perigos que nos cercam. Quando o desejo de popularidade entre os homens, ou de sucesso em termos humanos, nos tenta a diluir o evangelho e a

> torná-lo agradável, somente se amarmos a Deus, permaneceremos firmes, ao lado de sua verdade e de seus caminhos.[11]

Em última análise, este amor a Deus leva a um desejo de vê-Lo glorificado. Em toda a Bíblia, Deus se revela à sua criação. Compartilhamos o evangelho para glorificar a Deus, à medida que as verdades a respeito dEle se tornam conhecidas à sua criação. A chamada à evangelização é uma chamada a direcionarmos nossa vida ao exterior — deixarmos de focalizar a nós mesmos e nossas necessidades e focalizarmos a Deus e o mundo que Ele criou. E isso inclui amar as pessoas feitas à imagem de Deus que ainda estão em inimizade com Ele, alienadas dEle e necessitadas da salvação do pecado e da culpa. Glorificamos a Deus quando declaramos as grandes coisas que Ele fez, em Cristo, a favor dessas criaturas feitas à imagem dEle. Esta não é a única maneira pela qual glorificamos a Deus, mas é uma das principais maneiras que Ele nos deu como cristãos (pessoas que O conhecem, por meio de sua graça, em Cristo), para que O glorifiquemos. Lembre-se da exortação de Pedro aos cristãos no século I, a fim de que vivessem para a glória de Deus — "mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação" (1 Pe 2.12).

Todos nós devemos evangelizar, contar as boas novas a respeito de Jesus. Devemos fazer isso com honestidade, urgência e alegria, vivendo de um modo que confirme nossa mensagem — fazendo tudo isso para a glória de Deus.

Em meu escritório, tenho um livro escrito por C. S. Lovett, intitulado *Soul-Wining Made Easy* (Facilitando o Ganhar Almas). Neste livro, Lovett delineia um "plano de ganhar almas" baseado em técnicas de vendas da época em que ele escreveu, em 1959. "Você está no comando", disse Lovett, falando aos cristãos como se estes fossem vendedores:

> O ganhador de almas bem treinado pode levar aquele a quem ele evangeliza à decisão por Cristo. Não há terreno neutro à medida que ele avança com segurança e habilidade rumo ao ponto de salvação. É o controle que ele exerce sobre a conversa que torna isto possível. Ele sabe exatamente o que falará em cada passo do caminho e pode até antecipar a resposta positiva da pessoa a quem ele evangeliza. Pode manter a conversa focalizada no assunto principal e impedir que sejam introduzidos assuntos não relacionados. A técnica de controlar a conversa é algo novo na evangeliação e representa um avanço no ganhar almas.[12]

Lovett instruiu o cristão sincero a respeito de várias ferramentas necessárias e lhe deu algumas "dicas úteis", tais como: "Converse sozinho com o seu evangelizado".

Em um ponto, ele ensinou como "pressionar para conseguir a decisão", ilustrando seu ponto com fotografias. Quando você terminar de apresentar o evangelho, Lovett explicou:

> Coloque as mãos (ou o braço) firmemente sobre os ombros da pessoa e quase com um tom de ordem diga-lhe: "Curve a sua cabeça comigo". Observe: não olhe para ela quando você disser isso; curve sua cabeça primeiro. Do canto de seu olho, você a verá em hesitação, a princípio. Então, quando sua resistência diminuir, sua cabeça se curvará. Sua mão sobre os ombros da pessoa sentirá o relaxamento e você saberá quando o coração dela se rendeu. Curvar sua cabeça primeiro causa uma pressão psicológica terrível.[13]

Quantas igrejas hoje estão repletas de pessoas que sofreram esse tipo de pressão psicológica, mas não foram verdadeiramente convertidas pelo Espírito de Deus? E que podemos dizer sobre os cristãos que têm praticado esse tipo de evangelização? Temos enchido nossas igrejas com pessoas que responderam ao evangelho porque queriam agradar com sinceridade à mãe e ao pai? Quem curvou a cabeça, fechou os olhos e até veio à frente, mas não se arrependeu e creu? Que benefício temos feito ao nosso país pela maneira como temos evangelizado?

C. S. Lovett talvez tenha sido um evangelista mais fiel do que muitos de nós. Ele pode ter sido fiel em se preocupar com as pessoas e transmitir-lhes o evangelho. E já observamos que Deus pode usar apresentações piores do que a de Lovett para trazer pessoas a Ele mesmo. Que Deus nos dê um coração tão fiel acerca da evangelização a ponto de desejarmos até escrever um livro acerca disso. Mas, que Deus nos guarde de compreendermos tão erroneamente a evangelização, a ponto de que cheguemos a encher nossas igrejas com pessoas que não conhecem o Senhor.

Há alguns anos, depois de um culto de domingo pela manhã, um visitante me procurou, tomou-me pela mão, puxou-me para perto de si e disse: "Dr. Dever, gostaria que o senhor soubesse que esta foi uma das melhores apresentações sobre vendas que já ouvi em minha vida. Mas só houve um problema: o senhor não concluiu a venda!"

Eu não sabia realmente o que lhe responder! Não disse nada. Mas pensei: "Amigo, sei que tipo de vendas eu posso ou não concluir. A redenção de uma alma eterna é um negócio que não posso realizar com minhas próprias habilidades".

Preciso saber disso, não porque não queira pregar o evangelho, e sim porque não quero que minha pregação do evangelho seja moldada por aquilo que, em última instância, obterá uma reposta positiva e concluirá uma venda. Em vez de usar todas

as minhas capacidades para convencer e mudar o pecador, enquanto Deus fica por trás, como um homem gentil, esperando tranqüilamente que a pessoa espiritualmente morta, seu inimigo declarado, O convide a entrar em seu coração, pregarei o evangelho com amabilidade, tentando persuadir, mas sabendo que não posso converter. Por isso, me mantenho atrás, enquanto Deus usa todos os *seus* poderes para convencer, converter e mudar o pecador. Assim, verei com clareza quem pode realmente chamar o morto à vida.

Deus pode usar *qualquer pessoa* para sua glória. Ele gosta de usar "qualquer pessoa". Deus resolveu usar Moisés, o hesitante; e usou Paulo, o nacionalista judeu, para alcançar os gentios. Ao usar pessoas improváveis, Deus recebe a glória.

Charles Spurgeon nos informa como George Whitefield,

> O grande evangelista do século XVIII, foi perseguido por um grupo de escarnecedores que se intitulava "Clube do Fogo do Inferno". Quando Whitefield se levantava para pregar ao ar livre, este pequeno grupo de homens permanecia do lado e o imitava. Eles não criam em nenhuma palavra do que era pregado. O líder do grupo se chamava Thorpe. Um dia Thorpe estava imitando Whitefield para seus colegas. Ele apresentava com brilhante exatidão o sermão de Whitefield, imitando perfeitamente o seu tom de voz e expressões faciais, quando ele mesmo foi tão comovido, que se assentou e foi convertido ali mesmo.[14]

Que nós, como igrejas e indivíduos, nos envolvamos no ministério de evangelização. E que Deus nos ajude a não fazê-lo de modo errado, e sim de um modo que apresente o evangelho com clareza.

E, quando fizermos isso, começaremos a ver bons frutos. A membresia da igreja começará a recuperar seu significado (falaremos mais sobre este assunto no próximo capítulo). E o evangelho começará a se tornar visível ao mundo em nosso redor, até ao mundo que está na igreja!

Algumas vezes, esta acusação é colocada diante de nós: "Se você crê na eleição, não evangelizará". No entanto, preciso dizer-lhe que os grandes evangelistas na história da igreja cristã criam que a salvação ocorre por meio da eleição de Deus. Isso não obscureceu os esforços evangelísticos de Whitefield ou Edwards, de Carey ou Judson, de Spurgeon ou Lloyd-Jones, de Francis Schaeffer ou James Kennedy, de Tim Keller ou John Piper.

De fato, como alguém que deseja ver mais evangelização, minha preocupação é exatamente o contrário: se você não crê no que temos considerado nestes últimos estudos — o evangelho é as boas novas da ação de Deus: o Pai elege, o Filho morre, e o Espírito atrai; a conversão é a única resposta de nossa parte aos dons do arrependimento e da fé que Deus nos outorga; e a evangelização é a nossa simples,

fiel e piedosa transmissão destas boas novas — se você não crê nestas coisas, então me preocupo com o fato de que você prejudicará a missão de evangelização da igreja, produzindo falsos convertidos, enchendo as igrejas com pessoas que não conhecem verdadeiramente a Jesus. Você contará às pessoas histórias capazes de fazê-las chorar, seus corações serão comovidos, elas farão uma decisão sincera, mas não serão confrontadas com a realidade de seus pecados, com a necessidade de arrependerem-se — e serem confrontadas pelo Espírito Santo. Esse método não lhes dará vida nova. No entanto, elas serão batizadas, se tornarão membros da igreja e arroladas nas atividades da igreja.

Precisamos entender quão radical é o evangelho e quão má é, por natureza, a situação do homem; porque, se não entendermos isso, obscureceremos o evangelho. A evangelização não se refere, de modo algum, a nossa capacidade de promover nossos artigos religiosos. Sei que o desânimo pode atingir profundamente alguns de nós, quando fazemos o melhor para compartilhar as boas novas e vemos que elas são recebidas com desprezo ou incredulidade. Mas, neste caso, temos de lembrar que nossa parte consiste apenas em entregar a mensagem. Deus trará os resultados.

Quando Paulo se sentiu desanimado, o Senhor lhe disse algo para encorajá-lo a continuar proclamando o evangelho; e o que o Senhor disse pode ser considerado uma afirmação da doutrina da eleição. "Teve Paulo durante a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade. E ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus" (At 18.9-11).

Deus usou a doutrina da eleição como um estímulo para que Paulo continuasse na evangelização.

Precisamos ver o fim do ponto de vista superficial e errôneo da evangelização, de que esta é apenas fazer as pessoas dizerem "sim" a uma pergunta ou fazê-las tomar uma decisão. Precisamos ver o fim dos maus frutos da falsa evangelização. Precisamos ver o fim da atitude de pessoas mundanas serem asseguradas de que são salvas, tão-somente porque tomaram uma posição, levantaram a mão ou repetiram uma oração. Precisamos ver o verdadeiro avivamento não se perder em meio às reuniões agendadas e fabricadas por nós mesmos, que as chamamos entusiasticamente de "avivamentos", como se pudéssemos determinar quando o vento do Espírito de Deus soprará. Precisamos ver o fim de membresia de igrejas

cujo número é maior do que aqueles que estão realmente envolvidos no ministério da igreja; e o fim da inércia em nossa vida quando ignoramos o mandato evangelístico — a chamada para compartilharmos as boas novas. Precisamos ver o fim desta frieza debilitante e letal para com a gloriosa chamada de contar aos outros as boas novas.

Ainda, precisamos ver uma renovada alegria e compromisso com o grande privilégio de compartilharmos as boas novas de Cristo com o mundo perdido que nos cerca. Você é um cristão hoje porque alguém um dia se mostrou fiel a esta comissão. Oremos para que, por causa de nossa fidelidade agora, quando chegarmos a esta temporada no próximo ano, haverá outros que foram reconciliados com Deus, em Cristo.

E, se em sua misteriosa soberania Deus se digne de que não seja assim, que isso não ocorra porque falhamos em nossa comissão de tornar a Ele, bem como sua graça em Cristo, conhecido a toda criatura feita à sua imagem.

Temos de reconhecer a importância destas boas novas de Jesus Cristo. Enquanto não o fizermos, não aprenderemos nada proveitoso sobre a evangelização. Esta não será mais do que uma incumbência desagradável ou um impulso ocasional. Mas, quando a mensagem da cruz conquistar nosso coração e cativar nossos pensamentos, não se retrairá a nossa língua, embora talvez ela seja vacilante, gaguejante, inábil, insultante, sarcástica e imperfeita. Como disse Jesus: "A boca fala do que está cheio o coração" (Mt 12.34).

Do que está cheio o seu coração? Em que você gasta suas palavras?

MARCA 6

Um Entendimento Bíblico da Membresia na Igreja

O que é uma igreja?

Por que unir-se a uma igreja?

1. Para asseguramos a nós mesmos
2. Para evangelizar o mundo
3. Para denunciar evangelhos falsos
4. Para edificar a igreja
5. Para glorificar a Deus

O que envolve o ser membro de uma igreja?

Inicialmente, o batismo

Subscrever a Declaração de Fé e o Pacto Eclesial

(Responsabilidades especiais dos membros da Igreja Batista de Capitol Hill)

1. Assistir aos cultos regularmente
2. Participar da Ceia do Senhor
3. Participar coerentemente das assembléias
4. Orar com regularidade
5. Contribuir com regularidade

SEIS

Um Entendimento Bíblico da Membresia na Igreja



Todas as estatísticas parecem indicar que nossa época é uma época de "fobia de compromisso". "Fobia de compromisso" é o medo de que, ao prometer que faremos algo, perderemos a oportunidade de obter algo melhor. Assim, embora vejamos muitas coisas boas que poderíamos estar fazendo, preferimos apenas "manter-nos abertos em nossas opções".

Com certeza, esta é a sabedoria de nossa época. Um escritor observou:

> Uma pesquisa de opinião pública destaca um crescente paradoxo na sociedade: a combinação de compromisso com a religião e o crescente relativismo moral. Por exemplo, enquanto 91% dos americanos consideram a religião muito importante em sua vida, 63% rejeitam o conceito de absolutos.[1]

George Barna disse que este resultado bizarro de pesquisa de opinião era um de seus cinco principais dados estatísticos para o final de 1998: somente 43% dos adultos que se declaram cristãos são "plenamente comprometidos com a fé cristã".

Você pode ser uma pessoa que tem "fobia de compromisso" e ser um cristão, ao mesmo tempo? Não estou perguntando se um cristão pode estar incerto das coisas ou se ele pode ter dúvidas. Muitos de nós cristãos temos dúvidas. Mas, podemos ter "fobia de compromisso" e sermos cristãos ao mesmo tempo? O que poderia ser mais "excludente de opções" do que seguir a Jesus, que disse aos seus discípulos que, se alguém queria segui-Lo, deveria tomar "a sua cruz" (Mt 16.24)?

E acrescente a isso o problema do egocentrismo. Por que depender de alguém, se você pode fazê-lo por si mesmo? Hoje estamos preocupados com sossego e simplicidade. Por que se envolver com os outros? Você pode ser um fardo para eles; eles certamente serão um fardo para você.

Junte todas estas tendências e acrescente-lhe uma cultura que é hostil ao cristianismo do Novo Testamento, uma cultura que acha incômodo o ser membro de uma igreja.

Além disso, toda a idéia de membresia de igreja não é contraproducente? Não é desagradável, e talvez elitista, dizer que eu estou dentro e você, fora? Podemos ser tão ousados a ponto de dizer que isso é antibíblico e anticristão? O final de Atos 2 apenas diz que "acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos" (v. 47). Isso não é tudo? A igreja não é uma realidade criada por meio de nossa salvação? Por exemplo, em Atos 8, quando o oficial etíope creu no evangelho e foi batizado, não se tornou automaticamente um membro da igreja?

Estou convencido de que corrigir este conceito de membresia é um passo chave na revitalização de nossas igrejas, na evangelização de nosso país, no progresso da causa de Cristo no mundo, para trazer, assim, glória a Deus. Lembre-se de que este capítulo é uma parte de um livro chamado *Nove Marcas de uma Igreja Saudável*. Como disse na introdução, este livro não tenciona incluir tudo o que precisa ser dito a respeito de uma igreja saudável; porém, nestes nove capítulos, estou procurando chamar a atenção a alguns aspectos importantes da vida da igreja, aspectos que têm sido negligenciados ou esquecidos na vida cristã moderna.

Minha própria comunhão de igrejas é um exemplo. De acordo com um estudo recente da Convenção Batista do Sul, a igreja típica de nossa denominação tem 233 membros, mas somente 70 estão presentes ao culto de adoração no domingo pela manhã. Onde estão os outros 163 membros? Estão todos doentes, em casas de repouso, de férias, na faculdade ou no serviço militar? Talvez alguns estejam, mas todos os 163? O que estas igrejas transmitem sobre o cristianismo para o mundo ao seu redor? O que isto significa a respeito da importância do cristianismo em nossas vidas? E qual é o estado espiritual dessas pessoas, se não têm freqüentado a igreja por meses ou mais tempo? A ausência deles é realmente uma de nossas responsabilidades?

Neste capítulo, consideraremos estas três perguntas:

1. O que é uma igreja?
2. Por que unir-se a uma igreja?
3. O que envolve o ser membro de uma igreja?

O que é uma igreja?

A palavra *igreja* não se refere apenas a uma unidade organizacional de uma religião específica. Ninguém lhe falará sobre "igrejas" budistas ou "igrejas" judaicas. Neste sentido, *igreja* é uma palavra totalmente cristã. Ao usarmos a palavra *igreja*, não queremos dizer fundamentalmente um edifício; este é um sentido secundário. O edifício é apenas o lugar em que a igreja se reúne. Assim, na Nova Inglaterra puritana, o prédio da igreja era chamado de "casa de reuniões". Vistas do lado de fora, as primeiras igrejas na Nova Inglaterra pareciam casas enormes, — eram casas em que a igreja se reunia.

De acordo com o Novo Testamento, a igreja é, primariamente, um corpo de pessoas que confessam e dão evidência de que foram salvas apenas pela graça de Deus, tão-somente para sua glória e por meio da fé em Cristo somente. Isto é a igreja do Novo Testamento; não é um edifício. Os primeiros cristãos não tiveram prédios por quase 300 anos depois do início da igreja. O ajuntamento de pessoas comprometidas com Cristo em determinada área constitui uma igreja.

Poucas passagens do Novo Testamento parecem se referir à igreja no sentido abstrato ou universal. Contudo, a maioria das referências à igreja falam de um corpo de pessoas local, ativo e afetuoso, pessoas comprometidas com Cristo e umas com as outras. Isto é o que significa, repetidas vezes, a palavra igreja no Novo Testamento. É um corpo do qual você pode ser excluído e no qual pode ser incluído. Considere isto: se não há meios de você ser excluído da igreja local que você freqüenta atualmente, isso acontece talvez porque você não *foi incluído* nela como a Bíblia tenciona que você o seja.

Uma observação interessante para os historiadores: a idéia de que a igreja é uma comunidade de crentes unidos num pacto — e não apenas um local a ser freqüentado pelos moradores de certa localidade — é uma contribuição importante que os batistas fizeram à liberdade religiosa dos Estados Unidos. A igreja não é algo para você e para cada membro de sua família por descendência física e natural ou algo que lhe pertence porque você é um cidadão deste país. Não, o Novo Testamento ensina que a igreja é para os crentes, para aqueles a quem o Espírito de Deus outorgou o novo nascimento e que se reúnem em uma comunidade pactual. Hoje os Estados Unidos possuem leis que permitem tais igrejas funcionarem em liberdade. Alguns incrédulos temem que os cristãos estão buscando algum tipo de

igreja oficial ou nacionalizada nos Estados Unidos. Mas os cristãos que herdaram este entendimento batista da igreja são, de fato, os firmes inimigos desse tipo de igreja. Nosso próprio entendimento da igreja não permitirá isso. Pelo contrário, desejamos a evangelização de nosso país, por meio de igrejas que podem cooperar livremente como crentes em Cristo.

Se você ler a história das primeiras igrejas relatada no livro de Atos dos Apóstolos, não achará evidência de que alguma daquelas igrejas tinha como seus membros pessoas que não eram crentes. Quando você lê as epístolas de Paulo, percebe com clareza que ele escreveu também como se as igrejas fossem compostas totalmente de crentes. Paulo se dirigiu a eles chamando-os de santos — aqueles que Deus escolheu. A igreja é o corpo de Cristo, o ajuntamento local de cristãos comprometidos com Cristo e uns com os outros.

Por que unir-se a uma igreja?

A segunda pergunta é: por que unir-se a uma igreja?

Qualquer especialista em crescimento de igreja me diria que convidar as pessoas a se unirem a uma igreja é a coisa errada a fazermos nestes dias. Ele me diria: "Mark, você pode levá-los a tornarem-se descontentes. Por que apenas não menciona o assunto?" Mas creio que este assunto é obrigatório para nossas igrejas e para nós, cristãos, hoje. Ser membro de uma igreja é um assunto crucial para entendermos para o que Cristo está chamando você, como discípulo dEle. Unir-se a uma igreja não o salvará, assim como as suas boas obras, sua educação, sua cultura, suas amizades, suas contribuições financeiras e seu batismo não o salvarão. Os não-cristãos não devem procurar unir-se a uma igreja, e sim aprender mais a respeito do que significa ser um verdadeiro cristão.

Mas àqueles que confessam ser cristãos, quero perguntar-lhes o que significa viver a vida cristã. Nós a vivemos sozinha? Ela é apenas uma questão de nossas virtudes isoladas e individuais ou uma disciplina espiritual que praticamos — somos honestos no trabalho, não traímos a esposa e cremos que certas coisas são verdadeiras?

Ou talvez isso não o descreva. Talvez você saiba que a vida cristã inclui os outros. Mas, quem são estes outros? São apenas as pessoas no trabalho, ou outras mulheres em sua classe de estudo bíblico para mulheres, ou seus amigos de escola do passado, ou seu grupo de amigos na faculdade? Com quais cristãos somos chamados a nos relacionar? A igreja é para todo aquele que é verdadeiro cristão. A igreja não é um grupo homogêneo centralizado em uma tarefa secundária como evangelizar universitários ou publicar uma revista. A igreja é para todos.

Quero oferecer-lhe cinco razões por que unir-se a uma igreja que prega o evangelho e provê exemplos do viver cristão (talvez você possa imaginar mais algumas).

1. Para assegurarmos a nós mesmos

Você não deve unir-se à igreja apenas para ser salvo, mas pode querer unir-se à igreja para que esta o ajude a assegurar-se de que você é salvo. Lembre as palavras de Jesus:

> Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele... Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço... Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando... Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes (Jo 14.21; 15.10, 14; 13.17).

Eu poderia continuar e citar as palavras de Jesus que nos ensinam como devemos segui-Lo e que temos de ser cuidadosos para não sermos enganados. Ao unirmo-nos a uma igreja, colocamo-nos em uma posição na qual temos de pedir a irmãos e irmãs que se tornem responsáveis por nós, para vivermos de acordo com o que falamos. Pedimos aos irmãos e irmãs ao nosso redor que nos encorajem, às vezes ao nos lembrarem as maneiras como temos visto os caminhos do agir de Deus em nossa vida e outras vezes ao nos exortarem quando nos afastamos da obediência ao Senhor (Para obter mais esclarecimento sobre este assunto, consulte o livro *A verdadeira obra do Espírito*; sinais de autenticidade, escrito por Jonathan Edwards).[2]

O ser membro de uma igreja local não é um acessório antiquado, ultrapassado e desnecessário à verdadeira membresia na igreja universal de Cristo; e tem como objetivo o testemunhar que somos parte da igreja universal. O ser membro uma igreja local não salva, mas é um reflexo de que somos salvos. E se não há maneiras de refletirmos que somos salvos, como podemos ter certeza de que somos realmente salvos? Como o apóstolo João explica: "Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê" (1 Jo 4.20).

Quando nos tornamos membro de uma igreja, estamos dando as mãos uns aos outros para conhecermos e sermos conhecidos uns pelos outros. Concordamos em ajudar e encorajar uns aos outros, quando necessitamos ser lembrados da obra de Deus em nossas vidas ou quando precisamos ser exortados a respeito das grandes discrepâncias entre o nosso falar e o nosso viver.

Precisamos desistir de tentar viver a vida cristã sozinhos. Precisamos, individualmente, viver em aliança com outros para seguirmos a Cristo. Os cristãos têm de parar de ser egoístas em seu entendimento da vida cristã. A vida cristã não se resume em você e naqueles aos quais você procura alcançar com o evangelho. Deus também tenciona que você seja parte comprometida em ajudar a fazer discípulos do rebanho que Ele já salvou.

2. Para evangelizar o mundo

Outra razão porque você deve unir-se a uma igreja local é a evangelização do mundo. Juntos podemos propagar com mais eficiência o evangelho em nosso país e no exterior. Podemos fazer isso por meio de nossas palavras, enquanto compartilhamos as boas novas com os outros e ajudamos os outros a fazer isso. Por sua natureza, uma igreja local é uma organização missionária. E apoiamos este empreendimento missionário com nossas ações, à medida que mostramos o amor de Deus, suprindo as necessidades de órfãos e de outros desfavorecidos.

Promovemos o evangelho ao cooperarmos para levá-lo àqueles que ainda não o ouviram, bem como ao torná-lo visível ao mundo por meio de nosso viver. Embora sejamos imperfeitos, se o Espírito de Deus estiver realmente agindo em nós, Ele usará nossas vidas para demonstrar aos outros a verdade de seu evangelho. Este é um papel especial que temos agora e não o teremos no céu — ser parte do plano de Deus, de levar seu evangelho ao mundo. Se você está lendo estas palavras, mas não se uniu a esta grande obra, faça-o hoje mesmo.

3. Para denunciar evangelhos falsos

Quando interagimos com outros cristãos, mostramos ao mundo o que é realmente o cristianismo; denunciamos a falsa noção de que os cristãos são pessoas detestáveis e cheias de justiça própria que estão preocupadas com o fato de que alguém, em algum lugar, pode estar se divertindo e que crêem, acima de tudo, em sua própria bondade. Esta é a maneira como muitos incrédulos vêem o cristianismo. Podemos combater essa imagem falsa ao pertencermos a uma igreja que não é caracterizada por esse tipo de atitude.

Há alguns anos, viajei para visitar um parente que eu não via desde que eu era criança. Quando lhe disse que planejava me tornar um pregador batista, ela não aceitou isso muito bem. Ela parou, olhou para seu café e disse: "Eu desisti da religião organizada. Penso que cheguei à conclusão de que igrejas são antros de víboras".

"É mesmo?", eu lhe respondi.

Ela disse: "Sim".

Eu perguntei: "Você acha que o mundo fora da igreja é muito melhor?"

Ela pensou por um momento e disse: "Bem, acho que não. Eles também são víboras, mas pelo menos *sabem* que são víboras".

Acrescentei: "Talvez você fique surpresa em saber o quanto concordo com você. Sei que o mundo fora da igreja é um covil de víboras. Sei que a igreja também o é. Mas a diferença é esta: não acho que o mundo pense que sabe disso. E acho que os cristãos sabem que são víboras, e essa é a razão por que vêm à igreja — porque sabemos que precisamos de ajuda; sabemos que dependemos de Deus e que somos salvos tão-somente por sua graça".

Tudo que podemos trazer à nossa salvação são os nossos pecados. O amor de Deus em Cristo tem de ser o que nos salva. Ele veio e viveu de modo perfeito por nós e morreu na cruz, em lugar de todos aqueles que se converteriam e creriam nEle, e ressuscitou em vitória sobre a morte e o pecado. Nossa fé nEle é o único instrumento pelo qual somos salvos.

Portanto, una-se a uma igreja que crê *nesse* evangelho. Una-se a outros cristãos em aliança para tornar conhecida a verdade.

4. Para edificar a igreja

Uma quarta razão por que você deve unir-se a uma igreja é cooperar na edificação ou no crescimento de outros crentes. Unir-se a uma igreja ajudará a combater nosso individualismo errôneo e a compreender a natureza corporativa do cristianismo.

Acautele-se: é fácil enganar a nós mesmos pensando que somos crentes apenas porque, em uma ocasião específica, tomamos uma decisão séria e, depois, nos unimos a uma igreja. Talvez participemos da vida da igreja por anos, suportando organizações, fazendo amizades fundamentadas em atividades, apreciando alguns dos hinos e queixando-nos de outros, sem jamais conhecermos verdadeiramente a Cristo. Você tem um relacionamento vital com Cristo, um relacionamento que muda a sua vida e a daqueles que o cercam?

Como você pode dizer que tem esse relacionamento? Uma das maneiras pela qual você pode descobrir a verdade a respeito de sua própria vida é fazer esta pergunta: você entende que seguir a Cristo envolve fundamentalmente a maneira como você trata as outras pessoas, em especial aquelas que são membros de sua igreja? Você se reúne com eles, em uma aliança, para amá-los e se dedicar a amá-los?

Ou você diz que conhece o amor de Deus em Cristo, mas, apesar disso, vive de um modo que torna mentirosa essa afirmação? Você diz que conhece esse tipo de amor que não tem limites, mas, em seu amor pelos outros, você coloca limites, dizendo, na realidade: "Irei até este ponto, mas não além"?

Essa afirmação de amar sem ter uma vida que confirme esse amor é um péssimo sinal. Mas, se você quer viver sozinho e recusa-se a se unir a uma igreja, os outros cristãos não podem ajudá-lo. Você está conduzindo sua vida à sua própria maneira. Vem à igreja somente quando gosta dos sermões, da música e de algo mais que a igreja faz; assim, você buscará qualquer coisa que goste, quando desejar algo diferente.

Se você se compromete com uma igreja, se compromete com um corpo local de pessoas que tentará ajudá-lo a lidar bem com os problemas. Por exemplo, se ficar evidente que você tem um problema com fofoca, seus irmãos e irmãs tentarão conversar com você a respeito deste problema. Se você está ficando desanimado e abatido, seus irmãos e irmãs tentarão encorajá-lo.

O Novo Testamento mostra, com clareza, que nosso seguir a Jesus deve envolver cuidado e interesse de uns para com os outros. Esta é uma parte do que significa ser um cristão. Embora o façamos de modo imperfeito, devemos estar comprometidos em fazer isso.

Tive um amigo que trabalhava em um ministério para universitários, ao mesmo tempo em que freqüentava a igreja da qual eu era membro. Ele sempre chegava depois do período de hinos e cânticos, se assentava para ouvir a mensagem e, depois, saía. Um dia, perguntei-lhe por que não vinha para assistir a todo o culto.

"Bem", ele disse, "não recebo nada do restante do culto".

"Você já pensou em se tornar membro de uma igreja?", eu respondi.

Ele pensou que isso era apenas um comentário absurdo. E disse: "Por que unir-me a uma igreja? Se me unir aos seus membros, acho que eles prejudicarão minha vida espiritual".

Perguntei-lhe: "Você já pensou que talvez Deus queira que você se junte com essas outras pessoas e que talvez, ainda que elas o prejudiquem, você pode ajudá-las a crescer — e que isso faz parte do plano de Deus a respeito de como devemos viver como cristãos?"

É claro que você não se une a uma igreja porque é perfeito e trará somente benefícios para a igreja. Quando você se torna membro de uma igreja, você traz problemas para aquela igreja! Mas não permita que isso o impeça — eles já têm

problemas! Essa é a razão por que eles estão na igreja. Eu tenho problemas. Você tem problemas. Mas sabemos que Jesus é Senhor e que seu Espírito em nós já começou a lidar com esses problemas. Em Cristo, Deus começará a lidar com isso. Deus pode começar a mostrar-lhe que Ele é digno de confiança e que outras pessoas também são dignas de confiança. Em um problema após outro, você pode ver Deus agindo em sua vida. De modo lento e, às vezes, imperceptível, mas deliberado, Deus agirá em seus problemas e, muito provavelmente, fará isso por meio da igreja.

Ser egocêntrico não trará nenhum proveito ao cristão, mesmo em nome de Cristo. Deus não está preocupado apenas com a duração e a regularidade de nosso tempo devocional em cada manhã. Ele também se preocupa com a maneira como você lida com os outros — e isso inclui o modo como você trata os outros com os quais não tem nada em comum, exceto Jesus Cristo. Essa é a razão por que você precisa investir sua vida na comunhão com os outros, e estes, em você. Ser membro de uma igreja deve incutir em você um interesse comprometido pelos outros. Crescer na vida cristã não é um assunto individual; pelo contrário, é um assunto que diz respeito a toda a igreja.

A passagem de Hebreus 10.19-25 é uma das exortações mais contundentes do Novo Testamento sobre a importância da igreja. O autor da epístola introduz uma seqüência de admoestações nesta passagem. Estes são bons versículos nos quais devemos meditar nesta era individualista:

> Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura. Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima.

Ser membro de uma igreja é a nossa oportunidade de nos apegarmos uns aos outros com responsabilidade e amor. Por nos identificarmos com uma igreja em particular, permitimos que os pastores e outros membros daquela igreja local orem e saibam que tencionamos nos comprometer com a freqüência, a contribuição, a oração e o ministério da igreja. Permitimos que nossos irmãos em Cristo tenham grandes expectativas sobre nós nestas áreas, e tornamos conhecido o fato de que estamos sob a responsabilidade desta igreja local. Asseguramos à igreja o nosso

compromisso com Cristo, para servir juntamente com eles; buscamos igualmente o compromisso deles, para servirem conosco e nos encorajarem.

Entre outros lugares, vemos este conceito de vida da igreja refletido naqueles textos em que Paulo usa a figura de corpo em referência à igreja local. Também o vemos nas passagens bíblicas que contêm as expressões "juntos" e "uns aos outros".

Unir-se a uma igreja aumenta nosso senso de fazer parte da obra da igreja, da sua comunhão, do seu orçamento, de seus objetivos. Deixamos de ser consumidores bajulados e nos tornamos participantes cheios de alegria. Paramos de chegar tarde e de lamentar por não havermos recebido exatamente o que desejávamos. Em vez disso, chegamos cedo e tentamos ajudar os outros em suas necessidades. Temos de começar a considerar o ser membro de uma igreja não como uma filiação útil somente em ocasiões especiais, e sim como uma responsabilidade regular que nos envolve na vida dos outros para satisfazer os propósitos do evangelho.

Muitos cristãos hoje parecem ter esquecido o ser membro de uma igreja — ou esquecido a própria igreja, por completo. Essa é a razão por que encontramos livros que falam sobre o crescimento cristão, mas ignoram totalmente o papel da igreja.

Paulo nos diz, em 1 Coríntios, que o propósito dos dons espirituais é "a edificação da igreja" (1 Co 14.12). Este deve ser um dos principais objetivos de nossa vida cristã. Se pensamos que não existe nada para fazer como cristãos, nos enganamos completamente quanto a este propósito. De acordo com Paulo, isto se aplica a todo cristão.

Incorporar-se a uma igreja tanto é um privilégio glorioso como uma ajuda prática. Unir-se a uma igreja nos auxiliará a encorajar e edificar nossos companheiros cristãos e a sermos estimulados e edificados por eles. Ajudará tanto a nós como aos outros, quando enfrentarmos as tentações. Em minha própria igreja fazemos um pacto de que

> Andaremos juntos em amor fraternal, quando nos tornamos membros de uma igreja cristã. Exerceremos um cuidado amoroso e atento sobre cada membro e admoestaremos fielmente uns aos outros, quando a ocasião o exigir.

E você? Ama o povo de Deus? Você não somente se sente apenas bem disposto para com eles, mas também os ajuda de modo ativo e concreto? Você usa suas mãos em benefício deles? Seu dinheiro? Seus lábios?

Na igreja, o discipulado é tanto um projeto individual como uma atividade corporativa, à medida que seguimos a Cristo e ajudamos uns aos outros em nossa

jornada. Podemos ser responsáveis uns pelos outros em tempo de tentação. Podemos estudar a Palavra de Deus juntos, a fim de preparar-nos para a guerra espiritual. Podemos cantar juntos louvores a Deus e orar juntos. Podemos estimular a alegria uns dos outros e levar os fardos uns dos outros. Como nos disse Jesus: "O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei... Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros" (Jo 15.12, 17). João reforçou isso, quando escreveu: "Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade" (1 Jo 3.18). Junte-se aos cristãos que estão ao seu redor, para edificar a igreja.

5. Para glorificar a Deus

Finalmente, se você é um cristão, deve unir-se a uma igreja por causa da glória de Deus. Embora isto seja surpreendente, a maneira como vivemos pode glorificar a Deus. Conforme Pedro escreveu a alguns dos primeiros cristãos: "Mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em *vossas* boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação" (1 Pe 2.12, ênfase acrescentada).

Admirável, não? Mas podemos dizer que Pedro ouviu bem o ensino de seu Senhor. Lembre o que Jesus ensinou no Sermão do Monte: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.16).

Outra vez, a suposição surpreendente parece ser a de que Deus receberá a glória por nossas boas obras. Se isso é verdade em nossa vida espiritual como indivíduos, não devemos ficar muito surpresos, se descobrirmos que isso também é verdade em nossa vida espiritual como um *corpo* de crentes. Deus tenciona que a maneira como amamos uns aos outros nos identifique como pessoas que seguem a Cristo. Lembre estas palavras de Jesus: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13.34, 35).

Nossa vida corporativa tem de nos identificar como povo dEle e trazer-Lhe louvor e glória.

Jesus disse: "Edificarei a minha igreja" (Mt 16.18). Se Jesus está comprometido com a igreja, devemos estar menos comprometidos com ela?

Se você é um cristão e freqüenta com regularidade uma igreja que ensina a Bíblia e centraliza-se em Deus, talvez tenha se sentido frustrado por uma coisa ou outra, mas considere as obrigações e oportunidades envolvidas em ser membro de uma igreja. Nosso fundamento como uma igreja congregacional familiar é sempre o *ser* mais do que o *fazer*. Se você se une a uma igreja, não está apenas sendo incluído em uma função que você mesmo poderia desempenhar (para o seu bem ou para o da igreja), você está sendo incluído em uma família. E os relacionamentos com os quais você está se comprometendo trarão glória a Deus.

Esta é a razão por que, se você é um cristão, deve unir-se a uma igreja.

O que envolve o ser membro de uma igreja?

Fundamentalmente, o ser membro de uma igreja envolve uma vida de arrependimento e fé. A igreja foi planejada para ser a comunidade daqueles que nasceram de novo. A graça de Deus em nossa vida, dando-nos o arrependimento e a fé, é evidenciada por duas coisas:

Inicialmente, o batismo

Isto é o que a Bíblia apresenta como o primeiro passo de obediência do crente. E a conclusão que extraímos do Novo Testamento é a de que todos os crentes eram batizados. Em Romanos 6, por exemplo, Paulo supôs que os cristãos para os quais havia escrito eram todos batizados. Esta prática universal está alicerçada na ordem de Cristo registrada na Grande Comissão (Mt 28.18-20) e mencionada no livro de Atos dos Apóstolos e em todo o Novo Testamento. Podemos questionar por que alguns declaram ser discípulos de Cristo e se recusam a fazer o que sabem lhes ser ordenado com clareza. Como observou um escritor.

> A igreja não recebeu autoridade para estabelecer mandamentos; ela tem o dever de obedecer aos mandamentos já estabelecidos. Não é prerrogativa nem privilégio de nenhuma igreja modificar, minimizar ou obscurecer, de algum modo... Quaisquer dos mandamentos de Jesus Cristo.[3]

Rejeitar o batismo e a Ceia do Senhor ou qualquer outro mandamento bíblico significa rejeitar a membresia entre os discípulos de Cristo — entre aqueles que seguem os mandamentos dEle.

Também do ponto de vista histórico, muitas igrejas batistas e outras igrejas evangélicas têm expressado compromisso com Deus e com os outros.

Subscrever a Declaração de Fé e o Pacto Eclesial

Em meu escritório, tenho um livreto que minha denominação tem imprimido por mais de 60 anos. O propósito do livreto é estimular os novos cristãos a se tornarem membros da igreja. A primeira coisa que achamos no livreto é o exemplo de um pacto de compromisso com a igreja. No final desse pacto, há um lugar para que a

pessoa o assine. Essa prática de assinar um pacto não é uma coisa nova; apenas caiu em desuso em meados do século XX. Mas era algo comum na história colonial dos Estados Unidos. Em nossa igreja, exposta em um lugar proeminente, estão as assinaturas dos membros fundadores, embaixo do pacto que eles subscreveram ao unirem-se à igreja. Pense nisso e em sua seriedade. Estes homens e mulheres resolveram entrar em aliança uns com os outros em resposta à graça de Deus em suas vidas. Hoje, fazemos isso ao nos unirmos a uma igreja?

Na Igreja Batista de Capitol Hill encorajamos as pessoas a aceitarem *estas cinco responsabilidades de membros*:

1. Assistir aos cultos regularmente

Em Hebreus 10.25, lemos que não devemos deixar "de congregar-nos". Isso significa que devemos assistir regularmente às reuniões semanais da igreja. Em nossa igreja, isso significa assistir mais do que apenas o culto matinal do domingo.

2. Participar da Ceia do Senhor

Cem anos atrás, era costume da Igreja Batista de Capitol Hill ter "as reuniões de pacto" da quinta-feira, à noite. Nestas reuniões, os membros renovavam seu pacto de compromisso e avaliavam o estado de seu relacionamento uns com os outros, antes de tomarem a Ceia do Senhor juntos no domingo seguinte. E, em muitas igrejas, estar ausente da Ceia, sem ter um motivo justo, era razão suficiente para alguém ser excluído da membresia da igreja.

3. Participar coerentemente das assembléias

Visto que somos uma igreja congregacional, as assembléias de membros são uma ocasião importante em nossa vida juntos. As assembléias existem para tomarmos decisões como igreja.

4. Orar com regularidade

Ou, como Paulo o disse, orar "sem cessar" (1 Ts 5.17). Se sua igreja tem uma lista de membros, pense em usá-la como lista de oração.

5. Contribuir com regularidade

As Escrituras estão repletas de instruções a respeito de contribuir. Por exemplo, Salomão ensinou que devemos honrar "ao SENHOR" com "as primícias de toda" a nossa renda (Pv 3.9).

Por meio do profeta Malaquias, o Senhor exortou os israelitas:

> Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida (Ml 3.10).

Jesus ensinou aos seus discípulos:

> Dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também (Lc 6.38).

Paulo disse aos cristãos de Corinto:

> Fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia. No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for (1 Co 16.1-2).

E escreveu-lhes novamente:

> Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria (2 Co 9.7).

Estes são alguns dos compromissos envolvidos no ser membro de uma igreja.

Se a igreja é um edifício, devemos ser os tijolos que o constituem. Se a igreja é um corpo, somos seus membros. Se a igreja é a família da fé, somos parte dessa família. As ovelhas estão em um rebanho; e os galhos, em uma videira. Do ponto de vista bíblico, se somos cristãos, temos de ser membros de uma igreja. E ser membro de uma igreja não é apenas o registro de uma declaração que fizemos no passado, nem uma afeição por um lugar familiar. Tem de ser o reflexo de um compromisso vivo; se não for assim, não terá valor algum.

E, pior ainda, será perigoso. Membros de igreja que não se envolvem confundem tanto os verdadeiros cristãos como os não-cristãos a respeito do que significa ser um cristão. Nós, membros "ativos" não prestamos nenhum bem aos membros

"inativos", quando lhes permitimos que continuem sendo membros da igreja. O ser membro de uma igreja é a confirmação corporativa da salvação de uma pessoa. Como uma igreja pode testificar que alguém invisível a si está correndo fielmente a carreira da fé? Se alguns membros deixaram nossa companhia e não foram para outra igreja igualmente bíblica, que evidência temos de que eles realmente eram parte de nós? Necessariamente, não sabemos se as pessoas descomprometidas *não* são cristãs; somos incapazes de afirmar isso. Não devemos dizer-lhes que sabemos que elas irão para o inferno. Podemos apenas dizer-lhes que não estamos certos de que elas irão para o céu.

Na Igreja Batista de Capitol Hill anelamos ver a membresia se tornar mais significativa, quando todos os que são membros por confissão, se tornam membros de fato. Nos anos que tenho pastoreado essa igreja, o número de membros da igreja caiu pela metade, mas, pela graça de Deus, nossa freqüência e contribuições têm quase triplicado. Muitos membros renovaram seu compromisso com a vida da igreja. Novos membros estão sendo instruídos na fé. À medida que temos procurado nos tornar um igreja saudável como éramos historicamente, o número daqueles que freqüentam nossa igreja tem excedido o número de membros.

Ore para que o ser membro da igreja se torne algo mais significativo do que atualmente o é em sua igreja. Ore também para que sua igreja, como um corpo, conheça melhor aqueles que estão sob sua responsabilidade, a fim de que possam orar por eles, encorajá-los e desafiá-los.

Não devemos permitir que as pessoas permaneçam como membros por motivos sentimentais. Considerado do ponto de vista bíblico, esse tipo de membresia não é membresia verdadeira. Em nosso pacto de compromisso com a igreja, também garantimos que, "ao mudarmos deste lugar, nos uniremos, tão logo quanto possível, para outra igreja onde possamos cumprir o espírito deste pacto e os princípios da Palavra de Deus". Esse compromisso faz parte do discipulado saudável, especialmente em nossa época transitória.

O ser membro de uma igreja significa ser incorporado na caminhada prática do corpo de Cristo. Significa viajar juntos como estrangeiros e peregrinos neste mundo, enquanto nos dirigimos ao nosso lar celestial. Outra marca de uma igreja saudável é um entendimento bíblico do ser membro de uma igreja.

Na penúltima cena da peça *O Homem Que Não Vendeu Sua Alma*, de Thomas Bolt, a irmã do condenado More, Meg, chega à sua cela para convencê-lo a dizer

aquilo que o libertaria. Ela expressa: "Diga as palavras do juramento e, em seu coração, pense de modo contrário". E continua a argumentar com ele.

"Bem...", disse More, "não é uma questão de razão; é uma questão de amor".[4]

Finalmente, unir-se a uma igreja local é um reflexo exterior de um amor interior — amor a Cristo e a seu povo. E, como vemos com tanta freqüência nesta vida, o maior amor raramente é apenas espontâneo; é algo planejado, ponderado e caracterizado por compromisso.

Lemos em Efésios 5.25: "Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela". Atos 20.28 nos recorda que Ele "comprou" a igreja "com o seu próprio sangue". Se somos seguidores de Cristo, também amaremos a igreja pela qual Ele deu sua vida.

Portanto, freqüente uma igreja e una-se a ela. Junte-se com outros cristãos. Ache uma igreja com a qual você pode unir-se. Faça isso para que os incrédulos ouçam e vejam o evangelho; para que os crentes fracos desfrutem de cuidado; para que os crentes fortes canalizem suas energias de um modo excelente; para que os líderes da igreja sejam encorajados e auxiliados. Faça isso para que Deus seja glorificado.

Os cristãos de nosso país costumavam saber tudo isso. Mas, ao findar-se o século XIX, a ação social substituiu a ação da igreja. Os cristãos redirecionaram suas energias, do manter suas igrejas puras para tentar purificar suas comunidades. Na época dos anos 1920 e 1930, os evangélicos aprenderam algo da inconstância de nosso mundo, por meio do famoso julgamento de John Thomas Scopes e da revogação da proibição de se ensinar o evolucionismo nas escolas públicas. Os "fundamentalistas" recuaram e tentaram preservar o evangelho. Em todo o envolvimento social das décadas anteriores, o evangelho não se perdeu, mas a igreja quase se perdeu. Este século tem sido uma época de extremo individualismo no evangelicalismo americano. Pedimos a Deus que estejamos no início de uma recuperação da igreja como o instrumento de Deus para a evangelização, o discipulado, missões e muito mais. Que o amor de Deus pelo mundo se torne novamente visível por meio de nosso amor uns pelos outros.

MARCA 7

Disciplina Bíblica na Igreja

Toda disciplina é negativa?

O que é a disciplina eclesiástica?

O que a Bíblia diz sobre a disciplina eclesiástica?

Hebreus 12.-14
Mateus 18.15-17
1 Coríntios 5.1-11
Gálatas 6.1
2 Tessalonicenses 3.6-15
1 Timóteo 1.20
1 Timóteo 5.19-20
Tito 3.9-11

Como os cristãos do passado trataram a disciplina eclesiástica?

"Nossa igreja nunca faria isso, faria?"

Por que praticar a disciplina eclesiástica?

1. Para o bem da pessoa disciplinada
2. Para o bem de outros cristãos, quando vêem o perigo do pecado
3. Para a saúde da igreja como um todo
4. Para o testemunho coletivo da igreja
5. Para a glória de Deus, quando refletimos a sua santidade

O que acontecerá se praticarmos a disciplina eclesiástica?

SETE

Disciplina Bíblica na Igreja



Emily Sullivan Oakey nasceu e foi educada em Albany, no Estado de Nova Iorque. Como outras mulheres dos meados do século XIX, ela gastava boa parte do tempo escrevendo seus pensamentos — às vezes, como parte de um diário; às vezes, como parte de artigos, mormente poesia. Ela publicou muitos de seus artigos e poesias em jornais e revistas. Quando tinha vinte e um anos de idade, ela escreveu um poema sobre semear e colher, talvez inspirada pela leitura da parábola do semeador, proferida por Jesus. Vinte cinco anos depois, em 1875, o poema foi musicado por Philp Bliss e apareceu impresso, pela primeira vez, com o título "A Colheita Além".[1] O primeiro grupo de cristãos que constituiu aquilo que se tornaria a Igreja Batista de Capitol Hill escolheu esse hino como a primeira música a ser cantada em sua reunião juntos, em 1878:

Cai a semente no bom frescor,
É semeada, sim, no calor,
É semeada na viração,
É semeada na escuridão.

Oh! qual há de ser, além,
A ceifa do mal ou bem?

Palavras bem apropriadas para vibrar as paredes rústicas e o assoalho de madeira do prédio em que eles se reuniram. Aquelas trinta pessoas estavam planejando entrar em um pacto para constituir uma igreja: "Qual seria a colheita?"

Naquela mesma igreja, hoje, mais de cem anos depois, ainda procuramos determinar qual será a colheita dos esforços deles. Determinamos isso pelo que pensamos, pela maneira como vivemos, por quem planejamos ver e o que planejamos fazer, pelo que sentimos e pelo que nos preocupamos, por aquilo a que nos dedicamos e por aquilo em favor do que oramos.

Qual foi e qual será a colheita?

Isso atinge o âmago de nosso assunto neste capítulo: devemos viver para Cristo segundo nós mesmos? Ou temos obrigações uns para com os outros? As nossas obrigações recíprocas envolvem somente encorajar os outros de maneira positiva? Ou talvez incluam uma responsabilidade de falar honestamente sobre as faltas, erros, afastamento das Escrituras e pecados específicos? As nossas responsabilidades para com Deus também incluem, às vezes, o tornar públicas essas questões?

Um dos aspectos vitais de uma igreja saudável é a disciplina da igreja. Ao abordarmos este assunto, devemos fazer a nós mesmos sete perguntas:

1. Toda disciplina é negativa?
2. O que significa "disciplina eclesiástica"? O que ela envolve?
3. O que a Bíblia fala sobre a disciplina eclesiástica?
4. Como os cristãos do passado conduziram a disciplina eclesiástica?
5. "Nossa igreja local nunca faria isso, faria?
6. Por que devemos praticar a disciplina eclesiástica?
7. O que acontecerá, se não a praticarmos?

Toda disciplina é negativa?

A disciplina eclesiástica parece ser um tema negativo — eu admito. Não há muito desse assunto na "Bíblia Positiva", há? Quando ouvimos sobre disciplina tendemos a pensar em correção ou espancamento. Pensamos em nossos pais, quando éramos pequenos. Se conhecemos um pouco de literatura, podemos pensar em Hester Prynne usando seu "A" escarlate, enquanto andava por um sombrio vilarejo da Nova Inglaterra puritana segundo o caricato imaginário de Nathaniel Hawtorne.

Todos nós, sem hesitação, admitimos nossa necessidade de disciplina. Nenhum de nós é um projeto perfeito, concluído. Precisamos ser inspirados, nutridos ou curados; podemos necessitar de correção, disciplina ou quebrantamento. Não importando qual seja o método de cura, admitamos, pelo menos, nossa necessidade de disciplina. Não imaginemos, nem presumamos que somos tão justos como deveríamos ser, como se Deus já houvesse acabado sua obra em nós.

Uma vez que admitamos isso, observemos que muito da disciplina é *positiva* ou, como é tradicionalmente chamada, é "formativa". Exemplos de "disciplina formativa" são o tronco que ajuda a árvore a crescer na direção certa, o aparelho ortodôntico, o pneu step do carro, por assim dizer. São os comentários repetidos sobre manter sua boca fechada, quando está comendo, ou as exortações regulares de ser criterioso em suas palavras. São as coisas que estão moldando as pessoas, à medida que elas crescem emocional, física, mental e espiritualmente. Todos estes são exemplos da mudança básica que ocorre em nossos relacionamentos, em nossas famílias e em nossas igrejas. Somos ensinados por meio de livros, na escola, e de sermões, cultos e aulas, na igreja. Tudo isso faz parte da disciplina. Até este capítulo faz parte da disciplina no sentido mais amplo do ensino.

Portanto, a disciplina não é um assunto negativo.

O que é a disciplina eclesiástica?

Quando ouvimos a expressão "disciplina eclesiástica", tendemos a pensar somente nos aspectos negativos da disciplina, tal como a correção. Podemos até nos tornar defensivos, e dizer: "Jesus não disse: 'Não julgueis, para que não sejais julgados'?"

Em Mateus 7.1, é certo que Jesus proibiu o julgar em um sentido, e consideraremos isso adiante neste capítulo. Mas, por enquanto, observe que, se lermos aquele mesmo evangelho de Mateus, veremos que Jesus nos chamou a repreender os outros por causa de seus pecados e repreendê-los até publicamente (Mt 18.15-17; cf. Lc 17.3). Independentemente de qual seja o significado das palavras de Jesus em Mateus 7.1, Ele não pretendia excluir aquele tipo de julgar que ordenou em Mateus 18.

Lembre-se de que Deus mesmo é um Juiz e, numa escala menor, Ele tenciona que outros também julguem. Ele deu ao Estado a responsabilidade de julgar (Rm 13.1-7). Em várias passagens bíblicas, somos exortados a julgar a nós mesmos (1 Co 11.28; 2 Co 13.5; Hb 4.2; 2 Pe 1.5-10). Somos também instruídos a julgar uns aos outros na igreja (mas não da maneira final como Deus julga). As palavras de Jesus, em Mateus 18, as de Paulo, em 1 Coríntios 5-6, e outras passagens (que consideraremos adiante) nos mostram, com certeza, que a igreja tem de exercer julgamento dentro de si mesma.

Se você pensar um pouco sobre isso, perceberá que não é surpreendente que nós, como igreja, devemos ser instruídos a julgar. Afinal de contas, se não podemos dizer como um cristão *não deve* viver, também não podemos dizer como ele *deve* viver.

Há alguns anos, pediram-me para realizar um seminário especial porque a nossa igreja crescera numericamente, e outras igrejas queriam saber como e por que isso estava acontecendo. Ao preparar-me para o seminário, revi alguns dos materiais sobre crescimento de igreja que vieram da sede de nossa denominação. Uma publicação dizia que, para fazermos nossas igrejas crescerem novamente, "precisávamos abrir as portas da frente e fechar as dos fundos". O autor estava dizendo que precisávamos abrir as portas no sentido de tentar fazer nossa igreja mais acessível, ajudando as pessoas a entenderem o que estávamos fazendo. Então,

o escritor disse, precisamos fechar as portas de trás, ou seja, tornar mais difícil a saída das pessoas de nossas igrejas, descuidadas e indisciplinadas.

Esta é uma crítica válida para muitas de nossas igrejas. Mas tenho de dizer que, depois de pensar sobre isso, não creio que nenhum desses são os problemas críticos que enfrentamos em nossas igrejas. Aquilo que realmente precisamos fazer é fechar as portas da frente e fechar as dos fundos! Se desejamos ver nossas igrejas crescendo, temos de tornar mais difícil o ser membro da igreja e nos tornar melhores no excluir pessoas. Precisamos ser capazes de mostrar que há uma distinção entre a igreja e o mundo — e isto é o que significa ser um cristão. Se alguém reivindica ser cristão e se recusa a viver como um cristão deve viver, precisamos seguir o que Paulo disse e, para a glória de Deus e o bem daquela pessoa, excluí-la da membresia da igreja.

A primeira situação em que devemos refletir esse tipo de disciplina é na maneira como recebemos novos membros. Em 1 Coríntios 5, quando lidava com uma situação difícil na igreja de Corinto, Paulo fez uma admissão que precisamos considerar. Nos versículos 9 e 10, ele disse:

> Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo.

Observe que Paulo fez, em sua mente, uma distinção entre a igreja e o mundo. Nós, cristãos, fazemos essa mesma distinção? Admitimos que a igreja é diferente do mundo? Não estamos admitindo que a igreja esteja cheia de pessoas perfeitas, e o mundo, repleto de pecadores, e sim que há um tipo de diferença entre a vida dos que estão na igreja e a vida dos que estão no mundo. Ser membro de uma igreja local significa refletir (no melhor que podemos dizer) a verdadeira integração no corpo de Cristo.

Portanto, quando falamos sobre novos membros, temos de considerar se as pessoas que estão sob avaliação são conhecidas como pessoas que vivem de um modo que honra a Cristo. Entendemos a seriedade do compromisso que fazemos com elas, quando se unem à igreja? Nós lhes comunicamos a seriedade do compromisso que estão fazendo conosco? Se formos mais cuidadosos no que diz respeito a como reconhecer e receber novos membros, teremos menos ocasiões de praticar posteriormente a disciplina corretiva da igreja.

Quero sugerir alguns livros que podem ser úteis para você sobre este assunto. Visto que este é um tema não muito abordado há quase cem anos, talvez você queira saber algo além dos limites deste capítulo.

No livro *The Compromised Church* (A Igreja Comprometida), editado por John Armstrong, há um excelente artigo escrito por R. Albert Mohler Jr., presidente do Southern Baptist Theological Seminary. O artigo chama-se *Church Discipline: The Missing Mark* (Disciplina da Igreja: A Marca Ausente),[2] e é um argumento breve e consistente sobre a importância da disciplina na igreja.

No aspecto prático, existe o livreto intitulado *Disciplina Bíblica na Igreja*,[3] escrito pelo pastor Daniel Wray.

Uma obra que provê o pano de fundo histórico é *Democratic Religion* (Religião Democrática)[4], de Greg Wills. Ele estudou a prática da disciplina na igreja entre as igrejas batistas do sul dos Estados Unidos, especialmente no estado da Geórgia, no século XIX. O livro inclui algumas boas histórias e algumas observações críticas.

Se você quer um manual eclesiástico tradicional que mostra como você realmente pratica a disciplina na igreja, veja *Manual of Church Polity* (Manual de Governo Eclesiástico),[5] escrito por John L. Dagg. Este manual discute o que a Bíblia diz a respeito de como as igrejas devem ser organizadas e como devem realizar na prática seus negócios.

E há um livro que editei, *Polity: How Christians Should Live Together in a Church* (Governo: Como os Cristãos Devem Viver Juntos em uma Igreja) — uma coletânea de obras dos séculos XVIII e XIX sobre a disciplina e governo eclesiástico, publicada pelo Center of Church Reform (Centro de Reforma da Igreja). Inclui introduções por Greg Wills e minhas mesmo, bem como o artigo de Albert Mohler citado anteriormente.[6]

Se você quer algo mais recente, o melhor que encontrei é *Handbook of Church Discipline* (Guia de Disciplina Eclesiástica), escrito por Jay Adams.[7]

Por último, se gostaria de saber o que deveria acontecer entre os cristãos, expresso em uma série de meditações excelentes, veja o livreto Vida em Comunhão[8], escrito por Dietrich Bonhoeffer.

Agora, prossigamos para a pergunta 3.

O que a bíblia diz sobre a disciplina eclesiástica?

Existem muitas passagens bíblicas que tratam de disciplina e que poderíamos considerar. Permita-me chamar sua atenção para oito dessas passagens:

Hebreus 12.1-14

Devemos começar em Hebreus, onde vemos que a disciplina é algo fundamentalmente positivo e que Deus mesmo nos disciplina:

> Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos, com perseverança, a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigueis, desmaiando em vossa alma.
>
> Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue e estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco:
>
> Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe.
>
> É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige? Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos. Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.
>
> Por isso, restabelecei as mãos descaídas e os joelhos trôpegos; e fazei caminhos retos para os pés, para que não se extravie o que é manco; antes, seja curado.
>
> Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor.

Deus mesmo nos disciplina e, conforme veremos, nos ordena a fazer o mesmo uns aos outros. A igreja local tem a responsabilidade e competência especiais em relação a isso.

Mateus 18.15-17

Em Mateus 18, temos uma das duas passagens (juntamente com 1 Coríntios 5) mais citadas em discussões sobre a disciplina eclesiástica. Qual a sua reação quando alguém peca contra você? Apresenta-lhe imediatamente sua queixa e nunca mais fala com ele? Ou apenas cria ressentimento em seu coração? Eis o que Jesus disse que seus discípulos devem fazer em tais ocasiões:

> Se teu irmão pecar contra ti, vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano.

De acordo com Jesus, essa é a maneira como lidamos com discordâncias e dificuldades com os nossos irmãos em Cristo. E isso é exatamente o que fizeram os primeiros cristãos, conforme vemos nas epístolas de Paulo.

1 Coríntios 5.1-11

Esta é a passagem mais extensa sobre o assunto. Aparentemente, havia alguém na igreja de Corinto que andava em um estilo de vida imoral. Paulo disse:

> Geralmente, se ouve que há entre vós imoralidade e imoralidade tal, como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai. E, contudo, andais vós ensoberbecidos e não chegastes a lamentar, para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou? Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que o autor de tal infâmia seja, em nome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor, entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor [Jesus].
>
> Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade.
>
> Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo. Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais.

Por que Paulo disse tudo isso? Será porque ele odiava esse homem? Não. Paulo o disse porque esse homem estava profundamente enganado. Pensava que poderia ser um cristão e, ao mesmo tempo, desobedecer deliberadamente ao Senhor. Ou talvez imaginasse — e a igreja lhe permitiu pensar assim — que não havia nada errado em possuir a esposa de seu pai. Paulo mostrou que esse homem estava enganado e que, para ajudar verdadeiramente a alguém iludido e glorificar a Deus, você tem de mostrar-lhe a falsidade de sua confissão de fé, à luz da maneira como ele está vivendo.

Em outros trechos de suas epístolas, Paulo nos dá mais esclarecimentos quanto ao modo como deve ocorrer essa confrontação em amor.

Gálatas 6.1

Este versículo acrescenta um elemento importante à nossa filosofia de disciplina eclesiástica. Paulo descreve como os cristãos devem restaurar alguém que foi apanhado em pecado:

> Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado.

2 Tessalonicenses 3.6-15

Em Tessalônica, parece que havia algumas pessoas que eram ociosas e não faziam nada. E, para piorar a situação, defendiam sua inatividade com o argumento de que isso era a vontade de Deus. Paulo mostrou que não era:

> Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente e não segundo a tradição que de nós recebestes; pois vós mesmos estais cientes do modo por que vos convém imitar-nos, visto que nunca nos portamos desordenadamente entre vós, nem jamais comemos pão à custa de outrem; pelo contrário, em labor e fadiga, de noite e de dia, trabalhamos, a fim de não sermos pesados a nenhum de vós; não porque não tivéssemos esse direito, mas por termos em vista oferecer-vos exemplo em nós mesmos, para nos imitardes. Porque, quando ainda convosco, vos ordenamos isto: se alguém não quer trabalhar, também não coma.
>
> Pois, de fato, estamos informados de que, entre vós, há pessoas que andam desordenadamente, não trabalhando; antes, se intrometem na vida alheia. A elas, porém, determinamos e exortamos, no Senhor Jesus Cristo, que, trabalhando tranqüilamente, comam o seu próprio pão. E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem.
>
> Caso alguém não preste obediência à nossa palavra dada por esta epístola, notai-o; nem vos associeis com ele, para que fique envergonhado. Todavia, não o considereis por inimigo, mas adverti-o como irmão.

1 Timóteo 1.20

Escrevendo a Timóteo, pastor da igreja de Éfeso, Paulo se referiu a alguns que haviam "naufragado" na fé. Veja o que ele disse que deve ser feito com essas pessoas.

> E dentre esses se contam Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para serem castigados, a fim de não mais blasfemarem.

1 Timóteo 5.19-20

Continuando sua carta a Timóteo, Paulo escreveu especificamente a respeito do que fazer aos líderes da igreja que são flagrados em pecado:

> Não aceites denúncia contra presbítero, senão exclusivamente sob o depoimento de duas ou três testemunhas. Quanto aos que vivem no pecado, repreende-os na presença de todos, para que também os demais temam.

Tito 3.9-11

Aparentemente, algumas pessoas da igreja que Tito pastoreava estavam causando divisões sobre assuntos que não eram importantes. Paulo escreveu:

> Evita discussões insensatas, genealogias, contendas e debates sobre a lei; porque não têm utilidade e são fúteis. Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes que tal pessoa está pervertida, e vive pecando, e por si mesma está condenada.

Considerando juntas todas estas passagens, vemos que Deus se interessa em que entendamos a sua verdade e que a pratiquemos em nosso viver. Ele se interessa especialmente em que vivamos juntos como cristãos. Todas as situações mencionadas nestas passagens são, de conformidade com a Bíblia, áreas legítimas de nosso interesse — áreas em que nós, como igreja, devemos exercer disciplina.

Mais uma coisa: você observou quão sérias eram as conseqüências que Paulo ordenou nestas descrições da disciplina eclesiástica? "Para que fosse tirado do vosso meio quem tamanho ultraje praticou... (1 Co 5.2); "Seja... entregue a Satanás" (1 Co 5.3, 5); "Não vos associásseis com... esse tal (1"Co 5.9, 11); "Que vos aparteis..." (2 Ts 3.6); "Notai-o; nem vos associeis com ele, para que fique envergonhado" (2 Ts 3.14-15); "Entreguei a Satanás" (1 Tm 1.20); "Repreende-os na presença de

todos" (1 Tm 5.20); "Foge também destes" (2 Tm 3.5); "Evita o homem faccioso" (Tt 3.10).

Paulo era um homem severo? O que Jesus mesmo disse sobre a pessoa que se recusa a ouvir à igreja? "E, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano" (Mt 18.17).

Isto é o que a Bíblia diz sobre a disciplina na igreja.

Como os cristãos do passado conduziram a disciplina eclesiástica?

No passado, os cristãos fizeram muito em relação à disciplina eclesiástica. Você ficará surpreso ao aprender que ações disciplinares eram uma parte substancial dos assuntos das reuniões de membros das igrejas batistas nos séculos XVIII e XIX.

Escrevendo neste tema há cinqüenta anos, o erudito em grego H. E. Dana observou que

> O abuso da disciplina é repreensível e destrutivo; pior ainda é o abandono da disciplina. Há duas gerações, as igrejas aplicavam a disciplina de um modo vindicativo e arbitrário que apenas causava divisão. Hoje o pêndulo balança para o outro extremo — a disciplina é quase totalmente negligenciada. Este é o tempo para que uma nova geração de pastores restaure esta importante função da igreja ao seu legítimo lugar e significado na vida da igreja.[9]

No que diz respeito à disciplina na igreja, Greg Wills, professor de história da igreja no Southern Baptist Seminary, trouxe à luz uma mudança crucial ocorrida entre a geração de nossos bisavós e a de nossos avós. O que ele descobriu foi o desaparecimento da disciplina corretiva em nossas igrejas. O livro de Greg Wills, *Democratic Religion* (Religião Democrática), provê abundantes citações que nos recordam que os pastores dos primeiros anos do século XIX consideravam como sua principal tarefa o pregarem fielmente a Palavra de Deus e ministrarem com fidelidade a disciplina piedosa. De fato, grande parte do compromisso histórico dos batistas com a liberdade religiosa era motivada pelo desejo de que a igreja exercesse sua disciplina sem a interferência do Estado.[10]

Greg Wills nos mostra que nos dias anteriores à Guerra Civil Americana "os batistas do Sul excluíam quase 2% de seus membros a cada ano"![11] Embora pareça incrível, as igreja cresciam enquanto eles faziam isso. De fato, as igrejas cresciam o dobro da taxa de crescimento da população! Portanto, a preocupação de que uma mudança para esse tipo de disciplina bíblica na igreja talvez seja antievangelística é, no mínimo, infundada.

Jesus deseja que nossa vida confirme as nossas palavras. Se nossa vida não confirma as nossas palavras, a obra de evangelização é prejudicada, conforme temos visto tão freqüentemente, neste século, na América. Igrejas indisciplinadas têm tornado mais difícil para as pessoas ouvir as boas novas da nova vida em Cristo Jesus.

Se isso é verdade, o que aconteceu? Por que deixamos de praticar a disciplina eclesiástica? Não o sabemos, realmente. Wills sugere que "este compromisso com um testemunho santo e coletivo para o mundo declinou quando outras coisas ganharam a atenção dos cristãos, no final do século passado e no início deste século". Ele escreveu:

> De fato, quanto mais as igrejas se preocupam com a ordem social, tanto menos exercem a disciplina eclesiástica. De aproximadamente 1850 a 1920, um período de crescente zelo evangélico pela reforma da sociedade, a disciplina na igreja caiu rapidamente. Incluindo desde a abstinência de bebidas alcoólicas até à reforma da observância do dia do Senhor, os evangélicos persuadiram suas comunidades a adotar as normas morais da igreja para a sociedade. Na medida em que os batistas aprenderam a reformar a sociedade em geral, esqueceram-se de como haviam reformado a si mesmos. A disciplina na igreja pressupõe uma dicotomia rígida entre as normas da sociedade e o reino de Deus. Quanto mais os evangélicos purificavam a sociedade, tanto menos sentiam a necessidade de uma disciplina que separava a igreja do mundo.[12]

Conforme explica Wills,

> Depois da Guerra Civil... os observadores começaram a lamentar que a disciplina na igreja estava afundando, e realmente estava. Por um lado, ela declinou por haver se tornado mais incômoda em igrejas grandes. Em grande número, os batistas jovens se recusaram a submeter-se à disciplina por dançarem, e as igrejas evitaram excluí-los. As igrejas urbanas, pressionadas pela necessidade de grandes edifícios e pelo desejo de música e pregação elegantes, sujeitaram a disciplina à tarefa de manter a igreja pagando suas dívidas. Muitos batistas compartilhavam de uma nova visão da igreja, deixando de lado a busca por pureza e substituindo-a pela busca por eficiência. Perderam a determinação de purificar suas igrejas mediante a exclusão de membros desviados. Ninguém advogava publicamente a morte da disciplina. Nenhum líder batista se levantou para exigir o fim das reprimendas congregacionais. Nenhum teólogo argumentou que a disciplina era incorreta em prática e em princípio... Ela simplesmente desapareceu, como se os batistas tivessem se cansado de ser responsáveis uns pelos outros.[13]

Visto que as igrejas batistas do século XX abandonaram a disciplina eclesiástica, a obra do pastor também mudou. Essa obra havia se tornado sutilmente mais pública. Antes, pensava-se que a obra de um pastor consistia em certificar-se de que as almas eram restauradas por meio de conversas particulares com as famílias ou os indivíduos. Mas o que veio a acontecer cada vez mais foram séries de extensas reuniões, entretenimentos e convites emocionantes a uma decisão imediata; e o pastor era chamado, de vez em quando, para lidar apenas com os casos mais sérios de disciplina eclesiástica. A igreja não tinha qualquer envolvimento na resolução desses problemas e, de fato, nem tinha conhecimento deles. Não existia mais aquela comunhão de pessoas que entraram num pacto de serem responsáveis umas

pelas outras. E esperava-se que somente o pastor lidasse com poucos casos de disciplina — aqueles que poderiam trazer embaraço público à igreja.

Em todas estas mudanças, limites importantes foram obscurecidos. O papel do pastor foi confundido. E, de um modo ainda mais fundamental, a distinção entre a igreja e o mundo começou a se perder. E essa perda trouxe grande prejuízo ao ministério evangelístico da igreja — e à nossa própria vida cristã.

Todos os cristãos evangélicos do passado tendiam a praticar a disciplina bíblica na igreja. De fato, em 1561, os cristãos reformados expressaram seu entendimento sobre estes assuntos nas palavras da Confissão Belga:

> As marcas para conhecer a verdadeira igreja são estas: ela mantém a pura pregação do Evangelho, a pura administração dos sacramentos como Cristo os instituiu, e o exercício da disciplina eclesiástica para castigar os pecados. Em resumo: ela se orienta segundo a pura Palavra de Deus, rejeitando todo o contrário a esta Palavra e reconhecendo Jesus Cristo como o único Cabeça. Assim, com certeza, se pode conhecer a verdadeira igreja; e a ninguém convém separar-se dela.[14]

É claro que, no passado, as igrejas praticavam a disciplina bíblica.

"Nossa igreja nunca faria isso, faria?"

A igreja local que eu pastoreio em Washington tem reconhecido, desde os seus primeiros dias, a importância da disciplina bíblica. Quando o grupo de cristãos se reuniu naquele primeiro dia e cantaram aquele hino, eles se integraram como uma igreja. Uma das primeiras coisas que fizeram naquele dia, em fevereiro de 1878, foi adotar as seguintes regras sobre a correção das pessoas, quer por admoestação (advertência), quer por exclusão, que ocorreria depois de haverem sido advertidos. Quanto à recepção de um membro, eles disseram:

> Quando um membro da igreja transgride contra outro, se a ofensa não é de caráter público, é dever do ofendido achar uma oportunidade de conversar particularmente com o ofensor, tendo em vista a reconciliação do problema, de acordo com a regra estabelecida em Mateus 18.15.
>
> Se o ofensor se recusar a dar satisfações, será dever do ofendido escolher um ou dois membros da igreja e, com a ajuda destes, se esforçar para reconciliar o ofensor, de acordo com a regra estabelecida em Mateus 18.16.
>
> Se estes procedimentos falharem em garantir um ajuste satisfatório do problema, será dever do ofendido colocar o assunto diante da igreja, conforme a instrução de Mateus 18.17; e, se, depois ser admoestado o ofensor, em espírito de brandura e tolerância, ele continuar obstinado e incorrigível, será dever da igreja investigar o caso e agir conforme seja necessário.
>
> As acusações dirigidas contra um membro têm de ser escritas e não devem ser apresentadas à igreja sem o conhecimento prévio do pastor e dos diáconos ou antes de uma cópia ter sido apresentada ao ofensor.

Eles também discutiram o que deveria acontecer, se o membro errante não se arrependesse. O próximo passo era a exclusão. Eles disseram que a exclusão:

> ...é um ato judicial da igreja, imposto a um ofensor pela autoridade do Senhor Jesus Cristo; é um ato pelo qual o ofensor é excluído da membresia e da comunhão da igreja, de acordo com a regra... de Mateus 18.17.
>
> Nenhum membro será excluído até que tenha sido notificado a comparecer diante da igreja e tenha desfrutado do privilégio de responder, pessoalmente, as acusações dirigidas a ele, exceto em casos de imoralidade flagrante e notória, quando será dever da igreja vindicar a honra de sua vocação sagrada, realizando sem demora a exclusão do membro ofensor.

Que pecado eles consideravam suficientemente grave para exigir esta ação? Se você ficasse perturbado diante de alguém por escolher o hino errado ou se alguém

deixasse o hinário cair sobre seus pés, eles realizariam a disciplina eclesiástica por causa disso? Que assuntos eram tão sérios, que aqueles cristãos sentiam, com base nas Escrituras, que era necessário exigir uma resposta com essas fortes medidas? Que assuntos são tão sérios hoje, que somos chamados a praticar ações como essas? O que a advertência ou a exclusão dos membros garantiriam para a igreja? Eis o que eles disseram:

> Nos seguintes casos, os membros estão sujeitos à disciplina da igreja:
>
> > Alguma violação externa da lei moral.
> >
> > Seguir um comportamento que pode, conforme o juízo da igreja, ser desonroso a ela como um corpo.
> >
> > Ausentar-se da igreja habitualmente sem boas razões, em ocasiões destinadas para a adoração pública.
> >
> > Manter e defender doutrinas contrárias àquelas apresentadas na declaração de fé.
> >
> > Negligenciar ou recusar-se a contribuir para as despesas permanentes da igreja, de acordo com suas diversas habilidades.
> >
> > Ameaçar arrogantemente os atos e realizações da igreja ou seguir um curso de ação que visa produzir discórdia.
> >
> > Divulgar a pessoas não interessadas aquilo que é feito nas assembléias da igreja.
> >
> > Seguir uma conduta imprópria aos bons cidadãos e aos que professam ser cristãos.

Portanto, se você estivesse na igreja naquela época, 120 anos atrás, seria advertido pelos membros a respeito de algo? Vejo com regularidade os nomes dos nossos membros fundadores. As assinaturas deles estão no pacto original da igreja que está pendurado permanentemente em uma parede de nossa igreja. Naquele pacto, feito entre as 32 pessoas que o subscreveram há 120 anos, posso achar também os nomes de alguns dos envolvidos nos primeiros casos registrados de disciplina da igreja. Descubro que dois membros foram excluídos (do total de 80 membros da igreja) em 1880. Quem eram eles e o que aconteceu? Não sabemos muito. Parece que esta situação difícil é a que foi registrada pelo secretário em uma carta anual da igreja. Em seu brilhante relatório de 1879, temos esta nota breve de Francis McLean, o secretário da igreja:

> Tenho de segredar uma coisa: o crescimento viçoso e a densa folhagem não escondem alguns galhos aparentemente mortos na árvore. Esta é uma responsabilidade — uma preocupação — vamos agir bem e com sabedoria.

Parece que um desses "galhos aparentemente mortos" eram, de fato, uma das pessoas que haviam assinado como membro fundador da igreja. Seu nome era Charles L. Patten. Ele servira como secretário da Escola Dominical. No entanto, na ata de uma assembléia da igreja em 17 de dezembro de 1879, encontramos este breve comentário:

> O pastor apresentou os pedidos (datados de 30 de outubro de 1879) de carta de desligamento desta igreja, para a Primeira Igreja Batista, da irmã Alma C. Smith e do irmão Charles L. Patten. O pastor afirmou que, em sua discrição, os pedidos haviam sido negados e que agora os apresentava à igreja. O irmão Williamson propôs que fosse dada carta de desligamento à irmã Smith. Rejeitado. Ante da proposta do irmão Kingdon, formou-se uma comissão constituída pelo pastor e os irmãos C. W. Logan e Ward Morgan, para considerar o pedido do irmão Patten e que lhe fosse exigido comparecer perante esta comissão para explicar as razões por que havia se separado da esposa.

Isso aconteceu numa assembléia da igreja. Eles não desejavam que se pensasse que os cristãos abandonam suas esposas. Um mês depois, numa reunião da igreja, em 20 de janeiro de 1880, lemos:

> O pastor, em nome da comissão designada para investigar o caso do irmão Patten, informou que lhe haviam mandado uma carta, que ele respondeu por escrito, mas que os outros esforços da comissão haviam falhado no sentido de obter um encontro para receberem alguma explicação. Considerou-se que a comissão obteve progresso e que o assunto ainda deveria continuar sob a responsabilidade deles.

Nessa mesma reunião, um segundo assunto de disciplina foi apresentado em referência ao caso de outro membro fundador da congregação.

> O secretário apresentou a seguinte proposta, que foi aceita: que se formasse uma comissão, constituída do pastor e diáconos, para avaliar os fatos relacionados ao caso da irmã Lucretia E. Douglas, a fim de explicar as razões por que ela não tem freqüentado a igreja por mais de um ano e recomendar, na próxima assembléia quadrimestral, o que eles julgarem ser o melhor e mais sábio procedimento no assunto por parte desta igreja.

Não freqüentar os cultos, no caso da irmã Douglas, foi considerado um dos pecados mais graves, porque ocultava outros pecados. Quando alguém começa a viver em pecado, podemos esperar que ele pare de vir aos cultos.

Portanto, a Igreja Batista de Capitol Hill *praticava* a disciplina — nós podemos e devemos! Essa era uma atividade regular da igreja.

Talvez você pergunte: "Por que fazer isso?"

Essa é a nossa sexta pergunta.

Por que devemos praticar a disciplina eclesiástica?

A disciplina na igreja existe para que propósito? Como sabemos que estamos cumprindo esse propósito? Como sabemos que as coisas estão indo bem em sua igreja?

A Bíblia diz que "o amor cobre multidão de pecados". Como americanos pragmáticos, parecemos pensar, às vezes, que o *tamanho* cobre uma multidão de pecados. Freqüentemente, supomos que, se uma igreja é grande ou, pelo menos, está crescendo, ela deve ser uma boa igreja. Os Guinness escreveu a respeito deste engano: "Um pastor da Flórida, de uma megaigreja que tem sete mil membros, expressou bem a falácia: 'Estou fazendo o que é certo, pois, do contrário, as coisas não iriam tão bem'".[15]

Mas imagine esta igreja: ela é grande e ainda está crescendo numericamente. As pessoas gostam dela. A música é boa. Todas as conexões de uma mesma família podem ser achadas entre seus membros. As pessoas são receptivas. Há muitos programas agradáveis, e as pessoas são rapidamente arroladas para seu apoio financeiro. Mas, apesar disso, a igreja, ao tentar parecer com o mundo, em seu esforço de ganhar o mundo, tem feito um melhor trabalho do que tencionava. Ela não revela as características santas ensinadas de modo claro no Novo Testamento. Imagine que essa igreja de aparência vigorosa está espiritualmente enferma, não tendo nenhum sistema de defesa que possa avaliar e proteger contra o ensino e o viver errados. Imagine os cristãos de joelhos em grupos de recuperação, ouvindo sermões sobre quebrantamento e graça, sendo confortados em seu pecado, mas nunca confrontados. Imagine essas pessoas, feitas à imagem de Deus, sendo perdidas no pecado porque ninguém as corrige. Você pode imaginar essa igreja?

Exceto pelo tamanho, não descrevi muitas de nossas igrejas?

Não será fácil para nós sermos fiéis nesta questão de disciplina eclesiástica, quando tantas igrejas são infiéis neste assunto. É bastante difícil tentar restabelecer uma cultura de membresia significativa em uma igreja. Pessoalmente, tenho sido alvo da crítica de alguns, porque eles não apreciam a importância de assumir com seriedade a membresia numa igreja. Mas não vejo outra maneira de sermos fiéis ao que Jesus ensinou. Precisamos tentar, rogando ao Espírito de Deus, que nos dê sabedoria e amor suficientes.

Sejamos honestos. O estado das igrejas nos Estados Unidos hoje não é bom. Ainda que o número de membros de algumas igrejas pareça estar bem, quando começamos a indagar o que representam esses números de membros, achamos problemas. Alan Redpath disse, a respeito da membresia de uma igreja típica dos Estados Unidos, que 5% não existem, 10% não podem ser achados, 25% não a freqüentam, 50% aparecem no domingo, 70% não assiste à reunião de oração, 90% não realizam o culto doméstico e 95% nunca compartilharam o evangelho com os outros.

É claro que há razões por que *não* devemos praticar a disciplina eclesiástica. Não devemos praticá-la para sermos vingativos. Paulo instrui aos cristãos de Roma: "Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor" (Rm 12.19). A disciplina corretiva na igreja nunca deve ser realizada com vileza de espírito, mas somente por amor à parte ofendida, bem como a todos os membros da igreja, e ao próprio Deus.

Tampouco a disciplina corretiva na igreja deve ser realizada com base no conceito errado de que temos a palavra final da parte de Deus quanto ao destino eterno da pessoa. A disciplina corretiva na igreja jamais deve ter a intenção de ser a declaração final sobre o destino eterno da pessoa. Não sabemos isso. Esse pronunciamento não nos cabe. Está além de nossa competência.

Devemos praticar a disciplina na igreja porque, com humildade e amor, queremos ver o bem se evidenciando.

Antes, consideramos as palavras de Jesus em Mateus 7.1: "Não julgueis, para que não sejais julgados". Ele prosseguiu e disse: "Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também" (v. 2). Hoje, quando mencionamos qualquer tipo de disciplina ou simples crítica, muitos pensam neste versículo. Mas parece que a essência do que Jesus proíbe nestas palavras não é o sermos críticos, e sim o fazermos aquilo que não temos autoridade. A vingança pessoal é errada (cf. Mt 5.40), mas a justiça final é correta (ver Mt 19.28). É errado pedir às pessoas que se avaliem segundo nossos caprichos e desejos, mas é completamente apropriado Deus exigir de suas criaturas que reflitam o seu caráter santo. Não temos em nós mesmos o direito ou a habilidade de condenar de modo final, mas um dia Deus pedirá aos seus seguidores que pronunciem seus juízos — terríveis, admiráveis e temerosos — sobre a sua criação (ver 1 Co 6.2).

Algumas igrejas pedem que seus membros entrem em aliança para promoverem não somente a santidade pessoal, mas também a santidade de seus irmãos e irmãs em Cristo. Será que, em nossos dias, um entendimento errôneo de Mateus 7.1 não tem sido uma proteção para o pecado e não tem contribuído para impedir o tipo de vida congregacional que era conhecido pelas igrejas dos séculos passados e que pode ser conhecido novamente por nós?

Certamente, uma atitude de julgamento do tipo "sou mais santo do que você" indica um coração ignorante de sua própria dívida com a graça e a misericórdia de Deus. Mas pessoas que não se preocupam com o pecado em sua própria vida e na vida de seus amados não estão exibindo o tipo de amor santo que Jesus disse que caracterizaria seus discípulos.

Não excluímos alguém da comunhão da igreja porque sabemos que seu estado final será o de eterna separação de Deus. Pelo contrário, excluímos alguém da igreja motivados pela preocupação de que ele esteja vivendo de um modo que desagrada a Deus. Não disciplinamos porque desejamos vingar-nos de alguém. Disciplinamos em humildade e amor a Deus e à pessoa disciplinada.

Desejamos ver a disciplina praticada desta maneira, em nossas igrejas, também por outras razões, cinco das quais serão consideradas brevemente:

1. Para o bem da pessoa disciplinada

O homem em Corinto (1 Co 5.1-5) estava perdido no pecado, pensando que Deus aprovava o caso que ele tinha com a esposa de seu pai. As pessoas das igrejas da Galácia imaginavam que era correto o fato de estarem confiando em suas próprias obras, e não somente em Cristo (ver Gl 6.1). Alexandre e Himeneu (1 Tm 1.20) pensavam que tudo estava bem ao blasfemarem de Deus. Mas nenhuma dessas pessoas estava em uma boa situação diante de Deus. Motivados por amor às pessoas, desejamos ver a disciplina sendo exercida na igreja. Não queremos que nossas igrejas encorajem os hipócritas que têm o coração endurecido, confirmado e iludido em seus pecados. Não queremos viver esse tipo de vida, individualmente ou como igreja.

2. Para o bem de outros cristãos, quando vêem o perigo do pecado

Paulo disse a Timóteo que, se um líder pecar, ele deve ser repreendido publicamente (1 Tm 5.20). Isso não significa que toda vez que eu, como pastor,

fizer uma coisa errada, os membros de minha igreja devem se levantar, no culto público, e dizer: "Mark, aquilo era errado". Significa que, havendo um pecado sério (especialmente um pecado do qual ainda não houve arrependimento), ele deve ser trazido a público, para que os outros sejam advertidos ao verem a natureza grave do pecado.

3. Para a saúde da igreja como um todo

Paulo argumenta com os outros crentes de Corinto, dizendo que eles não deviam se vangloriar de sustentarem aquela tolerância ao pecado na igreja (1 Co 5.6-8). Ele perguntou retoricamente: "Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda?" O fermento representa a natureza impura e propagadora do pecado. Por essa razão, Paulo disse:

> Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade.

Na ceia da Páscoa, um cordeiro era imolado e pão asmo comido. Paulo disse aos cristãos de Corinto que o cordeiro (Cristo) já havia sido imolado e que eles (a igreja de Corinto) deveriam ser pães asmos. Eles não deveriam ter o fermento do pecado em si mesmos. Deveriam, como igreja, ser um sacrifício aceitável.

É claro que nada disso significa que a disciplina deva ser a questão central da igreja. A disciplina não é a questão central da igreja, assim como os remédios não são a questão central da vida. Há épocas em que precisamos nos gastar, por força de necessidade, no exercício da disciplina; mas, no geral, a disciplina deve ser algo que nos permite levar adiante a nossa tarefa principal. A disciplina não é, em si mesma, a tarefa principal.

4. Para o testemunho coletivo da igreja

(Ver Mateus 5.16; João 13.34-35; 1 Coríntios 5.1; 1 Pedro 2.12.) A disciplina na igreja é um poderoso instrumento na evangelização. As pessoas observam que nossas vidas são diferentes, em especial quando há uma comunidade de pessoas — não de pessoas perfeitas, mas de pessoas cujas vidas são marcadas pelo amar verdadeiramente a Deus e uns aos outros.

Quando as igrejas são vistas se conformando com o mundo, isso torna mais difícil a tarefa de evangelização. Como disse Nigel Lee, da InterVasity britânica, nos tornamos tão semelhantes aos incrédulos, que eles não têm qualquer pergunta a fazer-nos. Que vivamos de tal modo que as pessoas sejam construtivamente curiosas.

Finalmente, a razão mais convincente para praticarmos a disciplina na igreja é:

5. Para a glória de Deus, quando refletimos a sua santidade

(Ver Efésios 5.25-27; Hebreus 12.10-14; 1 Pedro 1.15-16; 2.9-12; 1 João 3.2-3.) Essa é a razão por que vivemos! Nós, seres humanos, fomos criados para portar a imagem de Deus, transmitir seu caráter à sua criação (Gn 1.27). Por isso, em todo o Antigo Testamento, quando Deus formou um povo para levar em si mesmo sua imagem, Ele os instruiu em santidade, para que o caráter deles se aproximasse melhor do caráter do próprio Deus (ver Lv 11.44a; 19.2). Essa era a base para a correção e até exclusão na época do Antigo Testamento, quando Deus formou um povo para Si mesmo. É também a base para formar a igreja do Novo Testamento (ver 2 Co 6.14-7.1). Espera-se que os cristãos sejam santos, não por causa de nossa própria reputação, mas por causa da reputação de Deus. Temos de ser luz do mundo, de modo que as pessoas, ao verem nossas boas obras, glorifiquem a Deus (Mt 5.16). Pedro disse a mesma coisa: "Mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação" (1 Pe 2.12). Essa é a razão por que Deus nos chamou, nos salvou e nos separou (Cl 1.21-22).

Se levamos o nome de Deus, a quem mais devemos ser semelhantes? Paulo escreveu à igreja em Corinto:

> Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus (1 Co 6.9-11).

Desde o início, o Senhor Jesus instruiu seus discípulos a ensinarem as pessoas a obedecerem ao que Ele havia dito (Mt 28.19-20). Deus terá um povo santo que reflete seu caráter. A figura da igreja, no final do livro de Apocalipse, é a de uma

noiva gloriosa que reflete o caráter do próprio Cristo, enquanto, "fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira" (Ap 22.15).

Tomando 1 Coríntios como exemplo, as igrejas têm reconhecido por muito tempo a disciplina eclesiástica como um dos limites que tornam significativo o pertencer à membresia de uma igreja. A suposição é de que os membros da igreja são pessoas que podem tomar a Ceia do Senhor sem trazer vergonha para a igreja, condenação para si mesmos ou desonra para Deus e o evangelho (ver 1 Co 11).

Quando consideramos essas passagens e as qualificações para os líderes da igreja, percebemos que como cristãos nos empenhamos muito mais ativamente pela responsabilidade de ter um bom nome do que fazem as pessoas do mundo. Nos tribunais seculares, apresentamos corretamente um rigoroso conjunto de provas àqueles que acusam os outros de culpados. Presumimos inocência até que se prove o contrário. Contudo, na igreja, nossa responsabilidade é bem diferente. Nossas vidas são a vitrine que expõe o caráter de Deus no mundo. Não podemos determinar o que os outros pensarão a respeito de nós, e sabemos que devemos esperar tão forte desaprovação, que seremos até perseguidos por causa da justiça. Mas, quanto depender de nós, temos de viver de um modo que recomende o evangelho aos outros. Temos a responsabilidade de viver de uma maneira que traga louvor e glória para Deus, e não ignomínia e vergonha.

Nossa teologia bíblica pode explicar a disciplina na igreja. Nosso ensino e pregação podem nos instruir sobre essa disciplina. Os líderes de nossa igreja podem estimulá-la. Mas é somente a igreja que pode e deve exercer a disciplina.

A disciplina bíblica na igreja é apenas obediência a Deus e uma simples confissão de que precisamos de ajuda. Não podemos viver a vida cristã sozinhos. Nosso propósito em praticar a disciplina na igreja é positivo para a pessoa que recebe essa disciplina, para os outros cristãos, quando eles vêem o perigo real do pecado, para a saúde da igreja como um todo e para o testemunho coletivo da igreja para os de fora. Acima de tudo, nossa santidade tem de refletir a santidade de Deus. Ser membro de uma igreja precisa ter significado, não por causa de nosso orgulho pessoal, e sim por causa do nome de Deus. A disciplina bíblica na igreja é uma marca de uma igreja saudável.

O que acontecerá se não praticarmos a disciplina na igreja?

Temos de perguntar a nós mesmos o que significa ser uma igreja, se a nossa igreja não pratica a disciplina eclesiástica. Como você percebe, esta é uma pergunta sobre a natureza de nossas igrejas.

Greg Wills disse que para muitos cristãos do passado "uma igreja sem disciplina dificilmente seria considerada uma igreja".[16] John Dagg escreveu: "Quando a disciplina deixa uma igreja, Cristo a acompanha".[17] Se não podemos dizer o que algo não é, também não podemos dizer o que ele é.

Precisamos viver de um modo que confirme nossa profissão de fé. Precisamos amar uns aos outros e ser responsáveis uns pelos outros, porque todos nós teremos ocasiões em que a nossa carne desejará seguir um caminho diferente do que Deus revelou nas Escrituras. E parte da maneira como devemos amar uns aos outros é sermos honestos, estabelecermos relacionamentos mútuos e falarmos em amor uns com os outros. Precisamos amar uns aos outros e aqueles que estão fora de nossa igreja, os quais são afetados pelo nosso testemunho. Também precisamos amar a Deus, que é santo, que nos chama, não para tomarmos em vão seu nome, mas sim para sermos santos como Ele é santo. Esse é um tremendo privilégio e uma grande responsabilidade.

Se quisermos ver nossas igrejas saudáveis, temos de nos preocupar ativamente uns com os outros, até ao ponto de confrontação. Tudo isso se torna prático, quando nos concentramos seriamente nisso, não é? Tudo isso fala sobre uma igreja, vida nova, pacto, relacionamentos comprometidos?

Qual será a colheita?

Sobre os rochedos irá murchar,
Ou nas estradas se desperdiçar,
Entre os espinhos vai se perder,
Ou nas campinas há de crescer.

Há sementeira, pois, de amargor,
Há de remorso e de negro horror,
Há de vergonha e de confusão,

Há de miséria e de perdição.

Vale-me tu, grande Semeador!
Faz prosperar todo o meu labor:
Quero servir-te, meu Rei Jesus,
Quero contigo ceifar em luz.

Oh! qual há de ser, além,
A ceifa do mal ou bem?

A SEGUIR...

MARCA 8

Interesse pelo Discipulado e Crescimento

Uma teologia bíblica de crescimento

Uma prática bíblica de crescimento
- Pregação expositiva
- Teologia bíblica
- Um entendimento bíblico do evangelho
- Um entendimento bíblico da conversão
- Um entendimento bíblico da evangelização
- Um entendimento bíblico da membresia na igreja
- Um entendimento bíblico da disciplina eclesiástica
- Um entendimento bíblico da liderança na igreja

Esperanças para o crescimento
- Visitação pastoral
- Crescimento coletivo como igreja

A importância do bom crescimento

O que acontecerá se não crescermos?

OITO

Interesse pelo Discipulado e Crescimento



Rob orou para receber a Cristo quando tinha 17 anos. Ele teve alguns meses difíceis e, no final destes, sentiu-se bastante fatigado. Dizer que ele estava desesperado seria dramático demais, mas era assim que ele se sentia. Rob nunca tivera interesse pela igreja, mas não tinha nada contra ela. Ele não era um ateu ou qualquer outra coisa. Ele apenas não via muito proveito na igreja.

Seu amigo Shawn o convidou para ir a uma reunião de cristãos. Rob se sentiu tão deprimido que pensou: "Talvez isto me ajude". Portanto, ele foi à reunião com Shawn e lá conversou com este e com uma jovem chamada Sarah — até quase meia-noite.

A conversa começou com assuntos triviais, mas se tornou séria, quando Shawn e Sarah começaram a compartilhar algumas coisas pelas quais haviam passado recentemente. Em determinado momento, chegou a vez de Rob. Ele não se assentou e começou a chorar ou algo desse tipo; apenas abriu seu coração e foi mais honesto com estas duas pessoas do que às vezes o era até consigo mesmo. "Minha vida está fora de controle. Tudo parece estar dando errado. E as coisas que estão indo bem não me parecem ser importantes."

Em cinco minutos — ou menos — Sarah e Shawn lhe falaram sobre a maravilhosa vida que ele poderia ter como um cristão e sobre o dom gratuito que ele poderia ter imediatamente, o dom do perdão de Deus para todos os seus erros, e sobre a vida eterna com Deus, no céu, quando ele morresse. Parecia a melhor coisa que já lhe havia sido ofertada; também parecia tão agradável que aquelas duas pessoas estivessem assentadas ali, ouvindo-o e contando-lhe essas coisas.

Assim, quando Rob lhes perguntou como poderia obter aquilo, Shawn e Sara lhe deram um livrinho e lhe mostraram um parágrafo em negrito na capa de trás. Era uma oração. "Repita depois de mim", disse Shawn, e Rob o fez. Cada vez que Shaw lia uma sentença e parava, Rob repetia aquela sentença. Ele as estava lendo para Deus. Estava orando. Era isso mesmo. Shawn e Sarah lhe disseram, com entusiasmo, que ele havia se tornado um cristão, porque Deus prometeu que, se

alguém confessasse seus pecados, Ele o perdoaria. Rob sabia que fizera coisas más. Por isso, ele orou. Havia terminado a oração; ele estava salvo.

Nos anos seguintes, Rob teve uma vida bem correta.

Quando ele tinha mais ou menos quarenta anos, as pessoas até pensavam que ele era uma coluna da igreja.

Ele acabou se envolvendo com uma igreja em que a pregação era estimulante. Os sermões eram curtos, cheio de boas histórias, anedotas memoráveis e ilustrações comoventes. Rob gostava muito de ouvir, especialmente as histórias.

Se alguém o encostasse na parede, ele teria de confessar que não conhecia muito bem a Bíblia. Embora houvesse ensinado na Escola Dominical por vários anos, Rob não podia realmente dizer onde ficavam muitos dos livros da Bíblia o qual era o assunto do livro de Apocalipse. Rob tinha seus próprios pensamentos a respeito de Deus e os compartilhava com as pessoas, mas não extraía seus pensamentos da Bíblia. Eram apenas coisas que ele ouvira e imaginava por si mesmo.

Ele imaginava que o evangelho era uma oferta vinda diretamente de Deus — que perdoa os nossos pecados, se tão-somente os reconhecermos ("Sim, este é o meu pecado"). Ele sabia que Jesus e a cruz eram importantes; não sabia exatamente como, mas sabia que eram importantes.

Falando a verdade, Rob pensava que a conversão era como a decisão de comprar um carro novo ou alguma outra decisão relevante de sua vida. A conversão era algo tremendo, e um pouco alarmante, mas era algo que você tinha de fazer. Ele achava que todos chegariam à conversão em algum tempo e que converter-se o mais rápido possível era melhor do que deixar para depois... pois, como você sabe, você nunca sabe...

Para Rob a evangelização era o que os líderes da igreja faziam e o que ele mesmo devia fazer às vezes. Ele teve de fazer um pouco de evangelização quando a igreja recebeu um pastor novo que gostava de ir de porta em porta; também o fez uma vez quando viajou como acompanhante de um coral de jovens e alguns rapazes lhe fizeram perguntas a respeito do que significava ser batizado e unir-se a uma igreja — por isso, falou-lhes sobre o assunto.

De fato, o próprio Rob nunca se uniu a uma igreja, porém muitas pessoas talvez nem entendessem isso. Ele teria períodos de mais envolvimento e períodos de menos envolvimento. Às vezes, estaria na igreja todos os domingos durante um ano inteiro e, às vezes, não freqüentaria a igreja por um mês, dois meses, três meses; e, sinceramente, ele gostava que fosse assim. Ele era capaz de selecionar e assumir

somente aquelas coisas nas quais ele queria se envolver. Afinal de contas, unir-se a uma igreja sempre lhe fora semelhante a dar um cheque em branco para alguém.

Houve também os problemas que ocorreram alguns anos antes, quando sua filha, que fazia parte do coral, foi ensinada algumas coisas que ele considerava loucas

Por quê? Porque se continuassem ensinando aquilo, sua filha acabaria por se tornar uma missionária em um país estrangeiro ou coisa semalhante! Então, ele a proibiu de continuar participando do coral, da mocidade, do estudo bíblico e das reuniões da igreja por um tempo e ele mesmo se ausentou durante quase um ano. Ele não se preocupava muito com isso, embora soubesse que acreditava no "uma vez salvo, salvo para sempre" e soubesse que era salvo, porque se lembrava da oração que fizera com Sarah e Shawn. Portanto, ele não tinha com que se preocupar.

Além disso, eles tiveram um pastor com o qual ele não se dava bem, e, sendo honesto, Rob achava que podia esperar até que o pastor fosse embora. Ele tinha visto pastores chegarem e saírem. Algumas das coisas que esse novo pastor queria fazer realmente o incomodava. O pastor queria dar mais dinheiro para missões, quando havia bastante trabalho que precisava ser feito no próprio templo deles. Ele falava a respeito de mudanças na igreja como a introdução de presbíteros e até conversava a respeito de "disciplina na igreja" (que a Rob parecia algo assustador, uma atitude de juízo e anticristã). Rob sabia que muitos pastores não ficavam por muito tempo na igreja, especialmente se ele tornasse público que evitava o envolvimento na igreja porque o pastor estava ali.

Você ficaria surpreso se eu lhe dissesse que ele não estava realmente crescendo na vida cristã? E, mais do que isso, que ele não se importava com essa situação?

Embora Rob não esteja tão preocupado com o seu crescimento na vida cristã, o pesquisador George Barna nos diz que, em nossos dias, há muitos que estão. No final de 1998, Barna relatou que a porcentagem de pessoas que sentem necessidade de experimentar crescimento espiritual subiu admiráveis 24% (de 58% para 82%) em apenas quatro anos. Li em outra pesquisa recente que a taxa de pessoas que nestes dois últimos anos têm pensado muito sobre o significado e o valor básico da vida subiu 11%. Barna sugeriu que essas descobertas são uma indicação de uma onda de interesse em espiritualidade e de uma busca por significado, visto que entramos em um novo século.

Bem, o que você acha disso? Quatro perguntas:

1. Esses desejos por crescimento espiritual são bíblicos? Ou podemos, como crentes, ficar quietos, acomodados e seguros como Rob?
2. Se quisermos crescer em nossa vida espiritual — como indivíduos e como igreja — como podemos fazer isso?
3. O crescimento espiritual é realmente importante?
4. O que acontecerá se não crescermos?

Uma igreja saudável se caracteriza por um interesse sério pelo crescimento espiritual por parte dos seus membros. Em uma igreja saudável, as pessoas querem melhorar no seguir a Jesus.

Uma teologia bíblica de crescimento

Em primeiro lugar, o desejo por crescimento espiritual é bíblico ou é apenas um exemplo da mania de progresso da cultura moderna? Amamos o progresso em tudo e, por isso, o importamos ao nosso entendimento do cristianismo? Ou toda esta conversa sobre o crescimento espiritual talvez seja um tipo de egocentrismo espiritual em que nos tornamos narcisistas cristãos, excessivamente preocupados com nossas próprias virtudes espirituais? O que você acha?

Examinando as Escrituras, descobrimos que o crescimento espiritual não é simplesmente um interesse de pessoas vanguardistas; é um interesse da Bíblia.

No primeiro capítulo das Escrituras, você percebe que Deus ordenou às suas criaturas da terra e do mar que se multiplicassem: "E Deus os abençoou, dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves" (Gn 1.22). Um pouco depois, Adão e Eva recebem de Deus essa mesma ordem: "E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra" (v. 28).

Mais tarde, depois que Deus limpou completamente o mundo com o julgamento do Dilúvio, qual foi a primeira ordem que Noé e seus filhos receberam? "Abençoou Deus a Noé e a seus filhos e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra" (Gn 9.1).

Se você continuar lendo o livro de Gênesis, verá que Deus prometeu a Abraão que o número de seus descendentes seria enorme e cresceria. Quando os filhos de Israel desceram ao Egito e se tornaram cativos, eles se multiplicaram e crescerem em número. Isso foi um sinal da bênção de Deus. Ele os abençoou novamente quando foram à terra prometida. E, quando foram levados ao exílio na Babilônia, o que aconteceu? O Senhor os instruiu por meio de Jeremias: "Tomai esposas e gerai filhos e filhas, tomai esposas para vossos filhos e dai vossas filhas a maridos, para que tenham filhos e filhas; multiplicai-vos aí e não vos diminuais" (Jr 29.6).

Deus não subscreve à idéia de E. F. Schumacher de que o pequeno é belo! Embora o seja às vezes, o pequeno não é necessariamente o melhor. Não estou dizendo que Deus é de algum país imenso — mas somente que Ele parece ver a abundância como uma bênção. Uma das maneiras como Deus estimula a prática da justiça no Antigo Testamento é mostrando a abundância de bênçãos que Ele

derrama na forma de crescimento e prosperidade. Por isso, lemos em Salmos 92.12-13:

> O justo florescerá como a palmeira,
> crescerá como o cedro no Líbano.
> Plantados na Casa do Senhor,
> florescerão nos átrios do nosso Deus.

No livro de Provérbios, Deus nos dá instruções sobre como podemos crescer desta maneira. Somos ensinados a crescer em poder por meio do crescer em sabedoria e a crescer em sabedoria por meio do andarmos com os sábios (Pv 24.5; 13.20).

É claro que não buscamos o tipo errado de crescimento. Não devemos ficar impressionados pelo crescimento das coisas físicas, tais como riqueza e bens. Como nos adverte Salmos 49.16-17:

> Não temas, quando alguém se enriquecer,
> quando avultar a glória de sua casa;
> pois, em morrendo, nada levará consigo.

A morte colhe de nós todas as posses que acumulamos neste mundo. Por isso não devemos nos impressionar com elas.

Uma das coisas que aprendemos da Bíblia a respeito do crescimento é que o reino de Deus crescerá. Isso foi profetizado no Antigo Testamento, e Jesus também o prometeu. Todos os anos cantamos na época do Natal aquela profecia de Isaías 9.7, na qual o Senhor prometeu que o reino do seu Messias cresceria:

> Para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto.

O próprio Senhor Jesus falou como seu reino cresceria para cumprir esta profecia. Ele disse que seu reino cresceria desde a menor semente até a maior planta do jardim — "O qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos" (Mt 13.32).

É claro que a semente caiu no solo e morreu. Mas, embora Jesus tenha sido crucificado e sepultado, Ele ressuscitou, e o reino de Deus, que Jesus começou a

edificar, passou exatamente por aquilo que Jesus profetizou que passaria. Começou a crescer. Se lermos o livro de Atos dos Apóstolos, acharemos diversas vezes este refrão:

> Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos... Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé (At 6.1, 7).
>
> Entretanto, a palavra do Senhor crescia e se multiplicava (At 12.24).
>
> E divulgava-se a palavra do Senhor por toda aquela região (At 13.49).
>
> Assim, a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente (At 19.20).

Assim, vemos o crescimento numérico acontecendo tanto no Novo como no Antigo Testamento. Mas o crescimento sobre o qual falamos, insistimos e oramos, no Novo Testamento, não é apenas numérico. Se a sua igreja tem mais pessoas agora do que tinha alguns anos atrás, isso significa que ela é uma igreja saudável? O Novo Testamento nos dá a idéia de um crescimento que envolve não somente um maior número de pessoas, mas também pessoas que estão crescendo, amadurecendo e aprofundando-se na fé. Por isso, lemos em Efésios 4.15-16:

> Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor.

Como acontece esse crescimento? Em última instância, ele acontece pela obra de Deus. Crescemos, como corpo de Cristo, à medida que Deus nos faz crescer. Essa é a razão por que lemos em Colossenses 2.19 que Cristo é "a cabeça, da qual todo o corpo, suprido e bem vinculado por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus".

Não é o pregador que faz uma igreja crescer. Deus pode usá-lo. Isso está nas mãos dEle. Paulo escreveu sobre este assunto aos cristãos de Corinto. Eles eram inclinados a valorizar pregadores eloqüentes. Então, Paulo lhes escreveu, recordando-lhes: "Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento" (1 Co 3.6-7).

Ao escrever isso, Paulo mostrou ser um bom discípulo de Jesus. O próprio Jesus ensinou que o crescimento do reino vem de Deus mesmo e não depende de nós. Em Marcos 4, Jesus contou uma história do reino de Deus comparando-o a uma seara que cresceu em um campo, enquanto o agricultor dormia. Enquanto este se levantava e dormia, a seara cresceu. A verdade que Jesus pretendia ensinar não é que devemos ser indolentes e ociosos, e sim que o crescimento do reino de Deus não depende de nós. Deus mesmo está comprometido em garantir o crescimento de sua igreja. "Depois, dormisse e se levantasse, de noite e de dia, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como" (Mc 4.27). Deus opera o crescimento.

Esta é a razão por que, ao escrever aos cristãos de Tessalônica, Paulo não se congratulou com eles por haverem crescido — "Oh! como vocês cresceram tão bem!" Pelo contrário, Ele agradeceu a Deus pelo crescimento deles. O crescimento não deve produzir orgulho. Pode causar humildade e reconhecimento de que é Deus quem dá o crescimento:

> Irmãos, cumpre-nos dar sempre graças a Deus no tocante a vós outros, como é justo, pois a vossa fé cresce sobremaneira, e o vosso mútuo amor de uns para com os outros vai aumentando (2 Ts 1.3).

Quando Paulo desejava que uma igreja crescesse, ele orava. Paulo compreendia que o crescimento vem de Deus. Volte a 1 Tessalonicenses, e veja como ele orou:

> Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, e Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós, e o Senhor vos faça crescer e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco, a fim de que seja o vosso coração confirmado em santidade, isento de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos (1 Ts 3.11-13).

Se voltarmos a Colossenses, acharemos novamente Paulo orando para que seus leitores crescessem espiritualmente:

> Não cessamos de orar por vós... a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus (Cl 1.9-10).

Ora, não estou sugerindo que não devemos fazer nada em benefício de nosso próprio crescimento espiritual. O fato de que me preocupei em escrever este livro significa que creio devemos, como cristãos, fazer algo por nosso próprio crescimento espiritual. Em 2 Pedro 3.18, o apóstolo terminou sua epístola com a exortação

“crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. É um imperativo. “Crescei” — ele disse.

Devemos ter o desejo de crescer espiritualmente. Mas como o fazemos? No primeiro capítulo desta epístola, Pedro disse:

> Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo (2 Pe 1.8).

Que coisas devem existir em nós? Retorne ao versículo 5:

> Por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo (vv. 5-8).

Portanto, devemos ter o desejo de crescer. E crescemos por cultivar estas qualidades.

Em outra passagem, Pedro enfatiza a importância de conhecer a Palavra de Deus. Se você quer crescer, ele disse, faça isto:

> Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação, se é que já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso. Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo (1 Pe 2.2-5).

Assim, vemos que o crescimento espiritual é um sólido conceito bíblico. Este crescimento não é algo com o que somente nós estamos preocupados; não é algo peculiar de nossa cultura. É uma idéia que está na Bíblia e que parece estar ali desde a própria criação.

Uma prática bíblica de crescimento

Uma segunda pergunta é: como crescemos em nossa vida espiritual? Que tipo de igreja cultiva esse discipulado entre os seus membros? Em certo sentido, isto é que temos considerado em todo este livro. Mas, em um sentido mais específico, de que modo cada uma das outras oito "marcas" afetam o crescimento — individual e corporativo — de nossa vida cristã?

Pregação expositiva

Uma igreja em que existe pregação expositiva será uma igreja que estimula o crescimento espiritual — à medida que ouvimos a Deus falando por meio de sua Palavra à nossa vida. A Palavra de Deus é aquilo de que precisamos, se haveremos de crescer espiritualmente. Mas não aprenderemos este fato básico, se buscarmos a cultura que nos cerca para nos dizer qual é a nossa maior necessidade. Tampouco devemos buscar esse conhecimento em nosso próprio coração. Os Guinness escreveu:

> A exagerada meia verdade a respeito de que a igreja "precisa atender às necessidades das pessoas..." gera conseqüências involuntárias. Assim como a paixão por relevância do moderno crescimento de igreja se tornará um caminho à irrelevância, assim também a sua paixão moderna por "necessidades sentidas" tornará a igreja em um instrumento que ecoa as necessidades da moda e que torna imperceptível aquela voz que fala às verdadeiras necessidades, colocando-a abaixo de todas as necessidades sentidas. Afinal de contas, se as verdadeiras necessidades são o primeiro passo rumo à fé e à oração, as falsas necessidades são o oposto. Como observou George Macdonald... "a necessidade que não é necessidade é um demônio que suga desde o início a sua vida".[1]

Para aprendermos sobre aquilo que mais necessitamos em nossa vida, precisamos nos voltar para Deus. Precisamos ouvir sua Palavra — toda ela — pregada de forma expositiva, para não ouvirmos apenas temas selecionados. Há coisas na Bíblia que queremos evitar. Nenhum de nós é tão santo, perfeito e bem formado espiritualmente, que recebemos com alegria toda palavra do livro de Deus. Oh!, que Ele nos guarde de estar em uma igreja em que a Palavra é pregada de modo seletivo! Devemos orar para que Ele dê à sua igreja pregadores que pregarão toda a sua Palavra.

Enquanto estudamos a Palavra de Deus, vemos sua ajuda e seu cuidado em favor de seu povo através da história. Ficamos conscientes do plano de Deus. Contemplamos a glória do evangelho. Vemos como Ele nos corrige. De um modo estranho, quando ouvimos a pregação expositiva, nos tornamos menos dependentes do pregador. Estamos mais interessados na Palavra de Deus. E, se o pastor está ausente, ou se Deus o chama a algum outro lugar, ou se ele faleceu e outro assumiu seu lugar, tudo está bem. Amamos nosso pastor, mas, acima dele, amamos a Palavra de Deus. Isto é o que queremos ouvir. Isto é o que edifica a igreja: ouvir a Palavra de Deus falando conosco, à medida que o Espírito Santo usa-a em nosso coração. Por meio da Palavra de Deus, conhecemos mais a Deus e seu caráter, mais do que podíamos imaginar ou supor.

Tenha bastante cuidado antes de unir-se a uma igreja que não enfatiza a pregação expositiva ou de cooperar em chamar um pregador que não usa esse tipo de pregação, que não é comprometido em pregar toda a Palavra de Deus, embora algumas de suas partes sejam incômodas.

Teologia bíblica

Uma igreja edificada sobre a teologia bíblica é uma igreja que ajudará seus membros a crescerem em sua vida espiritual.

Crescemos quando entendemos mais da verdade a respeito de Deus e de nós mesmos. Crescemos quando entendemos mais do cuidado de Deus e de seu caráter. Crescemos quando lemos o relato bíblico sobre a escolha que Ele fez de um povo e do seu lidar com esse povo em meio às circunstâncias bem difíceis. Somos encorajados ao ver todo o panorama, o plano, o significado. Vemos mais do caráter de Deus. Começamos a crescer em nosso conhecimento dEle. Começamos a confiar mais nEle.

Como você cresce em sua capacidade de confiar mais em Deus? Você cresce nessa habilidade, em parte, por meio das dificuldades pelas quais Deus permite que você passe. Mas a experiência é somente uma parte do crescimento. Isto é o que lhe dá oportunidade de confiar. Mas, por que confiar nEle? Confiamos em Deus porque Ele se tem revelado completamente digno de confiança. A revelação que Deus faz de Si mesmo, em toda a sua Palavra e em toda a história, mostra que Ele é digno de nossa confiança em tudo que Ele enviar em nosso viver.

Um entendimento bíblico do evangelho

Uma igreja que promove um entendimento bíblico do evangelho nos ajuda a crescer espiritualmente.

À medida que compreendemos mais e mais a profundidade de nossa necessidade, somos treinados a confiar em Cristo. John Newton, o autor do hino *Preciosa Graça*, escreveu um poema a respeito de confiar em Cristo e tentar crescer na vida espiritual:

> Pedi ao Senhor que eu pudesse crescer
> Na fé, no amor, e em toda a graça,
> Saber mais de sua poderosa salvação
> E buscar com mais fervor sua face.
>
> Esperei que em alguma hora favorável
> De repente ele respondesse a meu pedido
> E pela força constrangedora de seu amor,
> Eliminasse meus pecados e me desse paz.
>
> Em vez disso, Ele me fez sentir
> O mal escondido em meu coração
> E deixou que as raivosas forças do inferno,
> Assaltassem completamente minha alma.[2]

Quando começamos a ter um entendimento mais bíblico de nosso estado como seres humanos, embora sejamos bastante entristecidos por tragédias que possam acontecer em Kossovo, na Columbine High School ou na Igreja Batista de Wedgewood, não podemos dizer que ficamos tão chocados como o ficam aqueles que não são cristãos. Entendemos algo de nossas tremendas capacidades como portadores da imagem de Deus e quão terrivelmente, terrivelmente corrompidas essas capacidades podem se tornar, quando não as usamos em submissão a Deus. Quando começamos a entender mais de nossa própria fraqueza, nossa própria rebelião pecaminosa, começamos a entender — embora isso pareça estranho — mais do amor de Deus. Às vezes, a mente popular faz uma distinção entre os pregadores "do fogo do inferno" e os pregadores que entendem o amor de Deus. Mas essa distinção é apenas uma caricatura. Os pregadores que falam somente sobre o amor de Deus falam cada vez menos sobre esse amor em cada sermão que pregam, porque na mente deles há cada vez menos do fato de que Deus nos ama apesar do que somos. Há menos fardo que Cristo levou. E há menos e menos extensão do amor que Ele demonstrou por nós.

Quando, por outro lado, começamos a entender a realidade de nossa rebelião pecaminosa contra Deus, começamos a entender o amor dEle por nós em Cristo.

Uma igreja que prega um evangelho claro o ajudará a crescer em sua vida cristã; e o ajudará a crescer em confiança, à medida que você conhece o amor de Deus. De fato, você só cresce quando entende o que Deus fez por você em Cristo. Você quer crescer em sua vida cristã? Medite no grande hino de Charles Wesley, *Que Maravilha seu Amor.* Volte a se admirar com o evangelho.

Um entendimento bíblico da conversão

Um entendimento bíblico da conversão o ajudará a crescer em sua vida espiritual.

Quando você compreende seu estado espiritual e a sua dependência de Deus para a vida cristã, em vez de tornar-se indiferente, você se torna grato — profundamente grato a Deus por haver tido misericórdia de você e de muitos outros. Quando você faz isso, sua esperança se torna mais segura, porque você compreende que sua esperança não se fundamenta em sua própria fidelidade, mas sim na fidelidade de Deus. Isto é um tremendo encorajamento para qualquer pessoa que se reconheça pecador. Deus nos ama por causa de sua própria natureza de amor.

Quando começamos a reconhecer nossa salvação como o fruto da obra de Deus em nossa vida, não somos tentados a sentir orgulho em nossa própria vida espiritual, porque entendemos, com base na Bíblia, o que é a conversão. Entendemos o que é um verdadeiro cristão e como nos tornamos um deles — pela graça de Deus.

Um entendimento bíblico da evangelização

A falta de crescimento espiritual em pessoas que se percebem cristãs é freqüentemente uma evidência de que elas foram evangelizadas de modo errado. Temos ensinado as pessoas que não são cristãs a pensarem que o são. Um consultor de crescimento de igreja afirmou recentemente que "de cinco a dez milhões dos nascidos depois da Segunda Guerra Mundial voltariam ao rebanho dentro de um mês, se as igrejas adotassem três mudanças simples: 1. 'Fazer anúncios'; 2. Informar às pessoas 'os benefícios de seu produto'; 3. Ser 'agradável às pessoas novas'."[3] Será assim mesmo? Fazer anúncios, expor ao público os benefícios do produto e ser

agradável às pessoas — e isso nos faria ver de cinco a dez milhões de pessoas voltando às nossas igrejas dentro de um mês? Talvez sim, mas não sei se os veríamos convertidos.

Não me interpretem mal. Não estou querendo menosprezar anúncios e não usá-los. Não estou dizendo que não desejo contar às pessoas as boas novas a respeito de ser um cristão e que desejo mantê-las em segredo comigo. Tampouco pretendo que sejamos insensíveis às novas pessoas que vêem à igreja. Mas temos de entender que evangelização é mais do que tudo isso. Afinal de contas, a igreja não é uma organização de promotores entusiastas. Estamos anunciando às pessoas uma mensagem séria referente à situação delas diante de Deus e as gloriosas notícias da nova vida que Deus lhes oferece em Cristo; e convidando-as a entrarem nessa vida por meios terríveis e drásticos — arrependimento e fé.

Quando começamos a entender o que a Bíblia ensina sobre a evangelização, passamos a confiar mais em Deus para nos ajudar a propagar as boas novas. Sentimo-nos mais inclinados a obedecer a Deus, quando compreendemos que não temos o dever de converter ninguém, mas sim o de transmitir com fidelidade as boas novas. Há uma maravilhosa liberdade nisso. Não preciso sentir que tenho de responder todas as perguntas de cada pessoa. Tenho apenas de comunicar-lhes as verdades sobre Jesus, amá-las e orar por elas. Sou chamado apenas a ser fiel na apresentação da mensagem; e isso traz uma liberdade maravilhosa. Quando entendo melhor a obra de Deus na regeneração, isso me encoraja a confiar nEle.

Um entendimento bíblico da membresia na igreja

Um entendimento bíblico da membresia na igreja também ajuda as pessoas a crescerem na vida cristã. Viver como um cristão significa estar comprometido com os outros. Envolve fazer parte de uma comunidade centralizada em Jesus Cristo. Ao lidarmos uns com os outros, somos forçados a tratar de áreas de nossa vida que evitaríamos em outra situação. Por causa de nosso amor comprometido com outros cristãos, oramos e refletimos nessas áreas e nos arrependemos. Por meio de nossos compromissos e responsabilidades como membros de igreja, aprendemos mais a respeito do que é o verdadeiro amor. Somos estimulados, à medida que vemos Deus agir na vida de outros cristãos. Somos encorajados quando vemos cristãos mais velhos recebendo cuidado e os novos cristãos amadurecendo. Mesmo quando as coisas em nossa vida não estão indo bem, podemos ser animados pela obra de Deus na vida de outras pessoas. Essa é uma das razões por que Deus não nos

chama a correr sozinhos. Estar vinculado a uma igreja estimula também a responsabilidade. Ajuda-nos de muitas maneiras a crescer na vida cristã.

Um entendimento bíblico da disciplina eclesiástica

Um entendimento bíblico da disciplina na igreja também nos ajuda a crescer. Uma das conseqüências involuntárias da igreja negligenciar a disciplina correta é que isso torna mais difícil o fazer discípulos. Em uma igreja que não exerce disciplina, os exemplos não são claros e os padrões são confusos.

"Oh! o Sr. Fulano é membro da igreja há tanto anos, e vejam o que ele faz."

"Sim, mas ele faz parte de todas as comissões."

As ervas daninhas são indesejáveis. Nenhum jardineiro se predispõe a plantá-las. Elas podem causar um efeito prejudicial às plantas ao seu redor. O plano de Deus para a igreja não nos encoraja a deixarmos as ervas intactas. Para sua glória, Ele planejou que estas pessoas imperfeitas sejam pessoas que O amem e cujas vidas Ele pode transformar — torná-las mais santas.

Para o bem das pessoas que sofrem disciplina, para o bem dos outros cristãos como forma de advertência, para a saúde da igreja como um todo, para o bem de nosso testemunho cristão e para a glória de Deus, somos ajudados a crescer à medida que praticamos a disciplina na igreja.

Um entendimento bíblico da liderança na igreja

Em nossa vida cristã, também seremos ajudados por um entendimento bíblico do exercício da liderança. À medida que Deus coloca em nosso meio pessoas que Ele chamou para exercer liderança espiritual, obtemos modelos e exemplos práticos de piedade.

Estas são algumas maneiras como as nossas outras oito marcas "de uma igreja saudável" contribuem para o nosso crescimento espiritual.

Esperanças para o crescimento

Antes de discutirmos a importância do crescimento espiritual, permita-me compartilhar com você algumas de minhas esperanças para o meu próprio ministério — para a minha própria vida e a vida de minha igreja — neste assunto sobre o crescimento espiritual.

Visitação pastoral

Em minha função como pastor, espero que, lenta e seguramente, serei capaz de fazer visitação pastoral regular, do modo que era padrão nos anos passados. Para isso, estou trabalhando, lenta e seguramente, em minha lista de membros, para estar com os membros de minha igreja que já faziam parte dela quando ali cheguei. Desde que cheguei à igreja, tenho entrevistado todos os novos membros a respeito de seu entendimento do evangelho e de seu próprio testemunho de como se tornaram e vivem como cristãos. Agora estou procurando ter essa conversa com *todos* os membros da igreja. Espero obter um entendimento delas que vá além do que pode ser obtido pelos momentos breves que tenho com eles — às vezes, somente às portas da igreja no domingo pela manhã. Por último, espero ter uma agenda de visitação regular pela qual eu mesmo ou talvez algum dos outros presbíteros encontre-se com cada membro da igreja para orar e conversar sobre sua vida. Provavelmente farei perguntas como as seguintes, que outro pastor compartilhou comigo:

- Particularmente, como você cresceu em seu entendimento da vida cristã, desde a última vez em que nos encontramos?
- Particularmente, como você cresceu em sua prática da vida cristã, desde a última vez que em nos encontramos?
- Particularmente, como você sente que necessita de instrução?
- Particularmente, você está desapontado com sua própria busca por santidade?
- Especificamente, como eu posso orar por você?

Isto é o que eu gostaria de ver na igreja que pastoreio. Também rogo a Deus que isto se torne uma característica de sua igreja.

Crescimento coletivo como igreja

Espero que nós, da Igreja Batista de Capitol Hill, vivenciemos cada vez mais o que temos prometido a Deus e uns aos outros em nosso pacto da igreja — que diz o seguinte:

PACTO DA IGREJA

Tendo, como cremos, sido trazidos pela graça divina ao arrependimento e fé no Senhor Jesus Cristo para render nossa vida a ele, e tendo sido batizados sobre nossa profissão de fé, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, confiando na ajuda de sua graça, solene e alegremente renovamos agora nosso pacto uns com os outros.

Trabalharemos e oraremos pela unidade do Espírito no vínculo da paz.

Caminharemos juntos em amor fraternal, desde o momento em que nos tornamos membros de uma igreja cristã; exercitaremos o cuidado em amor, velaremos uns pelos outros e, fielmente, nos admoestaremos com súplicas uns aos outros conforme exija a ocasião.

Não abandonaremos as reuniões de nossa congregação, nem negligenciaremos a oração por nós e pelos demais.

Esforçar-nos-emos no educar tantos quantos possam estar sob o nosso cuidado, na disciplina e na admoestação do Senhor, e com um exemplo puro e amoroso buscaremos a salvação da nossa família e amigos.

Alegrar-nos-emos com a felicidade dos outros, e nos esforçaremos em levar as cargas e tristezas uns dos outros, com ternura e compaixão.

Buscaremos, com a ajuda divina, viver cuidadosamente no mundo, renunciando a impiedade e as paixões mundanas, e lembrando que, assim como fomos voluntariamente sepultados mediante o batismo e levantados de novo da sepultura simbólica, existe agora em nós uma obrigação especial que nos leva a uma vida nova e santa.
Trabalharemos juntos para a continuidade de um ministério fiel de evangelização nesta igreja, bem como sustentaremos sua adoração, ordenanças, disciplina e doutrinas. Contribuiremos alegre e regularmente para o sustento do ministério, para as despesas da igreja, para o socorro aos pobres e a difusão do evangelho por todas as nações.

Quando mudarmos deste local, tão logo quanto possível, nos uniremos a outra igreja onde possamos cumprir o espírito deste pacto e os princípios da Palavra de Deus.

Que a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos nós. Amém.

Este pacto expressa a idéia de que o crescimento na vida cristã não é uma responsabilidade apenas individual. Não é apenas minha responsabilidade, como pastor. Os membros da igreja devem ensinar uns aos outros. Isso faz parte daquilo que nos une como corpo de Cristo. E, quando você lê este pacto da igreja, percebe o que nós, como igreja, prometemos fazer a fim de ajudar uns aos outros a crescer na vida cristã. Nós o faremos com imperfeição — não há dúvida quanto a isso. No entanto, a minha esperança é que em nossa igreja (e em sua igreja), vamos, crescentemente, trabalhar e orar juntos, vamos caminhar juntos, não abandonaremos o congregar-nos, nos esforçaremos para edificar aqueles a quem Deus nos confia em sua vontade e caminhos, regozijando-nos e entristecendo-nos uns com os outros, procurando viver prudentemente, trabalhando juntos no ministério, contribuindo para as necessidades do evangelho em todas as nações, reconhecendo que, ao mudarmos deste lugar, nos uniremos a outra igreja onde poderemos continuar na prática destas coisas. Isso é o que prometemos uns aos outros, para ajudar uns aos outros a crescer na vida cristã.

A importância do bom crescimento

O crescimento é importante? Sim, crescer espiritualmente é muito importante. É o meio pelo qual testemunhamos ao mundo. Quando vemos uma igreja composta de membros que estão crescendo à semelhança de Cristo, quem recebe a glória? Já vimos a resposta nas Escrituras: "O crescimento veio de Deus" (1 Co 3.6). Como disse o apóstolo Pedro: "Mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios, para que, naquilo que falam contra vós outros como de malfeitores, observando-vos em vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia da visitação" (1 Pe 2.12).

É óbvio que Pedro lembrou as palavras de Jesus, no Sermão do Monte: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras", e aqui seria fácil cair na armadilha da auto-admiração, mas Jesus continuou: "E glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.16). Trabalhar para promover o discipulado e o crescimento espiritual significa trabalhar não para nossa própria glória, e sim para glória de Deus. Esta é a maneira como Deus se tornará conhecido no mundo.

Uma igreja saudável tem uma preocupação abrangente com o crescimento da igreja — não apenas com o aumento do número de membros. Uma igreja repleta de cristãos que crescem é o tipo de crescimento de igreja que desejo como pastor. Alguns parecem imaginar que alguém pode ser um "bebê em Cristo" durante toda a sua vida. O crescimento é visto como algo opcional, apropriado especialmente para discípulos zelosos. Mas tenha muito cuidado em seguir esta maneira de pensar. O crescimento é um sinal de vida. As árvores vivas são árvores que crescem; animais vivos são animais que crescem. Quando algo pára de crescer, morre.

O crescimento pode não implicar que você progride agora na metade do tempo que progredia antes. Pode significar que, como cristão, você é capaz de continuar na direção certa, apesar das circunstâncias contrárias. Lembre: somente as coisas vivas sobem a correnteza; as coisas mortas bóiam na correnteza.

Paulo esperava que os cristãos de Corinto crescessem em sua fé cristã (2 co 15.10). E que os cristãos de Éfeso crescessem "em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" (Ef 4.15; cf. 1.10; 2 Ts 1.3). Em determinadas épocas, os pastores são tentados a reduzir suas igrejas a meras estatísticas de freqüência, batismos, contribuições e membresia, nas quais o crescimento é tangível, registrável,

demonstrável e comparável. Contudo, essas estatísticas ficam muito aquém do verdadeiro crescimento que Paulo descreve nestes versículos e que Deus deseja. Em vez de pensar no crescimento como um gráfico linear, dados crescentes ou quantidades que diminuem — totais de cultos freqüentados, dinheiro ofertado, livros lidos — é melhor pensar no crescimento cristão como uma espécie de videogame em que, a cada dia, você recebe, como cristão, um novo desafio para viver naquele dia.

Jonathan Edwards, em sua obra *Treatise Concerning Religious Affections* (Tratado sobre Afeições Religiosas), sugeriu que o crescimento no discipulado cristão não é, em última instância, apenas entusiasmo, uso crescente de linguagem espiritual ou um grande conhecimento das Escrituras. Também não é um aumento evidente na alegria, no amor ou no interesse pela igreja. O aumento no zelo, no louvor a Deus e na confiança da própria fé do cristão não é uma evidência infalível do verdadeiro crescimento cristão. Qual *é*, então, a evidência do verdadeiro crescimento cristão? De acordo com Edwards, embora todas essas coisas possam ser evidências de crescimento espiritual, o único sinal correto e observável desse crescimento é uma vida de santidade crescente, fundamentada na auto-renúncia cristã. A igreja deve ser caracterizada por um interesse vital nesse tipo de santidade crescente na vida de seus membros.

Boas influências em uma comunidade de cristãos comprometidos uns com os outros podem ser instrumento nas mãos de Deus para o crescimento de seu povo. À medida que os filhos de Deus são edificados e crescem juntos em santidade e amor altruísta, eles aprimoram sua habilidade de ministrar a disciplina e de promover o discipulado. A igreja tem uma obrigação de ser um instrumento pelo qual o povo de Deus cresce na graça. Se, em vez de nossas igrejas serem lugares em que os pastores ensinam suas próprias idéias, em que Deus é mais questionado do que adorado, em que o evangelho é diluído e a evangelização é pervertida, em que a membresia da igreja é tornada insignificante e se permite o desenvolvimento de um culto mundano personalista ao redor do pastor, dificilmente podemos esperar encontrar uma comunidade que seja coesa e edificante. Esse tipo de igreja certamente não glorificará a Deus. Por isso, a bênção final de Pedro aos primeiros cristãos para os quais ele escreveu foi uma oração formulada no imperativo: "Antes, crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno" (2 Pe 3.18).

De todas as “nove marcas” abordadas neste livro, esta foi a primeira com a qual me preocupei. Quantos já viram grandes igrejas, com milhares de membros que nunca as freqüentam, e aonde centenas dos que vêm aos cultos não parecem estar muito interessados em Deus? Em qualquer igreja, há ótimas pessoas que vivem vidas morais; mas há alguns que parecem amar com sinceridade o Senhor e, freqüentemente, se sobressaem do restante da igreja — parecem diferentes dos demais membros da igreja. Durante quase vinte anos ou mais, tenho me perguntado por que as igrejas são assim. O que acontece em nossas igrejas quando pessoas que vivem, de fato, como cristãs, parecem incomuns se comparadas aos demais membros da igreja? Neste livro, tenho delineado aquelas coisas que observei a esse respeito, chegando finalmente à fonte da atividade de Deus em nós — sua Palavra.

Se tivermos de crescer como cristãos, tanto individual como corporativamente, temos de nos assentar sob o ministério da Palavra. Devemos orar para que o Espírito Santo plante e limpe o jardim de nosso coração. Este crescimento espiritual não é uma opção. É vital, porque o crescimento indica vida. As coisas vivas de verdade crescem. É assim que as coisas são.

O que acontecerá se não crescermos?

Finalmente, o que acontecerá se não crescermos? O que aconteceu com Rob? Por que ele não estava crescendo em sua vida cristã? Ele não era um cristão, de maneira alguma?

Talvez você pense: "*Ora, isso é um pouco severo. Talvez Rob seja um 'crente carnal', sobre o qual Paulo falou em alguma parte da Bíblia*".

Sim, em 1 Coríntios Paulo usou a expressão "crente carnal". Ele escreveu: "Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnais, como a crianças em Cristo" (1 Co 3.1). Mas, quem são estas pessoas? Os crentes carnais são uma categoria intermediária de pessoas que têm Jesus em sua vida, mas não no trono? Parece uma idéia estranha, não? Por um lado, há crentes que têm a Cristo como Senhor — Ele está no trono. E, por outro lado, há os incrédulos. Mas, argumenta-se, há também esta interessante categoria intermediária de crentes — Cristo está neles, mas não no trono. Estes são os crentes "carnais". Bem, essa é uma maneira que você pode ler este versículo.

Penso que uma maneira mais natural de interpretar este versículo é que Paulo está envergonhando seus leitores, chamando esses cristãos egoístas de mundanos. Ao chamá-los de "mundanos" e "carnais", Paulo está usando intencionalmente um oximoro. Um oximoro é a junção de duas palavras que não deviam ser usadas juntas. Nesse sentido, um crente carnal seria como um *gelo quente*. Seu propósito é não fazer qualquer sentido. Por escrever nestes termos, Paulo está dizendo aos seus leitores: "Saiam de cima do muro! Vocês estão vivendo de modo diferente do que professam ser. Não podem fazer isso. Esses cavalos seguem direções opostas — então, montem um ou o outro!" É isto o que Paulo estava dizendo.

Muitas pessoas, por causa do uso errado deste versículo, foram convencidas de que de alguma forma tinham a verdadeira salvação, de alguma forma eram cristãos reais, embora não tenham se arrependido e crido de verdade. Não nos admira o fato de que a vida de muitos cristãos é uma bagunça, se as igrejas das quais fazem parte estão confusas a respeito deste assunto tão fundamental.

Pense no que significa ser um cristão. Não significa que você é perfeito, e sim que seu coração almeja realmente seguir o Senhor. Se você é um cristão, isso ocorre porque Deus, em sua obra graciosa, tem produzido em você o desejo de viver de

um modo que agrada cada vez mais a Ele. Este crescimento é um sinal de verdadeira vida espiritual e outra marca de uma igreja saudável.

A SEGUIR...

MARCA 9

Liderança Bíblica na Igreja

O contexto congregacional da liderança da igreja

As qualificações bíblicas para a liderança da igreja

A natureza carismática da liderança da igreja

A semelhança da liderança da igreja com Cristo
- Chefe
- À frente
- Suprir
- Servir

O relacionamento da liderança da igreja com o caráter e a natureza de Deus

NOVE

Liderança Bíblica da Igreja



"Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros." Com estas palavras, no último capítulo de seu livro *A Revolução dos Bichos*[1], George Orwell apresentou sua crítica a Karl Marx e ao governo soviético. A história é bem conhecida: os animais crescem, se organizam e substituem a família Jones (os proprietários humanos da fazenda), começando a administrar a fazenda em seu próprio benefício — por isso, o nome "A Revolução dos Bichos" - administrada por animais para animais. Mas a história continua.

É claro que, depois da queda, esta experiência utópica está fadada ao fracasso, e realmente fracassará. No final, uma nova classe administradora emerge — os porcos — e, na conclusão do livro, eles põem aquela placa: "Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros."

Em vez de o abuso de autoridade ser meramente uma parte de uma economia pré-comunista, como o ensinou Marx, Orwell afirmou que o problema estava realmente na natureza dos relacionamentos humanos, da realidade e do coração dos homens.

A crítica de Orwell referente à autoridade parecia penetrante e incisiva, quando apareceu pela primeira vez há cinqüenta anos. Hoje, parece óbvia. Tornamo-nos acostumados a pensar em abuso e poder como coisas inseparáveis e a respeito de autoritarismo, sempre que pensamos em autoridade.

Não importando qual seja a razão, existe uma latente suspeita de autoridade na sociedade americana. Talvez isso esteja relacionado ao fato de que o governo dos Estados Unidos foi estabelecido durante a revolta contra as exigências e demandas da autoridade do Parlamento inglês. Talvez seja resultado do fato de que, para muitas pessoas, o atual governo, que age para que as pessoas tenham igualdade de condições, seja o mesmo governo que, no passado, agiu para garantir que as pessoas não tivessem essas condições. Talvez esteja vinculada ao entendimento da nobreza do ser humano — o otimismo que crê que todas as pessoas são boas e que, se as deixarmos viver à vontade, "nós, o povo", seríamos o melhor que poderíamos ser.

Ou talvez a nossa explicação para o antiautoritarismo seja mais simples. Talvez seja resultado de nosso egoísmo.

O cristianismo sempre reconheceu a necessidade de autoridade na sociedade, no lar e na igreja. E esta última é o assunto deste capítulo. Esta é a nossa última marca de uma igreja saudável. É particularmente importante, em vista dos desagradáveis exemplos de autoridade que vemos ao nosso redor.

O que a Bíblia diz a respeito da autoridade e da liderança na igreja? Em resposta a esta pergunta, focalizaremos cinco aspectos da liderança na igreja.

1. seu contexto congregacional
2. suas qualificações bíblicas
3. sua natureza carismática
4. sua semelhança a Cristo
5. sua relação com a natureza e o caráter de Deus

Neste capítulo, investigaremos o "encanamento" da igreja, mas nosso estudo produzirá fruto para nós, se nos valermos dele.

O contexto congregacional da liderança da igreja

O primeiro tema que precisamos considerar, quando discutimos a liderança bíblica na igreja, é o papel dos membros, a congregação. O que a Bíblia descreve sobre a liderança da igreja sempre pressupõe o contexto congregacional.

Décadas e séculos da vida da igreja já foram gastos em controvérsias sobre exatamente quem Deus tencionava que tivesse a palavra final a respeito do que é ensinado e realizado na igreja. Alguns têm dito que devem ser os bispos; outros, que deve ser um bispo, em especial. E outros têm dito que devem ser os pastores ou um corpo que os representa. Ainda outros têm afirmado que deve ser o pastor local e alguns líderes especialmente dotados que Deus levanta na igreja.

Podemos entender a confusão. Se você começar a examinar o Novo Testamento, para saber como organizar uma igreja, não encontrará um manual de organização da igreja; não há uma constituição ideal para uma igreja. Mas isso não significa que a Bíblia não tem nada a dizer a respeito de como nos organizarmos. Uma das passagens mais importantes sobre a vida da igreja é Mateus 18.15-17, onde Jesus disse:

> Se teu irmão pecar contra ti, vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus.

Observe a quem uma pessoa recorre nessas situações. Que tribunal tem a palavra final? Não é um bispo, um papa ou um presbitério; não é uma assembléia, um sínodo, uma convenção ou uma conferência. Tampouco é um pastor, ou um grupo de anciãos, uma junta de diáconos ou uma comissão da igreja. É bem simples, é a igreja — ou seja, a assembléia dos crentes individuais que formam a igreja.

Em Atos 6.2-5, lemos sobre um acontecimento da vida da igreja primitiva que é importante para esta discussão. Houve um problema a respeito da distribuição dos recursos da igreja; e esse problema exigia, evidentemente, boa parte da atenção dos apóstolos:

> Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de

> boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra. O parecer agradou a toda a comunidade.

E Lucas prossegue citando os nomes daqueles que foram escolhidos para este ministério.

Uma das complexidades de usar o Novo Testamento como guia para estruturar a vida de nossa igreja é a presença dos apóstolos nestas igrejas. Até que ponto nós, presbíteros e pastores da era pós-apostólica, podemos assumir a prática apostólica sendo guias por nós mesmos? Podemos definir a doutrina, descrever o erro ou recordar as palavras de Cristo como os apóstolos podiam, como os que estiveram com Jesus em todo o seu ministério terreno, e que foram ensinados e instruídos por Ele e que foram especialmente comissionados por Ele para serem o alicerce da sua igreja? Os nome daqueles que são hoje presbíteros serão inscritos nos fundamentos da Nova Jerusalém, como estão inscritos os nomes dos apóstolos (Ap 21.14)? A resposta óbvia a todas estas perguntas é não.

Nosso problema com o modelo dos apóstolos é que, se o seguirmos, nós, os líderes de igrejas de nossos dias, atribuiremos muita autoridade a nós mesmos, sem merecermos essa autoridade. Em Atos 6, vemos estes mesmos apóstolos delegando autoridade à congregação. Parece que estavam reconhecendo na assembléia da igreja o mesmo tipo de autoridade final, abaixo da autoridade de Deus, que Jesus reconheceu em sua afirmação, em Mateus 18.15-17.

Finalmente, para aprender mais sobre a vida da igreja, no Novo Testamento, vejamos as cartas de Paulo. Nestas, encontramos uma continuação do ensino de Cristo e da prática dos apóstolos. Nas epístolas de Paulo, vemos que a disciplina e a doutrina de uma igreja local é confiada, sob a autoridade de Deus, à responsabilidade da igreja. A disciplina e a doutrina são responsabilidade final da igreja, sob a autoridade de Deus.

No que concerne à responsabilidade pela disciplina, veja como Paulo exortou toda a igreja de Corinto:

> Seja, em nome do Senhor Jesus, reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor, entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus (1 Co 3.3-5).

Paulo instruiu toda a igreja — não apenas os líderes — a tomar uma atitude. De fato, ele ficou desnorteado com toda a igreja — não apenas com os líderes — pelo

fato de que ainda não haviam tomado uma atitude e toleravam aquele pecado.

Em 2 Coríntios 2.6, encontramos algo a respeito de como esta igreja respondeu às orientações de Paulo. Aparentemente, um homem que cometera um pecado horrível (talvez seja o mesmo homem ao qual Paulo se referiu em 1 Coríntios) se arrependeu. Mas observe como Paulo descreveu a decisão que eles haviam tomado: "Basta-lhe a punição pela maioria" (2 Co 2.6). A palavra grega parece presumir, literalmente, que deve ter havido certo número de pessoas e que a maior parte deste grupo de pessoas tomou a decisão. Talvez você já ouviu alguém dizer que o Novo Testamento não contém nenhum registro de votos. No entanto, eis aqui uma passagem em que parece ter havido votos (uma "maioria"). Paulo sabia que esta congregação de Corinto era capaz de disciplinar a si mesma.

Paulo acreditava que as igrejas locais tinham a responsabilidade final até sobre o ensino que ouviam. Em Gálatas, Paulo saúda os crentes e apresenta uma oração em favor deles (vv. 1-5) e diz:

> Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro evangelho, o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema (Gl 1.6-9).

Em toda esta carta aos crentes da Galácia, Paulo estava lhes dizendo que tinham a responsabilidade de corrigir a mensagem que lhes era apresentada por outros. Paulo disse que a mensagem que eles estavam ouvindo não era o evangelho. Portanto, Paulo disse que eles tinham de assumir a responsabilidade de rejeitar a mensagem e aqueles que a pregavam.

É importante que, ao combater este falso evangelho, Paulo não escreveu somente aos pastores ou presbíteros, ou ao presbitério, ao bispo, ao sínodo, à convenção ou ao seminário. Não, Paulo escreveu para as igrejas. Ele escreveu aos cristãos que formavam as igrejas e conheciam, em sua vida, o poder do evangelho. Paulo lhes dirigiu um apelo e deixou bem claro não somente que eles eram capazes de julgar uma mensagem apresentada como evangelho, mas também que eles *tinham de* fazer isso. Se em algum tempo, alguém foi àquela igreja e pregou algo que chamou de "evangelho", a congregação tinha uma decisão a tomar. Tinham o dever irrevogável de julgar até aqueles que se declaravam apóstolos.

Paulo deixa isto bem claro em 2 Timóteo, onde aconselhou a Timóteo, o pastor da igreja de Éfeso, a respeito de como lidar com os falsos mestres. Quando Paulo descreveu a chegada de uma onda de falsos mestres à igreja, ele não fez menção apenas dos próprios mestres. Paulo culpou particularmente aqueles que se cercam "de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos" (2 Tm 4.3). Se você está em uma igreja em que o evangelho não está sendo pregado, espero que você receba novamente deste versículo um forte senso de sua responsabilidade. Quer em escolher os pastores, quer em orar por eles, ou aprovar seu ensino ou somente em ouvi-los repetidas vezes, com alegria, a congregação que Paulo visualizou neste versículo era culpada por tolerar e patrocinar o falso ensino. Eles deviam ser considerados tão culpados como aqueles que ministravam a falsa doutrina. Vemos novamente que a responsabilidade final pertencia à congregação.

Você já ouviu um sermão que era tão ruim, que você desejou ir embora? Uma vez deixei um sermão, e sai fazendo barulho, porque acreditava que a mensagem era terrivelmente destrutiva ao evangelho e, por isso, não devia ser tolerada. Eu não queria que minha presença física, assentado e de lábios fechados, encorajasse alguém a ouvir aquele pregador (Ele estava contradizendo de modo direto a doutrina do pecado original).

Se você ouvir lixo sendo apresentado como a Palavra de Deus, você será considerado responsável por isso. De fato, se você se assenta e ouve meu ensino, você terá alguma responsabilidade por isso.

Toda igreja local, no cristianismo — desde a Igreja Ortodoxa Grega à igreja pentecostal, desde o catolicismo ao movimento batista, desde os episcopais aos luteranos, desde os presbiterianos aos metodistas — é congregacional por natureza. Existem somente enquanto as pessoas continuam a freqüentar suas atividades. Quando as pessoas votam — quer em uma assembléia da igreja ou (onde isso não é permitido) com seu dinheiro — os líderes da congregação têm de ouvir. Não têm de concordar, mas têm de ouvir. A congregação tem a sua palavra de decisão. Isto é um fato simples; é como a lei da gravidade. É a maneira como as coisas funcionam.

Além da simples inevitabilidade do congregacionalismo, a congregação tem uma poderosa responsabilidade que deve ser reconhecida, estimulada e cultivada. Como uma congregação, somos responsáveis por cuidar para que tenhamos ensino correto. Em nosso pacto da igreja, em Capitol Hill, prometemos que trabalharemos para nos assegurar de que manteremos um ministério fiel e evangélico. Temos a

responsabilidade de nos assegurar de que Deus será honrado entre nós, ao mantermos a correta pregação de sua Palavra entre nós. Seus mandamentos são obedecidos, e seu caráter é refletido em nossas vidas, em conjunto. Esta é a responsabilidade de nossa igreja e de toda igreja local ao redor do mundo.

Visto que somos igrejas congregacionais, temos de tomar decisões juntos, como o fizeram os primeiros discípulos, a respeito da disciplina e da doutrina. Isto significa que o congregacionalismo é o mesmo que democracia? Em alguns aspectos, sim, uma vez que o *demos*, ou seja, o povo, toma as decisões. Mas uma igreja não é uma democracia no sentido estrito da palavra, porque existe nas igrejas um reconhecimento comum de nosso estado caído, de nossa tendência para o erro e, por outro lado, da *inerrância* da Palavra de Deus.

Não creio, com certeza, na inerrância dos votos da congregação. Antes de vir a ser o pastor da igreja em que agora sirvo, falei abertamente com seus membros, dizendo-lhes que, se viesse a assumir aquele pastorado, precisava saber que não estava trabalhando para eles, e sim para Deus. Eles poderiam dizer ao pastor que fizesse isto ou aquilo, mas o pastor não se enganaria tomando essas sugestões da igreja como, necessariamente, a orientação de Deus.

Como líderes e congregação, nos esforçamos pela unidade do Espírito, no vínculo da paz; trabalhamos juntos em favor do que cremos ser o melhor para a igreja. E trabalhamos juntos, enquanto nossa compreensão da Palavra e da vontade de Deus estão em harmonia — "em sintonia" uma com a outra — para fazermos aquilo.

O congregacionalismo é o mesmo que democracia? Embora congregacionalismo e democracia tenham similaridades importantes e princípios comuns, a resposta simples tem de ser não, não completamente. Talvez a Declaração de Cambridge, de 1648, contenha a melhor afirmação sobre isso:

> O governo da igreja é um mistura de governos (e assim tem sido reconhecido muito antes de ouvirmos falar do termo Independência). No que diz respeito a Cristo, o Rei e Cabeça da igreja, ao Soberano Poder que reside nEle e é exercido por Ele, o governo da igreja é uma monarquia. No que diz respeito ao corpo, à irmandade da igreja, e ao poder de Cristo outorgado a eles, o governo da igreja parece uma democracia. No que concerne aos presbíteros e ao poder confiado a eles, o governo da igreja é uma aristocracia (X.3).[2]

Como indivíduo, isto significa que você tem de assumir a sua parte ativa na igreja, não somente freqüentando-a, orando por ela e contribuindo financeiramente (embora deva fazer todas essas coisas), mas também, acima de tudo, conhecendo ativamente os membros de sua igreja. Deve orar pela lista

daqueles que não entraram em um pacto para servir a Deus. Deve ouvir os outros membros do corpo testemunhando o que Deus tem feito por eles ou conhecer suas preocupações — e orar por eles. Você tem de compreender que parte de sua obrigação e privilégio como membro da igreja é conhecer os outros crentes e tornar-se conhecido por eles. Estudem juntos a Palavra de Deus. Aprendam a pensar como igreja na Palavra de Deus. Você mesmo deve estar crescendo na graça e no conhecimento da Palavra de Deus, no conhecimento de seu próprio coração e do coração de seus irmãos e irmãs em Cristo, bem como na conscientização das oportunidades que Deus está colocando diante de sua igreja.

No entanto, Deus não permite à igreja funcionar em todo o tempo apenas como uma "comissão conjunta". Precisamos crer que Deus nos dará pessoas dotadas para ministrar como líderes da igreja. Portanto, devemos ter o desejo de ver em nossas igrejas o equilíbrio correto de autoridade e confiança. Há uma grave deficiência espiritual quando uma igreja tem líderes indignos de confiança ou membros que são incapazes de confiar. Como membros individuais, temos de ser capazes de agradecer a Deus pelos líderes que Ele coloca entre nós, de reconhecer aqueles que foram dotados para tal função e de confiar neles. Em Efésios 4, Paulo nos fala desses líderes como dons de Deus à sua igreja. Devemos cultivar uma tradição eclesiástica em que esses líderes são honrados e estimados.

No final da epístola aos Hebreus, há uma passagem que soa muito estranha aos ouvidos modernos. Supliquemos a Deus que nos ajude a entender essa passagem e aplicá-la bem aos nossos ouvintes:

> Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros (Hb 13.17).

Pense nos pastores que você teve em sua igreja. Você agiu de tal modo que a liderança e a responsabilidade deles sobre você se tornou uma *alegria* para eles? Ou você a tornou um fardo para eles?

Esta passagem de Hebreus contém algumas palavras que não são usadas em referência ao ouvir em nossos dias — "Obedecei... sede submissos". Estas são palavras que não ouvimos com freqüência, mas fazem parte da Palavra de Deus. E exigem de nós certa dose de confiança.

Freqüentemente se diz que a confiança deve ser conquistada; entendo o que isso significa. Quando se instala uma nova administração governamental, quando temos

um novo gerente em nosso trabalho ou mesmo quando começamos uma amizade, queremos ver, por experiência, como as pessoas superarão as dificuldades, como elas perseverarão e se contribuirão para o bem-estar de todas as questões. Por isso, dizemos que a confiança é conquistada. "Mostre-me sua competência em liderar e lhe darei minha confiança, seguindo-o."

Mas esta atitude é, no máximo, meia verdade. É claro que, ao reconhecermos os líderes na igreja, assim como em outras esferas da vida, queremos que os líderes sejam pessoas que pareçam capazes de manter suas responsabilidades. Paulo mesmo estabeleceu algumas qualificações para os presbíteros e os diáconos, quando escreveu a Timóteo e a Tito.

Ao mesmo tempo, o tipo de confiança que somos chamados a demonstrar aos nossos companheiros humanos e imperfeitos, nesta vida, sejam eles de nossa família ou amigos, empregados ou funcionários públicos, ou mesmo líderes eclesiásticos, nunca pode ser conquistada. Tem de ser demonstrada como um dom — um dom de fé, confiando mais no Deus que dá os líderes do que nos líderes que Ele nos tem dado (Ef 4.11-13).

Este é o contexto da liderança bíblica na igreja. Consideremos agora os próprios líderes.

As qualificações bíblicas para a liderança da igreja

Abordemos agora as qualificações bíblicas para que alguém seja um líder da igreja.

Como pastor, peço regularmente a Deus que levante bons líderes em nossa igreja local. Em particular, rogo a Deus que coloque em nossa comunhão homens cujos dons espirituais e interesse pastoral indicam que Ele os tem chamado a ser presbíteros ou bispos (as palavras são usadas como sinônimos na Bíblia; veja, por exemplo, Atos 20). Se ficar evidente que Deus tem dotado certo homem na igreja e se, depois de oração, a igreja reconhecer os dons desse homem, ele deve ser separado para o ofício de presbítero.

Todas as igrejas têm sido beneficiadas por indivíduos que exercem as funções de presbítero, ainda que não tenham usado essa palavra em referência a eles. As duas palavras mais comuns do Novo Testamento para designar esse ofício são *episcopos* (supervisor) e *presbuteros* (ancião). Quando os evangélicos ouvem a palavra *presbítero*, muitos pensam imediatamente nos "presbiterianos", mas quando os congregacionalistas surgiram no século XVII, eles também enfatizavam o presbiterato. Presbíteros podiam ser encontrados nas igrejas batistas dos Estados Unidos em todo o século XVIII até o século XIX. O primeiro presidente da Convenção Batista do Sul, W. B. Johnson, escreveu um livro sobre a vida eclesiástica em que ele defende com vigor a idéia de uma pluralidade de presbíteros na igreja local.

De algum modo, essa prática — que nunca foi universal — caiu em desuso quase totalmente entre os batistas. Quer seja por desatenção às Escrituras, quer seja por causa da pressão da vida na fronteira (onde as igrejas se multiplicavam a uma taxa admirável), a prática de cultivar essa liderança congregacional cessou entre os batistas. Mas a discussão sobre reavivar este ofício bíblico continuou entre as publicações batistas. No início do século XX, as publicações batistas se referiam aos líderes usando o título de *presbíteros*. Contudo, à medida que o século avançou, a idéia parece ter desaparecido, a ponto de ser muito incomum hoje uma igreja batista ter presbíteros.

No entanto, em nossos dias, há uma tendência crescente de retornar ao uso deste ofício bíblico — e isso, por uma boa razão. Este ofício era necessário na época do Novo Testamento; também é necessário agora.

A Bíblia apresenta, com clareza, o modelo de uma pluralidade de presbíteros em cada igreja local. Embora o Novo Testamento não contenha uma sugestão do número específico de presbíteros para cada igreja, ele se refere aos "presbíteros" usando a forma plural em igrejas locais (por exemplo, At 14.23; 16.4; 20.17; 21.18; Tt 1.5; Tg 5.14). Quando lemos o livro de Atos dos Apóstolos e as epístolas, os textos sempre se referem a mais de um presbítero nas igrejas.

Para mim, talvez a coisa mais útil no ministério pastoral tem sido o reconhecimento de um grupo de homens como presbíteros, em nossa igreja local. Saber que a igreja os tem reconhecido como homens dotados e espirituais me tem ajudado imensamente na obra pastoral. Portanto, a minha própria experiência atesta a utilidade de seguir a prática do Novo Testamento, a prática de ter, onde for possível, mais presbíteros em uma igreja, e não somente um único pastor — e de que esses presbíteros sejam homens que tenham raízes na própria congregação, e não administradores contratados de fora da igreja.

Isto não significa que eu não tenha qualquer função distintiva como pastor, mas sou fundamentalmente um presbítero, uma das pessoas que Deus dotou para liderar a igreja junto com outros. Como achamos esses líderes em nossa igreja? Oramos por sabedoria. Estudamos a Palavra de Deus, especialmente 1 Timóteo e Tito. Observamos quem satisfez estas qualificações. Não procuramos pessoas que são influentes na comunidade local.

No Novo Testamento, achamos indícios de que o pregador principal é distinguido do restante dos presbíteros. No Novo Testamento, há várias referências que não se aplicariam a todos os presbíteros da igreja. Por exemplo, em Corinto Paulo se dedicou exclusivamente à pregação, de um modo que os outros presbíteros não o podiam fazer. Talvez a igreja só pudesse sustentar um número limitado de presbíteros de tempo integral (cf. At 18.5; 1 Co 9.14; 1 Tm 4.13; 5.17). Parece que os pregadores se mudavam para determinada área tão-somente para anunciar o evangelho (Rm 10.14-15), enquanto os presbíteros pareciam ser pessoas que já faziam parte da comunidade local (Tt 1.5).

Temos de recordar que o pregador (ou pastor) também é, fundamentalmente, um dos presbíteros de sua igreja. Isto significa que várias decisões que envolvem a igreja e não exigem a atenção de todos os membros não devem recair somente sobre o pastor, e sim sobre os presbíteros como um todo. Embora isto seja, às vezes, embaraçoso, tem o imenso benefício de aperfeiçoar os dons do pastor, compensar algumas de suas deficiências, suplementar o seu discernimento e criar o apoio

congregacional para as decisões, deixando os líderes menos expostos às críticas injustas. Isto também torna a liderança mais firme e permanente, possibilitando uma continuidade mais amadurecida. Encoraja a igreja a assumir mais responsabilidade pelo crescimento espiritual de seus próprios membros e faz a igreja depender menos de seus empregados.

Muitas igrejas modernas tendem a confundir os presbíteros com os diáconos ou com o corpo de administradores da igreja. Os diáconos também cumprem um ofício neotestamentário, fundamentado em Atos 6. Embora seja difícil estabelecer qualquer distinção absoluta entre os dois ofícios, os interesses dos diáconos são os detalhes práticos da vida da igreja: administração, manutenção e cuidado dos membros da igreja que têm necessidades físicas. Hoje, em muitas igrejas, os diáconos têm uma função espiritual, embora mais simples do que a função delegada ao pastor. Seria benéfico à igreja distinguir novamente o ofício de presbítero do ofício de diácono.

Quando você pensa sobre a igreja hoje, o que vem à sua mente? Os Guinness, em *Dining with the Devil* (Jantando com o Diabo), lamenta que tantas igrejas tenham se tornado vítimas das influências seculares na maneira como escolhem seus líderes. Ele escreveu:

> Em contraste distinto com a abrangente e conservadora falácia dos anos 1980, o mais intenso desafio da modernidade não é o secularismo, e sim a secularização. O secularismo é uma filosofia; a secularização é um processo. Enquanto a filosofia é hostil e toca apenas alguns, o processo é amplamente invisível e atinge a muitos. O secularismo é abertamente hostil, por isso ele quase não engana o cristão. A secularização, por ser mais sutil, engana freqüentemente os cristãos, antes mesmo de estes ficarem cientes da secularização, incluindo aqueles que fazem parte do movimento de crescimento de igreja. De que outro modo podemos explicar o comentário de um negociante japonês a um visitante australiano? "Sempre que encontro um líder budista, encontro um homem santo. Sempre que encontro um líder cristão, encontro um administrador".

Em vez de procurar líderes que tenham qualificações seculares, devemos procurar pessoas que tenham caráter, reputação, habilidade de lidar com a Palavra de Deus e que manifestem o fruto do Espírito em sua vida. Esse é o tipo de pessoas que devemos reconhecer e em cujas mãos devemos entregar a responsabilidade de liderar a igreja.

Parte do encontrar bons líderes consiste em achar homens em quem possamos confiar e que possam confiar em nós como congregação — que possam ter bastante

confiança nas decisões da igreja e nos compromissos que eles sentem ter condições de assumir conosco e uns com os outros.

Penso que essa foi a razão por que Paulo enfatizou, em 1 Timóteo 3, como o presbítero lida com sua família — porque isso revela muito a respeito dele e de como ele pode trabalhar como presbítero. É interessante observar como muitas destas qualificações dizem respeito a dar-se a si mesmo em serviço aos outros. Os presbíteros têm de ser centrados nos outros. Têm de ser irrepreensíveis, particularmente em sua conduta observável. Precisam ter um casamento e vida familiar que sejam exemplares; devem ser moderados em todas as coisas, exercer autocontrole, ser hospitaleiros e aptos para ensinar, não violentos, inimigos de contendas, não avarentos e não neófitos. Devem ser bem respeitados pelos de fora da igreja.

Os diáconos também devem ser pessoas sem dolo, exemplos em sua vida familiar, moderados em todas as coisas, não cobiçosos, e sim respeitáveis; não mentirosos, e sim pessoas que mantém as verdades profundas da fé.

Esse deve ser o caso daqueles que desejam ser pastores da igreja de Deus. Como bons pastores, eles não devem tosquiar o rebanho por interesse próprio, mas sim apascentar e cuidar de cada uma das ovelhas.

Estas são algumas poucas qualificações bíblicas para os líderes da igreja.

A natureza carismática da liderança da igreja

Em terceiro lugar, devemos observar a natureza carismática da liderança bíblica da igreja. Ao usar o termo "carismático" não estou falando sobre uma experiência sobrenatural, como o falar em línguas. A palavra grega *charisma* (no plural, *charismata*) significa apenas um dom da graça — um dom da graça de Deus. Na Bíblia, é claro que o Espírito de Deus outorga à sua igreja dons, a fim de edificar-nos na fé. Até nossa salvação é referida como um desses dons da graça, um *charisma*. Os dons do Espírito Santo são exemplos específicos da graça de Deus, seja nossa salvação ou qualquer outro dos dons de Deus aos seus filhos. Paulo falou sobre o dom da justiça de Cristo (Rm 5.17) e o dom da vida eterna em Cristo (Rm 6.23). A justiça de Cristo é um *charisma* de Deus para nós.

No entanto, também encontramos mais exemplos dos dons de Deus. Em Romanos 11, Paulo falou sobre os dons que Deus outorgou especificamente ao seu povo de Israel (Rm 11.29; cf. 9.4-5). Em Romanos 12.6-8, ele mencionou alguns dons específicos de Deus para a igreja:

> Tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria.

(Observe que todos estes dons servem ao benefício dos *outros* cristãos.)

Em 1 Coríntios, Paulo se referiu a ensinar, a encorajar, a contribuir generosamente, a liderar e demonstrar misericórdia como dons da graça. Paulo se dirigiu aos cristãos de Corinto como aqueles que haviam sido "enriquecidos" em tudo e que não tinham falta de "nenhum dom" espiritual (1 Co 1.5, 7). Quando lemos toda esta epístola, achamos uma lista destes dons espirituais. Em 1 Coríntios 7.7, Paulo até chamou o celibato e o casamento de dons espirituais.

De fato, uma das razões porque Paulo escreveu esta epístola foi para instruir esses cristãos a respeito dos "dons espirituais", conforme ele disse em 1 Coríntios 12.1. E prossegue este capítulo dando uma lista de dons (que começa no versículo 7). Esta é uma lista de "dons extraordinários", como os chamou John Owen, o escritor puritano do século XVII. Conforme Paulo disse, no versículo 11: "Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada

um, individualmente". Nos versículos 27 a 31, Paulo apresentou outra lista de dons espirituais e conclui instruindo os cristãos de Corinto a procurarem os "melhores dons".

Em 2 Coríntios 1.11, Paulo se referiu ao seu livramento físico como um *charisma*, um dom da graça. Em 1 Timóteo 4.14 e 2 Timóteo 1.6, Paulo falou a Timóteo qualificando o ministério como um dom. Conforme ele disse aos cristãos de Éfeso, nós temos "toda sorte de bênção espiritual... em Cristo" (Ef 1.3).

Espero que você tenha observado que todos estes dons têm um objetivo em comum. Em Romanos 1.11-12, vemos que Paulo entendeu que esses dons espirituais haviam sido dados para encorajamento e edificação mútuos. Em 1 Coríntios 12.4-7, percebemos com clareza que estes dons são dados "visando a um fim proveitoso".

O ensino mais óbvio sobre o propósito dos dons se acha em 1 Coríntios 14. Observe o versículo 4, que é freqüentemente mal entendido: "O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza edifica a igreja". Alguns o entendem como uma afirmação neutra, como se Paulo estivesse apenas comentando que existem dois tipos diferentes de boa edificação — se você deseja edificação pessoal, deve falar ou orar em línguas; se deseja a edificação da igreja, deve buscar a profecia. Mas não penso que Paulo estava ensinando isso. Veja o versículo 1, no qual ele encoraja esses cristãos a desejarem especialmente o dom de profecia. Agora, observe o versículo 12, onde Paulo disse: "Visto que desejais dons espirituais, procurai progredir, para a edificação da igreja". Depois, considere o versículo 19: "Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua". Paulo estava dizendo que você tem de ser capaz de entender algo para ser edificado. A inteligibilidade é necessária para a edificação da igreja! E este, disse Paulo, é o objetivo dos dons espirituais.

Em cada caso em que a palavra *charisma* é usada, a única coisa que não muda é que estes dons são dados para a edificação do corpo. Quer sejam o escape de Paulo de um naufrágio ou os dons sobre os quais ele escreve em 1 Coríntios 14, estes são todos *charismata* e servem ao propósito de edificar a igreja.

O objetivo de todos os dons espirituais, Paulo afirmou com clareza, é a "edificação" da igreja (1 Co 14.26). Esta é a razão por que o Espírito dá estes dons à igreja. Então, retornando a 1 Coríntios 14.4, Paulo não estava mencionando dois tipos de edificação, e sim criticando aquele tipo de uso dos dons em que o cristão

beneficia a si mesmo. Paulo estava redefinindo o objetivo destes dons, harmonizando os propósitos daqueles cristãos ao propósito do Espírito Santo, que é a edificação da igreja.

Comentando 1 Coríntios 14.12, João Calvino disse: "Paulo deseja que uma pessoa que se mostra bastante ansiosa em dedicar-se à edificação seja considerada digna de maior honra".[3] Conforme Pedro escreveu: "Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus" (1 Pe 4.10).

Se a edificação é o objetivo espiritual dos dons que Cristo deu à sua igreja, o que isso significa para nós e nossas igrejas? Significa que temos de valorizar especialmente os dons que edificam as igrejas. Além disso, esta é uma chamada a compreendermos que a edificação da igreja deve ser uma parte importante de nossa vida cristã — não apenas no sentido organizacional, mas no sentido de edificar uns aos outros em nosso amor, interesse e oração mútuos. Como já mencionei, na Igreja Batista de Capitol Hill, fizemos um pacto para trabalhar e orar juntos pela unidade, andar juntos em amor, exercer cuidado e vigilância uns pelos outros, admoestar e exortar fielmente uns aos outros quando a ocasião exigir, reunir-nos para orar uns pelos outros, alegrar-nos e suportar uns aos outros, e rogar a ajuda de Deus em tudo isso.

Imagine duas igrejas: uma que tem muitas pessoas falando em línguas; a outra está cheia de jovens assistindo a um funeral de um idoso que eles chegaram a conhecer como um dos irmãos da igreja. A segunda igreja parece ser mais "carismática" no sentido bíblico dessa palavra. A segunda igreja parece mais com o que entendo ser aquilo a que o Novo Testamento está chamando a igreja — uma comunidade em que as pessoas aprenderam a amar e a cuidar uns dos outros. Essa é a nova sociedade da qual Deus nos chama, como cristãos, a fazer parte.

O cristianismo não é meramente uma decisão individualista para freqüentarmos uma igreja, a fim de perceber o que posso obter dela. "Usarei o pregador como um palestrante público, como meu treinador espiritual; e, à medida que ele me beneficia, terei uma vida melhor". Isto não é cristianismo. Pode até parecer um pouco com o cristianismo, mas este, conforme o Novo Testamento, tem muito a ver com a sua reação para com as pessoas que estão ao seu redor. O cuidado e o interesse que você assume ao tomar parte num grupo de pessoas que entraram em um pacto, sua disposição de fazer um compromisso com Deus que se concretiza em

seu compromisso com os outros — isso parece ser o resultado, quando examinamos o Novo Testamento.

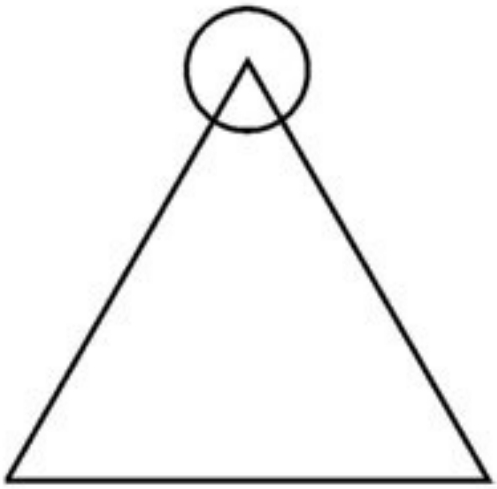
A natureza carismática da igreja significa que o Espírito Santo de Deus age em nós de tal maneira que amaremos e nos interessaremos uns pelos outros. Levantar-se e dirigir os louvores é um dom da graça (um *charisma*) para alguns. Ir e ler as Escrituras para enfermos nos hospitais é um dom da graça para outros. É um dom da graça passar momentos em reuniões da igreja. Ensinar grego é um dom da graça. Telefonar ao seu pastor e dizer-lhe que você está orando por ele é um dom da graça. Essas coisas são dons carismáticos, conforme o Novo Testamento. Paulo nunca tencionou apresentar uma lista exaustiva dos *charismata* quando alistou os dezessete dons. Sempre que a igreja está agindo pelo poder do Espírito Santo em benefício da edificação do corpo, ali os dons do Espírito estão presentes. Qualquer entendimento que tenhamos sobre a liderança bíblica na igreja tem de ser visto nesse contexto.

Em uma igreja, a liderança é exercida em um contexto congregacional pactual, especialmente capacitada por Deus. Essa é a natureza carismática da liderança bíblica da igreja.

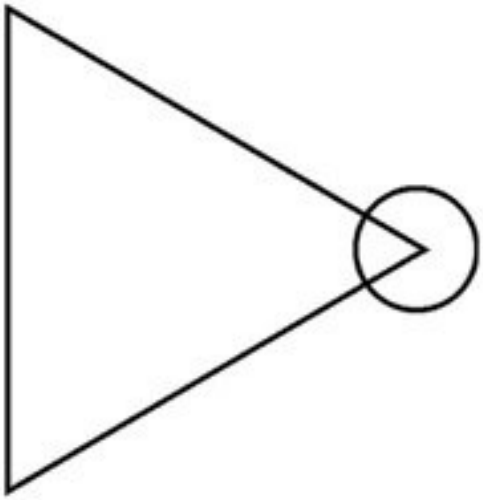
A semelhança da liderança da igreja com Cristo

Você já observou como a liderança bíblica da igreja é semelhante à liderança de Cristo? Apresento-lhe um recurso de memorização que o ajudará a lembrar mais facilmente os quatro aspectos da liderança de Cristo. Esse artifício intitula-se CASS e pode ser representado pelos desenhos de quatro triângulos apontados em direções diferentes, conforme você pode ver em seguida. CASS representa quatro papéis que Cristo cumpriu como líder e que Ele nos chama a desempenhar como líderes:

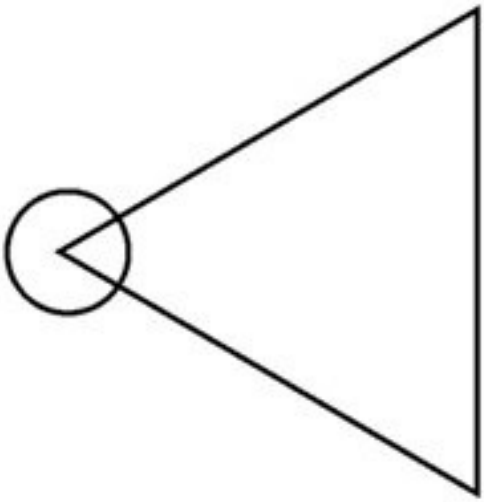
C = Chefe



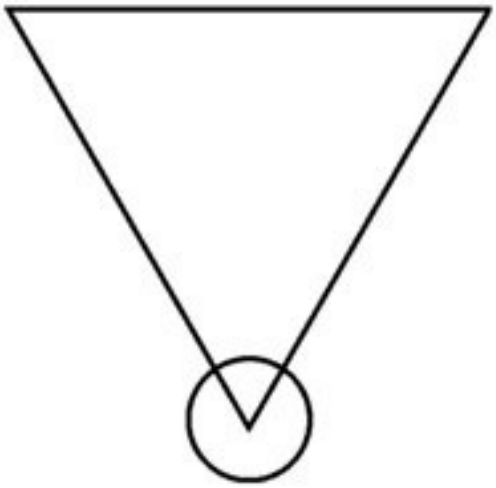
A = À frente



S = Suprir



S = Servir



Embora estes aspectos da liderança sejam verdadeiros em muitas áreas da vida, eu os menciono particularmente em referência à vida cristã e ao exercício da liderança em um contexto congregacional.

Chefe

Cristo mesmo ordenou muitas coisas. Por exemplo, Ele mandou que instruíssemos a outras pessoas (Mt 28.20). Paulo também deu ordens. Ele disse aos cristãos que ensinassem a outros o que fazer. Ele instruiu os presbíteros a decidirem o que deveria ser ensinado, e que fizessem isso com mansidão (2 Tm 2.24-25), paciência e persistência (2m Tm 4.2). Nós, que somos presbíteros, temos de ensinar com cuidado, porque Deus nos tratará como responsáveis pela medida da fidelidade à sua Palavra (ver Tg 3.1).

É evidente que os líderes da igreja — assim como quaisquer outros líderes — às vezes, têm de mandar, tomar decisões e assumir a responsabilidade.

Hoje alguns se sentem incomodados com isso. Mas percebemos com clareza que Jesus deu ordens e instruiu seus discípulos (e isso nos inclui) a fazerem estas mesmas coisas — ensinar, dar instruções, dispor-se em exercer autoridade, quando Ele nos chama a fazer isso. Este tipo de liderança não deve ser evitado. Embora a autoridade possa ser abusada, a autoridade em si mesmo é uma coisa boa, e podemos recuperar um respeito piedoso pela autoridade, se a exercermos com prudência.

À frente

Se você observar o desenho intitulado "à frente", verá um triângulo apontando à direita, com um círculo em sua ponta. Isto representa outra parte da liderança — ser aquele que está à frente, toma a iniciativa e dá o exemplo. Muito da liderança envolve o dar o exemplo e o tomar a iniciativa. Talvez o oficial mais temido em toda a Segunda Guerra Mundial era o comandante de blindados alemão, Erwin Rommel, a "Raposa do Deserto". Quando uma batalha que envolvia as suas forças começava, a mensagem soaria: "Rommel à frente!" Essa mensagem estimulava as tropas a segui-lo. Bons líderes tomam a iniciativa.

Outro aspecto da liderança bíblica é ser um exemplo. Jesus disse: "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que

também vos ameis uns aos outros" (Jo 13.34). Paulo escreveu: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Fp 2.5). Pedro exortou alguns dos primeiros cristãos a recordarem que "Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos" (1 Pe 2.21). Aos cristãos de Corinto, Paulo escreveu: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1 Co 11.1). E disse especificamente aos crentes de Tessalônica que havia trabalhado para tornar-se um exemplo que eles poderiam seguir (2 Ts 3.7-9). Paulo se empenhou deliberadamente em ter uma vida que fosse exemplar — não uma vida perfeita, mas sim uma vida exemplar. Ele ofereceu sua própria vida como exemplo, indo à frente para mostrar-nos como isso deve ser feito.

E isto é o que temos de fazer. Como parte de nossa liderança, devemos ser exemplo (ver Jo 13.15; Fp 3.17; 1 Tm 4.12; Tt 2.7; Tg 5.10).

Suprir

Observando agora o desenho intitulado "Suprir", você percebe um triângulo apontando à esquerda, com um círculo na ponta. Isto nos recorda que outro aspecto da liderança é o suprimento.

Pense em um exército com uma linha de suprimento vital que chega até às tropas que estão na linha de frente. Muito do que é feito na boa liderança consiste em trabalhar estrategicamente para dar forma, ênfase e liberdade à obra que outros são chamados a realizar.

Se devemos ser supridores, voltemos à retaguarda e ofereçamos às pessoas as ferramentas que elas precisam para avançar por si mesmas. Conforme Lucas 9 e 10, Jesus enviou seus discípulos depois de prepará-los. Em Lucas 9, eles falharam; mas, quando Jesus os enviou novamente, conforme Lucas 10, eles foram bem-sucedidos. Neste exemplo, Jesus estava na retaguarda, suprindo e equipando outros.

É claro que somos um pouco diferentes, porque não podemos ir com aqueles que enviamos, como Jesus pode mediante seu Espírito. Por isso, a nossa situação assemelha-se mais com a de Paulo, quando, em sua última carta, instruiu Timóteo a ensinar aqueles que podiam ensinar a outros (2 Tm 2.2). Paulo entendia que poderia multiplicar grandemente seu ministério, à medida que suprisse os recursos para que outros realizassem seu próprio ministério.

Servir

Finalmente, observe o desenho intitulado “Servir”. O triângulo está apontando para baixo, com um círculo na ponta. Isto representa o papel de servir. Este é, talvez, o mais distinto tipo de liderança cristã. Nós o vemos exemplificado mais plenamente em Cristo, quando deu sua vida por nós, na cruz, morrendo em nosso lugar, a fim de que vivamos para Ele. Descrições comoventes deste serviço auto-sacrificial se encontram em cada um dos evangelhos; e estas descrições se refletem em todo o Novo Testamento. Filipenses 2 e 1 Pedro 2 são passagens bastante claras e comoventes.

Este é o exemplo de liderança que Cristo nos deixou. E isto se aplica especialmente a nós, se fomos chamados a ser líderes em uma igreja. Pedro escreveu:

> Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória (1 Pe 5.1-4).

Todos esses quatro aspectos — o chefe ordenando, o exemplo de ir à frente, o suprimento do que é necessário e o servir — serão parte de uma liderança bíblica na igreja.

A relação da liderança da igreja com a natureza e o caráter de Deus

Ao concluir nossas considerações sobre a liderança da igreja, devemos falar a respeito de como o exercício dessa liderança se relaciona com a natureza e o caráter de Deus.

Liderança não é apenas uma questão de governo da igreja. Certa vez, quando eu estava em Cambridge, jantava fora com um amigo, quando ele expressou sua raiva por uma decisão recente do conselho da cidade de vender terrenos ao lado de uma escola, perto de sua casa. Enquanto ele falava, lembro-me como isso lhe era característico. Ele estava sempre expressando raiva a respeito disso ou daquilo que alguma autoridade havia feito. Perguntei-lhe de forma simples, franca e direta: você acha que toda autoridade é má? Pensei que ele me daria uma resposta cuidadosamente elaborada, cheia de significados sutis. Mas fiquei chocado com sua resposta simples, direta e irrestrita: "Sim. Autoridade é uma coisa má".

Reconhecer a natureza pecaminosa da autoridade humana e o fato de que esta autoridade pode sofrer abusos é bom e saudável. Mas suspeitar de toda autoridade também é uma coisa má. Freqüentemente isso revela mais sobre aquele que suspeita do que sobre a autoridade questionada. Para vivermos como Deus tencionou que vivamos, temos de ser capazes de confiar nEle e naqueles que Ele criou à sua imagem.

Isto não significa que a piedade consiste apenas em culpa, mas significa que a capacidade de confiar é um componente essencial do reflexo da imagem de Deus e do agir nos relacionamentos desta vida, nos quais esta imagem se manifesta e se expressa.

Em Efésios 3.14-21, enquanto o apóstolo ora pelos cristãos de Éfeso, começa a dizer-lhes que orava ao "Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra". O argumento de Paulo é que não somente Deus é o Pai de sua família, a igreja universal, mas também que Deus é o criador, que nos fez à sua imagem e que até as estruturas sociais de autoridade, que temos em nossas famílias, se derivam dEle e de sua autoridade. Portanto, autoridade e liderança não são assuntos indiferentes para nós, que somos cristãos. São assuntos de grande interesse, porque são parte da imagem de Deus que temos de refletir em nossa vida.

Um mundo sem autoridade seria um mundo sem restrições, um carro sem direção, um cruzamento sem semáforo, um jogo sem regras, um lar sem pais, um mundo sem Deus. Poderia subsistir por um tempo, mas logo pareceria sem sentido; depois, se tornaria cruel e indizivelmente trágico.

Em seu livro *Authority: the Most Misunderstood Idea in América* (Autoridade: a idéia mais mal compreendida na América)[4], Eugene Kennedy e Sarah Charles argumentam que "o caráter estabilizador de uma autoridade saudável é o que nos tem faltado. O seu retorno é o que nos tornará mais confiantes e menos ansiosos em administrar nossa vida".[5] Eles sugerem que "a autoridade saudável satisfaz as necessidades e objetivos de relacionamentos sérios e íntimos, porque o interesse dessa autoridade não é vencer os outros, e sim fomentar o desenvolvimento de pessoas que se sentem seguras umas com as outras".

De acordo com estes autores, em filmes como *A vida em preto e branco*,

> Maior liberdade sexual é vista como o fruto de uma rebelião saudável contra forças repressivas e cruéis. Isso é validado na cultura popular como um fim em si mesmo. Liberdade sexual absoluta, ou seja, sexo desvinculado de relacionamentos humanos torna-se a tônica central da sabedoria popular.[6]

E manter essa intimidade fora de uma estrutura de compromisso, autoridade, submissão e pacto de amor equivale a destruir algumas das mais importantes lições que podemos aprender como criaturas feitas à imagem de Deus — lições a respeito de como devemos nos relacionar uns com os outros e com Deus.

A família deve ser nosso campo de treinamento nesta autoridade amável. É um lugar de "crescimento" que Deus nos tem dado para aprendermos o amor, o respeito, a honra, a obediência e a confiança, a fim de preparar-nos para nos relacionarmos uns com os outros e com Deus mesmo.

Quando exercemos autoridade de maneira correta e boa — por meio da lei, no ambiente da família, em nosso trabalho, em nosso grupo de amigos, em nosso lar e, especialmente, na igreja — estamos ajudando a revelar a imagem de Deus à sua criação.

Nossa condição na igreja, em referência a este assunto de liderança, deve ser tal que o evangelho não seja levado à má fama; pelo contrário, ele é mantido como aquela luz gloriosa de esperança e verdade no mundo. Nossa vida juntos tem de ser tão pura quanto possível, para que o amor de Deus pelo mundo resplandeça claramente por meio de dEle.

Esta é a tremenda chamada que Deus nos deu, para reconhecermos e respeitarmos com temor a autoridade na igreja. Isto é um sinal de saúde na igreja e de cristãos saudáveis. Esta é a nossa chamada. Este é o nosso privilégio. E há um mundo que precisa ver pessoas feitas à imagem de Deus vivenciando assim essa imagem. Oremos a Deus pedindo-lhe que façamos isso juntos em nossas igrejas — para a saúde delas e para a glória de Deus.

APÊNDICE 1



Conselhos para Liderar a Igreja em uma Direção Saudável

A direção saudável

Quando corretamente admitimos que muitas das pessoas que estão numa igreja são nascidas de novo e estão comprometidas com a igreja, a figura do Novo Testamento que apresenta a igreja como um corpo e uma família pode se tornar uma realidade vívida e essencial.

Em sua bondade, Deus nos chamou para vivenciarmos juntos a vida cristã. Ao fazer parte de uma igreja, tenho crescido na vida cristã, por causa da obra de Deus por meio de meus irmãos e irmãs. Acho isso normal. Não creio que Deus planejou que isso fosse algo incomum. Ele quer trabalhar em nós, por meio de seu Espírito, servindo-se de cada um de nós. No mundo, relacionamentos implicam compromisso; e, com certeza, não implicam menos do que isso na igreja.

No terceiro mandamento (Ex 20.7; Dt 5.11) Deus advertiu seu povo a não tomar o nome dEle em vão. Por este meio, Ele não tencionava apenas evitar a profanidade. Deus queria evitar mais do que isso; Ele estava dizendo: "Não tome o meu nome sobre você mesmo; não diga que é meu seguidor, se você não vive como um dos meus". Isso, não menos do que a profanidade, é tomar o nome de Deus em vão.

Esse mandamento aplica-se a nós como igreja. Muitas igrejas de hoje confundem proveito egoísta com crescimento espiritual. Confundimos mero entusiasmo com verdadeira adoração. Valorizamos a aceitação mundana, em vez de vivermos de um modo que incitará a oposição do mundo (ver 2 Tm 3.12). Desconsiderando suas próprias estatísticas, muitas igrejas de nossos dias parecem despreocupadas quanto às marcas bíblicas que devem distinguir uma igreja crescente e cheia de vida.

A saúde da igreja deve ser a preocupação de todos os cristãos, porque envolve a vida espiritual de todos os que são crentes e membros de uma igreja, especialmente daqueles que são chamados para ser líderes na igreja. Nossas igrejas devem manifestar o glorioso evangelho de Deus à sua criação, servindo-se da variedade admirável de todas as diferentes personalidades que Ele coloca na igreja e das maneiras pelas quais Ele permite que os membros se relacionem e mostrem sua glória. É para isto que somos chamados — somos chamados a manifestar a Deus e seu caráter à sua criação de um modo glorioso (Ef 3.10). Devemos trazer-Lhe a glória por vivermos juntos.

Dicas para liderança

Pensei em escrever um livro para pastores intitulado "Como ser demitido... e rápido!" Posso resumir a idéia básica deste livro não escrito em uma sentença de proporções paulinas: o pastor poderia ir a uma assembléia da igreja questionando a salvação de alguns dos membros da igreja, recusando-se a batizar crianças, defendendo a prioridade do canto congregacional acima do desempenho musical e pedindo autorização para remover as bandeiras cristãs e nacionais, acabar com os apelos de vir à frente, substituir as comissões (até a comissão nomeadora) por presbíteros, ignorar a celebração de dias como o dia das mães, o dia dos pais, o dia do trabalho, o dia das bruxas, o dia de ano novo, o dia dos namorados, a formatura de alunos do ensino médio e o dia da independência, começar a praticar a disciplina bíblica, remover as mulheres que assumiram a posição de presbíteros na igreja e também afirmar que teologicamente é contrário à realização de diversos cultos no domingo pela manhã... Esse pastor não iria mais longe do que a próxima assembléia da igreja.

Embora eu tivesse condições de escrever aquele livro, achei que primeiramente deveria usar uma abordagem mais construtiva. Temo que alguns podem ler este livro e chegar à sua igreja impacientes por mudanças radicais. Mas, com um pouco de sabedoria, paciência, instrução cuidadosa e amor, podemos ficar surpresos com o ponto até aonde podemos ir com nossas igrejas. A história da tartaruga persistente e da lebre apressada deve se tornar uma parábola para os pastores.

Aqui estão quatro características que você, como pastor, deve cultivar para ajudá-lo a implementar as mudanças que acha são necessárias em sua igreja:

1. Seja verdadeiro

Peça a Deus que o mantenha fiel à sua Palavra escrita. Nunca subestime o poder de ensinar a verdade. Peça a Deus que você tenha integridade em seu coração, em sua maneira de pensar. Suplique-Lhe que você seja honesto com todos — em responder perguntas e, de um modo mais ativo, em trabalhar para que as pessoas o conheçam.

2. Seja digno de confiança

Confie em Deus, e não em suas próprias habilidades e dons. Gaste tempo em oração particular, com os outros e com a igreja. Seja paciente. Lembre as palavras de Paulo a Timóteo: "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina" (2 Tm 4.2).

Entregue suas ambições ao Senhor. Esteja disposto a confiar nEle com toda a sua vida e a rogar-Lhe que o mantenha no lugar de seu ministério atual durante o resto dos seus dias. Deus tem considerado a longevidade importante para trazer crianças à maturidade; essa longevidade tem caracterizado muitos ministérios frutíferos. William Gouge, pastor puritano, dizia freqüentemente que sua maior aspiração consistia em ir de Blackfriars (sua igreja) para o céu. Gouge foi o pastor da mesma igreja de junho de 1608 até sua morte em 12 de dezembro de 1653. Ele pastoreou a mesma igreja por quarenta e seis anos. Ore a Deus para que a sua fé aumente e o ajude a ver que a preocupação dEle pela igreja é maior do que a sua própria.

3. Seja positivo

Peça a Deus que você não seja fundamentalmente um crítico, nem seja percebido como tal. Estabeleça uma agenda positiva. Esclareça seus planos e a visão de Deus para a igreja, em termos de objetivos imediatos e de longo prazo. Suplique ao Senhor que o ajude a construir relacionamentos pessoais firmes e, em especial, que o ajude a desenvolver mais líderes em sua igreja (2 Tm 2.2). Peça-Lhe que o torne um exemplo pessoal e um defensor de evangelização e missões. Ore a Deus para que seu zelo aumente — e de sua igreja — para a glória dEle.

4. Seja paciente

Contextualize o interesse de Deus pela sua igreja. Use os bons recursos da história de sua própria igreja. Aprenda dos membros mais velhos a história de sua igreja. Seja um dendrologista eclesiástico. Na catedral de Lincoln, um guia turístico me disse que um dendrologista (pessoa que estuda as árvores) poderia pegar uma amostra do miolo dos carvalhos de 14 metros que têm sustentado o teto da catedral durante séculos e determinar quando eles foram plantados e colhidos. Os carvalhos que ele nos mostrou tinham mais de 150 anos quando foram colhidos; haviam sido plantados nos anos 900 e colhidos nos anos 1100.

Torne-se o principal estudante da história de sua própria igreja. Ao fazer isso, você mostra respeito e aprende.

Que você se torne o agente para redescobrir o melhor no passado de sua igreja, conduzindo-a às grandiosas coisas que Deus tem para ela no futuro, enquanto ela manifesta o caráter de Deus à sua criação. Este encargo de manifestar a glória de Deus é nossa maravilhosa responsabilidade e sublime privilégio. Que Deus faça de sua igreja uma igreja saudável, que Ele derrame seu Espírito em igrejas em todo o mundo, para que cumpram essa responsabilidade, para a sua glória. Que Ele o abençoe em sua tentativa!

APÊNDICE 2

Obras dos Anos 1990 e mais além (2004)

Neste apêndice, apresento, na forma de esboço e em ordem cronológica, uma pequena dose das prescrições de vários autores recentes para os problemas da igreja local:

Kenon L. Callahan, *Twelve keys to an effective church* (San Francisco: Harper e Row, 1987)

Doze características centrais de uma igreja eficaz (p. 14)

1. Objetivos missionários concretos e específicos
2. Visitação pastoral e leiga à comunidade
3. Adoração corporativa e dinâmica
4. Grupos de relacionamento significativos
5. Recursos fortes de liderança
6. Tomada de decisões consistente e participativa
7. Vários programas e atividades competentes
8. Franca acessibilidade
9. Elevada visibilidade
10. Localização, terrenos e estacionamento adequados
11. Acomodação e espaço adequados
12. Recursos financeiros consistentes

George Barna, *A Rã na Chaleira* (São Paulo: Abba Press, 1997)

Dez alvos críticos e alcançáveis… para os anos 1990 (p. 226)

1. Ganhar pessoas para Cristo
2. Elevar o nível de conhecimento bíblico

3. Equipar o corpo de Cristo
4. Estabelecer uma comunidade cristã
5. Renovar o comportamento cristão
6. Melhorar a imagem da igreja local
7. Lutar pela moral cristã
8. Viver uma filosofia de vida conformada à doutrina cristã
9. Restaurar a auto-estima do povo de Deus
10. Focalizar o ganhar o mundo para Cristo

John MacArthur. *Marks of a healthy church* (Chicago: Moody, 1990)

Marcas de uma igreja eficaz (p. 23)

1. Líderes piedosos
2. Objetivos e alvos práticos
3. Discipulado
4. Penetração na sociedade
5. Membros de igreja ativos
6. Interesse uns pelos outros
7. Dedicação à família
8. Ensino e pregação bíblica
9. Disposição para mudança
10. Fé forte
11. Sacrifício
12. Adoração a Deus

George Barna, *Igrejas Amigáveis e Acolhedoras* (São Paulo: Abba Press, 2001)

Dez coisas que igrejas amigáveis, acolhedoras e bem-sucedidas não fazem

1. Limitam a Deus
2. Perdem tempo em coisas inúteis
3. Humilham os visitantes
4. Excluem-se da sociedade
5. Separam-se dos que são diferentes
6. Evangelização apática e insensível

7. Desculpam-se por pedir ajuda
8. Evitam confrontação
9. Alicerçam a diretoria da igreja em precedentes
10. Tomam a rota segura

Bruce Shelley and Marshall Shelley, *The consumer church* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1992)

Sete passos vitais para criar uma fusão saudável de eficiência e fidelidade (p. 226)

1. Identificar os valores e estilos de vida predominantes em seu contexto ministerial
2. Determinar os valores que têm em comum com as pessoas que desejam alcançar
3. Preparar programas atraentes que sirvam às pessoas que se quer alcançar
4. Estes ministérios têm de ser vistos como passos espirituais significativos para a "vida comum" da igreja
5. Ser sensível e receptivo aos interessados
6. "Encantar" estes interessados por meio de uma expressão mais madura e explícita do discipulado cristão, na adoração, na membresia e no alcançar outros
7. Remodelar os valores e estilo de vida dos novos membros e incluí-los na obra de alcançar outros

George Barna, *Turn-around churches* (Ventura, Calif.: Regal, 1993)

Quatorze fatores para vivificar uma igreja moribunda ou restaurar-lhe a saúde (p. 42)

1. A presença do Espírito Santo e uma abertura à sua ação
2. Amor pastoral às pessoas; o pastor estabelece um vínculo de confiança com a congregação; o pastor ama radicalmente seu povo
3. Um novo pastor precisa ser contratado para conduzir uma revolução
4. Libertar-se do passado

5. Definir intencionalmente formas para alcançar a comunidade que serão enfatizadas pela igreja
6. Equipar os leigos para um ministério eficaz e direcionado a grupos específicos
7. O pastor tem de ser um líder forte
8. O pastor tem de trabalhar arduamente
9. Oração profunda e abrangente
10. Os sermões da igreja devem ser duas vezes melhor do que a congregação recebia no passado
11. Obter uma perspectiva objetiva da pessoa de fora
12. Ter pessoas de talento na equipe administrativa da igreja
13. Ter um grupo zeloso que dá apoio na congregação
14. Um pastorado de longo prazo

Thom Rainer, *The book of church growth* (Nashville: Broadman & Holman, 1993)

Treze princípios de crescimento de igreja (p. 171-316)

1. Oração
2. Liderança
3. Leigos e ministério
4. Implantação de igrejas
5. Evangelização
6. Adoração
7. Achar as pessoas
8. Receptividade
9. Planejar e estabelecer alvos
10. Comodidades físicas
11. Assimilação e reivindicação
12. Pequenos grupos
13. Sinais e maravilhas; poder espiritual evidente

Wayne Grudem, *Teologia Sistemática* (São Paulo: Vida Nova, 1999)

Doze sinais de uma igreja mais pura

1. Doutrina bíblica (ou pregação correta da Palavra)

2. Uso correto dos sacramentos (ou ordenanças)
3. Uso correto da disciplina na igreja
4. Adoração genuína
5. Oração eficaz
6. Testemunho eficiente
7. Comunhão eficiente
8. Governo bíblico na igreja
9. Poder espiritual no ministério
10. Santidade pessoal na vida dos membros da igreja
11. Cuidado dos pobres
12. Amor a Cristo

Ken Hemphill, *The Antioch effect: eight characteristics of highly effective churches* (Nashville: Broadman & Holman, 1994)

1. Poder sobrenatural
2. Culto que exalta a Cristo
3. Oração conectada com Deus
4. Líderes que são servos
5. Relacionamentos entre as famílias do reino
6. Visão coerente com a grandeza de Deus
7. Amor pelos perdidos
8. Maturidade dos crentes

Carlyle Fielding Stewart, *African American church growth* (Nashville: Abingdon, 1994)

Doze princípios para um ministério profético

1. Culto alegre
2. Inovação no culto
3. Culto informal
4. O pastor como um profeta compreensível
5. O pastor como um confrontador criativo

6. O pastor como um profeta restaurador e confortador
7. Educação investigativa
8. Educação interpretativa
9. Educação aplicada
10. Proclamação evangelística
11. Evangelização para propagação
12. Evangelização participativa

Thom Rainer, *Giant awakenings* (Nashville: Broadman & Holman, 1995)

Nove tendências surpreendentes que podem beneficiar sua igreja

1. O grande movimento de oração
2. A redescoberta da teologia bíblica
3. A renovação da Escola Dominical
4. O novo entendimento da cultura
5. O novo leigo da igreja tradicional
6. O novo pastor da igreja tradicional
7. Renovação evangelística da igreja tradicional
8. A explosão da implantação de igrejas
9. A aceitação de estilos diversos de culto

Rick Warren, *Uma Igreja com Propósitos* (São Paulo: Vida, 1998)

Há muitas listas neste livro; a mais importante é provavelmente a que contém os cinco propósitos, que são também os cinco componentes de uma declaração de propósitos (p. 103-107) e o programa de crescimento de igreja elaborado por Warren (p.49).

1. Adoração — ame o Senhor com todo o seu coração: a igreja cresce mais forte
2. Ministério — ame seu próximo com a si mesmo: a igreja cresce abrangente
3. Evangelização — vá e faça discípulos: a igreja cresce mais numerosa
4. Comunhão — batizando-os: a igreja cresce mais calorosa
5. Discípulo — ensinando-os a obedecer: a igreja cresce mais profunda

Warren advoga que...

1. definamos nossos propósitos
2. comuniquemos nossos propósitos
3. nos organizemos em torno de nossos propósitos
4. apliquemos nossos propósitos

C. Peter Wagner, *A Igreja Saudável:* evitando e curando as nove enfermidades que podem afligir uma igreja (São Paulo: Quadrangular, 1999)

1. A comunidade ao redor da igreja muda
2. A comunidade da igreja deteriora-se
3. Não entende as barreiras culturais entre nós e aqueles que desejamos alcançar
4. Substituir a evangelização multirracial pela evangelização da igreja local
5. Ser igrejas espiritualmente absorvidas e focalizadas em si mesmas
6. Acomodações inadequadas
7. Nenhum crescimento espiritual
8. Nominalismo e formalismo
9. A ausência do poder do Espírito Santo

C. Jeff Woods, *Congregational megatrends* (Washington, D.C.: Albans Institute, 1996)

Sete megatendências que ocorrem nas igrejas são mudanças...

1. da evangelização de massas para a evangelização por relacionamentos
2. da educação étnica para a educação de imigrantes
3. das missões delegadas para as missões pessoais
4. da espiritualidade intelectual para a espiritualidade mística
5. da liderança de oficiais para liderança de pessoas que têm dons
6. de programação segmentada para programação integralizada
7. de planejamento em segundo plano para planejamento em primeiro plano

Bill Hull, *Seven steps to transform your church* (Grand Rapids, Mich.: Revell, 1997)

1. Busque mudanças
2. Desenvolva o treinamento de líderes íntegros
3. Transforme a liderança existente
4. Impulsione a visão
5. Sacrifique formas por funcionalidade
6. Crie comunhão
7. Faça realmente evangelização

Darrell W. Robinson, *Vida Total da Igreja* (Rio de Janeiro: JUERP, 2001)

Doze componentes da estratégia Vida Integral da Igreja

1. Visão
2. Compromisso
3. Liderança
4. Unidade
5. Envolvimento dos membros
6. Adoração e louvor com celebração e júbilo
7. Oração
8. Comunhão
9. Organização
10. Equipar
11. Ministério e cuidado pastoral
12. Evangelização

Mark Shawn, *Lições de mestre*; 10 *insights* para a edificação da igreja local (São Paulo: Mundo Cristão, 2004).

1. Verdade (Lutero)
2. Espiritualidade (Calvino)
3. Unidade (Burroughs)
4. Segurança (Perkins)

5. Adoração (Baxter)
6. Renovação (Edwards)
7. Crescimento (Wesley)
8. Amor aos perdidos (Carey)
9. Justiça (Wilberforce)
10. Comunhão (Bonhoeffer)

James E. White, *Rethinking the church* (Grand Rapids: Baker, 1997. [2nd ed. 2003])

1. Repensando a evangelização
2. Repensando o discipulado
3. Repensando o ministério
4. Repensando a adoração
5. Repensando a estrutura
6. Repensando a comunidade

George Barna, *The habits of highly effective churches* (Ventura, Calif.: Regal, 1998)

Igrejas altamente eficazes…

1. Confiam em liderança estratégica
2. São organizadas de modo a facilitar um ministério altamente eficaz
3. Enfatizam o desenvolvimento de relacionamentos significativos entre os membros da igreja.
4. Investem em adoração genuína.
5. Engajam-se em evangelização estratégica
6. Envolvem seus membros em crescimento na teologia sistemática
7. Utilizam práticas de administração holística
8. Atendem às pessoas necessitadas de sua comunidade
9. Equipam as famílias para abençoarem a si mesmas

Brian D. MacLaren, *Reinventing your church* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1998)

Treze estratégias

1. Maximize a descontinuidade
2. Redefina sua missão
3. Pratique o pensamento sistêmico
4. Troque o tradicionalismo irrelevante pela tradição
5. Ressuscite a teologia como arte e ciência
6. Idealize uma nova apologética
7. Aprenda uma nova retórica
8. Abandone estruturas excessivamente pequenas
9. Poupe os líderes
10. Incorpore missões em missão
11. Olhe adiante, muito adiante
12. Entre no mundo pós-moderno — entenda-o e engaje-se nele
13. Aumente esta lista

Christian A. Schwarz, *O ABC do Desenvolvimento Natural da Igreja* (Curitiba: Esperança, 1998)

Oito características de uma igreja que cresce

1. Liderança estimulante
2. Ministério norteado por dons
3. Espiritualidade passional
4. Estruturas funcionais
5. Culto de adoração inspirador
6. Pequenos grupos holísticos
7. Evangelização dirigida às necessidades das pessoas
8. Relacionamentos afetuosos

Leith Anderson, "Seven Ways to Rate Your Church", *Leadership* (winter 1999)

O que as pessoas estão procurando

1. Sentir a presença de Deus
2. Pessoas centralizadas nos outros
3. Terminologia compreensível
4. Pessoas que gostam de mim
5. Lidar com os problemas de modo saudável
6. Acessibilidade
7. Senso de expectativa

John Bisagno, "Five characteristics of successful churches" (obra não publicada, sermão de 1999)

1. São todas caracterizadas por forte liderança pastoral
2. Todas as igrejas bem-sucedidas são igrejas bíblicas que pregam a inerrância e a inspiração
3. Todas as igrejas bem-sucedidas são "igrejas de bons cultos", enfatizam a felicidade e a celebração
4. São todas igrejas cuja unidade não pode ser esfacelada
5. Todas as igrejas bem-sucedidas têm um indomável senso de inquietude, uma sede insaciável por fazer mais no ministério

Dale E. Galloway, *Making church relevant* (Kansas City, Mo.: Beacon Hill, 1999)

Onze características de uma igreja saudável

1. Visão bem nítida
2. Paixão pelos perdidos
3. Ministério compartilhado
4. Líderes dotados de poder
5. Espiritualidade fervorosa
6. Estrutura flexível e funcional
7. Cultos alegres
8. Grupos pequenos
9. Evangelização agradável aos interessados

10. Relacionamentos amáveis
11. Avaliação

Stephen Macchia, *Becoming a healthy church* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1999)

Dez características

1. Presença poderosa de Deus
2. Culto que exalta a Deus
3. Disciplinas espirituais
4. Aprendendo e crescendo na comunidade
5. Compromisso de relacionamentos afetuosos
6. Desenvolvimentos de líderes-servos
7. Focalizar o exterior
8. Administração e responsabilidade sábias
9. Interação no corpo de Cristo
10. Mordomia e generosidade

Donald J. MacNair, *The practices of a healthy church* (Phllipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformed, 1999)

Três evidências vitais

1. Os membros individuais crescem em maturidade espiritual
2. A igreja procura ativamente ajudar os incrédulos a virem a Cristo
3. A ausência de grandes divisões

Seis práticas saudáveis

1. Manter um compromisso inflexível com as Escrituras Sagradas
2. Engajar-se em culto vibrante a Deus
3. Treinar e implementar continuamente a liderança de pastores
4. Ter um mecanismo para utilizar a iniciativa de membros talentosos nas responsabilidades do presbítero
5. Visão modificada continuamente e plano único para a igreja
6. Buscar em oração a graça de Deus para criar e manter um compromisso com a saúde bíblica

Mark Dever, *Nove Marcas de uma Igreja Saudável* (São José dos Campos: Fiel, 2007)

1. Pregação expositiva
2. Teologia bíblica
3. Entendimento bíblico das boas novas
4. Entendimento bíblico da conversão
5. Entendimento bíblico da evangelização
6. Entendimento bíblico da membresia na igreja
7. Entendimento bíblico da disciplina eclesiástica
8. Entendimento bíblico da liderança na igreja
9. Interesse em promover o discipulado e crescimento cristão

Eddie Gibbs, *Church next* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2000. [p. 52, citando *The gospel and our culture* 10, n. 3, 1998]).

Doze características de uma igreja missionária

1. Proclama o evangelho
2. Todos os membros estão envolvidos em discipulado
3. A Bíblia é normativa
4. A igreja compreende a si mesma como diferente do mundo, por causa de sua união com Cristo
5. Procura discernir a vocação missionária de Deus para toda a comunidade e para todos os seus membros
6. Os seus membros se comportam uns para com os outros como cristãos
7. Pratica a reconciliação
8. As pessoas se consideram responsáveis umas pelas outras, em amor
9. Pratica a hospitalidade
10. O culto é central
11. Testemunho público vital
12. Reconhecimento de que a igreja é uma expressão incompleta do reino de Deus

Herb Miller, "What priorities build a healthy church?" The MBA Connection, Parish Paper (2000).

Quatro prioridades principais

1. Crescimento que visa à maturidade
2. Crescimento que visa à incorporação
3. Crescimento sistemático
4. Crescimento numérico

O que é mais importante — oito prioridades adicionais

1. Atitude
2. Persistência
3. Membros que sentem que seus vizinhos... são semelhantes a eles mesmos
4. Membros que enfatizam com vigor a edificação de relacionamentos positivos com as pessoas de fora da igreja
5. Pastores e líderes encorajados pelo fato de que seus membros compreendem as prioridades principais
6. Oração sincera e fervorosa
7. Igrejas que diminuem numericamente podem ser fortes em ministérios de incorporação
8. Algumas igrejas crescem em todas as quatro principais prioridades

Russel Bob, *When God builds a church:* ten principles for growing a dynamic church (West Monroe, La.: Howard, 2000)

1. Verdade: proclamar a Palavra de Deus como a verdade e aplicá-la à vida das pessoas
2. Culto: adorar a Deus em espírito e em verdade, toda semana
3. Liderança: desenvolver líderes que se focalizam em Cristo e lideram por meio do exemplo
4. Excelência: fazer o melhor em todas as áreas de serviço
5. Fé: estar disposto a avançar com uma fé ousada e a correr os riscos
6. Harmonia: manter um espírito de harmonia
7. Participação: esperar que a igreja participe de todos os ministérios

8. Comunhão: praticar continuamente o amor ágape uns pelos outros
9. Mordomia: contribuir generosamente com os recursos de Deus, como igreja e como indivíduos
10. Evangelização: comprometer-se com entusiasmo na evangelização, fazendo isso como missão primordial

Relatório da Décima Oitava Assembléia de Consulta sobre a União da Igreja (2000).

Nove marcas visíveis de igrejas que se unem em Cristo

1. Mútuo reconhecimento de que cada igreja local é expressão da única igreja
2. Mútuo reconhecimento dos membros de outras igrejas de um único batismo
3. Mútuo reconhecimento do ministério ordenado
4. Mútuo reconhecimento entre as igrejas que afirmam o Credo Niceno e o Credo Apostólico
5. Provisão de meios para a celebração da eucaristia juntos, com intencional regularidade
6. Envolverem-se juntos, intencional e regularmente, na missão de Cristo
7. Compromisso intencional de promover a unidade de todas as pessoas na igreja e na sociedade
8. Processo contínuo de diálogo teológico
9. Uso de estruturas de prestação de contas e de tomada de decisões

Robert Baake, "Ten Leading Indicator of a Healthy Church", *EFCA Beacon* (2001), p. 13.

1. Centralidade da Palavra de Deus
2. Espiritualidade fervorosa
3. Evangelização frutífera
4. Adoração que causa impacto
5. Norteada por visão e missão
6. Desenvolvimento de liderança
7. Implantação de igrejas
8. Mordomia financeira

9. Fazer discípulos intencionalmente
10. Relacionamentos amorosos

Thom Rainer, "Nine habits to attract, keep unchurched" *Western Recorder*, April 17, 2001, p. 10.

1. Intencionalidade
2. Consciência cultural
3. Expectativas elevadas
4. Doutrina clara
5. Correr os riscos
6. Pequenos grupos dinâmicos
7. Liderança pastoral eficaz
8. Pregação eficiente
9. Oração

Ed Stetzer, "Prof lists ten commandments for postmodern U. S. churches", *Western Recorder*, February 27, 2001, p. 7.

1. Sejam espiritualmente destemidos
2. Promovam um ministério de incorporação
3. Adorem experimentalmente
4. Preguem mensagens expositivas e narrativas
5. Apreciem e participem dos modelos antigos
6. Experimentem adoração visual
7. Engajem-se em servir
8. Usem a tecnologia
9. Vivam a comunidade
10. Promovam liderança baseada em equipes

Waldo Werning, *Twelve pillars of a healthy church* (St. Charles, Ill.: ChurchSmart, 2001)

1. Liderança estimuladora
2. Ministério e culto orientados pelos dons
3. Espiritualidade fervorosa
4. Liderança servil e estruturas funcionais de administração
5. Cultos de adoração que exaltam a Deus, são inspiradores e causam grande impacto
6. Multiplicação de pequenos grupos, fazer discípulos intencionalmente, crescer em comunidade
7. Testemunho, evangelização frutífera e missões
8. Relacionamentos amáveis
9. Centralidade da graça, do evangelho e da Palavra de Deus
10. Norteada por visão e missão
11. Mordomia financeira alicerçada na Bíblia
12. Implantar igrejas

Andy Stanley and Ed Young, *Can we do that?* Twenty-Four Innovative Practices that Will Change the Way you Do Church (West Monroe, La.: Howard, 2002)

1. Investir e convidar: somos companheiros dos membros de nossa igreja para alcançar os sem igreja.
2. Ter os não-salvos como alvo: focalizamos em fazer o visitante sem igreja sentir-se bem-vindo e confortável.
3. Testemunhos de batismos em fitas de vídeo: filmamos testemunhos de batismos e os usamos como ferramenta evangelística durante os cultos de batismo.
4. Divulgação de vídeos: veiculamos na Internet batismos, cultos de consagração e sermões.
5. Fazer marketing intencional: anunciamos com intensidade a nossa igreja na comunidade.
6. Tornar a membresia estratégica: fazemos do processo de membresia uma estratégica para enfatizar os grupos pequenos, um aspecto comunitário da igreja.
7. Fechando a rodada: estabelecemos uma classe para novos congregados, para lhes dar informações sobre a igreja e prepará-los para se unirem a ela.

8. Ministério da infância: provemos um lugar onde as crianças podem levar seus pais para aprenderem.
9. Ministério estudantil: compreendemos e fazemos planos para atender os relacionamentos singulares e o ministério necessário aos estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.
10. Equipes de hospitalidade: temos quatro equipes distintas que focalizam áreas específicas da hospitalidade do final de semana.
11. Grupos comunitários: enfatizamos grupos pequenos como um lugar para encontrarmos verdadeira comunhão.
12. Área de Comunhão: utilizamos a Área de Comunhão para levar as pessoas a começarem a se relacionar.
13. Grupos de Ligação: deslocamos as pessoas da Área de Comunhão para os Grupos de Ligação, um ambiente designado para despertar a formação de grupos pequenos.
14. Ministério de esportes: temos um ministério de atletas bem desenvolvido, sem instalações esportivas permanentes.
15. Liderança na igreja: somos uma igreja direcionada por uma equipe de administradores.
16. Ministério de equipes representativas: O quê? Nenhum diácono?
17. Contratar as pessoas certas: contratamos pessoas da membresia da igreja.
18. Contar histórias: compartilhamos histórias do ministério, durante as reuniões da equipe de liderança, para obtermos estímulo e instrução.
19. Planejar o sermão: fazemos da mensagem a primeira prioridade do culto — e do pastor.
20. Calendário de pregação: somos intencionais e resolutos na agenda e nos tópicos de nossos sermões.
21. Criatividade: adaptamos criativamente o culto e o centro de adoração, para aprimorar uma mensagem criativa.
22. Ensinando menos para obter mais: engrenamos nosso ensino à compreensão e satisfação das necessidades dos ouvintes.
23. Visão integradora: incorporamos constantemente a visão de nossa igreja às nossas mensagens.
24. Avaliação pessoal: assisto ao vídeo da mensagem todo final de semana e avalio minha eficiência.

Gary L. McIntosh, *Biblical Church Growth* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 2003)

1. A premissa correta: a Palavra de Deus
2. A prioridade correta: glorificar a Deus
3. O processo correto: discipulado
4. O poder correto: o Espírito Santo
5. O pastor correto: um pastor fiel
6. As pessoas corretas: ministros eficientes
7. A filosofia correta: relevância cultural
8. O plano correto: focalizada em alvos
9. O procedimento correto: estrutura simples
10. Fazer a mistura correta de tudo isso

Philip Graham Ryken, *City on a hill* (Chicago: Moody, 2003)

1. Apresentando a Palavra de Deus com clareza — pregação expositiva
2. Dando louvores a Deus — adoração corporativa
3. Crescendo juntos em grupos — comunhão
4. Pastoreando o rebanho de Deus — cuidado pastoral
5. Pensando e agindo biblicamente — discipulado
6. Alcançando o mundo — missões e evangelização
7. Servindo com compaixão — ministério de misericórdia
8. Por que a igreja precisa do evangelho — arrependimento e renovação

Peter Scazzero, *The Emotionally Healthy Church* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2003)

1. Olhe por baixo da superfície
2. Destrua o poder do passado
3. Viva em quebrantamento e humildade
4. Receba o dom dos limites
5. Aceite a frustração e a perda
6. Faça da encarnação o seu modelo para amar melhor

David Garrison, *Church Planting Movements* (Midlothian, Va.: WIGTake Resources, 2004)

1. Oração extraordinária
2. Evangelização abundante
3. Plantar intencionalmente igrejas que se multiplicam
4. A autoridade da Palavra de Deus
5. Liderança local
6. Liderança leiga
7. Igrejas nos lares
8. Igrejas plantando igrejas
9. Multiplicação rápida
10. Igrejas saudáveis

APÊNDICE 3

Remédios do Armário

Embora não concorde com tudo que está contido nos livros alistados em seguida, quero sugerir algumas obras-chave para cada área abordada neste livro. Estão alistadas de acordo com o capítulo:

Marca 1: Pregação Expositiva

Graeme Goldsworthy, *Preaching the whole Bible as Christian Scripture* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 2000).

John Piper, *Supremacia de Deus na pregação* (São Paulo: Shedd, 2003).

John R. W. Stott, *Eu creio na pregação* (São Paulo: Vida, 2003).

Graeme Goldsworthy, *According to plan:* the unfolding revelation of God in the Bible (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2002).

J. I. Packer, *O Conhecimento de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2005).

John Piper, *The pleasures of God* (Portland, Ore.: Multnomah, 1991).

John Cheeseman, *Saving grace* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 2000).

Martinho Lutero, *Nascido Escravo.* Editado por Clifford Pond (São José dos Campos: Fiel, 2007).

John. MacArthur, *O Evangelho Segundo Jesus* (São José dos Campos: Fiel, 1994).

C. J. Mahaney, *The cross centered life:* experiencing the power of the gospel (Portland, Ore.: Multnomah, 2002).

J. I. Packer, "Salvos por seu Precioso Sangue", capítulo 8 do livro de Packer, *Entre os Gigantes de Deus* (São José dos Campos: Fiel, 1996).

Thomas Scott, *The articles of the Synod of Dort* (Harrisonburg, Va.: Sprinkle, 1993).

John R. W. Stott, *Cristianismo Básico* (Viçosa, MG: Ultimato, 2007).

Marca 4: Entendimento Bíblico da Conversão

Jonathan Edwards, *A Verdadeira Obra do Espírito:* Sinais de Autenticidade (São Paulo: Vida Nova, 1992). Ver também Parrish, Archie Parrish and R. C. Sproul, *The Spirit of revival* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2000). Este livro contém o texto modernizado dessa obra de Edwards.

Paul Helm, *Beginnings:* Word and Spirit in conversion (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1988).

John. MacArthur, *O Evangelho Segundo Jesus* (São José dos Campos: Fiel, 1994).

Ernest C. Reisinger, *Existe Mesmo o Crente Carnal?* (São José dos Campos: Fiel, 1995).

Don Whitney, *How can I be sure I am a christian* (Colorado Springs, Colo.: NavPress, 1994).

Marca 5: Entendimento Bíblico do Evangelismo

Will Metzger, *Tell the truth* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2002).
Iain Murray, *Revival and revivalism* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1994).
J. I. Packer, *Evangelização e soberania de Deus* (São Paulo: Vida Nova, 1990).
Philip G. Ryken, *City on a hill* (Chicago: Moody, 2003).
Mark Stiler, *Speaking of Jesus* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1995).

Marca 6: Entendimento Bíblico da Membresia na Igreja

Mark E. Dever, *A display of God's glory* (Washington, D.C.: Center for Church Reform, 2001).

Mark E. Dever (ed.), *Polity:* Biblical arguments on how to conduct church life: some historic Baptist documents (Washington, D.C.: Center for Church Reform, 2000).

John Harris, *Stop dating the church!* (Portland, Ore.: Multnomah, 2004).

Don Whitney, *Spiritual discipline within the church* (Chicago: Moody, 1996).

Marca 7: Disciplina Bíblica na Igreja

Jay E. Adams, *Handbook of church discipline* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1986).

Mark E. Dever, *Polity*. Ver referência em Marca 6.

Ken Sandle, *The peacemaker* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1997).

Gregory A. Wills, *Democratic religion* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1991).

Daniel E. Wray, *Disciplina Bíblica na Igreja* (São José dos Campos: Fiel, reimpresso em 2003).

Marca 8: Interesse pelo Discipulado e Crescimento

Robert Coleman, *Plano Mestre de Evangelismo* (São Paulo: Mundo Cristão, 2006).

Kris Lundgaard, *O mal que habita em mim* (São Paulo: Cultura Cristã, 2003).

John Piper, *Não jogue sua vida fora* (São Paulo: Cultura Cristã, 2007).

John Piper, *Future grace* (Portland, Ore.: Multnomah, 1998).

J. C. Ryle, *Santidade* (São José dos Campos: Fiel, 1987).

Paul Tripp, *Instruments in the Redeemer's hands* (Philipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformed, 2000).

Edward Welch, *When people are big and God is small* (Philipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformed, 1997).

Donald S. Whitney, *Spiritual disciplines for the Christian life* (Colorado Springs, Colo.: NavPress, 1997).

Uma das melhores fontes de artigos e livros a respeito de aconselhamento bíblico é o website da Christian Counseling and Educational Foundation — www.ccef.org.

Marca 9: Liderança Bíblica na Igreja

Sobre os presbíteros:

Tom Ascol (ed.), *Amado Timóteo* (São José dos Campos: Fiel, 2005).

Mark E. Dever, *A display of God's glory* (Washington, D.C.: Center for Church Reform, 2001).

David Dickson, *The elder and his work* (Philipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformed, 2004).

Phil A. Newton, *Pastoreando a Igreja de Deus – Redescobrindo o modelo bíblico de liderança na Igreja* (São José dos Campos: Fiel, 2007).

John Piper, *Biblical eldership* (Minneapolis: Desiring God Ministries, 1999).

Alexander Strauch, *Biblical eldership* (Littleton, Colo.: Lewis and Roth, 1995).

Sobre o congregacionalismo:

Mark E. Dever, *A display of God's glory* (Washington, D.C.: Center for Church Reform, 2001).

Mark E. Dever, *Polity*. Ver referência em Marca 6.

NOTAS

Prefácio

1. Citado em Alexander B. Grosart, *The complete works of Richard Sibbes, D. D.* (Edinburgh: J. Nichol, 1862-1864).

Introdução

1. David Wells, *God in the wasteland* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1994), p. 213.

2. Ver Apêndice 2 — Obras dos Anos 1990 e mais além (2004), para observar o que diversos autores sugeriram sobre o que devemos fazer quanto aos problemas da igreja local.

3. John Stott, *Men with a message* (London: Longmans, 1954) p. 163-164. Publicado no Brasil como *Homens com uma mensagem* (Campinas: Editora Cristã Unida, 1996).

4. Edmund Clowney, *A Igreja* (São Paulo: Cultura Cristã, 2007), p. 97.

5. João Calvino, *As Institutas da Religião Cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 1977. IV.II.3, p. 55.

6. Pode-se comparar isto com os vários escritos de Lutero a respeito dos aspectos que constituem uma verdadeira igreja. Ver, por exemplo, sua obra "Against Hanswurst", um tratado que defende a Reforma dos ataques de Henry, o Duque de Braunschweig/Wolfenbuttel. Nesse tratado, Lutero apresenta o que ele considera como as dez características de igrejas que são "fiéis às verdadeiras igrejas antigas". *Luther's works*. vol. 41 (Philadelphia: Fortress, 1966), p.194-198.

7. Philip Melanchthon, *Loci communes.* Tradução para o inglês: J. A. O. Preus (St. Louis: Concordia, 1992), p. 137.

8. Gerald Bray (ed.), *Documents of the english reformation* (Cambridge, England: James Clarke, 1994), p. 296.

9. Cf. João Calvino, *As Institutas da Religião Cristã.* IV.I.9, p. 34.

10. Quanto a uma abordagem moderna e popular, ver D. Martin Lloyd-Jones, *A Igreja e as Últimas Coisas* (São Paulo: PES, 1999), p. 24-38.

11. Ver A. C. Cochrane (ed.), *Reformed confessions of the sixteenth century* (Philadelphia: Westminster, 1966). Ver também a Confissão Escocesa (1560), Artigo 18: "A verdadeira pregação da Palavra de Deus... a correta administração dos sacramentos de Cristo Jesus... Disciplina eclesiástica ministrada corretamente". Ver *The Scots Confession of 1560*. Tradução para o inglês: James Bulloch (Edinburgh: St. Andrews College Press, 1993).

12. Edmund Clowney, *A Igreja* (São Paulo: Cultura Cristã, 2007). Nas páginas 95 a 103, Clowney apresenta um bom resumo de marcas da igreja consideradas do ponto de vista bíblico e histórico, incluindo perguntas contemporâneas de distinção entre a igreja e as organizações para-eclesiais.

13. Carl E. Braaten, "The Gospel for a Neopagan Culture". In: Carl E. Braaten & Robert W. Jenson (eds.), *Either/or: the gospel or neopaganism* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1995), p. 19-20.

14. Os Guinness, *Dining with the Devil:* the megachurch movement flirts with modernity (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1995), p. 49. Quanto a um interessante exemplo desse secularismo, ver Samuel S. Hill, Forum: Southern Religion. *Religion and American Culure 8*, n. 2 (Summer 1998), p. 160-161.

15. Richard A. Muller, *The study of theology* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1991), p. xiii.

16. Carl Braaten, "The gospel for a neopagan culture", p. 19. Um artigo posterior a respeito deste mesmo assunto expressa inquietações semelhantes: "A igreja é tentada a tornar-se relevante para as pessoas desta cultura, ao usar seus desejos e critérios, mais do que os critérios da igreja. A evangelização é norteada por uma mentalidade de marketing e de consumo. A igreja pode 'satisfazer as necessidades das pessoas', quando estas definem as suas necessidades. Assim, as pessoas que têm pouca ou nenhuma experiência recente na igreja desenvolvem a evolução da igreja, e a igreja luta para satisfazer as necessidades delas". James R. Crumley, "Setting the Church Agenda". In: James R. Crumley & Robert W. Jenson (eds.), *Either/Or*, p. 119.

17. John Broadus, "A Catechism of Bible Teaching". In: Tom J. Nettles, *Teaching truth, training hearts:* the study of catechisms in Baptist life (Amityville, N. Y.: Calvary. 1998), p. 208.

18. Mark Ross, notas de sermão não publicado.

19. Meu resumo de seus comentários apresentados em uma conferência em Wheaton (Maryland), em 9 de outubro de 1997.

20. David Hilborn, *Picking up the pieces:* can evangelical adapt to contemporary culture? (London: Hodder and Stoughton, 1997), especialmente p. 148-162.

1. Martin Luther, *Luther's works*. vol. 51 (Philadelphia: Fortress, 1959), p. 77.
2. Citado por Os Guinness, *Dining with the Devil*, p. 59.

1. Karl R. Popper, *The open society and its enemies* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1966).

2. C. S. Lewis, *A última batalha* (São Paulo: Martins Fontes, 1997), p. 213.

Marca 3: O Evangelho

1. Os Guinness, *Dining with the Devil*, p. 63.

2. Ver James Miller, *The passion of Michel Foucault* (New York: Simon and Schuster, 1993), p. 375-385.

3. *Confissão de Fé de Westminster*, II.2.

4. J. C. Ryle, *Santidade* (São José dos Campos: Fiel, 1987), *p. 204*.

5. B. B. Warfield, *The Divine Origin of the Bible*, reimpresso em *The works of Benjamin Warfield.* vol . 1 (Philadelphia: Philadelphia Board of Publications, 1991), p. 432.

6. Citado em *Newsweek* (10 julho 1995), p. 8.

7. Fyodor Dostoyevsky, citado em Jean Paul Sartre, *Existentialism and human emotions*. Tradução para o inglês: Bernard Frechtman (New York: Philosophical Library, 1957), p. 22.

8. John Wesley, *Inspiration three* (New Canaan, Conn.: Keats, 1973), p. 119.

Marca 4: Entendimento Bíblico da Conversão

1. Robert W. Jenson, "The God-Wars". In: Carl E. Braaten & Robert W. Jenson (eds.), *Either/Or: the gospel or neopaganism* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1995), p. 25.

2. Charles H. Spurgeon, "The Prayer of Jabez", *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*. vol. 17 (Pasadena, Tex.: Pilgrim,1969), p 320.

3. Ver O. C. S. Wallace, *What Baptists believe:* the New Hampshire Confession: an exposition (Nashville, Tenn.: The Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1934).

4. A. W. Tozer, *Men who met God.* Compilado e editado por Gerald B. Smith. (Camp Hill, Pa.: Christian Publications, 1986), p. 83.

Marca 5: Entendimento Bíblico do Evangelismo

1. Will. Metzger, *Tell the truth* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1984).
2. J. Mack Stiles, *Speaking of Jesus* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1995).
3. Iain H. Murray, *Revival and revivalism* (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1994).
4. J. I. Packer, *Evangelização e soberania de Deus* (São Paulo: Vida Nova, 1990).
5. Joseph Bayly, *The gospel blimp and other stories* (Elgin, Ill.: David C. Cook, 1973), p. 11-12.
6. Robert Schuller, citado em *Milk and Honey* (December 1997), p. 4.
7. Donald McGravan, "The Dimensions of World Evangelization". In: J. D. Douglas (ed.), *Let the Earth hear his voice* (Minneapolis: World Wide, 1975), p. 109.
8. John Stott, "The Biblical Basis of Evangelism". In: *ibid.*, p. 69.
9. Ibid.
10. John Cheesman *et al*, *The grace of God in the gospel* (Edinburgh: Banner of Truth, 1972), p. 119.
11. Ibid., p. 122.
12. C. S. Lovett, *Soul-wining made easy* (LaHabra, Calif.: The Lockman Foundation, 1959), p. 17-18.
13. Ibid. p. 50.
14. Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit.* vol. 34 (Pasadena, Tex.: Pilgrim, 1974), p. 15.

Marca 6: Entendimento Bíblico da Membresia na Igreja

1. Don E. Eberly, *Restoring the God society* (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1994), p. 38.

2. Jonathan Edwards, *A Verdadeira Obra do Espírito:* Sinais de Autenticidade (São Paulo: Vida Nova, 1992). Ver também Archie Parrish & R. C. Sproul, *The Spirit of revival* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2000). Este livro contém o texto modernizado daquela obra de Edwards.

3. O. C. S. Wallace, *What baptists believe:* the New Hampshire Confession: an exposition (Nashville, Tenn.: The Sunday School Board of the Southern Baptist Convention, 1934), p. 89.

4. Robert Bolt, *A man for all seasons* (New York: Random, 1990), p. 141.

1. Theron Brown & Hezekiah Butterworth, *The story of hymns and tunes* (New York: George H. Doran, 1923), p. 434.

2. R. Albert Mohler Jr., Church Discipline: The Missing Mark. In: John H. Armstrong (ed.), *The compromised church* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1998), p. 171-187.

3. Daniel E. Wray, *Disciplina Bíblica na Igreja* (São José dos Campos: Fiel, reimpresso em 2003).

4. Gregory A. Wills, *Democratic religion* (New York: Oxford University Press, 1996).

5. John L. Dagg, *Manual of church order* (Harrisonburg, Va.: Gano, 1982).

6. Mark Dever, *Polity:* how Christians should live together in a church (Washington, D. C.: Center for Church Reform, 2001).

7. Jay E. Adams, *Handbook of church discipline* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1986).

8. Dietrich Bonhoeffer, *Vida em comunhão* (São Leopoldo: Sinodal, 1997).

9. H. E. Dana, *Manual of ecclesiology* (Kansas City, Kan.: Central Seminary Press, 1944), p. 244.

10. Gregory A. Wills, *Democratic religion* (New York: Oxford University Press, 1996), p. 32.

11. Ibid. p. 22.

12. Ibid. p. 10.

13. Ibid. p. 9.

14. The Creeds of Christendom: with a history and Critical Notes (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1983), p. 419-420.

15. Os Guinness, *Dining with the Devil:* the megachurch movement flirts with modernity (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1995), p. 38.

16. Gregory A. Wills, *Democratic religion* (New York: Oxford University Press, 1996), p. 33.

17. John L. Dagg, *Manual of church order* (Harrisonburg, Va.: Gano, 1982), p. 274.

Marca 8: Interesse por Discipulado e Crescimento

1. Os Guinness, *Dining with the Devil:* the megachurch movement flirts with modernity (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1995), p. 67.

2. John Newton, citado em J. I. Packer, *O Conhecimento de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2005), p. 306.

3. Os Guinness, *Dining with the Devil*, p. 38.

1. George Orwell, *A revolução dos bichos* (São Paulo: Globo, 1996), p. 93.

2. Williston Walker, *The creeds and platforms of congregationalism* (New York: Pilgrim, 1991), p. 217-218.

3. John Calvin, *Commentary on the epistles of Paul the apostle to the Corinthians.* Tradução para o inglês: John Pringles (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1981), p. 442-443.

4. Eugene Kennedy & Sarah Charles, Authority: the most misunderstood idea in America (New York: Free Press, 1997), p. 2.

5. Ibid., p. 35.

6. Ibid., p. 30.

A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel